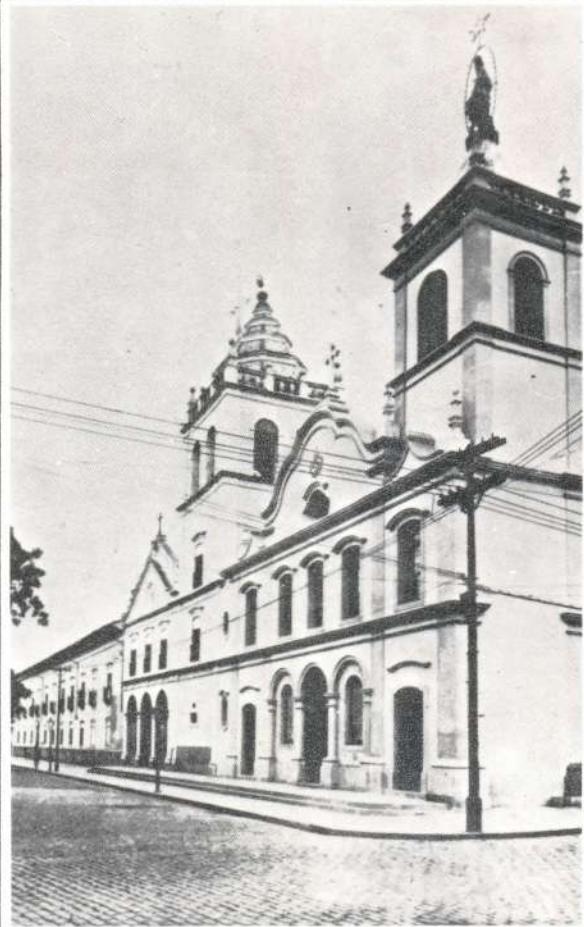


RAUL LEME MONTEIRO



CARMO
PATRIMÔNIO
DA
HISTÓRIA, ARTE E FÉ

RAUL LEME MONTEIRO nasceu em São Paulo a 8 de novembro de 1910. Fez seus primeiros estudos em 1917 no Colégio do Carmo, continuando-os de 1922 a 1924 no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo; em 1925 prosseguiu os estudos em Zenderen, na Holanda, e depois no Colégio São Joaquim, de Lorena, onde, em 1929, terminou o curso ginásial. Fez o curso jurídico na Faculdade de Direito do Largo de S. Francisco, bacharelando-se em 1933.

De 1934 a 1938 foi Promotor Público de São Paulo, e também Curador de Menores. Fez o Curso de Aperfeiçoamento de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. De 1922 a 1924 foi organista da Capela São Luiz Gonzaga do Colégio Anchieta. Em 1928 foi cronista e, em 1929, redator e cronista de revista "O Grêmio" do Ginásio São Joaquim. Fez o curso de Teoria Musical, Harmonia, Contra-ponto, Fuga e Composição com o Maestro João Gomes Júnior; é autor de inúmeras músicas clássicas para piano, bem como de canções, hinos e músicas sacras. Em 1932 participou da Revolução Constitucionalista como soldado n. 564 da 1.^a Cia. do Batalhão Paes Leme. Em 1934 iniciou o Curso de Pilotagem, brevetando-se. Foi Diretor da Associação dos Ex-alunos Salesianos de 1930 a 1939. Foi Presidente do C. R. Tietê de 1941/1944 e 1946/1948, e também Diretor de Aeronáutica e Pára-quedismo até 1952; redator esportivo de esgrima do jornal "São Paulo Esportivo"; fundador e presidente da assembleia da fundação do Clube de Esportes Americanos. É presidente da Escola de Aeronáutica São Paulo desde 14 de outubro de 1946. Em 1949 foi Consultor Jurídico e Chefe do Departamento Legal da União Brasileira de Aviadores Civis. De 1947 a 1949 fez parte do Conselho Fiscal da C.M.T.C. Em 1947 foi chefe de gabinete do então Prefeito de São Paulo Eng. Christiano S. das Neves. Em 4/12/1949 venceu a disputa da prova de "decolagem e aterrissagem de precisão" para aeronaves de 65 HP.

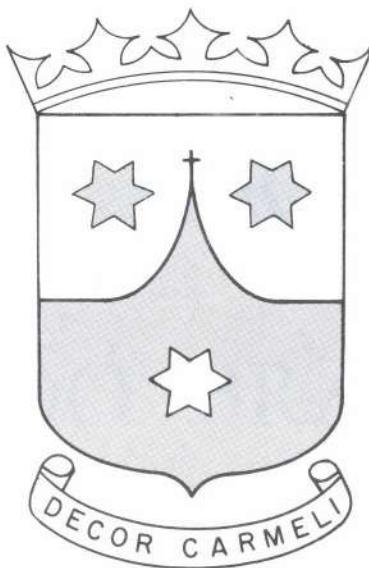
CARMO

PATRIMÔNIO DA HISTÓRIA, ARTE E FÉ

RAUL LEME MONTEIRO

CARMO

PATRIMÔNIO DA HISTÓRIA, ARTE E FÉ



1978
SÃO PAULO — BRASIL

DO MESMO AUTOR:

- O ESTELIONATO — Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1937
REMINISCÊNCIAS DE UMA VIAGEM — Gráfica Barberis & Lacaze, 1939
UM POUCO DE HISTÓRIA DO TIETÊ — Gráfica Barberis & Lacaze, 1944
25 ANOS A SERVIÇO DA AVIAÇÃO — Gráfica A. P. Lacaze, 1959

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS
Para as obras filantrópicas
da ORDEM TERCEIRA DO CARMO de São Paulo

ESTE LIVRO TEM POR FINALIDADE MOSTRAR A TODOS O QUE É A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO DE SÃO PAULO, E AINDA REVIVER A MEMÓRIA DO GLO- RIOSO e FECUNDO PASSADO DA ORDEM CARMELI- TANA QUE, NO PRÓXIMO ANO DE 1980, COMEMO- RARÁ O 4.^º CENTENÁRIO DA CHEGADA DE SEUS FILHOS AO BRASIL. SERÃO, PORTANTO, 4 SÉCULOS

A SERVIÇO
DE DEUS
DA IGREJA
E DO BRASIL
1580-1980

À memória de meus pais

RAUL ORTIZ MONTEIRO

MARIA ADELAIDE LEME MONTEIRO (D. Nenê)

e de meus avós

JOSÉ ANTONIO DE OLIVEIRA MONTEIRO

MARIA JOANA ORTIZ MONTEIRO

LUIZ GONZAGA DA SILVA LEME

MARIA FAUSTA DE MACEDO LEME

priores jubilados da Ordem Terceira do Carmo

À minha dileta esposa

LUIZA MARILANDIS LEME MONTEIRO

Às minhas filhas

MARIA LUIZA, MARIA DO CARMO e MARIA ADELAI-
DE LEME MONTEIRO

Aos meus irmãos e cunhados

Aos REVERENDÍSSIMOS CARMELITANOS

Aos TERCEIROS CARMELITAS

ÍNDICE GERAL

Apresentação por D. Ernesto de Paula, Bispo Titular de Gerocesaréa.	xiii
Nota do Autor	xvii
Autoridades religiosas, civis e militares no ano de 1977	xxiii
CAPÍTULO I — BREVE HISTÓRICO DA ORDEM CARMELITANA — Origem da Ordem — Os Carmelitas no Brasil — Santos da Ordem Carmelitana — Autoridades Carmelitanas ..	3
CAPÍTULO II — O escapulário do Carmo	23
CAPÍTULO III — Que são as Ordens Terceiras do Carmo? ..	27
CAPÍTULO IV — A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO de São Paulo — Fundação — As celebres procissões — Os Imperadores do Brasil no Carmo — Irmãos Terceiros ilustres	29
CAPÍTULO V — A Igreja do Carmo	49
CAPÍTULO VI — Reformas da Igreja do Carmo	71
CAPÍTULO VII — Comissários da Ordem Terceira do Carmo	77
CAPÍTULO VIII — Cônego José Pascoal Christofaro	81
CAPÍTULO IX — Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua ...	85
CAPÍTULO X — Monsenhor Manfredo Leite	107
CAPÍTULO XI — Translado dos restos mortais de Monsenhor Passalacqua e Monsenhor Manfredo Leite para a cripta da Igreja do Carmo	119
CAPÍTULO XII — Cemitério da Ordem Terceira do Carmo ...	129
CAPÍTULO XIII — Jazigo — Cripta — Pe. Diogo Antonio Feijó	137
CAPÍTULO XIV — Colégio Nossa Senhora do Carmo	141

CAPÍTULO XV — Estatuto da Ordem Terceira do Carmo	171
CAPÍTULO XVI — Assistência Social na Ordem Terceira do Carmo	187
CAPÍTULO XVII — Efemérides Carmelitanas e Paulistanas	193
CAPÍTULO XVIII — Catedral — Bispos e Arcebispos de São Paulo	231
CAPÍTULO XIX — Nomes antigos e atuais de ruas citadas nesta obra	241
CAPÍTULO XX — Paulo Cochrane Suplicy	245
CAPÍTULO XXI — Dr. José Maria Whitaker	251
CAPÍTULO XXII — Papas que reinaram gloriosamente desde a fundação da Ordem Terceira do Carmo. — Reis, Imperadores e Presidentes que presidiram os destinos do Brasil desde a fundação da Ordem Terceira do Carmo	259
CAPÍTULO XXIII — Piores, Subprios, Prioras e Subprioras desde 1850	263
CAPÍTULO XXIV — Mesas Administrativas de 1957 a 1978 ...	279
CAPÍTULO XXV — Arquivo da Ordem Terceira do Carmo	293
CONCLUSÃO	295
BIBLIOGRAFIA	297

APRESENTAÇÃO

Embora a minha modéstia me faça mais humilde e menos capaz de certos arroubos de literatura, tive a grata surpresa de ser escolhido para apresentar a preciosa peça histórica que ora se escreve sobre a Venerável Ordem Terceira do Carmo, desta Capital, celeiro que é de tradições e de beleza espiritual.

Estou, assim, diante de um trabalho profundo e brilhante a que se entregou, em dedicação e carinho especial, o devotado Irmão Terceiro do Carmo hoje mais uma vez à testa do sodalício carmelitano, como seu zeloso Prior.

Outra razão não encontro para ter sido alvo de tão alta distinção senão os laços de amizade que de há muito me prendem ao dr. Raul Leme Monteiro e também atribuo tal distinção ao fato de conhecer de perto as ocorrências que se relacionam com a vetusta e tradicional igreja que é rico patrimônio de S. Paulo, sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo.

Honro-me, pois, de apresentar um trabalho que representa a valiosa tarefa de uma inteira pesquisa sobre o passado, e que se constitui um amplo repositório de acontecimentos e tradições que põem em relevo, com maestria e paciência beneditina os eventos que, a partir de 1594 se desenrolaram em terras de Piratininga, particularmente no histórico templo da Venerável Ordem Terceira.

Nada mais eu poderia acrescentar a esse relato que remonta fielmente aos tempos d'antanho, porque o mais que se pudesse dizer já o fez com habilidade inexcedível de pesquisador abalizado o autor deste trabalho, percorrendo e devastando todo um imenso cabedal arquivado quer nos recessos documentários da Ordem Terceira, quer em outras fontes de insuspeito valor histórico. São séculos percorridos, detendo-se em pontos invulneráveis e, por isso mesmo, proporcionando ao leitor e particularmente aos Irmãos

Carmelitas leitura que, além de ser amena, é portadora das glórias de um templo secularmente consagrado à Virgem do Carmelo, acervo de arte, de história, de tradição e, sobretudo, de devoção e culto à Virgem-Mãe, que vem sendo até hoje mantido e afervorado pelo zelo persistente dos Terceiros Carmelitas.

A nosso vêr, o autor demonstra, no presente trabalho histórico, não só piedade acendrada e filial devoção à Santa Mãe de Deus, sob o título do Carmelo, mas também os dotes de inteligência e pertinácia na pesquisa de fatos que compõem, em grande parte, a própria vida de S. Paulo.

Confesso que, lendo o paciente relato do autor, revivi episódios, personagens e lugares intimamente ligados à vivência da Ordem Terceira, bem como ao antigo, saudoso e grandioso Convento, com sua belíssima igreja situada no alto da então Ladeira do Carmo, espaço esse hoje ocupado pelo grande edifício da Secretaria da Fazenda do Estado; a Escola Santo Alberto, da qual fui aluno, dirigida pelos Padres Carmelitas; as tradicionais ruas do Carmo e da Bôa Morte, hoje Roberto Simonsen e do Carmo. Desapareceu o antigo Largo do Carmo, fronteiriço à igreja, rasgado em alto plano e sustentado em seu desnível por um paredão que o separava da Ladeira, hoje inicio da Avenida Rangel Pestana e em cuja esquina, durante muito tempo, se divisava a silhueta de um pequeno canhão, ali mantido para defesa do paredão contra possíveis invasões externas. Nas ruas adjacentes já residiam famílias da mais fina sociedade e, sobretudo, de marcante espírito de piedade cristã. Todo o movimento do centro urbano, naqueles bons tempos, se agrupava e girava em torno da igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo. Nada faltou, a meu vêr, para mostrar às gerações atuais e futuras, o que foi essa augusta igreja no campo espiritual como no social. Foi tudo isso que representou a igreja do Carmo como centro de convergência das atenções não só dos Terceiros Carmelitas como também das altas autoridades do Império e da República.

Que dizer, então, dos eminentes comissários que dirigiam espiritualmente essa gloriosa Ordem desde o seu nascedouro? Todos eles foram sacerdotes de profunda piedade, invejável cultura, desfrutando sempre inegável prestígio na Igreja e na sociedade.

Basta que se leia o que, com muito acerto, escreveu o autor sobre essa figura notável de apóstolo e asceta que foi Monsenhor Camilo Passalacqua, destacando-o como um dos mais operosos antecessores de grande repercussão e prestígio em S. Paulo. A

descrição que aí faz o autor a respeito desse grande sacerdote e mestre da bondade, dará por certo aos que não o conheceram uma idéia nítida do que foi o eminente prelado, no campo da religião, da educação e da vida intelectual.

De Monsenhor Manfredo Leite, seu sucessor imediato, esse que foi o príncipe da palavra erudita, em memoráveis sermões que prendiam o povo, hipnotizados todos ante a fulguração do seu verbo, — aqui tece o autor, com muita felicidade, admirável perfil, focalizando o seu operoso zelo pelo prestígio da Ordem, seu valor mental e sua firmeza na direção do piedoso sodalício. Era um homem de fé e, por isso mesmo, é que na lápide do seu túmulo não mais se disse de grande senão que conservou a fé — “fidem servavi”. Por tal motivo, como o apóstolo S. Paulo, valendo-se dos seus dotes de renomado orador sacro, pregou a todos e sobretudo, numa evidente demonstração do seu espírito de fé.

Todos os diretores espirituais, hoje assim chamados, foram sacerdotes de Deus, não poupando esforços e sacrifícios para alimentar nas almas o culto e a devoção à Nossa Senhora do Carmo, a medianeira de todas as graças. Prova disso eram, e continuam a ser, as majestosas solenidades realizadas na tradicional igreja, cuja nave regorgitava das cerimônias pomposas, no fervor e na piedade como convém ao louvor da excelsa Mãe de Deus.

Acrescente-se que a Venerável Ordem Terceira, sobre ser um sodalício religioso, católico, apostólico romano, também se constitui num centro de assistência social para atendimento dos que, desprovidos de recursos, batem às portas da sua igreja em busca de lenitivo para suas necessidades espirituais e o auxílio para viver decente e honesto.

Por tudo isso é digno de louvores o meticoloso trabalho do dr. Raul Leme Monteiro, que ressuscita, com invulgar capacidade descritiva os fatos que menciona no apostólico afan que sempre desenvolveu a Ordem Terceira do Carmo, para a glória de Deus, através do indispensável culto à Maria Santíssima, muito bem chamada Mãe dos Carmelitas numa das belíssimas jaculatórias que se cantam na novena que habitualmente precede à festa da ínclita Padroeira.

Que a leitura deste trabalho proporcione a quantos o lerem a alegria de conhecer e admirar o que foi e continua a ser a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, no seu longo e admirável roteiro de ação social e catequese marial.

Ao dr. Raul Leme Monteiro, a gratidão dos seus irmãos de hábito e os aplausos do povo paulistano por essa contribuição imprescindível à história de tão fecundo e extraordinário sodalício que honra os fastos religiosos de S. Paulo.

São Paulo, 30 de dezembro de 1977

DOM ERNESTO DE PAULA
BISPO TITULAR DE GEROCESARÉA

NOTA DO AUTOR

Na observância de antiga e honrosa tradição, coube-nos, pelo simples fato de sermos o mais antigo Terceiro Carmelita da Mesa Administrativa (ingressamos na Ordem a 8/12/1924 e na Mesa Administrativa a 15/10/1957), o alto privilégio de escrever sobre o histórico e finalidades da VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO de São Paulo, mais conhecida simplesmente por ORDEM TERCEIRA DO CARMO.

Sabíamos da grande responsabilidade que assumíamos, que teríamos de dedicar muitas e muitas horas em pesquisas para apresentar fatos históricos que já os conhecíamos em grande parte, mas que deveríamos descrevê-los com dados precisos.

Hesitamos a princípio, e com fundados motivos, aceitar a escolha do nosso nome para tão árdua tarefa em janeiro de 1974, visto que nos escasseava, como ainda hoje nos escasseia, o tempo necessário para essa missão.

Para que os leitores possam compreender as nossas dificuldades, somos obrigados, muito a contragosto, a falar de nossa pessoa, das nossas atividades profissionais em 1974, que continuam a ser as mesmas até hoje.

Trabalhamos cerca de 13 horas por dia, das segundas às sextas-feiras, sendo 9 horas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2 horas na Ordem Terceira do Carmo e 2 horas em nosso escritório de advocacia que mantemos há 44 anos; além de Prior desta Ordem, somos Administrador do Cemitério do Carmo, Administrador do Ambulatório N. S. do Carmo, e Presidente da Escola de Aeronáutica São Paulo há 31 anos (desde 14/X/946); e, apesar de tudo, tivemos de achar tempo para escrever esta obra, como efetivamente achamos nos dias de descanso, de férias, mas com grande sacrifício para nossa saúde; entretanto

queremos frisar que cumprimos nossa missão com muita alegria e satisfação, para servir à Ordem Carmelitana.

Preliminarmente queremos afirmar, alto e bom som, que não somos e jamais tivemos a pretensão de ser um historiador ou um escritor, mas apenas um Terceiro Carmelita que, numa linguagem despretensiosa e simples, pretende mostrar ao público que a Ordem Carmelitana e a Ordem Terceira do Carmo representaram e ainda representam, sem dúvida, um marco glorioso na ação católica, um paradigma de benemerência na vida de São Paulo e na comunidade brasileira.

Este livro é o fruto de quatro anos de exaustivo trabalho baseado em pesquisas feitas em fontes seguras; as de São Paulo foram por nós realizadas pessoalmente e as dos demais estados do Brasil pelo nosso amigo e companheiro da Mesa Administrativa Álvaro Pinto de Aguiar, Terceiro Carmelita brilhante e culto.

Fomos colher a verdade histórica em grande parte no arquivo da Ordem que guarda um manancial de dados preciosos, nos arquivos públicos e nos livros dos grandes historiadores que citamos na bibliografia no final desta obra; lendo as obras desses historiadores verifica-se que, quem escreve a história de São Paulo, não pode deixar de falar também sobre a Ordem Carmelitana e sobre a Ordem Terceira do Carmo, como de fato eles o fizeram, porque elas são o retrato de uma fase de São Paulo ligada historicamente à formação da cidade.

Envidamos nossos esforços para elaborar um resumido trabalho que possibilitasse ao público conhecer a obra benemérita da Ordem Carmelitana e deste Sodalício, que em breve comemorarão quatro séculos de existência. Aqui os ilustres leitores verão sempre o espírito de idealismo tão bem refletido na orientação segura e eficiente que os grandes e célebres homens do passado imprimiram a este Sodalício; aqui verão que procuramos propagar o reino de Deus por intermédio da devoção Marial — *ad Jesum per Mariam* —; aqui verão que uma das principais características da Ordem é ser essencialmente filantrópica e de assistência social; que o ponto alto de todas as administrações foi sempre: FAZER O BEM, MAS DA MANEIRA MAIS OCULTA POSSÍVEL; o nosso Sodalício jamais fez alarde de suas realizações; trabalhou sempre silenciosamente para o bem da coletividade; é, por certo, uma das poucas entidades assistenciais que vivem com as mãos estendidas e abertas, mas, para dar, para ajudar, jamais para pedir ou receber. Como entidade filantrópica, declarada de utilidade pública, matriculada na Secretaria da Promoção Social do Estado

de São Paulo, sob o n. 1581, ela se enquadrava com justeza no quadro das entidades benfeicentes ao amparo das leis municipais que lhe dão direito de requerer isenção do imposto predial e de solicitar auxílio financeiro; entretanto jamais o fez, mantendo-se unicamente com os frutos do seu patrimônio e do trabalho de seus dirigentes.

A nossa Igreja do Carmo, o nosso patrimônio, nós os temos unicamente para servir à coletividade; estamos apoiados numa situação econômica e financeira que dá segurança para as nossas realizações, o que devemos ao trabalho anônimo, silencioso e altruista dos grandes homens que passaram pela administração desta Ordem.

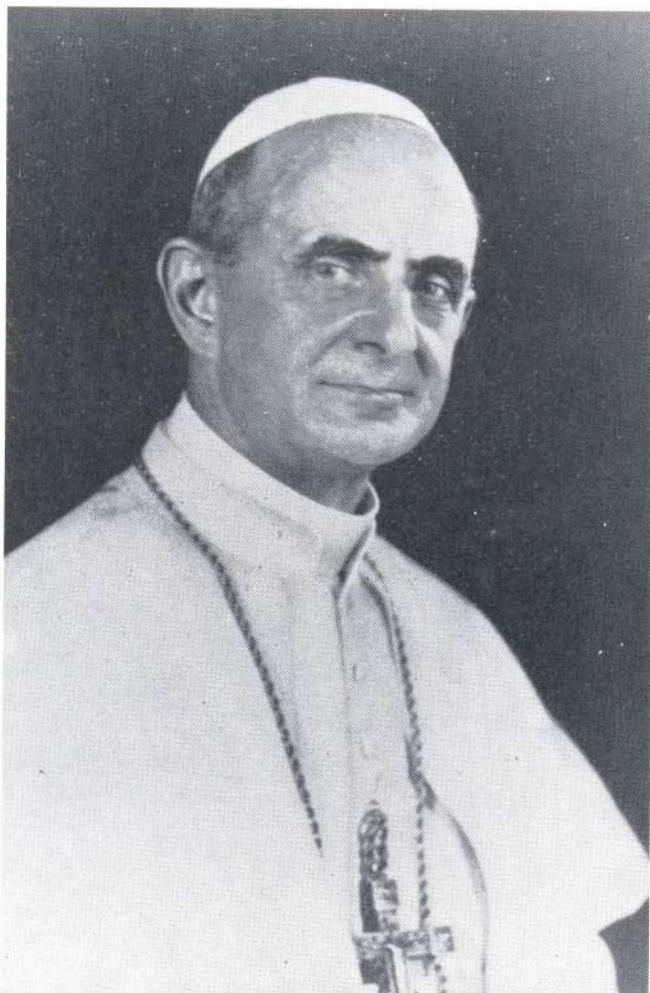
Enfim... pela leitura deste livro que nada mais é que um breve histórico da Ordem Carmelitana e mais em particular da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, os senhores leitores ficarão conhecendo o que foram, o que são e o quanto representam esses sodalícios para a história de São Paulo.

Ao encerrarmos esta nota, queremos expressar nossos agradecimentos ao amigo e companheiro da Mesa Administrativa, o Terceiro Carmelita Álvaro Pinto de Aguiar, que gentilmente se ofereceu para colaborar nesta obra; passou quatro dias no Recife, quatro em Salvador e três no Rio de Janeiro, trazendo-nos dados históricos preciosos, prestando-nos, assim, auxílio inestimável.

São Paulo, 10 de dezembro de 1977

RAUL LEME MONTEIRO

SUA SANTIDADE
O PAPA PAULO VI



HOMENAGEM FILIAL
da ORDEM TERCEIRA DO CARMO
de SÃO PAULO – BRASIL

AUTORIDADES RELIGIOSAS DO ANO DE 1977

SUA SANTIDADE O PAPA PAULO VI

D. PAULO EVARISTO ARNS
Cardeal Arcebispo de São Paulo

D. CARMINE ROCCO
Núncio Apostólico

D. ERNESTO DE PAULA
Bispo Titular de Gerocesaréa

D. JOSÉ THURLER
Bispo Auxiliar

D. BENEDITO ULHOA VIEIRA
Bispo Auxiliar

D. FRANCISCO MANOEL VIEIRA
Bispo Auxiliar

D. ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINI
Bispo Auxiliar

D. JOEL IVO CATAPAN
Bispo Auxiliar

D. LUCIANO MENDES DE ALMENDA
Bispo Auxiliar

D. ANTÔNIO CELSO QUEIROZ
Bispo Auxiliar

D. MAURO MORELLI
Bispo Auxiliar

MONSENHOR LUCIANO T. GRILLI
Vigário Geral de São Paulo

MONSENHOR HELADIO CORREA LAURINI
Arcediago do Cabido

MONSENHOR SYLVIO DE MORAES MATTOS
Cura da Catedral

FREI FALCO THUIS
Superior Geral da Ordem Carmelitana

FREI TOMÁS MOTTA NAVARRO
Provincial da Ordem Carmelitana

CÔNEGO JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO
Padre Diretor da Ordem Terceira do Carmo

CÔNEGO GERALDO MAJELLA AGNELLO
Diretor da Faculdade de Teologia
Nossa Senhora da Assunção

AUTORIDADES CIVIS E MILITARES DO ANO DE 1977

GENERAL ERNESTO GEISEL

Presidente da República

GENERAL ADALBERTO PEREIRA DA SILVA

Vice-Presidente da República

PAULO EGYDIO MARTINS

Governador do Estado de São Paulo

MANOEL GONÇALVES FERREIRA FILHO

Vice-Governador do Estado de São Paulo

GENTIL DO CARMO PINTO

Presidente do Tribunal de Justiça

NATAL GALE

Presidente da Assembléia Legislativa

GENERAL DILERMANDO GOMES MONTEIRO

Comandante do II Exército

Major Brigadeiro do Ar CLOVIS PAVAN

Comandante do IV Comando Aéreo

OLAVO EGYDIO SETUBAL

Prefeito Municipal de São Paulo

CARMO

PATRIMÔNIO DA HISTÓRIA, ARTE E FÉ

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRICO DA ORDEM CARMELITANA

ORIGEM DA ORDEM

A Ordem do Carmo remonta a quase mil anos antes de Cristo, quando, na montanha do Carmelo, na Palestina, os eremitas em torno do Santo Profeta Elias (980-918 A.C.) prestavam culto profético à futura Mãe do Redentor do mundo; São Metódio, que viveu no fim do século III, afirma que Santo Elias foi instruído sobrenaturalmente sobre todos os mistérios de Maria e resolveu imitá-la por antecipação.

Daquelas longínquas regiões onde se levantaram os primeiros santuários em honra de MARIA, vieram os arautos de sua fé e de seu culto para o ocidente, atraindo muitos adeptos com sua vida de oração, silêncio, contemplação e ação. Aí, em breve, como era de esperar, desenvolveu-se a árvore a cuja sombra haviam de abrigar-se, através dos séculos, milhares de cristãos de ambos os sexos e de todas as condições. Varões santos, despedindo-se do mundo, impelidos por diferentes sentimentos e desejos, e inflamados pelo amor do serviço divino, escolheram lugares, cada um conforme o próprio ideal e piedade. Uns, seduzidos pelo exemplo de Nosso Senhor, preferiram a vida eremítica naquele deserto inesquecível de Quarantena, onde Jesus jejuou quarenta dias depois do batismo, e aí lutavam heroicamente para o Senhor, vivendo em pequeninas celas; outros, imitando o exemplo do homem santo e solitário que foi o Profeta Elias, professavam a vida eremítica no Monte Carmelo, sobretudo na parte que se avança sobre a cidade de Porfíria, a atual Haifa, próxima de uma fonte conhecida como a fonte de Elias, não longe do Mosteiro de Santa Margarida. E ali, como abelhas do Senhor, produziam o mel da docura espiritual nas colmeias de suas humildes celas.

Assim foram vivendo, espalhados em numerosos grupos, os adeptos do Profeta Elias (nascido no ano 980 A.C., 3073 anos

da criação do mundo) sob as inspirações de Nossa Senhora, sendo digno de menção que alguns foram canonizados, como: São Telesforo (136—178), Papa e mártir; São Serapião (150—213), Bispo e Confessor; São Dionísio (200—272), Papa e Confessor; Santo Esperidião (270—350), Bispo e Confessor; Santo Hilarião (292—372), Abade; São Cirilo (317-444), Confessor e Doutor; Santa Eufrosina (408—450), Virgem; Santa Eufrásia (412—442), Virgem; Santo Anastácio (600—628) e São Geraldo (906—1.047), Bispo e Mártir.

É incerto o ano da fundação da Ordem Carmelitana; historiadores de não pequena autoridade como G. Wessels, O. Car., V. Roefs, O. Carm., R. Hendriks, O. Carm. e Elisée De La Nativité, O.C.D. chegaram à conclusão de que, no seu sentido geral e na sua organização como é conhecida até hoje, ela não existia antes do ano 1153, e aceitam como fato histórico que a Ordem do Carmo com a atual organização só existiu após essa data, devendo a sua fundação ter ocorrido entre os anos de 1.153 e 1.159.

O primeiro Prior Geral foi São Bertoldo de Calábria, nomeado por D. Aimerico de Malafaíde, Patriarca da Antioquia, Legado da Santa Sé. Bertoldo era primo de D. Aimerico, e tinha entrado na Ordem por devoção, em idade avançada; por revelação do profeta Elias, dirigiu-se para o Monte Carmelo; com o auxílio de D. Aimerico construiu uma pequena capela perto da Gruta de Elias e cerca às ruínas que existiam por lá. Aos poucos cresceu o número dos eremitas, que se espalharam pelo monte todo, vivendo, separados uns dos outros, nas cavernas do Carmelo.

Em 1.209, provavelmente, Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, deu-lhes uma Regra escrita e reuniu-os perto da Fonte de Elias, sob a obediência de São Brocardo que assim de fato, foi o primeiro Superior Geral da Ordem, segundo as instituições latinas; podemos considerar esta Regra como uma codificação da vida que os Carmelitas já levavam no Monte Carmelo.

A Regra era curta e extremamente simples, como convinha a almas contemplativas, que facilmente se sentiam embaraçadas no seu caminho para Deus, quando tinham de enfrentar uma multidão de preceitos. Os poucos mandamentos eram dados na forma mais adequada, negativa:

- abstinência: não comer carne
- pobreza: não possuir nada como próprio
- solidão: não falar
- trabalho: não estar ocioso

A única preocupação era dirigir as almas dentro da sua grande aspiração: "Viver no serviço de Jesus", meditando dia e noite sobre a Lei do Senhor e vigiando em orações. Era o preceito central, no dizer dos mestres da espiritualidade carmelitana. As obrigações do silêncio e da solidão eram secundárias, como condições que tendiam a facilitar a vida contemplativa e modelar a vida religiosa dos eremitas do Carmelo.

Logo no século XII os Carmelitas passaram para a Europa, onde rapidamente se espalharam pela Itália, Inglaterra, França, Espanha e Alemanha, atingindo grande esplendor. Desde então, participando dos tempos e contratempos da Igreja, a Ordem Carmelitana tem vicejado, prosseguindo sempre avante, gerando homens de exímas virtudes e sabedoria. Sob a proteção da Virgem do Carmo, a Ordem vem mantendo sempre vivo o lema de Elias, seu Pai e Inspirador: "Vive o Senhor em cuja presença me encontro".

A glória dos Carmelitas é a sua impressionante anonimidade, que passou a caracterizar toda a vida espiritual da Ordem. O grande mistério da vida Carmelitana — "vivere Deo" — não pode ser exteriorizado por qualidade visível; só pode ser envolvido pelo silêncio e recolhimento. A Ordem, nascida no Carmelo, é tão oculta na sua origem como na sua vida contemplativa. Entretanto a História nos diz que em todos os cometimentos da humanidade os Carmelitas tomaram parte destacadamente.

Da Ordem religiosa do Monte Carmelo surgiu a *Ordem dos Carmelitas Mendicantes*, instituída na Síria no século XII; a *Congregação de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, dedicada ao tratamento dos enfermos e ensino das crianças, canonicamente instituída por Xisto IV (1471-1484) e reformada em 1678 pelo Padre Emiliano Jacomelli; os *Carmelitas da Congregação de Mantua*, fundada por Thomaz Connecte na primeira metade do século XV; a *Ordem dos Carmelitas Descalços*, fundada na Espanha por Santa Teresa de Jesus; a *Confraria do Monte do Carmo*, fundada com o fim de propagar a devoção do Escapulário, de conformidade com a bula "Universis et singulis Christi fidelibus", vulgarmente conhecida pelo nome de *Sabatina*, decretada pelo papa João XXII, em 3 de março de 1322 e confirmada depois por vários pontífices; a *Ordem dos Irmãos Terceiros*, instituída a 11 de novembro de 1476 pela Bula do papa Xisto IV; e enfim *Ordem militar e hospitaleira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, instituída por Henrique IV, rei de França, em louvor à Virgem Maria, e sob os mesmos fundamentos da Ordem de S. Lázaro.

Para a vida religiosa de mulheres, em comunidade, foi instituída a *Ordem das Carmelitas*, por João Sareth, geral dos carmelitas, cuja fundação se verificou em 1451, dando para o seu regime uma regra análoga à dos religiosos conventuais, isto é, os que aceitaram a reforma do papa Eugênio IV (1431-1447). Aprovada a ordem por Nicolau V (1447-1455), multiplicou-se rapidamente, sobretudo nos Países Baixos e na Espanha, e daí a sua introdução em Portugal e posteriormente nas suas possessões ultramarinas. Aquela primitiva Regra vigorou até a constituição da nova *Ordem das Carmelitas Reformadas*, fundada por Santa Teresa de Jesus no convento da cidade de Ávila, na Espanha, e aprovada pelo papa Pio IV em 1562.

Dos moldes desta ordem surgiu na França a das Penitentes, ou Convertidas, e depois em Ovieto, na Itália, seguindo esta a regra carmelitana aprovada pelo papa Inocêncio IV. Esta ordem tinha por fim o recolhimento de mulheres — “que, depois de viverem no mundo vida licenciosa, foram buscar a solidão do Claustru, consagrar-se a Deus por meio de solenes votos, e terminar sua carreira mortal nas asperezas de um vida penitente, a exemplo de Santa Maria Madalena ,sua padroeira”.

Os *Carmelitas conventuais* dividem-se nestas três classes: *Observantes*, que são os que permanecem fiéis às regras primitivas; *Descalços*, os que aceitaram a nova regra de Santa Teresa e de São João da Cruz; e *Reformados*, os que abraçaram a reforma da província francesa de Turon.

Da Ordem Carmelitana dependem ainda muitos Mosteiros de Religiosas de Clausura, e a ela estão agregadas muitas Congregações Religiosas que se dedicam às mais diversas atividades, como escolas, hospitalais e missões. Ainda hoje floresce a Ordem Carmelitana em diversas partes do mundo.

OS CARMELITAS NO BRASIL

Aqui no Brasil, os Carmelitas aportaram nos primórdios da nossa colonização, trazidos pela nau de Frutuoso Viana, que partiu de Lisboa a 31 de janeiro de 1580, chegando a Santos no mês de abril; foram assim os primeiros religiosos a estabelecer-se no Brasil depois dos Jesuítas e dos Franciscanos.

Segundo Leonardo Arroyo e diversos historiadores, primeiramente os Carmelitas se instalaram em Santos, onde foram recebidos cordialmente por Brás Cubas, que seria logo mais um autêntico protetor da Ordem. Eram quatro religiosos: frei Domingos

Freire, frei Alberto de Santa Maria, frei Bernardo Pimentel e frei Antônio de São Paulo Pinheiro, os quais se estabeleceram na Capela de Nossa Senhora das Graças, fundada em 1562 por José Adorno e sua mulher Catarina Monteiro; estes fizeram doação dessa Capela aos religiosos Carmelitas aos 24 de abril de 1589 e Brás Cubas doou-lhes terras para a fundação de um convento e sua manutenção, não apenas na Vila de Santos, mas também as terras da "Vila Sertão, partindo de um pinheiro na borda de Santo André", conforme escritura pública de doação de 30 de maio de 1589, como escreveu Monsenhor Paulo Florêncio de Camargo. Nesse mesmo ano os Carmelitas fundaram a igreja e o convento do Carmo de Santos no local onde hoje se encontram na Praça Barão do Rio Branco; antes porém, já se haviam dirigido para o nordeste do Brasil, fundando em 1584 convento e igreja de Olinda, e, em 1586, convento e igreja de Salvador.

O crescimento do povoado de Piratininga, escreve Machado de Oliveira, e esse estado de obediência moderada, em que pelos jesuítas foram postos os índios, inspiraram nos Carmelitas de Santos o pensamento de fundar um convento de sua ordem na povoação que começava em "Cima da Serra".

Em 1590 os Carmelitas galgaram o Planalto de Piratininga, instalando-se na baixada do Tamanduateí. Nesse tempo a Vila de São Paulo era cercada por um muro de taipas que abrangia mais ou menos o atual triângulo da cidade; salienta uma ata quinhentista que o "Carmo" ficava no limite da "Villa", portanto, além da taipa, e foi edificado em 1592, como se infere da Ata da Câmara de São Paulo de 20 de junho desse ano, da qual consta:

"apareceo ho reverendo padre frei ANTONIO da horadem de Nossa Senhora do Carmo e pedio autoridade para sitiar húa casa nesta Villa e seus limites e lhe parreceo bem os ditos oficiais o que dariam conta de tudo ao povo."

Leonardo Arroyo no seu excelente livro "Igrejas de São Paulo" informa que, obtida a licença, Frei Antônio de São Paulo iniciou imediatamente a construção do templo que serviria de núcleo para o futuro convento do Carmo que ele inaugurou em 1594 ao tempo do término da construção; o Convento e a Igreja do Carmo ficaram localizados no outeiro que dominava toda a várzea do Tamanduateí, que tomou o nome de esplanada do Carmo (depois Largo do Carmo) com frente para a ladeira que era o início da estrada do Brás, a que deram o nome de Ladeira do Carmo (o

largo e a ladeira do Carmo constituem hoje o inicio da avenida Rangel Pestana, partindo da Praça Clovis Bevilacqua).

O convento e a igreja do Carmo dos padres Carmelitas permaneceram ao lado da igreja do Carmo, da Ordem Terceira do Carmo, até 1928, quando foram desapropriados pelo Governo do Estado de São Paulo para dar lugar ao prédio da atual Secretaria da Fazenda.

A ação notável dos Carmelitas não parou com a fundação dos conventos e igrejas de Olinda, de Salvador, de Santos, de São Paulo e do Rio de Janeiro, pois, logo depois, espalharam-se por todo o território nacional, promovendo missões entre os índios, levantando conventos e igrejas, erigindo confrarias do Escapulário e fundando Ordens Terceiras, de tão grande expressão na história da nossa pátria. O zelo desenvolvido na catequese e na civilização dos índios, e nas obras assistenciais, pelos religiosos carmelitas de São Paulo, concorreu poderosamente para o engrandecimento desta terra, sem esquecermos os ingentes labores apostólicos em que estiveram empenhados os Franciscanos e os heróicos filhos da Companhia de Jesus. A sua passagem pelos mais remotos rincões de nossa terra ainda hoje se faz notar nos nomes de lugares e cidades, ruas e praças, rios e montanhas, igrejas e capelas. Das pouquíssimas Basílicas Menores de que se pode ufanar o Brasil, duas pertencem à Ordem do Carmo: a do Recife e a de São Paulo.

Na província do Grão Pará, como verdadeiros bandeirantes das florestas amazônicas, embrenharam-se pelas matas, alargando o território brasileiro, estendendo nossa soberania às cabeceiras do rio Negro, ultrapassando a linha convencional de Tordesilhas e realizando dessa forma, no dizer do renomeado escritor Lucas Nogueira Garcez e de outros historiadores, no Brasil setecentista, a missão mais arriscada, mais cheia de perigos, para levar aos ouvidos rudes dos selvagens as alegres novas da salvação.

Respeitados por colonizadores e indígenas como homens de Deus e Missionários de Cristo, desenvolveram-se os Carmelitas de modo extraordinário, atingindo o seu apogeu no tempo colonial. No Império, o Carmelo começou a entrar em declínio, arruinando-se a tal ponto que, no Segundo Império, pode-se dizer que se encontrava em verdadeira agonia.

A maçonaria agia então à larga, proibindo a aceitação de novos candidatos, seguindo assim as pegadas do Marquês de Pombal. Os claustros esvaziaram-se; os bens da Ordem foram seqüestrados; os frades foram desaparecendo paulatinamente, até restarem apenas oito. Parecia o fim... Entretanto, com o advento da



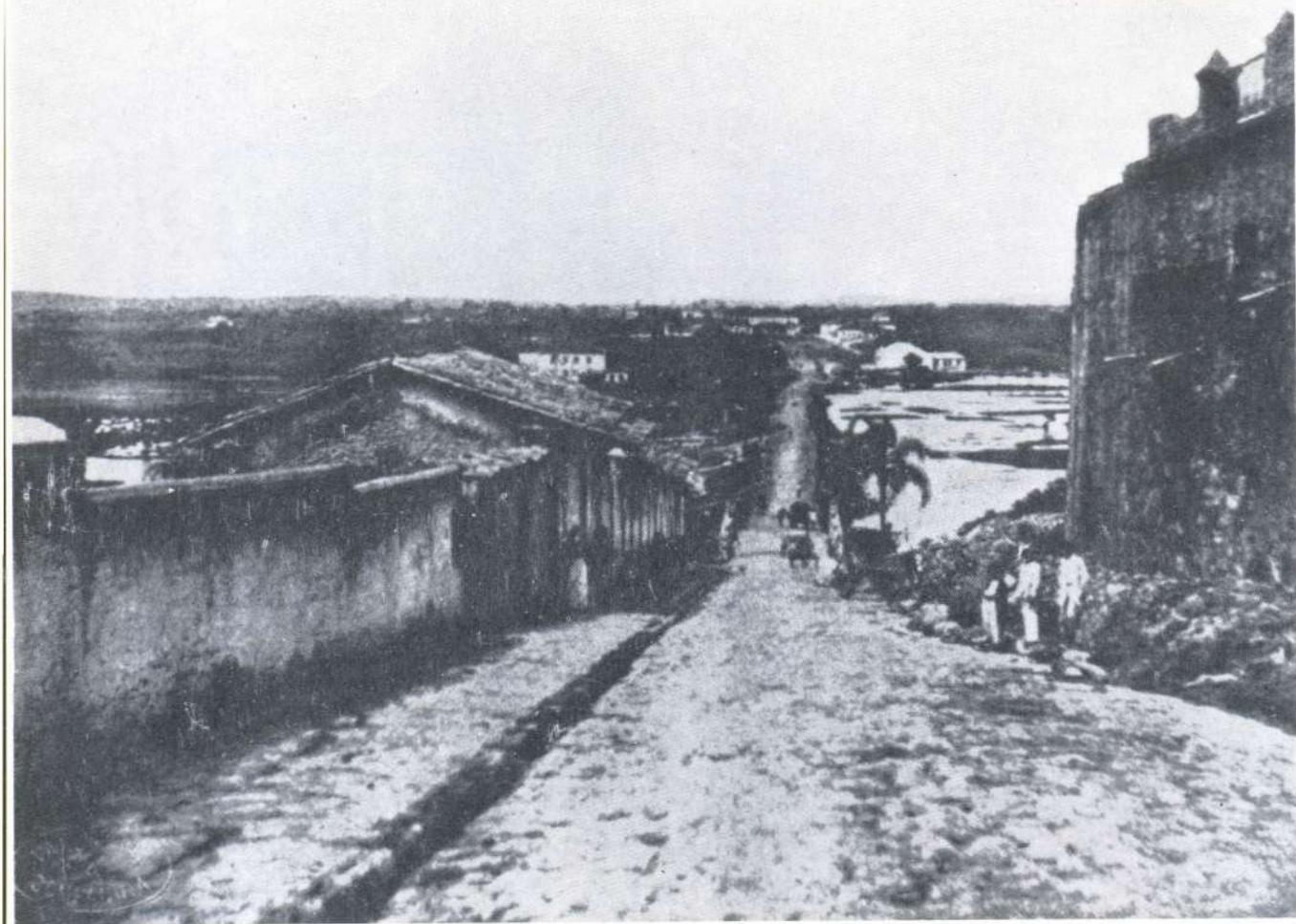
Entre J. S. Paul, Jun Col. Du Chema de Rio Janeiro. Couvent Des Carmes

J. B. Debret 1827

Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana (1594) e da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo (1632), na Esplanada do Carmo que, com a Ladeira do Carmo (que se vê à esquerda) formam hoje o começo da Avenida Rangel Pestana; era o inicio do caminho de São Paulo para o Rio de Janeiro. Este quadro foi pintado por Jean Baptiste Debret em 1827, no qual se observam alguns dizeres e a sua assinatura no lado direito. É o retrato fiel e autêntico da época, pois a fotografia somente foi inventada em 1831.

Jean Baptiste Debret, nascido em Paris em 18.4.1768, foi o inesquecível pintor da vida brasileira durante o 1.^o Império. Chegou ao Brasil em 21.1.1816, aqui permanecendo até 17.4.1831, quando regressou à pátria. Esteve em São Paulo em 1827, ocasião em que pintou célebres quadros históricos, dentre eles este de valor inestimável.

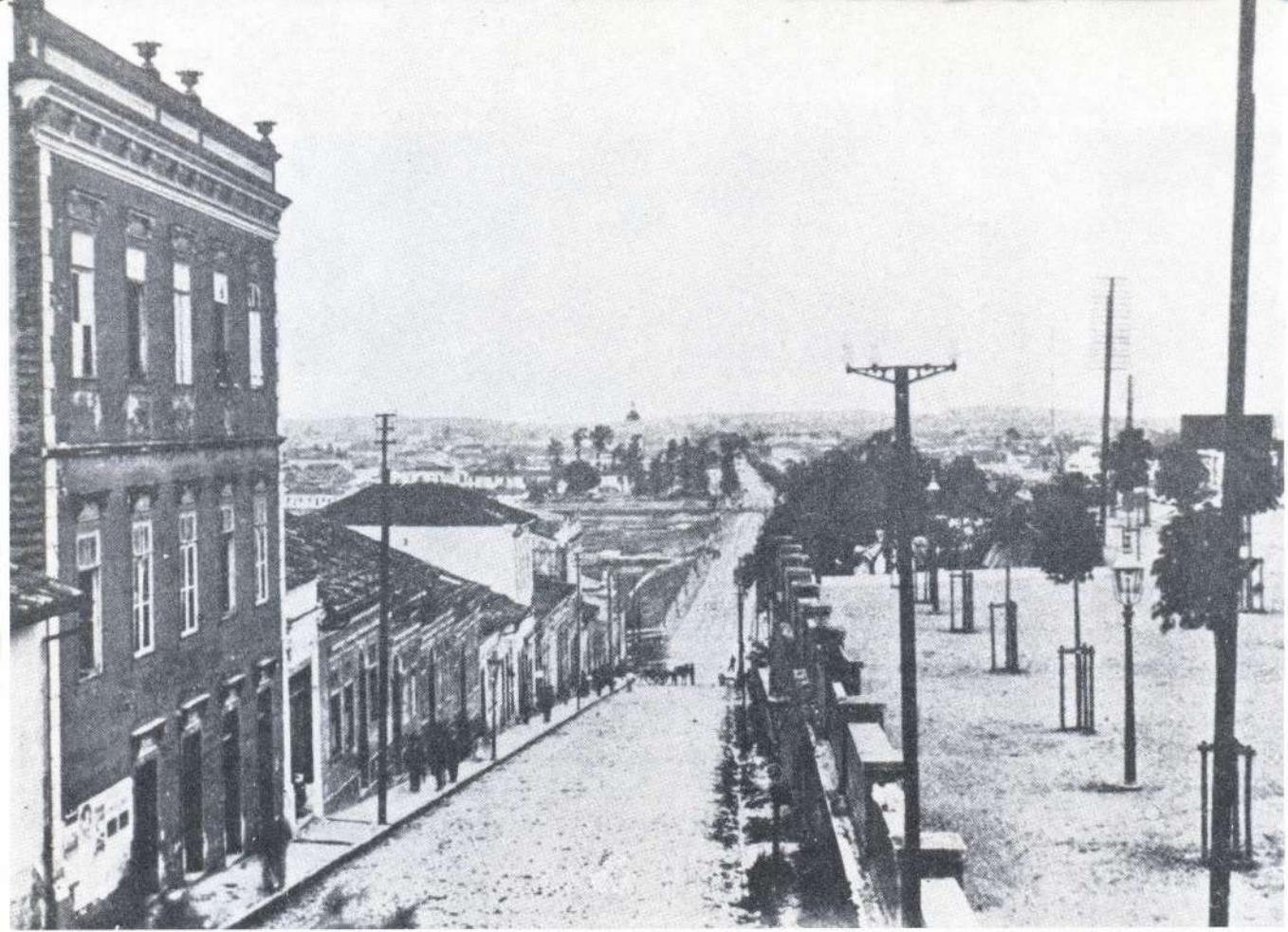
Reuniu seus melhores desenhos e publicou-os em 1834 em "Voyage pittoresque et historique au Brésil". Faleceu a 28.6.1848 com 80 anos. Debret passou à posteridade pelos célebres quadros que deixou e pela atividade de professor de pintura. Em 1839 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro elegeu-o seu sócio.



Ladeira do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Foto de 1859.



Parte da Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana, e Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo, no ano de 1875, na Esplanada do Carmo, depois Largo do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. À direita vê-se a rua da Boa Morte, hoje rua do Carmo. Em 1911 a Ordem 3.^a do Carmo vendeu à Câmara Municipal de São Paulo, uma pequena parte do corredor e da sacristia que confinavam com a rua da Boa Morte, sem atingir o corpo da igreja, ficando no alinhamento da rua como se encontra até hoje (ver cap. VI).



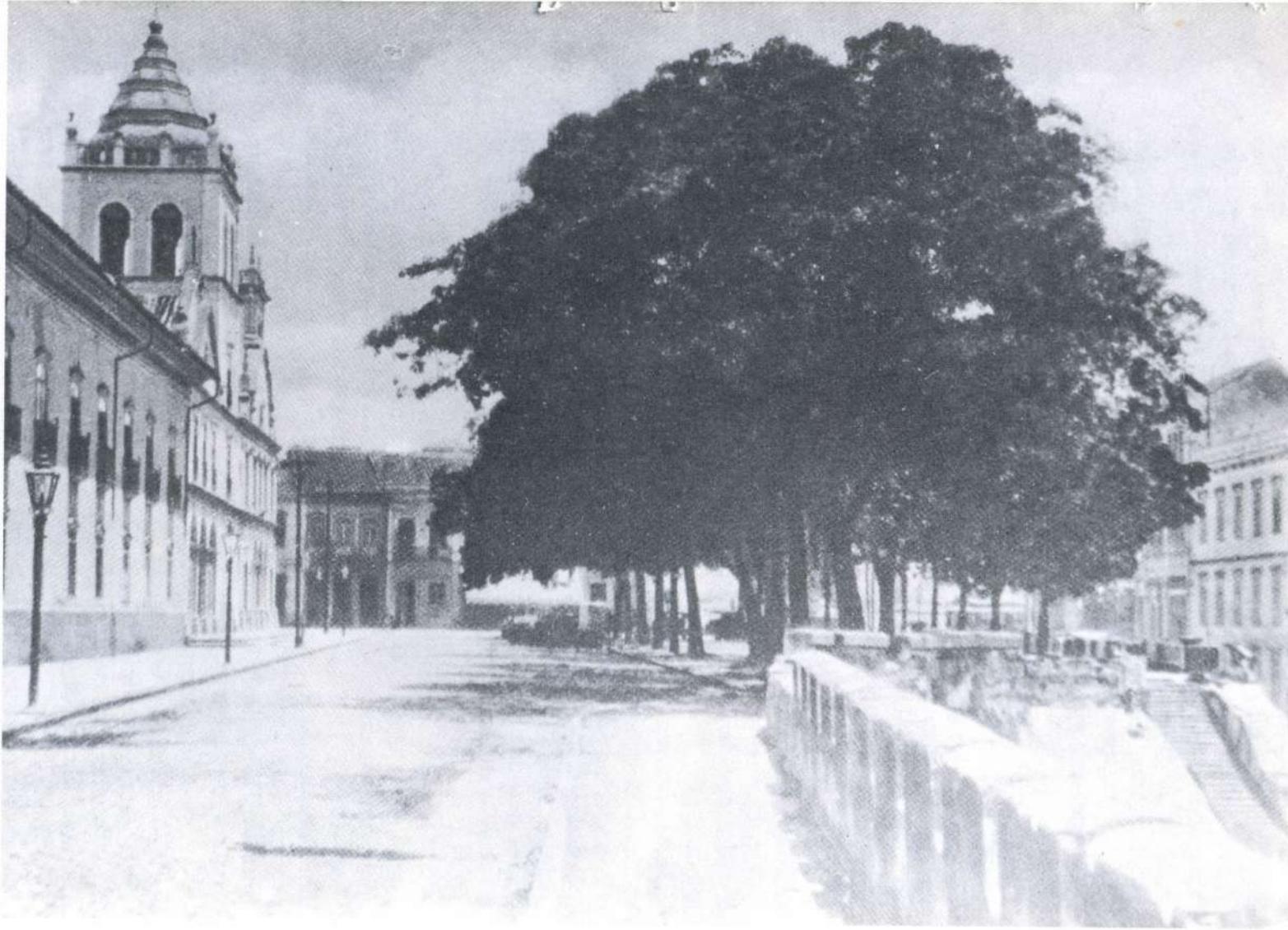
Ladeira do Carmo e Largo do Carmo, antes Esplanada do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Foto de 1899.



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana (1594), e Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo (1632), no Largo do Carmo, antes Esplanada do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Esta foto foi tirada em 1900 por ocasião da inauguração da torre da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo.



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana (1594), e a Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de S. Paulo (1632), no Largo do Carmo, antes Esplanada do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Foto de 1912.



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana, e Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo, no Largo do Carmo, hoje avenida Rangel Pestana. Nos fundos parte da rua do Carmo, hoje Praça Clóvis Bevílaqua. Foto de 1912.

República, quando se esperava dar o golpe de misericórdia nas Ordens Religiosas pelo decreto da separação da Igreja do Estado, na verdade o que aconteceu foi a concessão da liberdade à Igreja. Como as árvores que durante o inverno conservam incubadas as suas energias, ou recebem a poda providencial para desabrochar com mais vigor na primavera, assim o Carmelo tornou a vicejar depois desse período de letargia a que esteve obrigado durante o Império.

Iniciou-se, desse modo, a restauração, primeiro com os Carmelitas espanhóis, em seguida em 1904 com os holandeses de saudosa memória. A Ordem tornou a florescer em todo o Brasil e conta atualmente com inúmeros conventos e paróquias em vários Estados. A Província de Pernambuco abrange os Estados de Pernambuco e da Paraíba; a Província Carmelitana de Santo Elias abrange os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Guanabara, Minas Gerais, Goiás e também Brasília; a Província da Bahia foi anexada à Província Carmelitana de Santo Elias; além disso muitos Carmelitas da Província Alemã Superior se encontram no Estado do Paraná, onde se dedicam a diversos tipos de apostolado.

Ao lado da contemplação os Carmelitas desenvolveram sempre intensa ação apostólica. Em nossa terra manifestou-se desde o início, como já dissemos, pela catequese e pelas missões. A ação social dos Carmelitas estende-se hoje a todos os ramos da atividade humana. Trabalham como diretores espirituais, vigários, capelões de hospitais e colégios, professores de seminários, ginásios e faculdades; levantam obras assistenciais dos mais variados gêneros.

Além de homens famosos pela santidade, o Carmelo Brasileiro deu também à Pátria personagens ilustres e valorosas, como Frei Caneca, célebre mártir da Revolução Pernambucana (1817-1824); Frei Leandro do SS. Sacramento, fundador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; D. Frei Pedro de Santa Mariana, preceptor do Imperador Pedro II; D. Frei Francisco de Lima, primeiro Bispo do Maranhão e Pará; Frei José da Madalena, introdutor da vacina contra a varíola.

Como já dissemos, o Convento e a Igreja do Carmo viveram ao lado da nossa Ordem Terceira na esplanada do Carmo até 1928, quando foram desapropriados pelo Governo do Estado, por 4.500 contos; nesse mesmo ano, os Carmelitas transferiram-se para uma chácara na Rua Martiniano de Carvalho; aí levantaram magnífico templo, um dos mais belos da capital bandeirante, verdadeira obra de arte colonial, onde foram aproveitadas todas as alfaiaias da antiga igreja; ainda hoje, nessa igreja podemos con-

templar os altares e imagens, os púlpitos e as balaustradas, bem como os portais, tudo do século XVII. Ai temos um extraordinário exemplo de como é possível atualizar-se conservando contudo o que de bom o passado nos legou.

Vale a pena transcrever "a última página do convento do Carmo" de autoria de Aurelio Becherini, fotógrafo de "O Estado de São Paulo", testemunha ocular do acontecimento (como nos também fomos), descrevendo a trasladação da imagem de Nossa Senhora do Carmo do velho convento, que logo seria demolido, para a capela provisória da rua Martiniano de Carvalho no dia 15 de abril de 1928:

"Os sinos dobraram solenes, convidando o povo da cidade para assistir a um grande acontecimento. As ruas estão repletas de povo de todas as classes sociais, e todos vieram ao chamado da imprensa e aos repiques dos bronzes sagrados, para ilustrar luxuosamente a última página da história do tradicional mosteiro de N. S. do Monte do Carmo, por mais de três vezes centenário.

A hora é solene e comovedora, nenhuma alegria reina entre os populares; pelo contrário, soluços e choros misturam-se às doces vibrações que partem do velho campanário, em cujos azulejos da cor de cobalto, espalha-se um lindo sol de outono, de uma limpida tarde dominical. Daqui a poucos minutos o velho edifício estará privado do gracioso tesouro que por um período de três séculos guardou religiosamente, sobre um trono de pérola e de ouro, a bondosa imagem de N. S. do Monte do Carmo.

Os sinos redobram de harmonia e a imagem de Nossa Senhora sai, pela última vez, das arcadas austeras do templo suntuoso, e neste momento um frêmito percorre a grande massa popular. O momento é rigorosamente fúnebre. A Virgem passa carregada pelos irmãos da Ordem Terceira do Carmo. O andor está ricamente ornamentado de crisandálias brancas e cheirosas; tapetes de flores cobrem o leito das ruas. A Virgem passa, no meio de grandiosa procissão, rodeada pelo clero e pelos anjinhos, entre místicos cantos religiosos, numa atmosfera de saudade indefinível.

E tanto nos casebres que ainda existem dos tempos coloniais, como nas sacadas dos modernos palacetes, as famílias pobres e ricas assistem reverentes ao desfilar da última procissão da velha Igreja do Carmo, — como um poético protesto coletivo contra as exigências de um pro-

gresso materialmente exacerbado que acaba de privar a grande metrópole paulista de mais uma empolgante tradição.

E nesta sincera manifestação de saudades e devação, exaltaram-se as qualidades cívicas de um povo duplamente civilizado, que, assistindo diferente e submisso ao desabar de seus velhos templos, o faz prestando conscientemente as homenagens devidas ao seu rico patrimônio histórico, fazendo justiça à grandeza de seus antepassados gloriosos."

Perdura ainda vivo em nossa memória esse inesquecível dia: 15 de abril de 1928. Frei Canísio Mulderman, então prior do convento, celebrou, às 10 horas, a última cerimônia religiosa, uma Missa solene cantada pelo coro da Ordem Terceira; a igreja estava literalmente cheia de Irmãos Terceiros, sacerdotes e fiéis que não quiseram perder aquela emocionante e derradeira solenidade dentro de uma igreja prestes a ser demolida após mais de três séculos de tradição, a fim de dar lugar às exigências do progresso da cidade.

Ao Evangelho o celebrante ocupou o púlpito para comunicar aos fiéis ali reunidos a mudança que se impunha, e para convidá-los a acompanhar a imagem de Nossa Senhora do Carmo venerada pelos nossos antepassados, até a capela provisória da rua Martiniano de Carvalho, n. 16, local em que seria erigido o novo templo.

Frei Canísio não pôde esconder a sua emoção ao pronunciar sua comovente oração. Ao terminar, o coro da Ordem Terceira do Carmo, que sempre cooperou em todas as festividades desse templo, entoou o hino da Virgem do Carmelo.

Após a Missa, os presentes visitaram algumas dependências do antigo convento e da igreja, cujo aspecto era triste e tocante, já com seus altares vazios e prontos para sofrer a ação da picareta demolidora que iria privar São Paulo de uma das mais belas relíquias coloniais.

Às 15 horas da tarde desse dia, nós, Terceiros Carmelitanos, tivemos a honra e o grande privilégio de transportar processional e triunfalmente a imagem da Virgem do Carmo para a capela provisória da rua Martiniano de Carvalho.

Antes da procissão ocupou a tribuna o Cônego Ladeira, que desenvolveu a sua oração em torno da longa e belíssima história do Convento e da Igreja do Carmo.

Tomaram parte na procissão não só os Carmelitanos como diversas Irmandades, confrarias e associações religiosas com as



Convento e Igreja do Carmo da Ordem Carmelitana, na rua Martiniano de Carvalho, para onde os Carmelitas se transferiram do Largo do Carmo em 1928; a Igreja foi inaugurada no dia 1.^º de abril de 1934.

insígnias e estandartes. A procissão foi aberta pelas crianças da Associação do Menino Jesus, que carregavam um andor com a imagem de Jesus. Vinham em seguida os alunos do Colégio do Carmo com o respectivo estandarte, os colegiais de Santo Alberto, os membros da Associação do Coração de Jesus, Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira do Carmo, os Frades Carmelitas e uma multidão de fiéis.

Ao chegar o extenso cortejo à capela provisória da rua Martiniano de Carvalho, procedeu-se à benção da pedra fundamental do novo templo, sendo depois cantado um solene "Te Deum" com bênção do Santíssimo Sacramento.

Assim terminou a história da Igreja e do Convento do Carmo no Largo do Carmo, onde por mais de três séculos os paulistanos cultivaram a sua fé.

Não podemos encerrar este brevíssimo histórico da Ordem Carmelitana sem citar os nomes daqueles que foram grandes carmelitas, nossos vizinhos e nossos grandes amigos no passado: Frei Cyrilo Thewes, Provincial durante muitos anos, Frei Dyonisio Muldermann, Frei Willibrordo Van Eyck, Frei Afonso Van den Berg, Frei Eliseu, Frei Ildefonso Schutjes, Frei Ambrósio Vroling, Frei Antônio Faggiano e tantos outros de saudosa e santa memória, cujos nomes ficarão indelevelmente gravados no coração dos Carmelitas e na história da ORDEM CARMELITANA como verdadeiros baluartes da Igreja e da fé.

SANTOS DA ORDEM CARMELITANA

Data da celebração

SANTO ELIAS, Profeta	980/ 918 AC	20 de julho	Pai e inspirador da Ordem Carmelitana
SANTO ELISEU, Profeta	956/ 849 AC	14 de junho	Discípulo do Profeta Elias
SÃO BERTHOLDO	1073/1187	29 de março	
SÃO CYRIL	1142/1224	6 de março	
BEATO BAPTISTA MANTUANO	1144/1517	23 de março	
SANTO ALBERTO	1150/1214	8 de abril	
SÃO SIMÃO STOCK	1164/1265	16 de maio	
SÃO BROCARDO	1150/1230	2 de setembro	
SANTO ANGELO	1186/1220	5 de maio	
BEATO FRANCO	1211/1291	17 de dezembro	
BEATA JOANA DE TOLOSA	1213/1286	31 de março	
SANTO ALBERTO DE SICILIA	1250/1307	7 de agosto	
SANTO ANDRÉ CORSINI	1302/1373	4 de fevereiro	

SÃO PEDRO THOMAZ	1305/1366	14 de fevereiro
BEATO ROMEU	1353/1380	4 de março
BEATO NUNO ALVES PEREIRA, o Condestável	1360/1423	6 de novembro
BEATO ANGELO MAZZINGHI	1373/1438	13 de agosto
BEATO JOÃO SORETH	1395/1471	28 de julho
BEATO LUDOVICO MORBIOLI	1422/1477	15 de março
BEATA FRANCISCA D'AMBOISE	1427/1505	5 de novembro
BEATA JOANA SCOPPELLI	1428/1491	11 de julho
BEATO JACOBINO DE CANEPACIO	1438/1508	3 de março
BEATO ALOYSIO RABATA	1443/1490	11 de maio
BEATO BARTHOLOMEU FANTI	1443/1495	5 de dezembro
BEATA ARCHANGELA GIRLANI	1450/1494	6 de fevereiro
SANTA TEREZA DE JESUS, de Avila	1514/1582	15 de outubro
SÃO JOÃO DA CRUZ	1546/1591	24 de novembro
BEATA ANA DE SÃO BARTHOLOMEU	1556/1626	7 de março
SANTA MARIA DA ENCARNAÇÃO	1565/1618	16 de outubro
SANTA MARIA MAGADLENA DE PAZZI	1566/1607	25 de maio
BEATO REDEMPTO	1598/1638	29 de novembro
BEATO DIONISIO	1600/1638	29 de novembro
BEATA MARIA DOS ANJOS	1651/1727	19 de dezembro
BEATA TEREZA E SÓCIAS (15)	1740/1794	24 de julho
SANTA JOAQUINA DE VEDRUNA DE MAS	1783/1854	
SANTA TEREZA DO MENINO JESUS	1873/1897	3 de outubro

SUPERIORES DA ORDEM CARMELITANA

NO ANO DE 1977

CURIA GENERALICIA

SUPERIOR GERAL:

Revmo. Pe. Falco Thuis

ASSISTENTES DO SUPERIOR GERAL:

Revmo. Pe. Sean Coughlan

Revmo. Pe. Stephanus Possanzini

Revmo. Pe. Venantius Bryg

Revmo. Pe. José Cardoso

DELEGADO PARA O TERCEIRO MUNDO:

Revmo. Pe. Gondulphus Mesters

PROVÍNCIA CARMELITANA DE SANTO ELIAS**DIRETORIA PROVINCIAL*****DIRETOR PROVINCIAL:***

Revmo. Pe. Tomás Motta Navarro

DIRETORES CONSELHEIROS:

Revmo. Pe. Policarpo Van Leewen

Revmo. Pe. Angelino Wissink

Revmo. Pe. Carmelo Cox

Revmo. Pe. Carlos Mesters

Revmo. Pe. Claudio Van Bollem

CAPÍTULO II

O ESCAPULÁRIO DO CARMO



Escapulário do Carmo ou o Bentinho, como é vulgarmente chamado, é uma dádiva de Nossa Senhora do Carmo à sua Ordem Carmelitana e por intermédio desta ao mundo inteiro.

Por essa magnífica dádiva, Maria Santíssima estabelece uma união íntima, filial e fraternal entre Si e os seus devotos, união esta simbolizada no Escapulário que é a veste de Nossa Senhora, e à qual a própria Mão de Deus, bem como a Santa Igreja, ligaram favores insignes, como mais adiante veremos.

Para a perfeita compreensão da doutrina do Escapulário do Carmo, convém saber um pouco da história da Ordem:

Estava São Simão Stock, Geral da Ordem do Carmo, rezando na sua cela. Suplicava com grande instância à Senhora do Carmo que manifestasse um sinal de maternal proteção à sua Ordem predileta. Súbito ilumina-se a cela de luz celestial e aparece com grande glória, cercada de anjos, a Santa Mãe de Deus. Traz nas mãos o Escapulário, e entregando a São Simão, diz-lhe numa promessa: "Recebe, FILHO DILETÍSSIMO, o Escapulário da tua Ordem, SINAL DE MINHA CONFRATERNIDADE, privilégio para ti e todos os Carmelitas; os que morrerem revestidos deste Escapulário não padecerão o fogo eterno. Eis o sinal de salvação, aliança de paz e pacto sempiterno".

Deu-se esse fato miraculoso na Inglaterra em 16 de julho de 1251, portanto há mais de sete séculos.

Pelas palavras de Nossa Senhora do Carmo: "Filho Diletissimo" e "sinal de minha confraternidade", Maria Santíssima considera os devotos do seu Escapulário como filhos de predileção; mas ainda: Ela quer tornar tão íntima essa união e tão confidencial, que faz como que uma abstração da sua qualidade de Mãe,

para pôr-se conosco no mesmo pé de igualdade, chamando-se a si mesma de nossa irmã!

Nessa união íntima e confidencial de Nossa Senhora para conosco é que repousa a essência da doutrina do Escapulário; e há sete séculos vem a Mãe de Deus cumprindo a sua grande promessa para com os que vestem o seu Escapulário. Correspondemos também nós a essa maravilhosa promessa, esforçando-nos para viver vida piedosa e cristã, intimamente unidos à nossa Mãe do Carmelo.

Nos últimos decênios, Nossa Senhora muito tem insistido nessa união amorosa para conosco; com freqüência pede que as almas e o mundo sejam consagrados ao seu Imaculado Coração, haja vista as revelações de Fátima.

Por isso é que o Santo Padre Pio XII, pela identificação que há entre a idéia da intimidade com Maria pelo Escapulário e a da consagração, proclamou, no seu Breve de 11 de fevereiro de 1950, o Escapulário do Carmo um como que símbolo dessa consagração ao Imaculado Coração de Maria.

Eis em poucas palavras o essencial da significação do Escapulário do Carmo.

BREVE APOSTÓLICO DE SUA SANTIDADE PAPA PIO XII

Sobre a comemoração do VII centenário do Escapulário do Carmo, dirigido em 8 de fevereiro de 1950, aos diletos filhos Kiliano Lynch, Prior Geral da Ordem dos Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, e Silvério de Santa Teresa, Prepósito Geral dos Irmãos Descalços da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Diletos Filhos,

Saudação e Bênção Apostólica

Certamente ninguém ignora quanto o amor para com a Santíssima Virgem, Mãe de Deus, contribui para afervorar a fé católica e corrigir os costumes, principalmente sob aquelas formas de devoção, pelas quais, de modo especial, os espíritos se sentem animados a se ilustrar com a doutrina celeste e os ânimos inflamados a cultivar a vida cristã. Entre estas formas em primeiro lugar deve-

-se citar a devoção do Santo Escapulário dos Carmelitas, a qual, acomodada na sua própria simplicidade à índole de todas as pessoas, goza de uma divulgação extraordinária entre os fiéis, tendo produzido abundantes frutos de salvação. Por isso, com grande alegria soubemos que os religiosos Carmelitas, Calçados e Descalços, deliberaram despender o máximo de seus esforços na celebração de solenidades em honra da Santíssima Virgem Maria, pelo transcurso do sétimo século da instituição deste Escapulário da Mãe de Deus do Carmelo. Sendo constante o nosso amor para com a augusta Mãe de Deus, e tendo sido admitido na Confraria do mesmo Escapulário, quando menino, de mui boa vontade recomendamos esta piedosa iniciativa e sobre ela auguramos grande abundância de bênçãos divinas. É que não se trata de coisa de somenos importância, mas de conseguir a vida eterna por meio da tradicional promessa da Virgem Maria: a saber, trata-se do mais importante de todos os negócios e do modo de o conseguir seguramente. Na verdade, o Santo Escapulário é como que hábito mariano, sinal e penhor da proteção da Mãe de Deus; não pensem, porém, os que vestem esse hábito, que, entregues à indolência e negligência espirituais, hão de conseguir a salvação eterna, pois o Apóstolo adverte: Com temor e tremor, empenhai-vos na obra da vossa salvação (Fil. II, 12). Todos os Carmelitas, pois, seja nos claustros das Ordens Primeira e Segunda, seja na Ordem Terceira Regular ou Secular, seja nas Confrarias, todos os Carmelitas que pertencem por especial vínculo de amor a uma só família da Mãe de Deus, encontrem no memorial da própria Virgem um espelho de humildade e castidade; na simples forma da veste encontrem um compêndio de modéstia e simplicidade; sobretudo nesta mesma veste, que dia e noite trazem, encontrem um símbolo eloquente das preces com que imploram o divino auxílio; encontrem, finalmente, nela, aquela consagração ao Sacratíssimo Coração da Virgem Imaculada, a qual consagração recentemente recomendamos com ardor. E certamente a Mãe piedosíssima, conforme aquela tradição chamada de Privilégio Sabatino, não deixará de interceder junto de Deus por seus filhos, quando no Purgatório estiverem a espiar seus pecados, a fim de que alcancem quanto antes a pátria eterna. Entremos, como augúrio do auxílio e da proteção celeste, e como penhor de nossa particular afeição, com profundo amor no Senhor, vos concedemos a vós, Diletos Filhos, e a toda a Ordem dos Carmelitas, a Bênção Apostólica.

Dada em Roma junto a São Pedro, aos 11 de fevereiro, data da Aparição da Virgem Maria Imaculada, no ano de 1950, no de nosso pontificado.

CAPÍTULO III

QUE SÃO ORDENS TERCEIRAS DO CARMO?

QUE SÃO IRMÃOS TERCEIROS DO CARMO?

Sue são Ordens Terceiras do Carmo? O próprio nome já está indicando a existência de uma primeira e uma segunda, distintas da terceira. A Ordem Primeira é a Ordem Carmelitana estabelecida em 1594 na então esplanada do Carmo, a qual descrevemos no capítulo I deste livro; é formada por padres professos, de voto perpétuo, que se dedicam às missões sacerdotais; em São Paulo é hoje chamada Província Carmelitana de Santo Elias, com sede na rua Martiniano de Carvalho, n. 114; é mantenedora de inúmeras igrejas e de estabelecimentos de educação e assistência social; continua, pois, cumprindo rigorosamente a sua missão.

A Ordem Segunda é a das freiras, com votos, profissão e vida claustral, conhecidas como Irmãs Religiosas do Carmelo.

Ordens Terceiras são as constituídas de acordo com a Bula do Sumo Pontífice Xisto IV, datada de 11 de novembro de 1476, e com a patente passada a 26 de janeiro de 1587, autorizando a criação delas no Brasil; como a nossa **ORDEM TERCEIRA DO CARMO**, são sociedades formadas por leigos de ambos os sexos, que nela ingressam com a finalidade de servir à Igreja Católica, Apostólica e Romana, dedicando-se ao culto de Deus e de Nossa Senhora do Carmo, à prática da caridade, esforçando-se assim por alcançar a perfeição cristã.

Irmão Terceiro é o católico que, vivendo no mundo, procura um meio mais seguro de seguir as pegadas do Divino Mestre, recebendo uma investidura que lhe dá o caráter de seu discípulo. O bom Irmão Terceiro Carmelitano cumpre escrupulosamente os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, e, portanto, os deveres

para com a sua Ordem e para com a sociedade que ele procura edificar por meio de uma vida exemplarmente cristã.

O bom Terceiro Carmelitano é o que sabe que, neste mundo, nada há de tão belo como a aliança da razão humana e da fé, da ciência terrestre e da ciência divina, e da mais ativa vida exterior consagrada ao bem.

No capítulo do Estatuto da nossa Ordem, neste livro, nós nos ocuparemos detalhadamente dos direitos e obrigações dos Irmãos Terceiros do Carmo.

CAPÍTULO IV

VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO

FUNDAÇÃO

Pela Bula do Sumo Pontífice Xisto IV, datada de 11 de novembro de 1476, foram dados poderes aos Mestres Gerais do Carmo e Reverendíssimos Padres Mestres Provinciais dos Religiosos Carmelitas, para erigirem Ordens Terceiras do Carmelo; entretanto, a patente que autorizava a criação das Ordens Terceiras do Carmo no Brasil somente foi passada a 26 de janeiro de 1587, como já vimos no capítulo anterior.

A instalação da nossa Ordem Terceira do Carmo de São Paulo, podemos afirmar como fato histórico que foi no ano de 1594 e a fundação da nossa Igreja do Carmo por volta de 1632.

Em nosso arquivo, todavia, nenhum documento foi encontrado que precisasse o ano e o dia exato da sua fundação; contudo, pela pesquisa que fizemos em livros e que passamos a expor, chegamos à conclusão de que a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, hoje conhecida simplesmente como Ordem Terceira do Carmo, foi efetivamente fundada no ano de 1594, por um grupo de fiéis leigos, que desejavam empregar o calor de seu entusiasmo e sua fé ao culto de Deus e de Nossa Senhora do Carmo, e dedicar-se à prática da caridade, procurando assim alcançar a perfeição cristã; a fundação foi efetivada sob a égide dos Reverendíssimos Padres da Ordem Carmelitana já estabelecidos no Convento do Carmo inaugurado nesse mesmo ano.

O documento mais antigo existente em nosso arquivo é um livro de atas de 1674, pelo qual se verifica que a Ordem, nessa época, já tinha administração própria, idêntica à atual na sua estrutura e atribuições dos diversos cargos da Mesa Administrativa;

dessa data em diante temos todos os livros de Atas das sessões das Assembléias Gerais (antes chamadas Mesas Conjuntas) e os da Mesa Administrativa com as reuniões periódicas exatamente como são realizadas até hoje.

Temos guardada, como preciosa relíquia, uma "carta de sentença" de D. João V, Rei de Portugal, datada de 27.2.1742, — referente a uma ação judicial com sentença proferida a 16.4.1738 — reconhecendo, nessa época, a posse imemorial da Igreja do Carmo sobre parte do terreno por ela ocupado e que fora objeto de litígio com vizinhos. Ora, se em 1738 foi reconhecida a posse imemorial sobre parte do terreno em que se achava construída a Igreja do Carmo, consequentemente ela já devia existir antes de 1638.

Temos também uma "carta de adjudicação" da 1^a Vara da Fazenda Estadual, que contém a sentença que reconhece a posse imemorial de mais de 300 anos da nossa Igreja; a origem dessa "carta de adjudicação" é a seguinte:

Em 11 de agosto de 1952 a Ordem Terceira do Carmo ajuizou ação de usucapião a fim de que fosse reconhecido e declarado por sentença o domínio sobre o imóvel em que se achava construída a vetusta e conhecida Igreja do Carmo e suas dependências, nas quais estava de posse continuada, mansa e pacificamente há mais de 300 anos. Esta ação foi patrocinada pelos eminentes advogados Drs. Ottonio de Vasconcellos Camargo, Pedro Augusto de Souza Lima e Lauro Malheiros, este último hoje eminente Ministro do Tribunal de Alçada.

Distribuída à 1^a Vara da Fazenda Estadual, após os trâmites legais, a ação foi julgada procedente e declarado o domínio sobre o imóvel; da sentença extraímos os seguintes trechos:

fls. 439 "A presente ação traz em seu bojo a própria história da cidade de São Paulo, como acentuou com magnífica ilustração o renomado perito Dr. Ricardo Guimarães Sobrinho, cujo trabalho remontou do próprio descobrimento do Brasil e a fundação da Vila de Piratininga em 25 de janeiro de 1554 por um grupo de Jesuitas.

fls. 440 Daí a inteira inocuidade das alegações da Prefeitura Municipal de São Paulo, *uma vez que a Ordem Terceira do Carmo pode, com toda propriedade, invocar a prescrição imemorial de mais de trezentos anos.*"

33
ano de Luis de Camões que era
descendente das terras de Anchieta
Santiago de Compostela

150
Carta judicial de cível que afazeu farsi
al anno de 1742 — na freguesia da Vila de
Orlândia terras da Vila de Orlândia de fármaco
Santiago e Agualva na freguesia de Agualva Cor-
tua e Penedo — Povoação de Santiago e
Conselho da Região e União da Cidade de Orlândia
e Anchieta Agualvenses.

Outono
1738

Custos

Dom João por oração de Deus
Rey de Portugal e dono d'Algumas das
quem o da Lem Mai em África e
mão de Guine e da conquista nauage-
gam Comunis da Etiópia e Trábia Pen-
sia e da India de Ázodra os mui Cons-
egedores Presidentes Juízes Juizados
e Juizes despira Ordinário e de Apela-
ção e mui Suylos Ofícios della e
pessoas outras destas mui e Reino e
nervos de Portugal e suas Conqui-
tas aquelles aguens esperando quem es-
ses quais estambla ávia desentenda e
Voz de appetitacão vindas do Juiz da
Ovidrija juntalha Cidade de Orlândia
Rey e Conde da Cidade de Orlândia Pau-
lo Coutinho e juntada do pregoio dos
autoz Conselhos e Regimentos despar-
to que apelis e Regimes Nuns efor
apresentado e o Conselheiro Conde
movento della Considerante desistamente
deix e deixa desposturas e seu devido
eito Conselhos Regimentos e Real
e Capitais d'ella por qual quer se for
uma modo Memoria tido Parim en-
dimento que seja e por d'elos Ma-

A sentença foi confirmada por unanimidade na apelação cível n. 166.008 pelo acórdão da egrégia 5^a Câmara Cível do Tribunal de Justiça de São Paulo (fls. 471), sendo expedida a "carta de adjudicação" que foi devidamente transcrita no Registro de Imóveis da 4^a Circunscrição sob o n. 121.698. Note-se bem: a veneranda sentença reconheceu que, em 1952, a Ordem Terceira do Carmo já tinha a posse imemorial de mais de trezentos anos de sua Igreja, portanto, antes de 1652.

Passamos finalmente a citar o que encontramos o fls. 28 do relatório do ano compromissal 1904 a 1905, apresentado em sessão da Mesa Administrativa pelo então Prior Conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo:

fls. 28 "CONCERTOS E AUMENTOS DO
GYMNÁSIO —

Durante estes concertos os pedreiros descobriram uma velhíssima inscrição com a data de 1632, que indica provavelmente o anno em que se acabaram aquellas maciças paredes, em breve tres vezes secular."

E deve ser certa a conclusão a que chegou o ilustre Conselheiro, pois, no anno de 1633, a Ordem Terceira do Carmo sepultava, na capela-mor da sua igreja, o bandeirante Pedro Dias Pais Leme, conforme atestam Carlos Eugenio Marcondes de Moura, Carvalho Franco e Silva Leme, como veremos a seguir.

Carlos Eugenio Marcondes de Moura, no seu livro "Os Galvão de França no povoamento de Santo Antonio de Guaratinguetá", a fls. 404 da 2^a edição de 1973, escreveu: "Pedro Dias Pais Leme foi bandeirante e realizou entradas antes de 1633, anno de seu falecimento; foi sepultado na capela-mor da Igreja do Carmo de São Paulo, em jazigo próprio; casado com Maria Leite, nascida em São Paulo que faleceu em 1667 e também sepultada na capela-mor da Igreja do Carmo no jazigo de seu esposo. (Carvalho Franco "Bandeiras e Bandeirantes de S. Paulo" pág. 214)

Ouçamos finalmente o depoimento do insigne Luiz Gonzaga da Silva Leme, a fls. 450 do Volume 2^a da Genealogia Paulistana (Título Lemes) com a sua autoridade de grande historiador e genealogista:

"Pedro Dias Pais Leme faleceu em 1633, capitão da polícia da Vila de São Paulo; pessoa de muita estima e respeito, ocupou vários cargos públicos no governo de São Paulo, foi sepultado na capela mor da igreja do Carmo. Casado com Maria Leite falecida em 1667. Seu primeiro

filho foi Fernão Dias Pais Leme, o celebre bandeirante descobridor das esmeraldas que deixou seu nome gravado na história de São Paulo pelos feitos que o imortalizaram." (O grifo é nosso)

Acabamos, pois, de ouvir os depoimentos dos escritores Carlos Eugenio Marcondes de Moura, Carvalho Franco e Silva Leme, asseverando que Pedro Dias Paes Leme, pai de Fernão Dias Pais Leme, foi sepultado em 1633 na capela-mor da Igreja do Carmo; consequentemente podemos afirmar sem receio de laborar em erro que a igreja já existia antes dessa data.

Pelo que expusemos chega-se à conclusão inequívoca de que a inscrição encontrada nas paredes da Igreja com a data de 1632 é, por certo, a da fundação da Igreja do Carmo, motivo pelo qual não erraremos muito adotando o ano de 1632 como o da sua efectiva fundação.

Vamos agora comprovar a nossa assertiva inicial de que a Ordem Terceira do Carmo foi efetivamente fundada no ano de 1594, a primeira a ser fundada no Brasil; vejamos:

Transcorrendo no dia 16 de junho de 1906 o jubileu de prata de ordenação sacerdotal do saudoso Comissário Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua, por determinação da Mesa Administrativa foi elaborada uma biografia do ilustre sacerdote pelos Irmãos Terceiros Comendador Dr. Raul Ortiz Monteiro, então Subprior, e Doutores João José Vieira Guimarães e Olegário Pereira de Almeida.

Essa biografia impressa num livro com 46 páginas em tamanho 22 x 32 cms., ilustrada com diversas fotografias, foi distribuída aos Irmãos Terceiros, à imprensa, podendo também ser encontrada nas bibliotecas da Curia Metropolitana, do Seminário, do Carmo e nas bibliotecas públicas.

A folhas 25 encontra-se o seguinte:

"Em 1894, recorrendo o tricentenario da fundação da Ordem Terceira do Carmo em S. Paulo, Mons. Passalacqua, auxiliado por diversos dos nossos Irmãos e pela respectiva Mesa Administrativa, promoveu solenes festas, procedidas das famosas Conferencias realisadas na Cathedral pelo ilustre P. Dr. Julio Maria, a que assistiram, além de muitas das mais distinctas famílias, os representantes do que esta Capital possue de mais selecto nas letras, na sciencia, na magistratura e na politica, tendo-se approximado da meza da Comunhão, no dia da festa, mais de 600 pessoas". (O grifo é nosso).

Na folha seguinte publicamos uma foto da página 25 desse livro, na qual se vê a fotografia do Monsenhor Passalacqua juntamente com o Padre Dr. Julio Maria por ocasião das festas do tricentenário da fundação da Ordem Terceira do Carmo.

Note-se bem o seguinte: no ano de 1894, o Padre Dr. Julio Maria, doutor em Direito, grande historiador e orador sacro, no dizer de Alceu Amoroso Lima e de outros historiadores, um dos homens mais notáveis da nossa história, foi quem proferiu na Catedral as famosas Conferências que precederam as solenes festas promovidas pelo Monsenhor Passalacqua auxiliado por diversos Irmãos Terceiros e pela Mesa Administrativa e a que assistiram, além de muitas das dintinas famílias, os representantes do que São Paulo tinha de mais seletos nas letras, na ciência, na magistratura e na política.

Se, em 1894, homens da envergadura intelectual e cultural do Monsenhor Camilo Passalacqua e do Padre Doutor Julio Maria, auxiliados pelos Irmãos da Mesa Administrativa, realizaram grandes festejos em comemoração ao tricentenário da fundação da nossa Ordem Terceira do Carmo, e se o Padre Doutor Julio Maria proferiu as famosas orações para comemorar esse evento, foi, por certo, porque tinham elementos seguros e indiscutíveis que comprovavam a fundação da nossa Ordem Terceira nesse ano de 1594; e, nada mais razoável que, sendo um dos objetivos da Ordem Carmelitana a criação de Ordens Terceiras já existentes na Europa, tivesse, nesse mesmo ano em que ela foi fundada, presidido a fundação da VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO de São Paulo.

* * *

FATOS HISTÓRICOS — OS IMPERADORES DO BRASIL NO CARMO — AS CÉLEBRES PROCISSÕES — IRMÃOS TERCEIROS ILUSTRES —

A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO conhecida como ORDEM TERCEIRA DO CARMO, ou simplesmente o CARMO, representa, sem dúvida alguma, um capítulo importante da história de São Paulo; é uma das principais e a mais antiga Ordem Terceira Carmelitana do Brasil, fundada no ano de 1594.

Dizem os historiadores que era ali dentro dos seus domínios que se resumia a vida inteirinha da cidade de São Paulo, nos bons tempos de outrora. No Carmo viveram e tiveram residência as figuras mais destacadas, os homens de projeção, os velhos e inte-

vistas do digno Prelado no sentido de iniciar-se oficialmente a acção catholico-social em toda a Diocese, cujos triumphos jamais serão esquecidos, porque foram realmente de grande bem na palavra, na penna e na acção, e cuja divisa está bem clara no seu primeiro Programma, traçado para essa illustre e exemplarissima associação pelo mesmo D. Arcoverde, e que é: *Oração, Ação e Sacrificio*. Em 1894, recorrendo o tricentenario da fundação da Ordem Terceira do Carmo em S. Paulo, Mons. Passalacqua, auxiliado por diversos dos nossos Irmãos e pela respectiva Mesa Administrativa, promoveu solemnies festas, precedidas das famosas Conferencias realisadas na Cathedral pelo illustre P. Dr. Julio Maria, a que assistiram, além de muitas das mais distinctas familias, os representantes do que esta Capital possue de mais selecto nas letras, na sciencia, na magistratura e na politica, tendo-se approximado da meza da Communhão, no dia da festa, mais de 600 pessoas.

Foi realmente sensacional acontecimento esse das Conferencias do projecto P. Julio Maria, hoje membro da Ordem dos PP. Redemptoristas, as quaes em numero de 12, divididas em 4 series, e cujos assumptos explanados foram: Catholicismo e Civilisação, Catholicismo e Positivismo, Catholicismo e a Critica Historica, Catholicismo e Incredulidade, tendo sido a do dia da festa: do Catholicismo depende a salvação do Brasil.

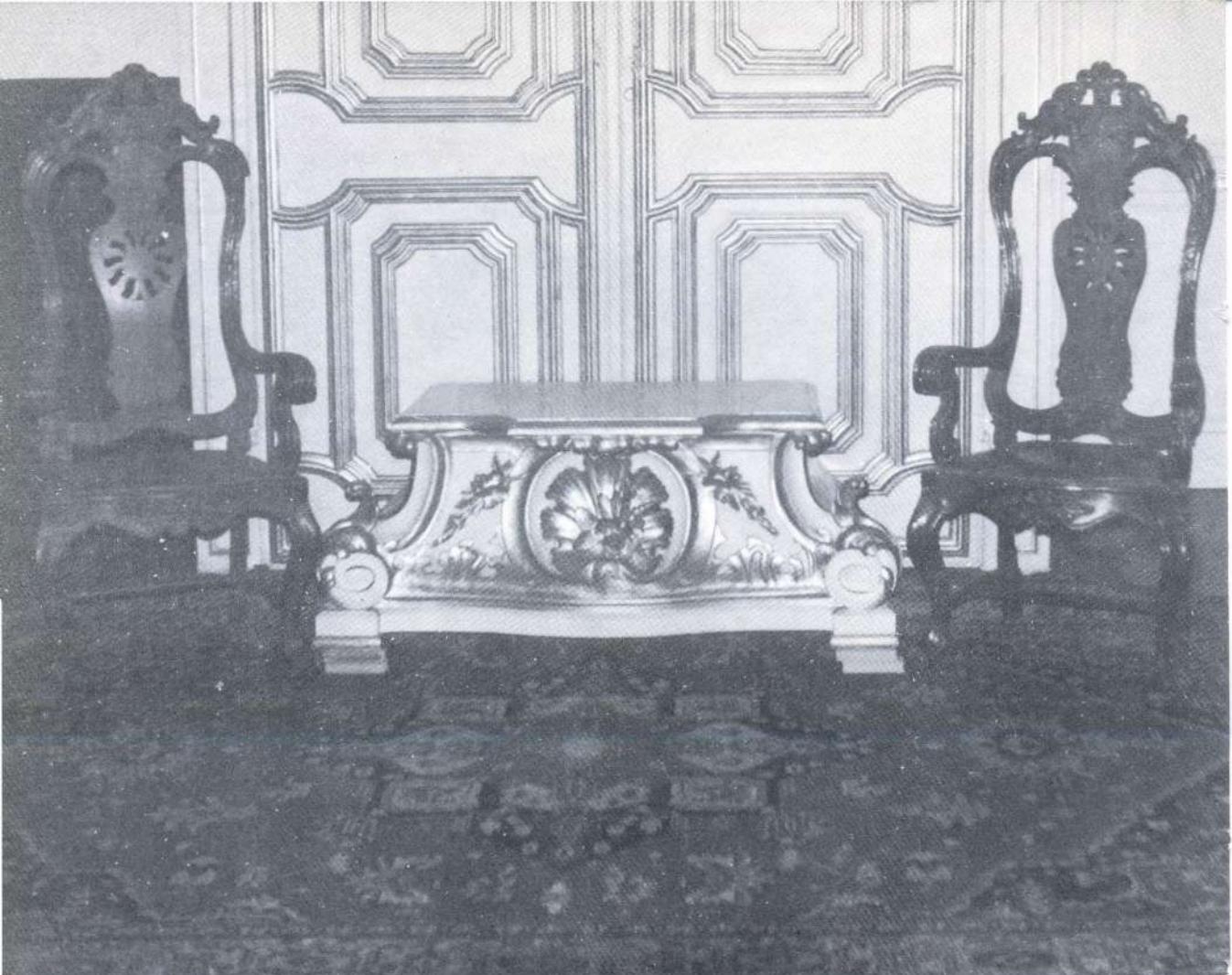
Monsenhor dirige varias associações, das quaes uma interessantissima é a das Mais Christãs.



Monsenhor e o Padre Dr. Julio Maria — Lembrança das festas tricentenárias da fundação da Ordem Terceira do Carmo em S. Paulo

Si bem attendermos no sentido dessa phrase, veremos quanto é yerdadeira, e quanto de eloquencia encerra na sua apparente simplicidade.

Foto da página 25 do livro escrito, em 1906, pelos Terceiros Carmelitas Dr. Raul Ortiz Monteiro, então Subprior, Doutores João José Vieira Guimarães e Olegario Pereira de Almeida. Ai vemos as referências às **solenes festas realizadas em 1894, para celebrar o tricentenário da fundação da Ordem Terceira do Carmo**, e os saudosos Monsenhor Dr. Passalacqua e o Padre Or. Júlio Maria, numa foto especial de lembrança das festas tricentenárias.



Nestas poltronas sentaram-se Suas Majestades o Imperador do Brasil D. Pedro II e a Imperatriz D. Thereza Christina, no dia 12 de abril de 1846, quando foram recebidos pela Ordem 3.^a do Carmo, na Igreja do Carmo, com deslumbrantes solenidades que ficaram gravadas na crônica da Ordem e na história de São Paulo.

São poltronas D. José, de jacarandá, da segunda metade do século XVIII; fazem parte de um conjunto de 32 poltronas e cadeiras de valor inestimável, que se encontram guardadas como preciosas relíquias no Salão Nobre da Ordem 3.^a do Carmo.

gros paulistas, cuja palavra valia por um fio de barba. Foi no Carmo, considerado o ponto mais digno de destaque, que se verificaram os episódios relevantes da sempre curiosa e atraente história paulistana, segundo Raimundo de Menezes.

Muitos bandeirantes e ilustres paulistas foram Irmãos Terceiros do Carmo, como se infere pela relação que apresentamos no final deste capítulo.

No dia 12 de abril de 1846, por ocasião da primeira visita a São Paulo, os Imperadores do Brasil foram recebidos com grandes festas solenes e pomposas, que ficaram na crônica da Ordem e na história de São Paulo; o templo foi tão sumtuosamente decorado que, no dizer de José Maria Martins, então irmão sacristão, jamais a Ordem faria outra festa com tanto esplendor. As poltronas em que se sentaram o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Thereza Cristina estão guardadas no salão nobre como preciosa relíquia, onde se encontram até hoje. Já no dia 5 de março os Imperadores do Brasil haviam acompanhado a pé a procissão do Senhor dos Passos da Igreja do Carmo para a Igreja do Pátio do Colégio, demonstrando suas convicções e profundos sentimentos religiosos.

Leonardo Arroyo diz que era da tradição que no Carmo se realizavam as melhores missas cantadas, as melhores procissões, as mais caprichadas novenas e comemorações da Semana Santa, com a presença de altas autoridades.

As partituras dos cantos religiosos saíam da inspiração do maestro Jesuino de Cassia Lustosa, o maestro Lustosa, "de que ainda existem reminiscências por aí algures, de cantoção que fizeram o encanto acústico de nossos piedosos conterrâneos avoengos", no dizer de Paulo Cursino de Moura. A Igreja do Carmo, durante anos, constituiu-se no verdadeiro dodói da devoção paulistana; dodói merecido dada a simpatia material e espiritual do templo, branco e alegre, sobre a colina que trazia o seu nome.

As procissões, escreve Raimundo de Menezes, constituíram nos primeiros tempos o supremo enlevo dos paulistanos, nossos avós. Havia alguns deles que possuíam até casa no centro da cidade somente para ver a passagem dos cortejos religiosos. Tanto isso é verdade, que as habitações situadas no trajeto das procissões famosas e tradicionais eram de preço bem mais elevado no aluguel. Os cronistas antigos já relatavam essas extraordinárias festas populares. A dos Passos a mais concorrida, depois da do Enterro. Valia a pena assistir a elas.

Conta-nos Antonio Egidio Martins em seu conhecido e muito consultado livro São Paulo Antigo que, "da Igreja do Carmo onde todas as festas eram feitas com muito esmero e capricho, saía an-

tigamente a Procissão do Triunfo a percorrer ás ruas da cidade, carregando as seguintes imagens representando: Jesus no Horto, Jesus na prisão, Jesus atado à coluna, Jesus coroado de espinhos, Ecce Homo, Jesus com a cruz às costas e Jesus no Calvário"; essas imagens eram retiradas dos altares até hoje existentes em nossa igreja.

Era imponente a cerimônia do Lavapés na quinta-feira Santa com a assistência do Diretor Espiritual que conduzia a toalha e enxugava os pés dos Apóstolos.

A respeito das procissões que durante a Quaresma e a Semana Santa se realizavam em São Paulo, desde tempos imemoriais, Antonio Egidio Martins conta-nos ainda que a 18 de fevereiro de 1745 a Mesa Administrativa da Ordem Terceira do Carmo representou ao governador da Capitania de São Paulo, pedindo que não fosse perturbada na sua devoção, por ocasião da saída da procissão dos Passos, que fazia há 64 anos; eis a representação:

"Illmo. exmo Tenente General. — Pertende esta Venerável ordem 3^a de Nossa Sra. do Monte do Carmo desta Cidade de São Paulo Continuar na sua antiga Posse de Secenta e quatro annos defazerê a sua Porcição do Senhor dos Santos Passos na Segunda Cesta fria. da quaresma na forma que Sempre áfaziamos; e Com poderá auer q. m. queira estrouar, Como já quizerão fazer em Vzurpar a Imagê desta ordê de mesmo Sr., que a não ser aprudencia do Tenente General Luis Antonio de Sá Queiroga que abateu os Improuisosa Saltos que nos iam fazendo, e Resultaria em grauê Ruina, Isto o Casionado de huns poucos, ou m.tos homenis que orgulhoam. te nos queriam fazer; e Como nos por obedientes, e Vmildes Vassallos de S Mag. de que Ds. G. Recorremos ao Patrocínio do dito Tenente Gn. al o qual lhes abateu afuria Com o seu bom modo e Capaci. de ficandonos em húa pas e tranquili. de Socegados, de baixo disto Se Recorrerão ao R. do D. or Vigr. o da V. ra ofizemos da Ver de, e por q', estes Seachão Calados emtendemos não terião bom despacho; E a Sim temendonos de algúa Violencia, ou perturbação a Sim antes Como no dia da Porcissam, pedimos Somissos a V. Ex.a queira dignarce abrigar esta Pobre ordê 3^a Com o Seu amparo, Como Príncipe, e Lugar Tenente de S. Mag. de o Viandonos de qualquer peturbassam, q'. qualquer pessoa nos possa fazer, Estrouandonos esta de Vossam; E a Sim Conseguiremos Pas, e Socego p. a melhor Seruirmos ao mesmo Senhor, eaele Rogaremos pella Vida e Saude de V. Exa. p. a

Continuar noSeu bom Goberno Como the ao presente experimentamos.

"Aos pes de V. Exa. nos Vmilhamos Rogando ao Altíssimo S.R.G. de felism.te Contodas as felicidades que oSeu generoso animo deseja.

S. Paulo em Meza 18 de Fevereiro de 1745. — De V. Exa. Umildes Servos — Antonio Monis Maiano, Prior. — Joseph Elias Moreira, Sub-prior. — Aleixo Garvez da Cunha. — Manoel Velloso. — Ignacio de Barros Rego. — Marcos Francisco. — Ignacio Vieira Barros e Fajardo — Francisco Rodrigues dos Santos."

Verifica-se por esta representação da Mesa Administrativa que, pelo menos desde 1681, a Ordem 3^a do Carmo vinha fazendo a procissão de Nosso Senhor dos Passos como até poucos anos realizava desde a data da sua instituição.

Conta ainda Antonio Egidio Martins com detalhes as tradicionais procissões que ora transcrevemos: "A procissão do enterro que antigamente saía à noite da Igreja do Carmo e depois se recolhia à da Sé era também soleníssima e aparatoso; os carregadores do esquife eram sacerdotes que vestiam dalmática, tendo a cabeça coberta com amitos.

Pelas ruas, por onde era costume passar aquela procissão, os respectivos moradores iluminavam as frentes das suas casas com as tradicionais lanternas ou globos, sendo que algumas delas eram iluminadas com velas por dentro das rótulas, as quais, por ordem da Câmara Municipal, foram, em 1874, arrancadas de todas as antigas casas térreas desta capital.

A profissão do enterro, que saía da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, por causa do seu aparato, era mais concorrida do que a que saía da Sé Catedral, pois grande número de pessoas, com empenho, desejavam acompanhá-la, munidas de lanternas ou de tocheiros, e para poder obter estes, tornava-se preciso que o candidato rogasse, antes, a alguns dos irmãos da Ordem ou aos irmãos sacristães, para não esperar a distribuição geral das referidas lanternas e tocheiros, que eram, no meio de empurrões, feitas aos pretendentes, os quais, nessa ocasião, se machucavam, rasgando, alguns, as suas roupas, tal era o desejo de fazer parte do préstido.

Eis como se refere Paulo Cursino de Moura, em seu livro "São Paulo de outr'ora", sobre a Ordem Terceira do Carmo e suas tradicionais festas religiosas: "A Venerável Ordem Terceira do Carmo edificou a sua igreja, obra imperecível de benemerência

cristã, tradicionalmente e sem solução de continuidade, amparada pelo que de mais representativo existe na sociedade paulistana.

À religiosidade do Carmo, como era natural, convergiu toda a atenção do São Paulo do Segundo Império. Ali as melhores Missas cantadas, as melhores semanas santas, as melhores procissões. Em correspondência direta com a Sé e com a Igreja do Colégio, o Carmo dominou nas festividades religiosas. As procissões, principalmente as indispensáveis para o rito da Semana Santa, eram o "clou" da festa. Imponentíssimas. Concorridíssimas. Com cunho oficial, com acompanhamento da nobreza, com os andores e pálios carregados até pelo presidente da Província. A esse propósito estavam sempre na ordem do dia as ciumarias oficializadas, discutidas e apuradas em documentos públicos e pela imprensa, em que cônegos e chantres se misturavam com priores, ouvidores, corregeiros nas mais pueris contendas pelo fato de, na procissão dos Passos ou na do Enterro, o barão de tal não ter sido convenientemente, ceremoniosamente, distinguido com uma cana de pálio da sagrada relíquia.

As procissões tinham a importância e a imponência de festas nacionais. O povo em peso nas ruas. O que se faz hoje é um arremedo do que faziam os nossos avós. As ruas enfeitadas, varridas, passado o ancinho, e depois pétalas de rosa, ramos de alecrim, begônias, jasmim do imperador, magnólias perfumadas, para a passagem do Senhor. Nas casas, iluminação nas platibandas, colchas nas janelas e grades, e pelo ambiente, derramado, um indelével perfume de manjerona e de incenso. Por toda a parte, o inefável enlevo religioso, dominando, embalando os corações e santiificando as almas.

Eram comentários e preferências. O sermão da Paixão ou do Encontro, enaltecido, feito pedacinhos do Céu pela mágica oratória do pregador. O jejum quaresmal obedecido incondicionalmente. Os homens não fumavam na sexta-feira da Paixão. As matronas se abstinham de sobremesas. Alguém passava a pão e água. E não eram beatas. Estas edificantes criaturas se absorviam no mais puro sentimento de religiosidade."

Todos os anos, a 15 de outubro, realizava-se na igreja precedida de novenas, a festa de Santa Teresa de Jesus, fundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços, efetuando-se também no domingo imediato ao 15 de outubro, outra festa em honra da mesma santa, dando-se, à tarde posse à nova Mesa Administrativa que era eleita anualmente.

Hoje a Ordem Terceira já não realiza as celebres procissões, como o fazia até os anos 20 deste século; contudo mantém ainda algumas das suas tradições. O hábito já extinto pela maioria das

ordens terceiras ainda é usado pelos irmãos em todas as Missas e solenidades religiosas. A novena em honra a Nossa Senhora do Carmo, de 7 a 15 de julho e a Santa Missa no dia 16, são realizadas com todo o esplendor e solenidades do ritual antigo; a ladinha a Nossa Senhora, o "Flos Carmeli" e o "Tantum Ergo" são ainda sempre cantados em latim. Como nos tempos antigos temos sempre a satisfação de ver a igreja literalmente cheia de Irmãos Terceiros e fiéis devotos de Nossa Senhora do Carmo; mais de 3.000 pessoas receberam a Sagrada Comunhão e o escapulário ou bêntinho na Santa Missa de 16 de julho deste ano, que foi celebrada por Sua Eminência Reverendíssima Dom Paulo Evaristo Arns, Cardeal Arcebispo de São Paulo.

Damos a seguir a relação de alguns ilustres Irmãos Terceiros falecidos que passaram por este nosso sodalício; damos, apenas, os mais conhecidos dentre os presentes, visto que se fossemos enumerar todos seria necessário um livro especial para esse fim.

Pedro Dias Paes Leme
 Pedro Taques de Almeida
 Pedro Taques de Almeida Paes Leme
 Amador Bueno da Veiga
 Pe. Diogo Antonio Feijó
 Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos
 Libero Badaró
 Brigadeiro Francisco de Paula Macedo
 Dr. Raphael Tobias de Aguiar
 Barão de Monte Carmelo
 Baronesa de Monte Carmelo
 Dr. Antonio Franco da Rocha
 Marquês de Tres Rios
 Brigadeiro Antonio Simplício da Silva
 Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel
 Conselheiro Joaquim Ignacio Ramalho
 Barão de Itapetininga
 Dr. Thomaz Luiz Alvares
 Ana da Silva Prates
 Conde de Prates
 Ana Rita de Souza Pinto
 Comendados Fidelis Nepomuceno Prates
 Condessa de São Joaquim
 Vincondessa de São Joaquim
 Baronesa de São Joaquim
 Comendador Francisco Martins de Almeida
 Comendador Francisco de Paula Santa Barbara

Dr. Antonio Pinto Rego Freitas
João de Souza Amaral Gurgel
Barão de Ramalho
Baronesa Guilhermina Ramalho
Viscondessa de Soutello
Cônego Eugenio Dias Leite
Dr. Brasilio Machado de Oliveira
Dr. Alcantara Machado de Oliveira
Dr. Brasilio Alcantara Machado de Oliveira Neto
Dr. Paulo Setubal
Major Domingos Sertório
Barão de Araraquara
Dr. Francisco Morato
Dr. Estevam Emerich de Rezende
Dr. Manoel J. de Albuquerque Lins
Conselheiro José Ignacio Gomes Guimarães
Conde José Vicente de Azevedo
Dr. Mario de Andrade
Dr. Carlos Morais de Andrade
Comendador Francisco Fortes
Dr. Joaquim Paulino Barbosa Leite
Vicente de Paulo Silvado Alvarenga
Eugenio Bittencourt
Dr. Otavio Leme Ferreira
Dr. Alvaro de Macedo Guimarães
Eugenia de Macedo Guimarães
Sebastião Felix de Abreu e Castro
Prof. Antonio Januario Pinto Ferraz
Conde de Lara
Condessa de Lara
Dr. Raphael Archanjo Gurgel
Esther do Valle Gurgel
Dr. Adolpho Augusto Pinto
Generosa Liberal Pinto
Dom Gastão Liberal Pinto
Albertina Pinto da Silva Prado
Cel. Henrique C. de Azevedo Fagundes
Joaquina Ramalho Pinto de Castro
Conselheiro Manoel Duarte de Azevedo
Baronesa de Jaguara
Barão Raymundo Duprat
Dr. Altino Arantes
Brigadeiro Francisco de Paula Macedo
Francisca Amalia de Araujo Macedo

Cap. Francisco de Assis de Araujo Macedo
 Maria Antonia da Silva Macedo
 Maria Fausta de Macedo Leme
 Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme
 Dr. Theophilo F. da Silva Leme
 Maria da Gloria Leme de Oliveira
 Dr. José Hildebrando da Silva Leme
 Dr. José Sizenando de Macedo Leme
 Maria Bernadete Leme Romeiro
 Dr. Theophilo Maciel
 Maria Esther Leme Maciel
 José Luiz Leme Maciel
 Maria Beatriz Pereira Carneiro Maciel
 Dr. João Quartim Barbosa
 Maria de Lourdes Leme Quartim Barbosa
 Dr. Oswaldo Quartim Barbosa
 Dr. Francisco de Paula Moreira Barbosa
 Francisca Quartim Barbosa
 Cap. Bartolomeu da Rocha Pimentel
 Ursula Franco de Oliveira
 José Ortiz da Rocha
 Escolastica Bueno de Lima
 Tte. Francisco Barbosa Ortiz
 Maria Joaquina da Conceição
 Cap. João José Barbosa Ortiz
 Antonia Maria do Espírito Santo Nascimento
 Maria Joana Ortiz Monteiro
 José Antonio de Oliveira Monteiro
 Comendador Dr. Raul Ortiz Monteiro
 Maria Adelaide Leme Monteiro (D. Nenê)
 Luiz Lopes de Figueiredo
 Adelaide Neves de Figueiredo
 Manoel Vicente da Costa Neves
 Ignacio Pereira Lima
 Dr. Americo Ferreira de Abreu
 Maria Elisa Ferreira de Abreu Leomil
 Maria José Ferreira de Abreu Leomil
 Maria das Dores Ferreira de Abreu Leomil
 Paula Ferreira de Abreu Leomil
 Alaide de Abreu Pereira
 Maly Ferreira de Abreu Leomil Daunt
 Dr. Ricardo Gumbleton Daunt
 Luiz Maria Malheiro
 Dr. Nelson de Mello Malheiro

Dr. José Maria Whitaker
Ministro Firmino Antonio Whitaker
Anna da Luz Whitaker
Desembargador Primitivo de Castro Rodrigues Sette
Desembargador Paulo Passalacqua
Julia Bastos Passalacqua
Maria de Lourdes Bastos Passalacqua Frota
Desembargador José Barbosa de Almeida
Dr. Hildebrando Cantinho Cintra
Dr. Manoel Pacheco Prates
Dr. Olegario Pereira de Almeida
Dr. José Balbino de Siqueira
Dr. Francisco de Paula Vicente de Azevedo
Cecilia Galvão Vicente de Azevedo
Maria Angelina Vicente de Azevedo Franceschini
Dr. Galeno de Revoredo Barros
Maria Lucia Bourchard Revoredo
Dr. Erasmo Assumpção
Dr. Luiz Nazareno Teixeira de Assumpção
Maria Augusta Assumpção
Felicissima Assumpção Lara Campos
Dr. Mario Egydio de Souza Aranha
Condessa Amalia Ferreira Matarazzo
Comendador Paulo Cochrane Suplicy
Comendador Norberto João Antunes Borba
Braulio Silva
Noemia Sampaio e Silva
Brigida Sampaio
Dr. Arthur de Vasconcellos
Maria de Vasconcellos
Dr. Gabriel Dias da Silva
Dr. Ismael Dias da Silva
Maria Amelia Souza Dias da Silva
Dr. Alfredo Pujol
Aurea Sales Pujol
Altamira Guedes Penteado
Barão de Pirapitinguy
Dr. Jayme Rosemburg
Prof. Plinio Paulo Braga
Lucilda Dente Camargo
Dante Vagnotti
Dr. Benedito de Siqueira Ferreira
Angelica de Siqueira Ferreira
Dr. Olavo de Siqueira Ferreira

Dr. João de Siqueira Ferreira
Maria do Carmo Siqueira Ferreira
Ruth Siqueira Ferreira Drumond Costa
Dr. Oscar Drumond Costa
Dr. Eurico Drumond Costa
Jayme Drumond Costa
Baronesa da Bocaina
Dr. Pedro Augusto de Souza Lima
Conde Afonso Celso
Dr. Jeronimo da Cunha
Alice Silveira da Cunha
Julinda Cesar da Silveira
Prof. Dr. Raul Carlos Briquet
Dr. José Cassio de Macedo Soares
Dr. José de Mello Franco
Dr. José Passalacqua Botelho
Dr. José Queiroz Aranha
Monsenhor João Baptista de Carvalho
Dr. João Baptista Pereira dos Santos
Monsenhor Deusdedit de Araujo Silva
João Evangelista de Rego Freitas
Dr. Julio Ferreira Leite
Dr. Antonio de Araujo Novaes
Dr. Luiz Silveira
Dr. Luiz Porto Moretzsohn de Castro
Dr. Mario J. Lacombe
Mario Reys
Dr. Mucio de Oliveira Costa
Angelina Gonçalves Dente
Augusta Andrade Leopoldo e Silva
Dr. Otavio Fagundes
Dr. Oliverio Pilar Mattos
Dr. Orlando Ferreira da Rosa
Dr. Ottonio de Vasconcellos Camargo
Dr. Paulo Barbosa Ervedal
Dom Paulo de Tarso Santos
Dr. Ricardo Guimarães
Dr. Theophilo Pagé de Souza Carvalho
Dr. Virgilio dos Santos Magno
Maria Augusta de Assumpção
Felicissima de Assumpção Lara
Carlota Borges Sampaio Vidal
Margarida Galvão Correa
Dr. Nilo Bresser da Silveira

Julieta Magalhães Silveira
Dalila Barroso de Souza
Maria Dulce Nogueira Garcez
Mathilde de Macedo Soares
Noemy Azevedo Villares
Olga Paiva Meira
Theodora Bayma de Carvalho
Viscondessa Teresa da Cunha Bueno
Virginia Dupré
Dr. Ácacio de Araujo
Comendador Pedro de Magalhães Machado
Cassio Quartim Pereira Lima
Antonio Bernardo Quartim
João Ignácio Pereira Lima
Anna B. Quartim Lima
Dr. Antonio Araujo de Novais Junior
Iria Mota e Silva Novais
Liliana Novais Carvalho Pinto
Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello Filho
Antonio Ildefonso da Silva Junior
Antonio Proost Rodovalho Junior
Dr. Arlindo de Carvalho Pinto
Dr. Arthur Guimarães Junior
Dom Benedito Alves de Souza
Dr. Bento Ezequiel de Saes
Dr. Cicero Bastos
Dr. David Vargas Cavalheiro
Dr. Edgard de Souza
Dr. Decio de Toledo Leite
Dr. Eduardo Prattes da Fonseca
Dr. Erasmo de Assumpção
Dr. Erasmo de Assumpção Junior
Dr. Felipe Nery de Siqueira e Silva
Dr. Fernando Behn Aguiar
Francisco Alves
Dom Francisco de Campos Barreto
Garcia de Moraes Forjaz
Dr. Heitor Gualberto de Oliveira
Dr. José Antonio Pereira dos Santos
Dr. João Baptista de Alencar
Adelaide Ribeiro
José Ribeiro
Antonio Ribeiro
Cesar Seppi

Maria Seppi
 Octavio Seppi
 Dr. Jorge Flaquer
 Dr. João Lelis Vieira
 Joaquim Cosme Pedroso
 Silvia Guimarães Pedroso
 Pedro de Paula Leite
 Maria Candida de Camargo Leite
 Cornelia de Paula Leite Lara
 Maria Paula Leite de Moraes
 Elvira de Castro Fontoura
 Escolástica Cintra Homem de Mello
 Isaltina Leopoldo Vieira
 Barão de Ataliba Nogueira
 Baronesa de Ataliba Nogueira
 Hilda Carneiro Rodrigues Alves
 Hilda Salles de Oliveira
 Eurydice de Azevedo Marques
 Florinda Soares de Mello
 José Vitor Bucione
 Herminia Rosa Bucione
 Dr. Galileu Ferreira Cintra
 Vicente de Paulo Silva do Alvarenga
 Leonor de Araujo Ferreira Cintra de Barros
 Francisca L. de Araujo Cintra.

Pela presente relação de alguns irmãos da Ordem Terceira do Carmo, os senhores leitores verificaram que, como bem afirmaram Raimundo de Menezes, Affonso Taunay, Paulo Cursino de Moura e outros historiadores, "pelo Carmo passaram as figuras mais destacadas, os homens da mais alta projeção, os velhos e integros paulistas, vivendo sempre dirigido e amparado pelo que de mais representativo existia na sociedade paulistana". Pedro Dias Pais Leme, Pedro Taques de Almeida, Pedro Taques de Almeida Pais Leme, Amador Bueno da Veiga, Brigadeiro Francisco de Paula Macedo, Luiz Gonzaga da Silva Leme, Paulo Setubal, Brasílio Machado, Alcantara Machado, Barão Raymundo Duprat, Américo Ferreira de Abreu, Dom Francisco de Campos Barreto, Monsenhor João Deusdedit de Araujo Silva, Monsenhor João Baptista de Carvalho, Mario de Andrade, Firmino Whitaker, Francisco Morato, Estevam E. de Rezende, Pacheco Prates, Pinto Ferraz, Galeno de Revoredo, Raul Briquet e tantos outros merecem, sem dúvida alguma, capítulos especiais com suas biografias; estas, porém, tornariam por demais extenso este livro; fá-lo-emos em outro que será brevemente editado.

CAPÍTULO V

A IGREJA DO CARMO

Dentre os templos de São Paulo, um existe que merece, sem dúvida alguma, toda a nossa veneração especial. A vetusta Igreja da Avenida Rangel Pestana, contando 345 anos de existência, presidiu a vida, o crescimento, a grandeza e a prosperidade da nossa cidade, metrópole soberba e magnífica. Ela é um documento autêntico de piedade e de religião dos nossos antepassados, que significa o sentimento religioso de nossa gente e valoriza o nosso patrimônio histórico; bem representa os traços, a fisionomia e a fé cristã dos nossos maiores, concretizados para a posteridade.

Nas suas paredes argamassadas pelos suores dos cristãos fiéis, estão incrustadas preces que ainda falam a Deus, dia e noite. Nas suas linhas entrelaçam-se a arte, o engenho, o encanto que lhe dão o relevo da estética. Cheia de nobrezas e de altos brasões é a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, conhecida simplesmente como Igreja do Carmo.

Ela é a mais perfeita e lídima expressão arquitetônica do estilo colonial e da arquitetura barroca; é a mais legítima expressão da religião católica; nasceu na fé, e na fé se inspirou; é uma das poucas reminiscências da grandeza e do fausto de São Paulo antiga; é uma riqueza do nosso paupérrimo patrimônio artístico.

A Igreja do Carmo é o retrato de uma fase da vida de São Paulo ligada historicamente à formação da cidade. Ela assistiu aos desdobramentos da sua pujança e figurou com o maior destaque em todos os acontecimentos e em todas as vicissitudes por que passou esta cidade fundada por Manoel da Nóbrega. Nela celebraram-se pomposamente os diversos episódios do primeiro e segundo Impérios e da República. Os seus sinos repicaram festivamente na Independência do Brasil e na Proclamação da República.

No dia da proclamação da Independência foi visitada por D. Pedro I.

No dia 12 de abril de 1846 recebeu com deslumbrantes solenidades o Imperador do Brasil, D. Pedro II, e a Imperatriz D. Thereza Christina; as poltronas em que eles se sentaram estão até hoje guardadas no Salão Nobre como preciosa relíquia.

Nela foram sepultados os fundadores da Ordem, bandeirantes, Pedro Dias Pais Leme, Pedro Taques de Almeida, Brigadeiro Francisco de Paula Macedo, Padre Diogo Feijó, Libero Badaró e muitos outros ilustres Irmãos Terceiros do Carmo.

Nela celebraram-se as mais célebres e empolgantes novenas, tríduos e festas religiosas; dela saíram as conhecidas procissões que tinham a importância e a imponência de festas nacionais às quais o povo acorria com fervor e patriotismo.

A sua construção teve início no ano de 1632, ao lado da Igreja do Carmo dos Padres Carmelitas, na Esplanada do Carmo, depois do Largo do Carmo, hoje Avenida Rangel Pestana. Reinau gloriosamente o Santo Padre Urbano VIII; D. Felipe III (IV da Espanha), era, então, Rei de Portugal. Segundo a História, foi construída em poucos anos graças às generosas contribuições dos primeiros irmãos da nossa Ordem.

Descrever a impressão que causa esse grande templo e as suas belezas é tarefa assaz difícil e só as fotografias podem prestar valioso auxílio, como as que inserimos neste histórico.

Na fachada principal, de muita simplicidade, vê-se um ático composto por um frontão revoluteado barroco, tendo ao centro o emblema da Ordem 3^a do Carmo em alto relevo sobreposto a uma envassadura; encimando o ático uma cruz de granito flanqueada por dois coruchéus.

É soberbo de magnificência o altar-mor barroco de grande valor pela elegância das formas, severidade das linhas, beleza e sobriedade nos ornatos, perfeição e harmonia em todas as suas partes, erguendo-se numa ascenção para o céu, onde está entronizada a Padroeira do Carmo; garnecido por duas colunas de cada lado, com suas bases, fustes e capitéis cheios de lavores, entre elas estão incrustados os nichos que sustentam as imagens dos grandes santos carmelitanos São João da Cruz e Santa Teresa; salienta-se bem ao alto o emblema da Ordem Carmelitana, magnificamente decorado; o barroco exaltado pelos entalhes dourados apresenta uma elegância incomparável; suas linhas estilizadas traduzem toda a veneração dos fiéis e dão uma característica especial às solenidades do culto.

A capela-mor é separada da nave por um arco em semi-círculo que sustenta riquíssima sanefa notável pela exuberância de-

corativa, em cujo centro está afixado o emblema da Ordem Carmelitana, simbolizando as suas belezas místicas e espirituais; pintados a ouro os seguintes dizeres: "IN HONOREM BEATISSIMAE VIRGINIS MARIAE DE MONTE CARMELO".

Magníficos são os sete altares laterais que se erguem sob a nave, trabalhos de insignes artistas, dedicados à Paixão de Jesus Cristo, com as respectivas imagens representando a partir do lado direito: 1º, JESUS NO HORTO; 2º, JESUS NA PRISÃO; 3º, JESUS ATADO À COLUNA; 4º, JESUS COROADO DE ESPINHOS; 5º, ECCE HOMO; 6º, JESUS COM A CRUZ ÀS COSTAS; 7º, JESUS NO CALVÁRIO. Este último altar foi mandado construir em 1684, e oferecido pelo Irmão Terceiro Pedro Taques de Almeida, Capitão-mor e Governador da Província de São Paulo; em 1803 foi retirado e colocado no Consistório, permanecendo somente a cruz. Em 1886 foi retirado do Consistório e instalado na Capela do Cemitério, onde hoje se encontra.

Cortados em preciosa madeira erguem-se os dois púlpitos — as tribunas sagradas; ostentam finos lavores nos relevos; nelas pregaram os grandes oradores sacros Monsenhor Camilo Passalacqua, Pe. Julio Maria, Frei Francisco Mont'Alverne, Pe. Luiz Gonzaga Cabral S. J., Pe. João Gualberto, Pe. José Danti S. J., Pe. Madureira S. J., Pe. Arlindo Vieira S. J., Pe. Mestre Peres, Pe. Bernardo Cabrita, D. Sebastião Leme, D. Lino Deodato de Carvalho, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, D. José Camargo Barros, D. Duarte Leopoldo e Silva, D. Jayme de Barros Camara, D. José Gaspar Afonseca, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, D. Paulo de Tarso Santos, D. Gastão Liberal Pinto, D. Agnello Rossi, Monsenhor Manfredo Leite, D. Paulo Evaristo Arns e outros notáveis pregadores da Igreja.

Ilustra o forro pomposo e exuberante da capela-mor belíssima pintura de Pedro Alexandrino (1730-1810) executada em 1760 pelo genial artista, simbolizando a condecoração de Santa Teresa com um colar de rosas pela Virgem Maria e seu Divino Filho. O forro da nave guarda cumentamente a pintura dos quatro Evangelistas, dos Doutores da Igreja e dos Santos da Ordem Carmelitana, feita em 1798 pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo ... (1764-1818), que é inegavelmente um quadro dos mais lindos da arte pictórica brasileira. O painel central da nave foi pintado em 1899, por Pedro Alexandrino, o Moço (1860-1941).

Releva notar a beleza das doze tribunas com as respectivas sanefas e balaustrades lavrados em nogueira, caprichosamente tallados e cinzelados por mãos de exímios artistas, e os vitrais evocando Nossa Senhora do Carmo, Santa Teresa e São João da Cruz.

Expostas à veneração dos fiéis, encontram-se assentados em nichos encimados por ricas sanefas as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Santo Antônio, São Vicente de Paulo, São José, São Judas Tadeu, Santa Teresinha, São João Evangelista e Nossa Senhora das Dores.

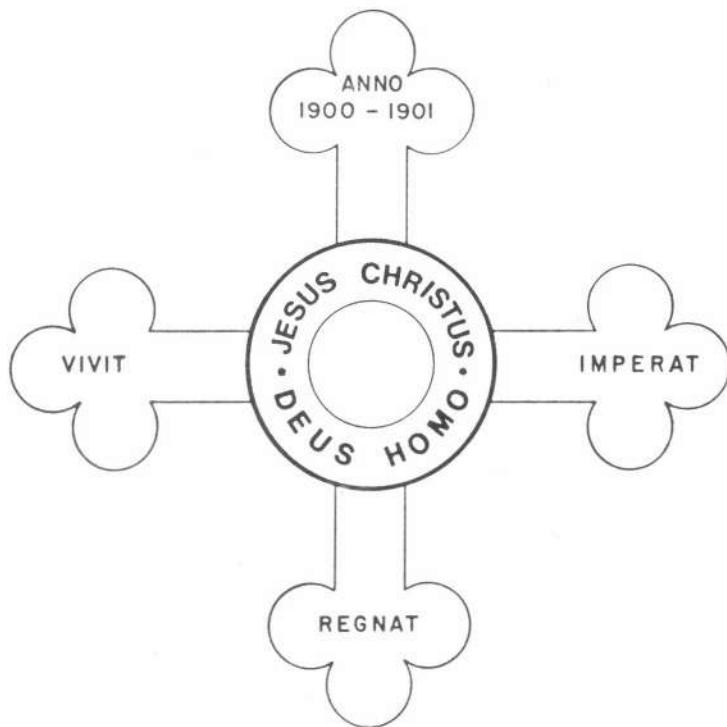
O portal e as portas internas, solenes, majestosas, o cadeiral e todas as cadeiras do Salão Nobre, são lavradas no nobre e aristocrático jacarandá da Bahia. O pavimento é parte do mesmo jacarandá e parte de mármore.

Na entrada do templo está assentado, na parte superior, um grande órgão.

O altar-mor, os altares laterais, os balaústres estão todos encimados por artísticas sanefas talhadas em madeira e revestidas com folhas de ouro. Belíssima é a lâmpada grande artisticamente lavrada em prata, suspensa entre o altar-mor e a nave central.

Ornam ainda sobremaneira a Igreja onze luminárias de bronze, três grandes lampadários, castiçais, candelabros, credências, crucifixos e mobiliários trabalhados a mão e de grande valor artístico.

Nas paredes vêem-se incrustadas três lápides comemorativas lavradas em mármore; uma em forma de cruz referente à passagem do século, que se acha na parte interna, ao lado direito, sob o púlpito, conforme segue:



outra que se acha na parede ao lado direito do portal, com os seguintes dizeres em língua latina que traduzimos:

"Para perpétua memória do 601º aniversário, que se passa felizmente neste ano, da Aparição de Maria Santíssima Virgem e Mãe, entregando a S. Simão Stock o sagrado Escapulário Carmelitano, como sinal de sua celestial predileção para com os que o trazem piedosa e devotadamente; os Terceiros da Ordem Carmelitana desta Cidade de São Paulo, jubilosos e em ação de graças, colocaram esta Lápide, no ano do Senhor, de 1901, no dia 16 de julho."

Outra que se acha na parede ao lado esquerdo do portal, com os seguintes dizeres em latim, cuja tradução é a seguinte:

"Para perpétua memória de todas as solenidades que, durante o ano jubilar, 50º da definição dogmática da Conceição da Santíssima Virgem Maria, celebramos pia e devotamente, nesta Igreja, com grande concurso de fiéis, e os sufrágios pelas almas da Conceição da mesma Mãe de Deus e também dos Sumos Pontífices Pio IX e Leão XIII, com todo o coração e com ânimo filial, esta Lápide. Em S. Paulo, 10 de dezembro de 1904."

Os forros da sacristia e da biblioteca ostentam orgulhosamente pinturas de José Patrício da Silva Manso e do Padre Jesuíno, representando respectivamente o recolhimento de Santa Teresa e a Ressurreição de Lázaro.

No corredor lateral da igreja estão afixados 19 quadros representando a vida de Santa Teresa, de autoria do mesmo Padre Jesuíno, pintados na primeira década do século XIX.

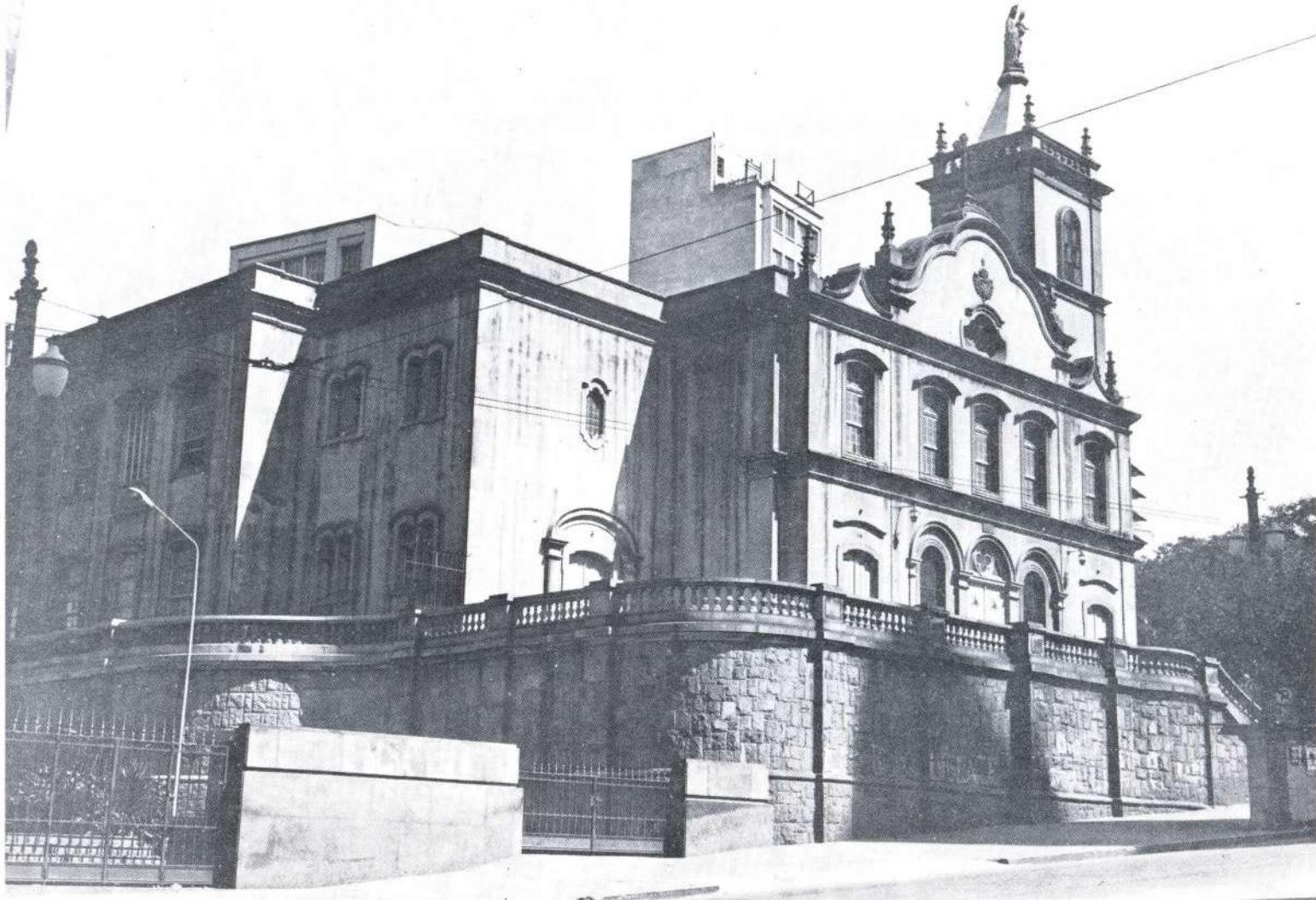
Na quietude da cripta, situada sob a sala da biblioteca, descansam os restos mortais de 51 irmãos falecidos até o ano de 1858,

e dos saudosos Diretores Espirituais Monsenhor Dr. Camilo Pas-salacqua e Monsenhor Manfredo Leite para lá transladados a 12 de junho de 1976.

A torre deste maravilhoso templo de Deus sobe para o azul do firmamento e dentro dela estão os sinos de bronze doados por irmãos terceiros, chamando a cidade para o culto divino.

A opulência paulista está largamente representada nesta igreja a dominar a cidade tumultuosa que se vai pejando de arranha-céus.

Eis, nestas poucas linhas, a descrição desse maravilhoso templo, patrimônio da história, de arte e de fé, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que nós, terceiros carmelitas, humildes servos de Deus, o conservamos carinhosamente desde 1632 com os nossos recursos próprios, sem ajuda de quem quer que seja, para mostrar ao Brasil e à cristandade nossos foros de crença três vezes secular, e dizer à geração de agora e às gerações futuras que o segredo propulsor da grandeza do nosso sodalício descansa na brasa da nossa fé em Deus e crença na Igreja Católica para a qual sempre trabalhamos e continuaremos a trabalhar sem cessar.



Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, na avenida Rangel Pestana, n.^º 230, hoje cercada por arranha-céus. Foto de 1975.



Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, na avenida Rangel Pestana, n.^º 230; vêem-se à esquerda os fundos do Colégio do Carmo, desapropriado pelo Metrô e demolido em 1976. Foto de 1975.



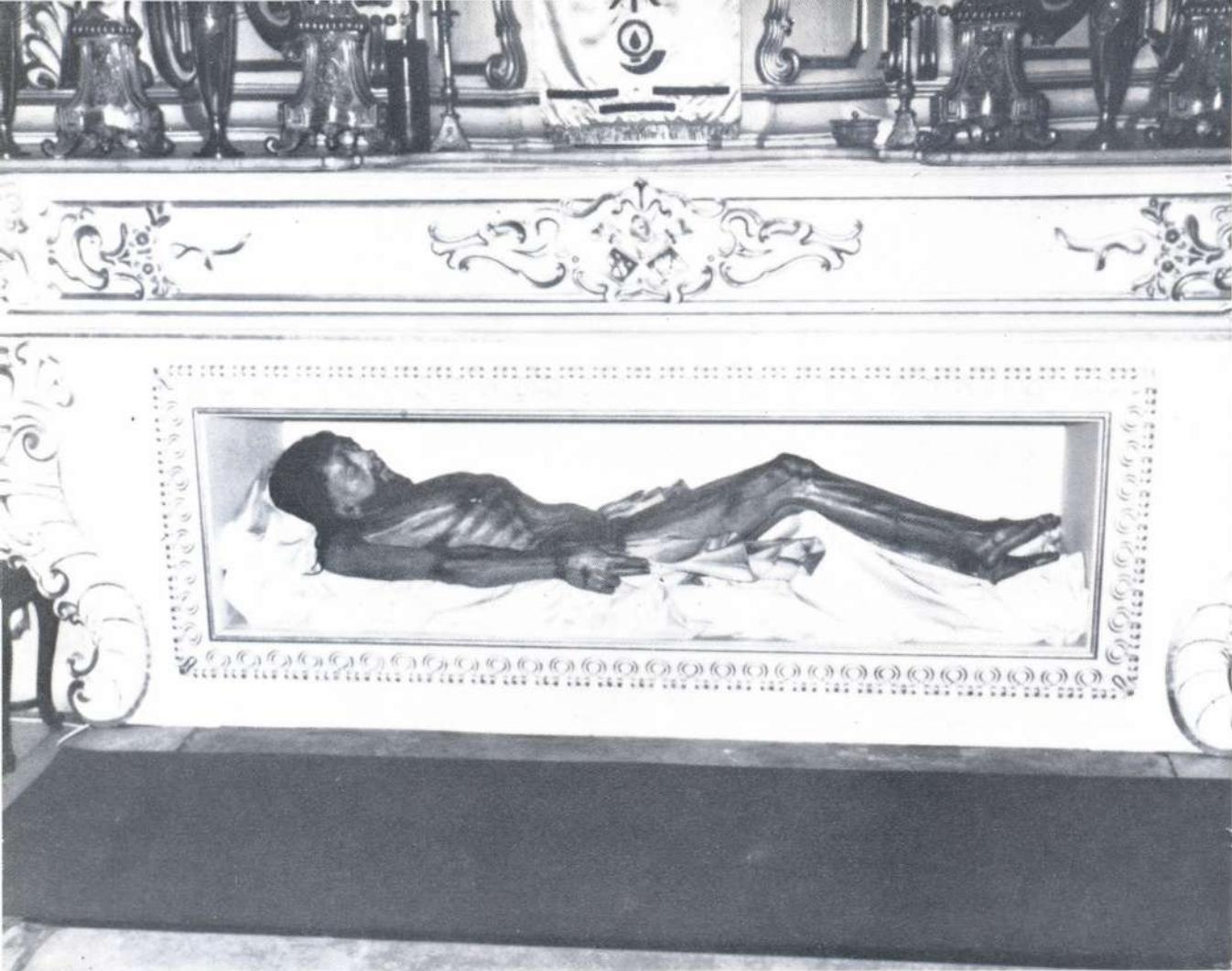
Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo. Terceiros Carmelitas revestidos de seus hábitos, assistindo à Missa. Foto de 1975.



Terceiros Carmelitas na capela-mor da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo; na frente vê-se o Diretor Espiritual da Ordem, Cônego José Pascoal Christofaro. Foto de 1975.



Painel do forro da capela-mor da Igreja da Ordem 3.^a do Carmo, pintado em 1760 pelo genial artista Pedro Alexandrino (1730-1810), simbolizando a entrega de um colar de rosas a Santa Teresa, pela Virgem Maria e seu Divino Filho.



Impressionante imagem do Senhor da Agonia. Chegou de Lisboa no mês de abril de 1735, com todo o seu esplendor. Entrou na Igreja do Carmo, trazida triunfalmente pelos Terceiros Carmelitas. Foi carregada sob o pátio nas memoráveis procissões da Ordem. Essa belíssima imagem está até hoje colocada no nicho do altar da capela-mor da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo.



Nave da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo; o forro foi pintado pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo, em 1798; o painel central é de autoria de Pedro Alexandrino, o Moço (1860—1941), datado de 1899.



Interior da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo. Os sete altares laterais da nave são dedicados à Paixão de Jesus Cristo, com as respectivas imagens representando: 1.^º, Jesus no Horto; 2.^º, Jesus na prisão; 3.^º, Jesus atado à coluna; 4.^º, Jesus coroado de espinhos; 5.^º, Ecce Homo; 6.^º, Jesus com a cruz nas costas; 7.^º, Jesus no Calvário. Essas imagens eram transportadas ao ombro pelos Irmãos Terceiros, nas memoráveis procissões que tiveram início em 1681, e foram realizadas até a 2.^a década do século XX.



Detalhes do forro da nave da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, pintado em 1798 pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo; o painel central foi pintado em 1899 por Pedro Alexandrino, o Moço (1860—1841).



Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo,
pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo (1798).



Os quatro Evangelistas; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo (1798).



Santas da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo (1798).



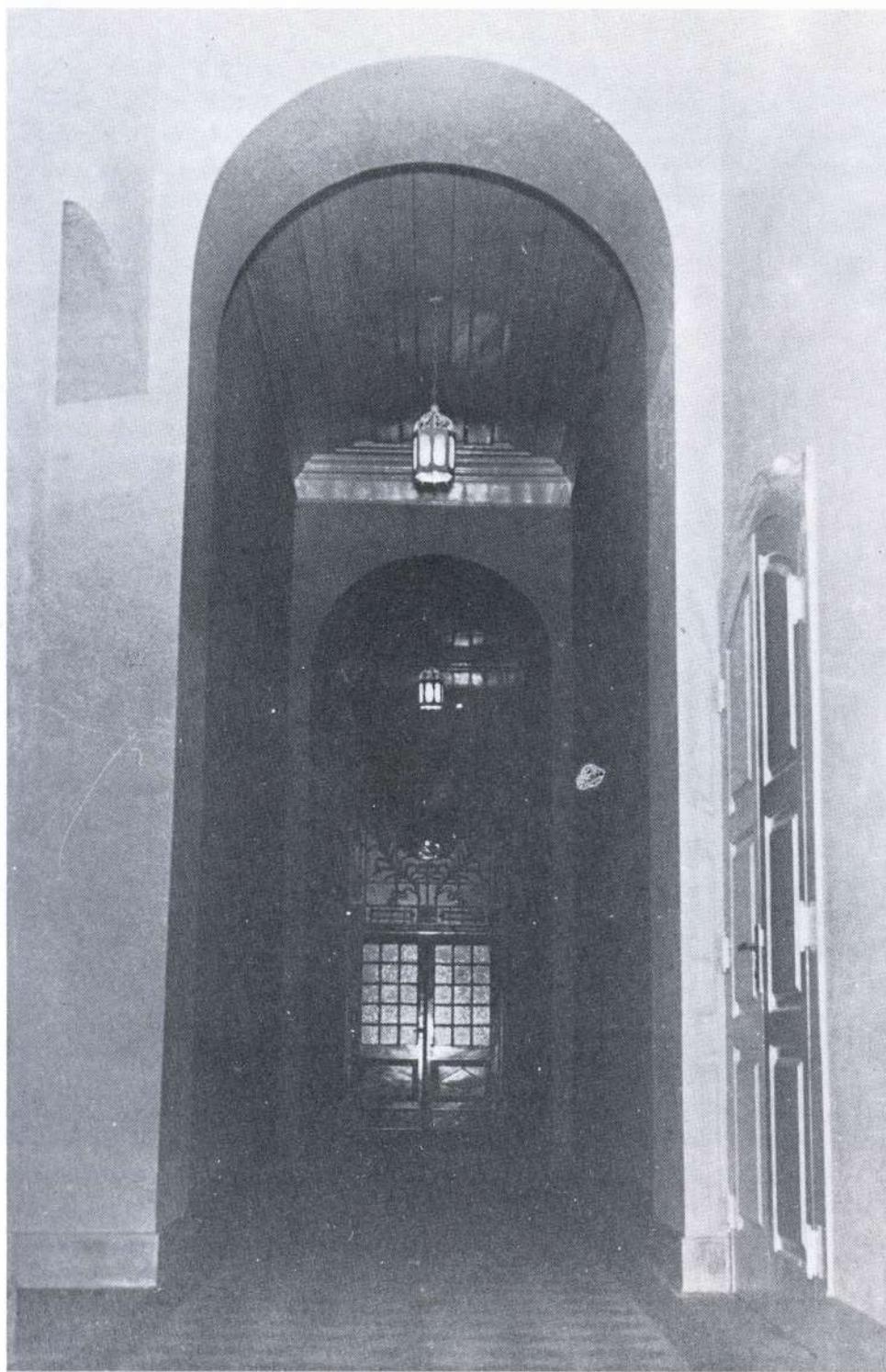
Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo. (1798).



Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo. (1798).



Santos da Ordem Carmelitana; pintura do forro da nave da Igreja do Carmo, pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo. (1798).



Corredor da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, que dá acesso à Sacristia e às demais dependências da parte lateral.

CAPÍTULO VI

REFORMAS DA IGREJA DO CARMO

*H*istoriadores referem-se a miude às reformas da Igreja do Carmo; mas, por mais estranho que pareça, nenhum esclareceu em que consistiram essas reformas, citando unicamente os anos em que teriam sido feitas.

Queremos de uma vez por todas deixar bem claro em que consistiram as reformas; para tanto vamos preliminarmente descrever a Igreja e suas dependências, visto que a Igreja propriamente dita ocupa apenas um terço da área de toda a construção que se chama Igreja do Carmo.

O altar-mor, a nave e a sacristia compõem o corpo da Igreja propriamente dita, com a porta principal de entrada pela Avenida Rangel Pestana.

As suas dependências com área de construção muito maior que a própria Igreja são: dois corredores laterais; um do lado direito que dá para a rua do Carmo, outro do lado esquerdo que confina com o prédio da Secretaria da Fazenda; o corpo do lado esquerdo, com entrada pela Avenida Rangel Pestana, n. 230, contém um pequeno "hall", sala onde funciona o Ambulatório Nossa Senhora do Carmo, um grande salão de vestiário dos Irmãos, sala do café, e o salão da "Biblioteca Monsenhor Passalacqua", e mais um pequeno quarto; no sub-solo a cripta. No andar superior existe um "hall", sala da Secretaria, sala da Tesouraria, Salão Nobre e mais um grande "hall" que dá acesso ao Consistório e finalmente dois quartos grandes e mais um pequeno no sótão. Pelas fotos e planta anexas poder-se-á ter uma idéia precisa sobre a Igreja do Carmo.

A sacristia e o corredor que davam para a rua do Carmo sofreram redução, ficando apenas o atual depósito, como se infere pela escritura de compra e venda, lavrada aos 27 de abril de 1911, a

folhas 44 do livro n. 75 do Tabelionato Pompeu de Toledo, Sexto Tabelião de Notas da Comarca; por esta escritura o então Prior Doutor Adolpho Augusto Pinto, devidamente autorizado por deliberação da Mesa Conjunta (Assembléia Geral) tomada em sessão do dia 9 do mesmo mês, "vendeu à Câmara Municipal de São Paulo uma faixa de terreno do edifício da igreja, ao longo da rua da Boa Morte (hoje rua do Carmo), necessária para a retificação do alinhamento desta rua, que confronta pela frente com o atual alinhamento da igreja e do prédio anexo, pelos fundos com o novo alinhamento que, partindo do canto do largo do Carmo com a rua da Boa Morte, vai encontrar a linha da frente dos prédios desta rua, que estão no seu alinhamento definitivo, pelo extremo lateral do referido prédio do ginásio com a rua da Boa Morte, onde há um recanto, não interessando a área ora adquirida à torre, nem à nave da Igreja"; a Câmara Municipal de São Paulo foi representada pelo então Prefeito de São Paulo, Barão Raymundo Duprat, que pagou pela desapropriação Rs. 100:000\$000 (cem contos de réis); o Barão Raymundo Duprat era também Irmão Terceiro do Carmo.

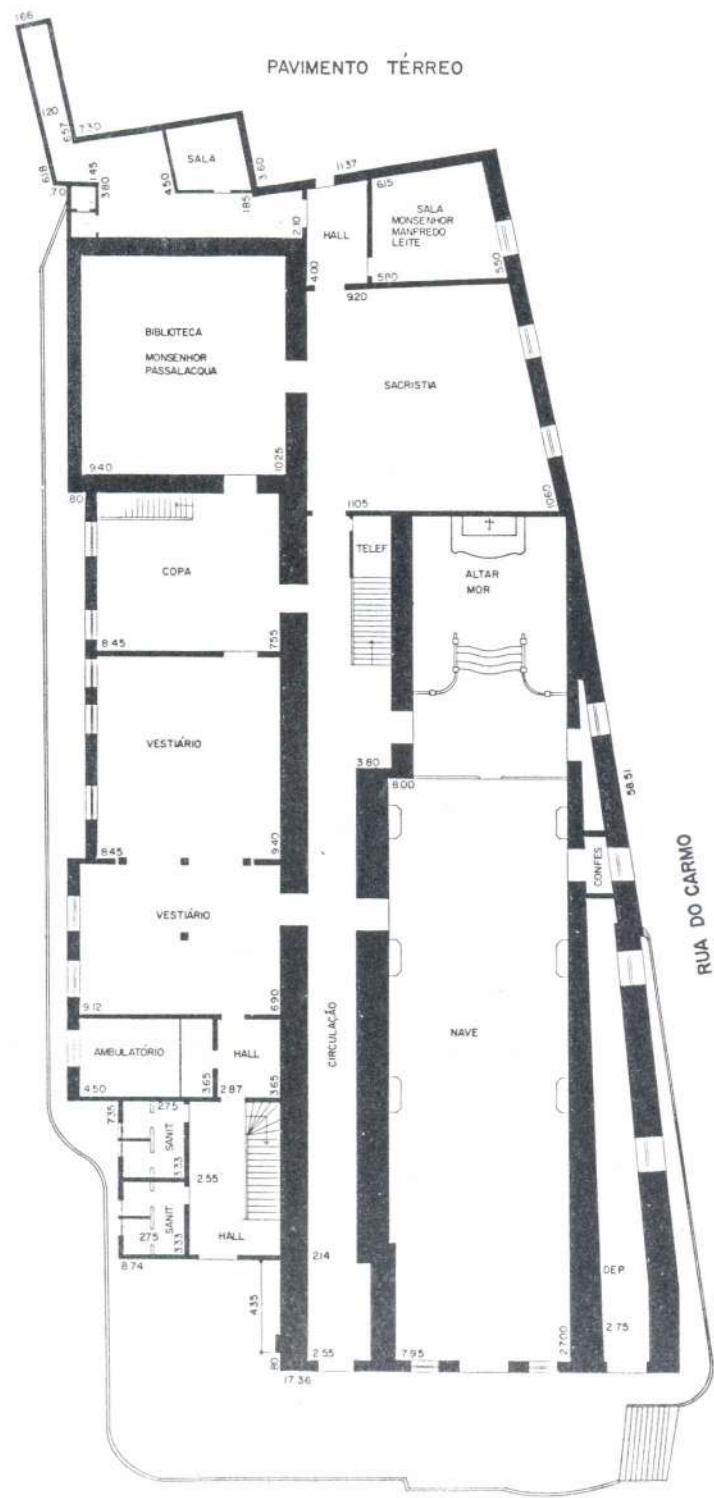
Nas fotografias antigas e atuais da Igreja que ilustram este capítulo nota-se visivelmente a redução da sacristia e do corredor que ficou sendo o atual depósito.

Após a demolição do nosso vizinho, o antigo Convento do Carmo, a parte lateral de nossa igreja que com ele confinava, ou seja, a parte hoje ocupada pelo ambulatório, salão de vestiário, a sala da "Biblioteca Monsenhor Passalacqua", e mais a área correspondente na parte superior, achava-se, em 1958, ameaçada de ruir, em consequência das obras do edifício da Secretaria da Fazenda do Estado que abalaram profundamente não só essa parte como também a estrutura geral da Igreja que chegou a sofrer ligeira inclinação e inúmeras rachaduras, ao ponto de serem necessários serviços urgentes de estaqueamento e amarração, cujo custo atingiu naquela época a cinco milhões de cruzeiros. Eram inadiáveis os serviços de restauração dessa parte; resolveu então a Mesa Administrativa entregar os trabalhos de reconstrução dessa parte lateral ao famoso professor, Dr. Luiz de Anhaia Mello, que procedeu à demolição e reconstruiu totalmente essa parte lateral, não atingindo sequer o corredor e menos ainda o corpo da igreja. O custo final dessas obras foi de Cr\$ 30.180.472,60.

Concluímos deixando bem claro que a Igreja teve apenas as seguintes reformas: no local onde estavam colocados os sinos foi levantada, em 1900, a atual torre. Das três portas com grade, existentes na entrada, foi mantida somente a central, e trocadas

as grades de ferro pela atual porta de madeira; as duas portas laterais foram transformadas nas atuais janelas. No ano de 1924 o piso da Igreja foi reconstruído em toda a sua extensão, parte em mármore e parte em madeira; e sempre foram feitos os serviços próprios de manutenção do madeiramento e da pintura, sem nenhuma alteração na estrutura e nos ornatos, conservando-se, portanto, a Igreja do Carmo, na sua integridade desde a sua fundação.

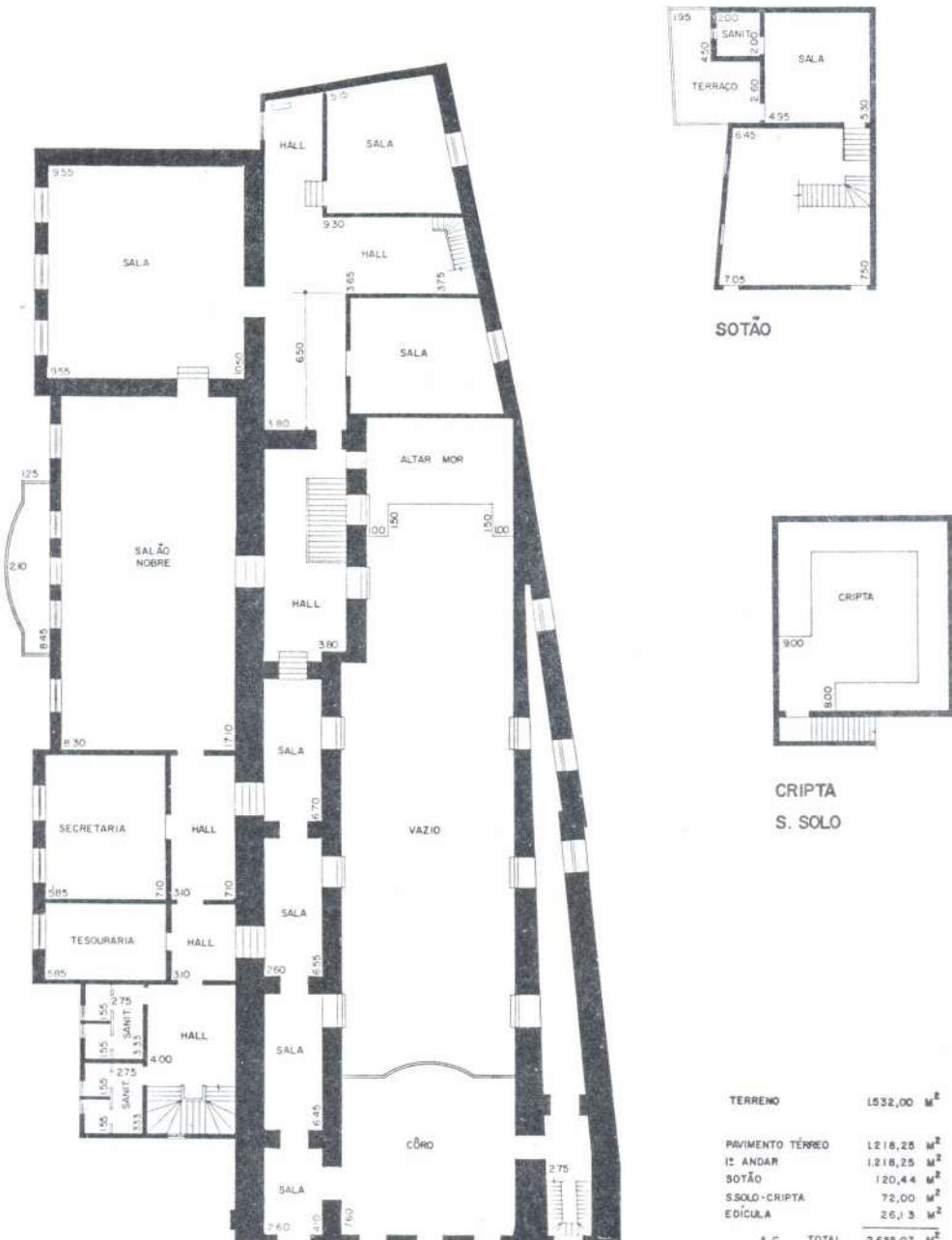
SECRETARIA DA FAZENDA



AV. RANGEL PESTANA

Planta da Igreja do Carmo, da Ordem 3.^a do Carmo.

1º ANDAR

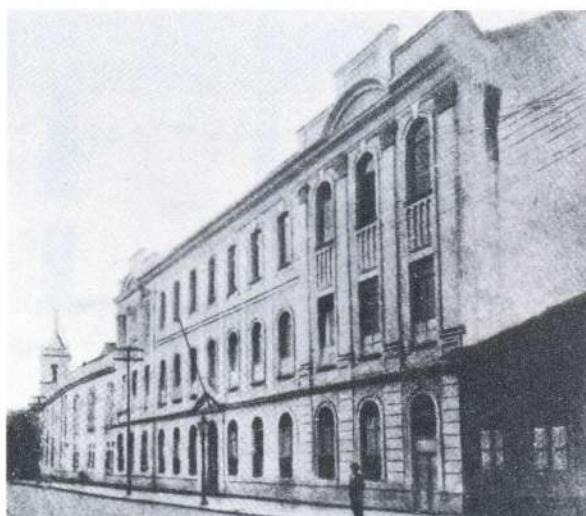


Planta da Igreja do Carmo, da Ordem 3.^a do Carmo.



Situação em que se encontravam o corredor e a sacristia da Igreja do Carmo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, avançados sobre a rua da Boa Morte, hoje rua do Carmo; uma pequena faixa de ambos foi vendida à Câmara Municipal de São Paulo em 27.04.1911, para o indispensável alargamento da rua, que ficou depois na situação em que se vê nas fotos abaixo, e como se encontra até hoje. Foto de 1900.

Fotos da Igreja do Carmo e do Colégio do Carmo, tiradas no dia 1.^º de dezembro de 1912, por ocasião da inauguração do colégio, na qual se vê a rua da Boa Morte já alargada, hoje rua do Carmo.



CAPÍTULO VII

COMISSÁRIOS DA ORDEM 3.^a DO CARMO DESDE 1856

Comissário era o antigo nome do sacerdote diretor espiritual dos Irmãos Terceiros; esse nome foi sempre consagrado em todos os estatutos das Ordens Terceiras Carmelitanas do Brasil. A nossa Ordem Terceira adotou o nome de Comissário até o ano de 1957, quando por determinação da Regra Carmelitana passou a chamar-se Padre Diretor, em uso até hoje.

Damos a seguir os nomes dos Diretores Espirituais da Ordem somente a partir de 1856, pois os anteriores são desconhecidos dentre os presentes.

Padre ANTONIO DE ARAUJO MUNIZ — 1856/1871

Em 11 de agosto de 1856, o Pe. Antonio de Araujo Muniz foi nomeado Comissário da Ordem por três anos, pelo Frei Antonio Inácio do Coração de Jesus. Ao terminar o seu mandato, a Mesa Administrativa, na sessão de 31 de outubro de 1859, resolreu aprovar a continuidade do Padre Comissário por tempo indeterminado, motivo pelo qual exerceu suas funções até 1871.

Frei MANOEL DA ASCENÇÃO FRANCO — 1871/1873

Em 10 de dezembro de 1871, Monsenhor Felix Maria de Freitas e Albuquerque, Visitador Apostólico, assinou a patente de Comissário a favor de Frei Manoel da Ascenção Franco.

Cônego JERONIMO PEDROSO DE BARROS — 1873/1875

Em 18 de novembro de 1873, o então Comissário, Frei Manoel da Ascenção Franco, escreveu à Ordem comunicando não mais poder continuar a exercer as suas funções, por estar ocupando as de Conventual no Convento do Carmo do Rio de Janeiro;

diante disso a Mesa Administrativa confirmou o Subcomissário Cônego Jeronimo Pedroso de Barros, no cargo de Comissário interino, no qual permaneceu até 1875.

Padre ANTONIO JOAQUIM DE SANT'ANA — 1875/1881

Em 24 de julho de 1875, foi concedida a patente de Comissário ao Padre Antonio Joaquim de Sant'ana, que exerceu o cargo até 1881.

Cônego ANTONIO GUIMARÃES BARROSO — 1881/1890

A 8 de maio de 1881 foi empossado no cargo de Comissário, por ordem do visitador Apostólico, o Cônego Antonio Guimarães Barroso.

Digno de destaque foi o fato de que no dia 26 de novembro do mesmo ano, o Santo Padre, o Papa Leão XIII, submeteu todas as ordens religiosas aos Bispos do lugar — “ordinarii loci”.

Cônego VICENTE DE MELLO CESAR — 1890/1892

Em 30 de novembro de 1890, exonerou-se o Cônego Antonio Guimarães Barroso, assumindo o cargo de Comissário o Cônego Vicente de Mello Cesar, ocupando-o até 1892.

Monsenhor Doutor CAMILO PASSALACQUA — 1892/1920

Em 29 de fevereiro de 1892, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho nomeou o então Padre Doutor Camilo Passalacqua Comissário da Ordem, cargo que exerceu até o seu falecimento ocorrido em 12 de junho de 1920; no dia seguinte o Pe. Bernardo Cabrita, Subcomissário da Ordem, foi nomeado Comissário pelo Cônego Dr. João Martins Ladeira, Chanceler do Arcebispado, até que tomasse posse o novo Comissário que deveria ser nomeado.

Monsenhor MANFREDO LEITE — 1920/1969

No dia 25 de julho do mesmo ano de 1920, Dom Duarte Leopoldo e Silva nomeou Comissário o então Cônego Manfredo Leite, que dirigiu o Sodalício até 18 de março de 1969, quando faleceu.

Cônego JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO — 1969

Com o falecimento do Monsenhor Manfredo Leite, o Cônego José Pascoal Christofaro, então Subdiretor, assumiu interinamente o cargo de Padre Diretor na forma do artigo 13 do Estatuto. Na reunião extraordinária de 23 de março a Mesa Administrativa in-

dicou ao Frei Angelino Wissink, Provincial Carmelitano e a Sua Eminência Dom Agnelo Rossi, DD. Cardeal Arcebispo de São Paulo, o nome do Cônego José Pascoal Christofaro, um dos vultos proeminentes do clero paulista, que como Subdiretor já vinha dedicando um carinho inexcedível à nossa Ordem, conquistando a amizade e a estima de todos.

Em conformidade com o disposto nos artigos 11 e 12 do Estatuto que rege a nossa Ordem, o Revmo. Provincial Carmelitano expediu em 27 de março o decreto de nomeação, que foi confirmado, no dia 29, por Sua Eminência o Cardeal Dom Agnelo Rossi.

No dia 30 de março, o Cônego José Pascoal Christofaro, em sessão extraordinária da Mesa Administrativa, tomou posse solene do cargo de Padre Diretor da Ordem Terceira do Carmo, à testa do qual se encontra até hoje.

CAPÍTULO VIII

CÔNEGO JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO

O saudoso Monsenhor Manfredo Leite foi sucedido a 19 de Março de 1969 pelo então Padre Subdiretor, Cônego José Pascoal Christofaro. De tal forma ele se identificara com o Monsenhor Manfredo Leite, que os dois dignos Ministros do Evangelho, como os primeiros cristãos, pareciam um só coração e uma só alma. Durante os dez anos em que trabalharam sempre juntos, sem ter havido entre eles o menor atrito, a mínima dissensão, puderam realizar os ideais religiosos da Ordem.

O Cônego Christofaro conta na Ordem Terceira do Carmo um amigo em cada Irmão, tem atraído em torno de si simpatia e conquistado boas amizades. É que o zeloso Ministro de Deus, vem-se impondo pelo talento, pelas virtudes, ilustração pouco vulgar, e sobretudo, pela distinção de maneiras que a todos cativam à primeira vista.

S. Excia. Revma. é um espirito privilegiado, e de grande projeção dentre os sacerdotes dignos desta Arquidiocese, como veremos pelo seu “curriculum vitae” que passamos a descrever.

Nasceu em São Paulo no dia 19 de março de 1928. São seus pais Sr. Francisco Christofaro e D. Malvina Del Reio Christofaro.

Aprendeu as primeiras letras no Grupo “Campos Salles” de São Paulo e no Grupo Escolar “Cesário Motta” de Itú; admissão no Externato São José do Patrocínio de Itu; curso de humanidades no Seminário Menor de Pirapora. Os cursos de Filosofia e Teologia foram realizados no Seminário Central do Ipiranga, sendo depois ordenado sacerdote pelo Bispo Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, no dia 8 de dezembro de 1952, na Catedral Provisória Igreja de Santa Ifigênia.

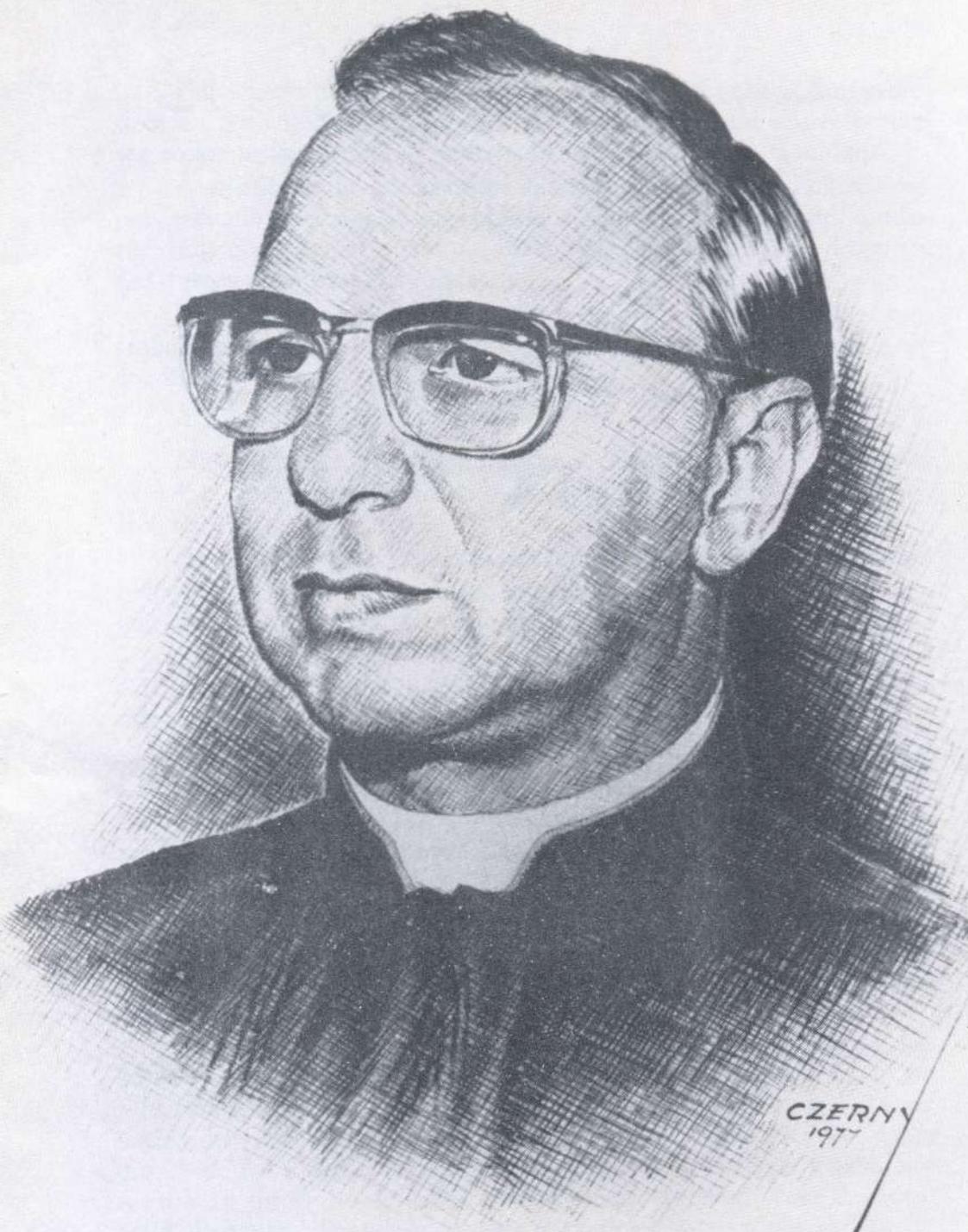
Em 1968 cursou a Escola Superior de Guerra (ADESG) onde foi diplomado.

Dentre os cargos que exerceu salientam-se os seguintes: foi Professor do Seminário de Aparecida do Norte; Professor e Ministro do Seminário Central e da Faculdade Teológica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Vigário Cooperador da Catedral de São Paulo; Diretor da Rádio 9 de Julho; Catedrático do Cabido Metropolitano; Diretor Arquidiocesano do Apostolado da Oração; Diretor Arquidiocesano da Federação das Filhas de Maria; Diretor Assistente Eclesiástico das Equipes de Casais de Nossa Senhora; Assistente Eclesiástico da Aliança Eleitoral Católica; Assistente Eclesiástico do Movimento Familiar Cristão; Assistente Eclesiástico das Mães Cristãs; Padre Subdiretor da Ordem Terceira do Carmo; Diretor da Congregação Mariana do Ginásio do Estado; Capelão do Carmelo de Aparecida do Norte; Capelão das Missionárias de Jesus Crucificado; Capelão das Irmãzinhas da Imaculada Conceição; Juiz do Supremo Tribunal de Apelação; Secretário do Colendo Cabido Metropolitano, e Vigário da Paróquia do Bom Jesus do Brás.

Dentre as condecorações recebidas são dignas de menção a Medalha de Mérito de Tamandaré da Marinha e a Gran Cruz de Jerusalém (Patriarcado Latino).

Recebeu as seguintes honrosas missões especiais: por designação da Cúria Metropolitana participou do Congresso Eucarístico Internacional de Munich; por designação da Secretaria do Estado da Nunciatura Apostólica e da Rádio Vaticana participou do Congresso Interamericano Mariano de Buenos Ayres, e do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Atualmente o Cônego Christofaro está no exercício dos seguintes cargos: Padre Diretor da Ordem Terceira do Carmo; Coordenador da Pastoral (REC — Setor 1); Vice-Provedor da Venerável Irmandade São Pedro dos Clérigos; Diretor da Federação Metropolitana Paulista e Catedrático do Cabido Metropolitano; Membro do Conselho Diretor do IPREC (Instituto da Previdência do Clero); Membro do Conselho de Presbíteros da Arquidiocese e da Regional Sul 1; Coordenador da Pastoral da Sé; Membro da Comissão Arquidiocesana de Ecumenismo, e Vigário Cooperador da Catedral.



CÔNEGO JOSÉ PASCOAL CHRISTOFARO

Catedrático do Cabido Metropolitano

Diretor Espiritual da Ordem 3.^a do Carmo desde 19 de março de 1969

CAPÍTULO IX

MONSENHOR CAMILO PASSALACQUA

O clero brasileiro e especialmente o da Arquidiocese de São Paulo perdeu no dia 12 de junho de 1920 um de seus mais notáveis membros: o benemérito Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua, de saudosa memória.

A sua morte causou a mais profunda consternação no seio da nossa sociedade não só entre os seus amigos como até mesmo entre os indiferentes em matéria religiosa que não desconheciam suas peregrinas qualidades.

Um grande livro seria pequeno demais para conter a relação dos trabalhos e das obras que semeou. Alma de apóstolo, coração de sacerdote e espírito educador, Monsenhor Passalacqua foi um exemplo edificante de trabalho útil, bondade accolhedora e guia inteligente e amável.

Não era apenas conhecido das classes elevadas a que pertencia pela fina cultura de seu espírito cavalheiresco, mas também, e principalmente, das classes humildes, com as quais contraiu afinidades estreitas.

O seu físico agigantado se impunha e o seu olhar severo nada mais era que o reflexo de um coração grande para as mais nobres ações, comparáveis às de um São Vicente de Paulo no carinho com que recebia a pobreza ou às de um São João Bosco no amor para com as crianças desamparadas.

De todas as facetas pelas quais se estude esse verdadeiro homem de Deus, encontram-se tons de brilho e refúlgência; os seus conselhos eram sempre ouvidos com agrado e seguidos com firmeza. Profundo conhecedor do homem e das suas misérias, sabia tirar delas partido para aquilo que lhe poderia ser útil na prática do bem.

O melhor de suas aptidões e de seus esforços ele empregou na prática da caridade cristã, caridade que desconhece fronteiras, e na cultura das almas submetidas à sua esclarecida e sábia orientação espiritual, realizando assim, em sua passagem terrena, aquilo que emoldura e caracteriza o formador de consciência.

Nomeado Comissário (Diretor Espiritual) da Ordem Terceira do Carmo, em 29 de fevereiro de 1892, por Dom Lino, então Bispo de São Paulo, recebeu o encargo de reorganizá-la. Assumindo a direção deste tradicional sodalício que congregava pessoas da mais elevada representação social de São Paulo, Monsenhor Passalacqua conseguiu em pouco tempo restabelecer a sua importância institucional. Voltaram a frequentar a Ordem velhos irmãos e irmãs; as entradas de noviços multiplicaram-se, todos os cultos em homenagem a Nossa Senhora do Carmo readquiriram o esplendor de outros tempos e a vida deste grande sodalício foi animada pelo seu Comissário que soube impor-se ao respeito dos jurisdicionados, conquistando-lhes ao mesmo tempo o coração com os exemplos de ministro diligente no trabalho de Deus.

A sua palavra era sempre ouvida pelos Irmãos Terceiros com amor filial; as suas ordens eram cumpridas religiosamente e os seus simples pedidos eram considerados verdadeiras ordens imperativas.

É digno de destaque o final da dedicatória da 3^a edição do DECOR CARMELI aos Irmãos Terceiros, na qual Monsenhor Passalacqua assim se expressou em 1º de junho de 1905:

"Finalmente mais um fato cumpre salientar, e é que, entre as provas que sem cessar nos têm dado e continuam a dar os nossos queridos Irmãos Terceiros, havemos de especializar o carinho com que todos vós tratais o vosso Comissário; hoje constituímos uma verdadeira família, e era aquilo a que mais aspirávamos."

A vida, o brilho, e o esplendor da Ordem Terceira do Carmo muito devem à sua esclarecida orientação.

No mesmo dia em que assumiu a direção espiritual da Ordem, lançou a 1^a edição do DECOR CARMELI, livro que serve de guia às tradições da Ordem e dos exercícios de piedade do Irmãos Terceiros; nele se consubstancia o espírito que deve reinar na Ordem. Como era de esperar, essa 1^a edição de dois milheiros, lançada em dezembro de 1892, teve carinhoso acolhimento por parte não somente dos Irmãos Terceiros como de pessoas estranhas à Ordem, o que levou Monsenhor a lançar novas edições ampliadas em 1896, 1905 e 1916.



MONSENHOR DOUTOR CAMILO PASSALACQUA
Protonotário Apostólico "ad instar participantium"
Diretor Espiritual da Ordem 3.^a do Carmo, de 29.II.1892 a 12.VI.1920

Durante a vida funcionou sempre, sem solução de continuidade, na Igreja do Carmo, o velho templo que ele tanto amou, e onde a sua palavra evangelizou tanta gente, o catecismo que cheio de amor ao próximo ele fundou e manteve, com aulas às terças e sextas-feiras, para cerca de 300 crianças e algumas pessoas adultas.

Monsenhor foi também educador inteligente, do que deu provas nos fecundos anos de seu reitorado no Seminário Episcopal; fino cultor das letras, profundo conhecedor da nossa língua, que manejava com elegância e primorosa destreza, defendia com denodo e espalhava com intenso brilho, no livro e no jornal, os princípios salutares da Religião Católica, que o contava entre os seus mais fulgidos ornamentos, como veremos na sua síntese biográfica que daremos a seguir.

Deixou uma seara opulenta, inspirada sempre no fervor do mais puro espírito cristão, consubstanciada nos livros que publicou, alguns de raro valor literário, que estão constantemente a lembrar-lhe o nome e tributar-lhe homenagens de saudade e gratidão. Possuía uma riquíssima e escolhida biblioteca que já em vida doou à Ordem, e hoje se encontra na "Biblioteca Monsenhor Passalacqua".

Monsenhor Passalacqua teve a vida cheia de realizações admiráveis; seu zelo se desdobrou em iniciativas de grande alcance não somente para o bem da nossa Ordem, como também para o bem da nossa gente e da nossa Igreja, da qual ele foi um de seus mais lídimos representantes.

Fundou várias associações religiosas e filantrópicas que até hoje ainda existem prestando inestimáveis serviços à sociedade: a Casa Pia de São Vicente de Paulo, o Colégio Sion, o Colégio do Carmo, a Associação das Mães Cristãs, a Associação das Damas de Caridade, os Centros de Catecismo, os Retiros Espirituais, as Obras Vicentinas, a Escola de Enfermagem e o Dispensário Médico Cirúrgico "São Camilo" (1918) e por último, à guisa de testamento espiritual, o Instituto Profissional João e Raphaela Passalacqua, fundado em 24 de outubro de 1919, pouco antes do seu falecimento, demonstram à saciedade que Monsenhor foi um modelo de sacerdote zeloso, prestativo à Igreja, aos fiéis e à Pátria. O Instituto João e Raphaela Passalacqua fundado em memória de seus pais, no próprio lugar onde ele passou os últimos dias de sua vida (rua João Passalacqua) e que lhe perpetua mais particularmente os sentimentos de caridade, continua até hoje abrigando e instruindo centenas de meninos e meninas, sob a dedicada direção das Irmãs de São Vicente de Paulo, com ensino primário, prendas domésticas e jardim da infância.

Filho amantíssimo e denodado da Igreja Católica, foi sacerdote na mais lídima acepção do termo, e o homem como o deviam ser todos aqueles que se interessam pelo bem da humanidade.

A memória de Monsenhor Camilo Passalacqua ficará sempre gravada no coração dos pobres, dos seus amigos e admiradores (entre os quais inúmeros afilhados), na história da Pátria e nos fastos da Igreja Católica.

Nossa Senhora do Carmo, sob cujo olhar meigo e suave tanto trabalhou ter-lhe-á dado a doce acolhida aos que se devotam ao seu culto.

* * *

Nasceu Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua aos 7 de maio de 1858, em Scaléa, velha cidade da província de Nápoles, na Itália.

Foram seus pais João Passalacqua e Raphala Bello Passalacqua, que, pela sua muita devoção à Santíssima Virgem do Carmo, lhe consagraram este seu primeiro e querido filho.

Em 1865, fazendo seu pai viagem a Marselha, levou consigo este seu filho, que então tinha 7 anos, e matriculou-o no Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã, daquela cidade.

Vindo com ele para São Paulo em 1866, colocou-o no antigo Colégio Knüppel, onde completou o curso das primeiras letras.

Anos depois, em 1869, voltaram ambos novamente à Europa, regressando de lá, para esta Capital, em 1870, e aqui fixaram definitivamente residência com toda a sua família.

Como manifestasse decidida vocação para as letras e para a vida eclesiástica, ingressou, em 2 de março de 1874, no Seminário Episcopal, terminando aí o seu curso de preparatórios e de teologia, com as melhores classificações de aproveitamento.

Recebeu a tonsura clerical e as quatro ordens menores no dia 23 de junho de 1879, que lhe foram conferidas pelo então Bispo Diocesano D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho. Em 14 de março de 1880 recebeu, do mesmo prelado, o Subdiaconato, e, no dia 27 de maio desse mesmo ano, a ordem de diácono e finalmente no dia 16 de junho de 1881, aos 23 anos, recebeu, com a necessária dispensa de idade e de interstícios, a sagrada ordem de Presbítero, sendo, entre outros, seu colega de ordenação o então Revmo. Vigário Geral de Taubaté, Monsenhor Antonio Nascimento Castro.

Celebrou a sua primeira missa na Matriz da Consolação em 11 de julho de 1881, e, nesse mesmo dia, foi nomeado professor do Seminário Episcopal, onde lecionou diversas matérias até 1889;

em 1883 foi nomeado para o importante cargo de Diretor espiritual desse Seminário, exercendo-o até 1889.

Por ocasião do Sínodo Diocesano, realizado em 1883, foi nomeado seu Promotor e escolhido como um dos Examinadores Sindrais; nessa assembléia propôs o grandioso projeto que havia elaborado com o Cônego Augusto de Araujo Muniz, que tinha por fim reorganizar a Irmandade de São Pedro dos Clérigos desta Capital.

Nesse mesmo ano foi provido, mediante brilhante concurso, nas cadeiras de pedagogia e metodologia da Escola Normal, e nomeado pelo Governador da Província examinador de Instrução Pública.

Em 27 de setembro de 1887 fundou nesta Capital a Associação das Damas de Caridade, cujos intuitos são socorrer corporal e espiritualmente os doentes pobres em seus domicílios.

Tendo deixado os cargos que ocupava no Seminário, fundou em 1889, associado com dois amigos distintos, o Ginásio Paulista, cuja Diretoria teve de abandonar anos depois, por motivo de saúde.

Em 1890, já restabelecido, regressando de uma viagem que fez à Europa, foi nomeado, pelo Revmo. Ordinário da Diocese, Vigário da Paróquia da Conceição de Campinas, onde, no pouco tempo em que lá esteve, pôs em evidência o seu muito zelo e rara atividade de verdadeiro pastor de almas.

Novamente em São Paulo, dedicou-se ao magistério, lecionando em diversos colégios, e entregou-se de alma e coração ao exercício do munus pastoral, pregando, escrevendo, catequizando e difundindo por toda a parte, na cidade e no interior do Estado, a palavra de Deus e, com ela, a iniciativa de várias obras piedosas, como a das primeiras comunhões da infância.

Pelo Exmo. e Revmo. Sr. Dom Lino Deodato de Carvalho, foi nomeado, em 29 de fevereiro de 1892, Comissário da Venerável Ordem Terceira do Carmo.

Nessa data foi também convidado para exercer as funções de Assistente da Federação Católica.

Fundou, em 1893, o periódico intitulado "Mensageiro Popular".

No dia 19 de julho de 1894 fundou a Casa Pia de São Vicente de Paulo, testemunho vivo da caridade paulistana, pois educa órfãos e desvalidos. Confiou a direção a várias senhoras paulistas, cuja admirável dedicação foi registrada pela imprensa nos anais da história dessa casa. Em 1898 mandou vir da Bélgica

as Irmãs de São Vicente, às quais entregou a direção do estabelecimento.

No dia 10 de agosto de 1898 abriu um externato anexo dedicado exclusivamente aos pobres e no dia 19 de julho de 1905 restaurou todos os edifícios e inaugurou a capela nova.

No dia 6 de fevereiro de 1895, tomou posse do cargo de Reitor do Seminário Episcopal, por nomeação do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, então Bispo de São Paulo, que seria em 1905 o primeiro Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro e da América do Sul.

Nesse mesmo ano, em 18 de Julho, dia em que o Seminário festejava o onomástico do finado, foi-lhe entregue pelo Exmo. e Revmo. Sr. Dom Joaquim Arcoverde o título de Camareiro Secreto, com que o Santo Padre Leão XIII o galardoou, em virtude dos extraordinários serviços por ele prestados à Igreja, os quais já então eram sobejamente conhecidos em todo o Brasil e em Roma.

No dia 12 de julho de 1897, após brilhante e profícua administração, exonerou-se do cargo de Reitor do Seminário Episcopal.

Publicou, em 1897, a "Pequena Revista Católica" e o "Pequeno Mensageiro".

Com a cooperação da Venerável Ordem Terceira do Carmo, fundou em 4 de abril de 1899, o Externato de Nossa Senhora do Carmo, anexo à Igreja da Ordem, na rua do Carmo.

Em Outubro tomou parte, como Subpromotor de Fé, no processo canônico do Venerável Servo de Deus José de Anchieta.

Ainda neste mesmo ano, fundou o Externato filial à Casa Pia "Patrocínio de São José".

Data também desse ano a fundação da Associação das Mães Cristãs.

Regressando, em 1900, de uma peregrinação que fez, com grande número de brasileiros, à Cidade Eterna, a Lourdes e a Paray-le-Monial, recebeu das mãos do Exmo. Sr. Bispo Diocesano o Breve em que o Papa Leão XIII o nomeou Protonotário Apostólico "ad instar participantium".

A profissão de fé e o juramento do estílo foram feitos, por procuração, em 17 de setembro daquele ano, perante o Colégio dos Protonotários em Roma.

Foi-lhe conferido o grau de Doutor em Teologia em 15 de dezembro de 1901, ainda pelo Sumo Pontífice Leão XIII, de santa e sábia memória fazendo nesse mesmo ano o juramento de praxe, diante do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo e com assistência de alguns dos seus mais distintos amigos desta cidade. Testemunharam o



Monsenhor Camilo Passalacqua com um grupo de Irmãos da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, em setembro de 1900, em Páris, por ocasião da peregrinação a Lourdes e Paray-le-Monial.

Sentados, da esquerda para a direita: Julinda Cesar da Silveira, Monsenhor Camilo Passalacqua, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme e Maria Joana Ortiz Monteiro.

De pé, da esquerda para a direita: Dr. J. Ortiz Monteiro, Maria Esther Leme Maciel, Maria Adelaide Leme Monteiro (D. Nenê), Dr. Raul Ortiz Monteiro, Maria de Lourdes Leme Quartim Barbosa, Francisca L. de Araujo Cintra, Maria Fausta de Macedo Leme, e um Terceiro Carmelita.

Nesse mês de setembro Monsenhor Passalacqua recebeu o Breve pelo qual o Papa Leão XIII o nomeou Protonotário Apostólico "ad instar participantium".

O Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, que já era Cavaleiro de São Gregório Magno, recebeu de Sua Santidade a Cruz "pro ecclesia et pontifice".

O Dr. Raul Ortiz Monteiro foi agraciado com o título de "Camareiro de Honra de Capa e Espada" de Sua Santidade Leão XIII, no dia 30 de outubro desse mesmo ano.

ato o Exmo. e Revmo. Arcediago Dr. Paula Rodrigues, Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme e Dr. Raul Ortiz Monteiro.

Em 1904, foi nomeado redator do "Boletim Eclesiástico", fundado pelo Exmo. Ordinário de então, Dom José de Camargo Barros.

Em 1907, Monsenhor Passalacqua aceitou a presidência da "Liga Paulista de Profilaxia Moral e Sanitária", onde evidenciou qualidades apreciáveis de homem de ação e saber.

A fim de tornar mais ampla a educação da Casa Pia, fundou em 1910 a Escola Profissional anexa.

Auxiliado pela Corporação Carmelitana desta cidade, fez instalar no Ginásio, em 1912, aulas noturnas para operários.

Em 1914 fundou o centro vicentino Santo Thomaz de Aquino, que funciona até hoje em nosso sodalício. Em 1918 fundou a Escola de Enfermagem e o Dispensário Médico-Cirúrgico "São Camilo".

Como escritor, Monsenhor Passalacqua fez aparecer, em diversos anos, à luz da publicidade, grande número de proveitosos trabalhos literários.

Em diversas épocas da sua vida pública foram-lhe conferidos vários títulos de associações científicas e literárias, entre outros: o de membro da Arcadia Gregoriana, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e o da Antiga Associação dos Homens de Letras.

A sua vida esteve intimamente ligada à do Seminário Arquidiocesano, onde, depois de haver terminado o seu curso com todo o brilhantismo, exerceu com exemplar proficiência o honroso cargo de professor.

Este estabelecimento de ensino contava então no seu corpo docente uma pléiade de sacerdotes cheios de ciência e de fé, que foram a glória do professorado daquela casa, e em cujos anais deixaram imortalizados seus nomes.

Entre os muitos ilustres colegas de magistério de Monsenhor Passalacqua, podemos citar o saudoso Monsenhor Dr. Francisco de Paula Rodrigues, Monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura, então Arcediago do Revmo. Cabido, D. José de Camargo Barros, que foi prelado desta Diocese; D. Alberto Gonçalves, Bispo de Rio Preto; Monsenhor Agnello José de Moraes, Cônego da Sé Catedral, e Cônego Dr. José Valois de Castro, Senador estadual.

A par da educação intelectual, era mister a formação moral dos seminaristas. Para a inteligência tinham eles a luz que se desprendia em abundância de cérebros tão privilegados, e para o coração devia o vigilante pastor da Diocese dar-lhes reflexos de to-

nalidades austeras e delicadas dum outro coração, que, batendo serena e piedosamente num peito de sacerdote, lhes fosse capaz de servir de modelo espiritual e ao mesmo tempo de orientação prática.

Entre a reluzente corporação do professorado, o escolhido para exercer esse elevado e espinhoso cargo de diretor espiritual dos jovens alunos do Seminário, foi, em 1883 o nosso ilustre biografado.

Era ainda moço, tinha apenas dois anos de ordenação, e, não obstante isso, soube desempenhar com tino e prudência de velho os deveres inerentes a tão difícil cargo, e arcar, sem desfalecimentos, com o peso das enormes responsabilidades de dirigir consciências, aliás suavizado pela nunca interrompida harmonia de vistas com o respectivo Reitor, o venerando Monsenhor João Alves.

Obediente sempre à voz do seu Prelado, expendeu o melhor das suas energias de sacerdote no exercício de tão áspera missão, estudando a diversidade de temperamentos e guiando os esperançosos moços com suavidade e firmeza, ao mesmo tempo que lhes burilava os corações, segundo os ditames santos da consciência e os moldes purificantes da virtude.

São frutos destacados dessa inteligente direção alguns dos melhores ornamentos do episcopado e clero brasileiros. Citemos apenas os nomes do Exmo. e Revmo. Sr. Dom Duarte Leopoldo e Silva, nosso exemplaríssimo e saudoso Arcebispo; Dom João Baptista Nery, falecido Bispo de Campinas, e Monsenhor Antonio Pereira Reimão.

Preocupava-o muito o futuro da mocidade destinada ao sacerdócio. Por isso chamava continuamente a atenção dos seus jovens subordinados para a delicada e divina missão, que mais tarde iriam desempenhar no meio duma sociedade sedenta de luz a ávida de alimento espiritual.

Fomentou ali o amor pelo ensino da Religião, principalmente pelo catecismo, estabeleceu palestras familiares durante os recreios da noite, aperfeiçoou os alunos no canto gregoriano e na liturgia ministrava lições de eloquência sagrada, dando nova orientação à Conferência São Francisco de Sales, fundada para esse fim.

Pretendendo o então Bispo de São Paulo, Dom Joaquim Arcos, reformar, sob novas bases, o Seminário, nomeou o então Padre Camilo Passalacqua Reitor desse estabelecimento, no dia 6 de fevereiro de 1895; o que foi esse reitorado na sua ação fecunda e ótimos resultados, dizem-no as gerações desse tempo e mais ainda os documentos altamente elogiosos com que o Cardeal Arcos por várias vezes honrou o exemplaríssimo Reitor, entre os quais avulta a carta em que lhe concedera a demissão pedida, em 12 de julho de 1897.

Foi devido à sua iniciativa que seguiram para Roma e Paris, a fim de aperfeiçoar seus estudos e completar a formação do caráter sacerdotal nos Colégios Pio Latino Americano e de São Suplício, os Srs. Dom Sebastião Leme, doutor em Teologia, então Arcebispo de Olinda e Recife; Dom Benedicto de Souza, doutor em Direito Canônico e Bispo do Espírito Santo; Monsenhor Maximiano Leite, doutor em Teologia, Vigário Geral da Arquidiocese do Rio; Padre João Baptista de Siqueira, doutor em Filosofia, Cônego André Arcoverde, doutor em Direito Canônico, membro do Cabido daquela Arquidiocese e Monsenhor Francisco de Mello Sousa, doutor em Direito Canônico, então Vigário da Consolação.

Foram também seus alunos o Cônego João Ladeira, doutor em Direito Canônico, Chanceler do Arcebispado; Cônego José Hygino de Campos, também doutor em Direito Canônico, e atual Visitador da Arquidiocese e os Revmos. Padres Dr. José Antonio Gonçalves de Rezende, e Cônego Dr. Virgilio Morato, vitimado, no Rio, em 1918, pela epidemia de gripe.

Na qualidade de Comissário da Ordem Terceira do Carmo, alguém poderia igualar-lhe no zelo, mas nunca sobrepujá-lo.

Foram belíssimas as festas que, em 1917, se realizaram na Ordem Terceira do Carmo, para comemorar o 25º aniversário da nomeação de Monsenhor Passalacqua para seu Comissário.

A alegria que então se notava em todas as fisionomias, a satisfação de todos os assistentes eram bem uma prova de quanto era estimado o seu virtuoso Diretor Espiritual.

Como evangelizador, possuía a singularíssima e rara particularidade de saber congregar e tornar homogêneos todos os esforços individuais dos bons católicos.

Como publicista, falavam, melhor do que nós, as inúmeras obras que deixou, de caráter literário, científico, teológico, pedagógico, canônico e místico.

Entre elas avultam "Pedagogia e Metodologia", publicada em 1887, "O Homem no Século" (1892), curso completo de Religião, "A Arte Cristã" (1894), "Harmonias do Mundo pelo Cristianismo" (1895), "Guia do aspirante ao sacerdócio" (1897), "A Confissão Sacramental" (1898), "O Catolicismo Social no século XIX" (1898), "Ensino cristão e ensino leigo" (1899), "Uma página de Direito Público Cristão" (1900), "As Ordens Terceiras em face do Direito Canônico vigente" (1901), "Existência histórica e Divindade de Jesus Cristo" (1902), "O apostolo S. Thomé na América" (1904), "As ciências e as letras, "Atualidades" ... (1906) suas vantagens e perigos" (1907-), "Raios de Verdade" (1907), "Estudos sobre o Homem" (19911) e mais de cinqüenta obras.

Como professor, Monsenhor Passalacqua, tanto no Seminário, como na Escola Normal, era idolatrado pelos seus alunos.

Mediante brilhante concurso, foi nomeado, em 1888, professor de Pedagogia, Metodologia e Doutrina Cristã, da Escola Normal.

Proclamada a República, o Governo do Estado suprimiu essa cadeira; tendo Monsenhor Passalacqua pleiteado o seu direito perante o Poder Judiciário, e obtendo ganho de causa, voltou para a Escola Normal em 1912.

Em 1918, Monsenhor Passalacqua aposentou-se no cargo de lente da 1^a cadeira de Português, Latim e Literatura Portuguesa da Escola Normal Secundária da Capital.

Por ocasião das suas despedidas, foram-lhe prestadas as mais sinceras homenagens pelo Diretor, corpo docente, alunos e pessoal administrativo.

Como catequista, foi inimitável em dedicação e esforço.

Até pouco antes do seu falecimento, o apostólico prelado havia concentrado todas as suas atenções sobre a obra catequética da sua Ordem Terceira, onde todos os anos se realizavam duas solenidades de primeira comunhão com grande número de crianças, e uma festa de encerramento das aulas, cujos convites eram sempre procurados com empenho pelas famílias desta cidade, que apreciavam sobremaneira a ação educativa dos alunos do catecismo da Igreja da V.O.T. do Carmo.

Era freqüentada a aula por cerca de 300 crianças, exercendo as funções de catequistas distintos Irmãos e Irmãs da Ordem.

No Ginásio este ensino era feito pelos respectivos professores e Irmãos Maristas aos seus alunos em número aproximado de 500.

Na Igreja começou o ensino a ser facilitado com o auxílio de projeções luminosas.

Para esse efeito Monsenhor adquiriu a respectiva máquina e quadros catequéticos, os quais às sextas-feiras, após as lições ordinárias, eram exibidos aos alunos, enquanto um sacerdote fazia explicação de cada um dos assuntos religiosos, fatos e personagens bíblicos que os quadros iam apresentando.

Por este processo, a criança, fixando as cores e os traços da estampa luminosa, retinha e assimilava mais facilmente a palavra instrutiva do sacerdote que lhe falava, além de atrair mais a alma do aluno a ouvir a palavra de Deus. Graças a esta novidade, introduzida pela primeira vez no ensino da catequese da Ordem Terceira, o número de alunos atingia por vezes a cerca de 600.

Foi por tudo isso que Monsenhor Passalacqua se tornou digno das homenagens que lhe foram tributadas a 7 de maio de 1916, por ocasião do seu 58º aniversário.

Por essa ocasião foi inaugurado o seu busto em bronze, na Casa Pia de S. Vicente de Paulo, iniciativa da Associação das Damas de Caridade desta Capital, auxiliada por amigos e admiradores do distinto homenageado.

O ato foi honrado com a presença do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano e o discurso oficial foi feito pelo então Vigário Geral Monsenhor Dr. Benedicto de Souza.

Falaram ainda outros oradores de evidência no nosso meio social e católico.

A cerimônia foi imponente.

Um dos últimos atos de benemerência praticados pelo virtuoso Padre foi o da doação da sua casa de moradia na rua Conselheiro Ramalho, onde fundou o "Instituto João e Raphaela Passalacqua", inaugurado a 24 de outubro do ano de 1919, dia de S. Raphael.

No discurso em que entregou às Irmãs de S. Vicente aquela casa que lhe evocara tão doces reminiscências da sua infância, disse Monsenhor Passalacqua que, prevendo contados os seus dias, alterada como andava sua saúde, tratou de fazer o seu testamento espiritual. Fez igualmente o seu testamento legal nas notas de um tabelião da Capital.

Neste dispôs, entre outras coisas, que aquela sua residência, por sua morte, servisse para nela se fundar um Instituto católico profissional em favor das classes pobres, e que se lhe desse o nome de seus saudosos pais, confiado às piedosas Irmãs de S. Vicente de Paulo, desta Capital.

Passaram-se os tempos, disse ele, e Deus, em sua infinita bondade, está prolongando a minha existência. Resolvi, então, efetivar tal obra nesta casa, que em parte eu herdara de meus pais, satisfazendo as outras partes aos demais herdeiros, conservando-a, para esse fim, intacta e indivisa, se bem que aumentada e melhorada por mim, contentando-me de, hoje em diante, ir habitar uma outra mais modesta, onde espero acabar os meus dias, em paz com Deus e com os homens.

E acrescentava:

"Convidei, em boa hora, as dignas Irmãs, a quem havia já confiado a minha dita disposição, e, interessadas, como eu, em beneficiar a nossa infância, aceitaram tomar conta do referido Instituto, cuja propriedade definitiva a elas passará após a minha morte, observadas as cláusulas testamentárias.

É possível que quantos, neste mundo, se deixam levar por um prisma diferente, fixando seus olhares tão somente para o bem-

-estar pessoal, é possível que julguem uma temeridade este meu passo, que importa desfazer-me espontaneamente da maior parte de meu modesto patrimônio e da respectiva renda que poderia dar-me para garantir a minha subsistência em tempos tão difíceis, como os que passamos.

Não é temeridade, senão, como vos disse, obra de amor, planejada e resolvida diante de Deus e das necessidades, cada vez mais prementes, do próximo, naquilo que mais interessa, como é a Educação Católica integral das gerações nascentes, que são o futuro da Pátria e da Religião.

Não devemos diminuir a confiança na Divina Providência, e eu sempre confiei nela e continuo a confiar, quaisquer que sejam ou venham a ser as circunstâncias de minha existência".

Essas palavras revelam a grande abnegação, o despreendimento, o desinteresse do apostólico sacerdote.

Um dos seus últimos serviços prestados à salvação das almas foi a idéia que pôs em execução, das práticas quaresmais pregadas na Ordem Terceira do Carmo, pelo notável orador Padre Luiz Gonzaga Cabral. Foram os mais abundantes os frutos espirituais colhidos nessas conferências. Por essa ocasião o incansável Comissário da Ordem planejou a constituição da Biblioteca dos Terceiros Carmelitanos, que se pretendia inaugurar no dia 16 do mês de julho, por ocasião da festa de Nossa Senhora do Carmo.

Para esse fim, conseguiu boa soma de dinheiro, a oferta de vários livros, tendo feito, na Europa, encomenda de obras católicas.

Em 1918, sentindo-se melhor dos incômodos que o afligiam, Monsenhor Passalacqua deliberou seguir para a Europa. Obedecendo, porém, a conselhos de amigos, desistiu da sua excursão e, com o dinheiro a ela destinado, construiu uma poética vivenda na avenida Bartolomeu de Gusmão, n. 32, Praia do Embaré, em Santos, atrás da Capela de Santo Antônio, que ele festejou dois anos e pretendia ainda festejar no dia 13. Quis Deus, porém, que ele morresse justamente na véspera de Santo Antônio, junto à Capela em que ele diariamente celebrava e instruía os fiéis. Vitimou-o a "angina petoris", moléstia que havia muito o acabrunhava

Monsenhor Passalacqua faleceu aos 62 anos, às 12 horas do dia 12 de junho de 1920, após prolongada agonia, na sua casa da Praia do Embaré.

Sentindo-se mal na quinta-feira à tarde, dia 11, foram chamados os médicos Drs. Raphael do Monte e Guilherme Alvaro que o assistiram.

À 1,45 da madrugada do dia 12, o Padre Pedro Gastão de Moraes, dedicado amigo do Monsenhor Passalacqua, ministrou-lhe os sacramentos e a bênção apostólica que ele recebeu em pleno juízo, auxiliando o sacerdote ministrante.

Momentos antes de morrer ofereceram-lhe um crucifixo; "não é preciso", disse sorrindo, "tenho Jesus em meu coração".

Monsenhor morreu rodeado de sua extremosa irmã Leopoldina Passalacqua Botelho, de seu irmão o Desembargador Paulo Américo Passalacqua, de seu médico particular Dr. Lourenço Missuti e do Dr. Franco da Rocha, que vieram de São Paulo especialmente para assisti-lo, e de outras pessoas de sua amizade.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, assim que recebeu a notícia do passamento, seguiu para Santos a fim de velar o corpo, tendo antes ordenado a expedição de editais, comunicando o infausto acontecimento ao clero.

Logo após a sua morte os sinos da igreja do Embaré dobraram finados. Depois de encomendado o corpo do grande sacerdote, foi ele transportado da sua residência da avenida Bartolomeu de Gusmão, n.º 32, para a Capela de Santo Antônio do Embaré, situada a pequena distância da sua casa.

Velaram o corpo de Monsenhor durante a noite do dia 12 para o dia 13: o Desembargador Paulo Américo Passalacqua e Senhora, D. Maria Passalacqua Botelho e Dr. José Passalacqua, irmãos e sobrinhos do falecido; Pe. Pedro Gastão de Moraes, Pe. Dr. Bernardo Cabrita, Sub-comissário da Ordem; Conde de Lara, Dr. Raul Ortiz Monteiro, Dr. Paulo de Abreu Leomil, Luiz Leme Maciel, Dr. João Quartim Barbosa, Dr. José Baptista Fraissat, Dr. Domingos Aulicino, Dr. Vicente Grecco, e Dr. Victor Pujol por si e pela Congregação Mariana; Braulio Silva e Senhora, D. Adelaide Hehl e filhos D. Maria Hehl, D. Lucia Hehl; Luiz Caiaffa, D. Genesia Loureiro, Alvaro Pinto da Silva Vaz Filho, Irineu de Oliveira, Francisco Loureiro, Dr. L. Ferreira, Dr. Ibrahim Nobre, João Baptista Amarante e família; Bento Mendes da Silva, José Monteiro, Araldo Machado, D. Marieta Machado, D. Maria Machado, Aristides Machado, Dr. Lourenço Missuti, Augusto de Carvalho, Alvaro Montenegro, João Coletto dos Santos e família, Manoel Emygdio de Faria, D. Antonia Dantas Faria, Senhoritas Risoleta Faria e Arenia Faria, D. Maria Glette, D. Sylvia Neke, Werner Hehl, D. Lucia H. Caiaffa, Dr. Souza Loureiro, Dr. Nicola Loureiro Oliveira, Heitor Pujol, D. Almerinda de Castro Oliveira, D. Alice Oliveira, José Ferreira, Maria Villaça de Camargo pelas enfermeiras de São Camilo; Comissão dos Carmelitanos e da Ordem Terceira do Carmo de São Paulo; pelas Carmelitas da cidade de Santos, Senhoras D. Maria Duprat Gui-

marães e Dorothea Rildes Fernandes priora da Ordem Terceira; Irmã Maria dos Anjos pela Casa Pia de São Vicente de Paula; Irmão Sapor, Reitor do Ginásio do Carmo de São Paulo, e João Torquato G. Lustosa pela Ordem Terceira de Santos.

Às 6 horas da manhã do dia 13, sábado, presentes todos os que velaram o corpo, amigos e membros da família do pranteado Monsenhor Passalacqua, o Padre Gastão de Moraes celebrou a Santa Missa de corpo presente, finda a qual procedeu-se à encenação com o "libera me" cantado pelos Irmãos Maristas.

Às 6,45 o féretro saiu da Capela do Embaré para a estação da São Paulo Railway, onde foi colocado em carro especial ligado ao trem das 8,10 horas.

O Jornal do Comércio de São Paulo de 14 de junho que noticiou o passamento de Monsenhor anotou os nomes das pessoas que acompanharam o féretro de Santos a São Paulo, a saber: Membros da família de Monsenhor Passalacqua, Padre Bernardo Cabrita, Padre Gastão de Moraes, por si e representando os Srs. Capitão de Corveta Oscar Pacheco e Dr. Emilio Santos Oliveira; Conde de Lara por si e representando a Conferência de São Vicente de Paulo, Dr. Raul Ortiz Monteiro, Dr. Paulo de Abreu Leomil e Dr. José Fraissat representando a Ordem Terceira do Carmo de São Paulo; D. Maria Fausta de Macedo Leme, Dr. João Quartim Barbosa e senhora D. Maria de Lourdes Leme Quartim Barbosa, José Hildebrando da Silva Leme, José Sizenando de Macedo Leme, José Luiz Leme Maciel, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, Dr. Jorge Street e D. Zelia Frias Street, Mario Frias e Senhora, Dr. Nilo Costa, Dr. Alvaro Machado, Araldo Machado, Domingos Prieto, Antonio Vieira do Couto, Coronel Carlos Leoncio de Magalhães, Adolpho Bastos, Capitão de Corveta Oswaldo Pacheco, Dr. Emilio dos Santos Oliveira, Bahia de Abreu, Tenente Raul Helimod Soares, Irmã Maria dos Anjos, Maria Vilaça Camargo representando as Enfermeiras de São Camilo; Dr. Lourenço Missuti, Irmão Sapor, Reitor do Colégio do Carmo; Irmão José Desiderio, Padre Visconti, Superior dos Jesuitas; Julia Conceição, Antonio Augusto Vieira do Couto, Bento Mendes, Dr. Francisco de Paula e Silva, Juiz de Direito; Daniel Theotonio Ferreira pela Siciedade de S. Vicente de Paula; José Domingos Duarte e Dr. Amador de Carvalho.

O trem chegou à Estação da Luz às 10,30 horas. A plataforma e todas as dependências da estação estavam repletas. Lá se encontravam aguardando a chegada do féretro altas autoridades civis, militares, religiosas, e diversas associações; segundo a estimativa da imprensa mais de 2.000 pessoas: uma verdadeira apoteose a Monsenhor Passalacqua. Numerosas coroas com sentidos

dizeres viam-se colocadas sobre os principais pontos da grande e majestosa estação.

Antes de falecer, Monsenhor Passalacqua recomendou que seu corpo fosse diretamente da Estação da Luz ao Cemitério da Ordem 3^a do Carmo, onde deveria ser celebrada Missa de corpo presente; sua vontade foi cumprida.

Ao coche mortuário seguiam-se dois coches com as coroas e mais de 500 carros, que levaram 45 minutos da estação diretamente ao Cemitério do Carmo aonde chegou às 11,15 horas. Aí o corpo depositado numa eça em frente à capela do cemitério, que estava rigorosamente guarneida de luto. O cemitério foi pequeno para conter todas as pessoas presentes, pois a maioria ficou aglomerada do lado de fora na rua Sergipe.

Começou logo a Missa de corpo presente celebrada pelo Pe. Dr. Bernardo Cabrita, Subcomissário da Ordem, que após o Santo Sacrifício fez a encomendação do corpo.

A desolação era geral. Muitas senhoras e cavalheiros choravam e outros não escondiam seu pesar imenso pela morte do benemerito prelado. O corpo de Monsenhor, revestido de paramentos eclesiásticos e casula roxa, esteve por algum tempo em exposição, depois de terem os Irmãos do Carmo rezado as "estações tradicionais" em sufrágio da sua alma.

O Cônego Adomiro Krauss, Vigário da Bela Vista, em cuja paróquia residiu Monsenhor Passalacqua, acompanhou o féretro da estação até o Cemitério, fazendo as encomendações e benzendo a campa.

Ao baixar à sepultura o corpo foi encerrado no jazigo em que repousavam seus pais João Passalacqua († 14.10.1901) e D. Raphaela Passalacqua († 15.3.1903); falou em primeiro lugar, em nome da Ordem Terceira do Carmo, o Irmão Professor Dr. Francisco Morato. Disse em resumo:

"Não era a primeira vez que os seus irmãos da Ordem Terceira lhe delegavam poderes para falar prestando homenagem ao ilustre Comissário.

Algumas vezes interpretou o júbilo dos Carmelitanos em vários atos obrigados pelas convenções sociais. Interpretava naquele momento a grande mágoa, o imenso pesar dos Irmãos Terceiros pela morte de Monsenhor Passalacqua.

Ele morreu, mas a sua obra aqui ficava imperecível; começava ele a viver no mundo eterno, onde já entrara. Dessa mansão bendita, onde iria gozar agora o prêmio

de seus grandes serviços prestados à Religião, à Sociedade, pedia a Monsenhor Passalacqua que olhasse pela sua grande obra, que não a desamparasse, até que um dia pudesse todos os Irmãos Terceiros encontrá-lo na eternidade."

Falou depois, visivelmente emocionado, o Pe. Pedro Gastão de Moraes, que a cada frase soluçava; comoveu imensamente a todos os presentes. Em nome da Escola de Enfermeiros, fundada por Monsenhor, falou a enfermeira V. Camargo. Por fim falou o Dr. Raphael Paulino de Camargo como amigo da família Passalacqua, lamentando a perda irreparável de Monsenhor e pedindo a Deus que desse à sua alma o descanso eterno.

Eram 13 horas quando terminaram os atos no cemitério.

A imprensa de São Paulo presente ao desenrolar dos acontecimentos desde o falecimento em Santos até o sepultamento no cemitério pôde anotar o nome de cerca de 500 pessoas que acompanharam o féretro da Estação da Luz até o Cemitério do Carmo; daremos a seguir apenas os nomes das autoridades civis, militares e religiosas, e das associações presentes:

Representante do Exmo. Presidente do Estado; Dr. Jayme Ferreira da Silva pelo Secretário da Fazenda; Tenente Manoel Marinho, pelo Secretário da Justiça; Dr. João Baptista de Souza, Delegado Geral; Raul Ferreira, pelo Prefeito Municipal; Barão Raymundo Duprat, Presidente da Câmara Municipal; Tenente Pedro Luz, pelo Comandante Geral da Força Pública; Senadores Adolpho Gordo e Oscar de Almeida; Deputados Raul Cardoso e Alcantara Mâchado; Dr. Altino Arantes, ex-Presidente do Estado; Dr. Cândido Rodrigues, ex-vice-Presidente do Estado; Dr. José Augusto de Azevedo Antunes, Diretor da Escola Normal acompanhado de diversos professores dessa escola; João Oliva, pela Sociedade União dos Polinhanenses; Diretoria da Associação N.S. Auxiliadora, do Bom Retiro; Irmãs de São Vicente de Paulo da Casa Pia; Irmãs de São Vicente de Paulo da Vila Mariana; Irmãs do Colégio do Patrocínio de São José; Irmãs de São Vicente de Paulo da Escola Paroquial de Santa Cecília; Irmãs de São Vicente do Instituto "João e Raphaela Passalacqua"; Superiora Provincial das Irmãs de São Vicente acompanhada das orfãs e alunas; Superiores dos Missionários do Sagrado Coração de Maria; Escola de Enfermeiras do Dispensário São Camilo; Pro-

fessor Achiles Block da Silveira, pela turma de normalistas de 1918; Comissão de Seminaristas; Comissão da Conferência de São José do Belém; Comissão da Venerável Ordem Terceira de São Francisco; Dr. José Vicente de Azevedo pelo corpo docente do Ginásio do Estado; Comissão de Professores, Irmãos Maristas e alunos do Ginásio do Carmo; Comissões do Catecismo e Apostolado da Oração e da Conferência São Tomaz de Aquino, todos da Venerável Ordem Terceira do Carmo; Comissão da Associação dos ex-alunos de Dom Bosco e do Colégio Coração de Jesus; Luiz Tolosa de Oliveira e Costa e Dr. Carlos Felipe Rossi, pelo Apostolado e Congregação Mariana de São Gonçalo; Dr. José Carlos de Ataliba Nogueira por si, e pelo Jornal do Comércio.

Do clero estavam presentes dentre os muitos sacerdotes: Monsenhor Emilio Teixeira, Vigário Geral, por si e representando Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo; Monsenhor Arcediago Ezequias Galvão da Fontoura, Presidente do Cabido; Cônego Antonio Lessa, Tesoureiro-mór da Catedral; Monsenhor Dr. João Evangelista Pereira de Barros, Chantre do Cabido; Monsenhor Agnelo de Moraes, Monsenhor Mello Souza, Cônegos Manfredo Leite, membros do Cabido; Dom Miguel Kruse, abade do mosteiro de São Bento; Pe. Dr. Gastão Liberal Pinto, Vigário de Santa Ephigenia; Frei Cyrillo Thewes, Provincial, e Freis Eliseu e José representando os religiosos do Convento do Carmo; Pe. Luiz Yabar, superior da igreja de São Gonçalo dos Jesuítas; Pe. Dr. Alberto Teixeira Pequeno, Reitor do Seminário Provincial; Pe. João Baptista Du Dreueuf, Reitor do Colégio São Luiz; Pe. M. Givet, Superior dos padres de Sião.

Compareceram incorporados os membros da Mesa Administrativa da Ordem Terceira do Carmo, centenas de Irmãos e Irmãs, e ainda todas as pessoas que velaram o corpo de Monsenhor em Santos, que o acompanharam na viagem a São Paulo e que foram prestar-lhe as últimas homenagens no Cemitério.

* * *

No dia 18 de junho, 7º dia do falecimento, a Ordem Terceira do Carmo fez celebrar, às 8 horas, na sua igreja, solenes exéquias em sufrágio da alma do saudoso extinto que por 28 anos foi seu zeloso Comissário. Às 8 horas teve início a Santa Missa cantada pelo Revmo. Provincial Carmelitano Frei Cyrilo Thewes, que

oficiou nessas cerimônias fúnebres acolitado pelos Revmos. Frei Eliseu e Padre Marcelo Franco.

Ao centro do templo erguia-se o sumuoso catafalco, junto ao qual foi dada a absolvição pela alma do saudoso sacerdote. Fazendo o necrológio de Monsenhor Passalacqua, o Monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura pronunciou uma comovente oração.

A assistência era numerosa e seleta enchendo completamente o recinto do templo, coro e tribunas. Além das pessoas da família enlutada, estavam a Mesa Administrativa e Irmãos do Carmo revestidos de seus hábitos, membros do clero secular e regular, representantes das autoridades civis e militares, da imprensa, e de um sem-número de senhoras e cavalheiros; o Dr. João Baptista de Souza Delegado Geral de São Paulo, compareceu pessoalmente à cerimônia; notaram-se representantes de todas as Instituições fundadas por Monsenhor Passalacqua.

Por ocasião do "Libera me" solenemente cantado no coro pelos Irmãos Maristas foi distribuída uma lembrança com a fotografia e traços biográficos de Monsenhor precedido dos seguintes dizeres: "Beati mortui qui in Domino moriuntur".

Além da Missa de 7º dia celebrada na igreja do Carmo, outras foram celebradas em diversas igrejas de São Paulo e Santos.

No 30º dia de seu falecimento as homenagens fúnebres foram prestadas na Capela do Cemitério do Carmo junto ao túmulo em que Monsenhor Passalacqua foi sepultado.

Às 8 horas do dia 12 de julho foi celebrada a Missa da família enlutada e às 8,30 horas a da Ordem Terceira do Carmo, sendo celebrante o Revmo. Comissário Interino Pe. Dr. Bernardo Cabrita.

A absolvição foi dada junto ao jazigo. A assistência foi numerosíssima, vendo-se entre ela, além da Família Passalacqua e os Irmãos Terceiros da Ordem, representantes da imprensa, de todos os Institutos de sua fundação, do clero regular e secular e de muitas outras corporações religiosas de São Paulo.

Terminado o ato da absolvição, foi inaugurado, junto ao epítafio do mausoléu, um grande bronze com a efígie de Monsenhor Passalacqua, obra do artista Fernando Frick, com os seguintes dizeres:

*"Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua
Passou a vida fazendo o bem.
Oremos por ele. * 7.V.1858
† 12.VI.1920"*

Nesta ocasião falaram o médico Dr. Ulisses Paranhos, o Irmão Terceiro João Lourenço e o Comissário Interino Pe. Dr. Bernardo Cabrita.

Os jornais de São Paulo, de Santos e alguns da Itália deram a mais ampla cobertura ao falecimento de Monsenhor e às homenagens póstumas que lhe foram prestadas. A Câmara Municipal de São Paulo, na sessão de 20 de julho presidida pelo Barão Raimundo Duprat, "consignou em ata um voto de profundo pesar pelo infiusto falecimento do preclaro sacerdote Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua".

Monsenhor morreu, mas vive e viverá sempre nas suas obras, no coração de seus amigos e de todos quantos tiveram a ~~aventura~~ de conhecê-lo.

* * *

Monsenhor Passalacqua foi sepultado no túmulo n. 10 da quadra 10, do Cemitério do Carmo, aí permanecendo até o dia 12 de junho de 1976, quando os seus restos mortais foram transladados para a cripta da igreja do Carmo, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO X

MONSENHOR MANFREDO LEITE

O lugar vago pelo falecimento do inesquecível Monsenhor Passalacqua foi ocupado pelo então Cônego Manfredo Leite, um dos seus melhores amigos.

O seu nome fulgurava brilhante entre o alto clero da Arquidiocese e entre as figuras de elite do nosso meio intelectual.

O seu prestígio de sacerdote e orador sacro foi grande. Membro da Academia Paulista de Letras, ele será sempre lembrado como o notável orador que atraía admiradores do seu talento das mais longínquas distâncias, para ouvir a sua palavra.

Não havia ninguém que o não conhecesse, que não se tivesse entusiasmado ante a irradiações fortes de sua palavra burilada, luminosa, arrebatadora e castiçamente portuguesa, atirada às multidões pelos seus lábios privilegiados de orador do alto púlpito das nossas igrejas.

Sempre que se espalhava a notícia de que o festejado orador Manfredo Leite ia falar, os templos enchiam-se, e, todos os que apreciavam as boas letras e amavam a boa doutrina, disputavam um lugar em que melhor o pudessem ver e em que nenhuma palavra lhes escapasse. Nos dias festivos a Igreja do Carmo era pequena para conter a assistência de pessoas que vinham de longe para ouvi-lo pregar.

O verbo saía-lhe dos lábios dardejante, inflamado, impetuoso como uma catadura de pérolas, vibrante, clara e ardente como um sol em pleno zênite.

Aos burilamentos da frase sabia ele sempre unir os brilhos do raciocínio, as florações da erudição e a rigidez do argumento.

Sem desdouro para os grandes oradores da nossa terra, Monsenhor Manfredo Leite foi o príncipe de todos eles.

Dotado de um talento invejável, ele soube honrar com as luzes do seu saber não simplesmente a tribuna sagrada mas também a cátedra de nossas escolas.

No Seminário e no Ginásio Diocesano foi um dos lentes mais ilustres, e na Faculdade de Filosofia e Letras um dos seus docentes mais distintos e apreciados.

Se o agitasse a asa da ambição, ele teria escalado sem grandes dificuldades a muralha gloriosa das posições políticas, porque dotes não lhe faltavam, e mais de uma vez os políticos de sua terra lhe tinham aberto caminho para os triunfos de sua palavra soberana e para as vitórias de seus ideais puros de patriota.

Preferiu porém viver escondido na roupeta humilde de seu sacerdócio, aparecendo somente quando o seu zelo de padre obrigava a levar as formosuras da verdade e os deslumbramentos do bem às turbas famintas de ideal e de luz.

Como amigo, era o melhor dos amigos, sempre franco e sincero, sempre leal e generoso.

Os colegas sentiam-se felizes com a sua amizade; todos os que lhe dispensaram um pouco de afeto encontraram nele uma alma feita de bondade, condescendência de sentimentos nobres e dedicação cativantes.

Caráter firme, disposição para a luta, independência e coragem foram traços que definiram e marcaram a personalidade de Monsenhor Manfredo Leite.

* * *

Monsenhor Manfredo Leite (João Nepomuceno Manfredo Leite) nasceu em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, a 16 de maio de 1876. Foram seus pais Higino Honorato Leite e Leonarda Balbina Leite, oriundos de velho tronco paulista.

Seus primeiros estudos foram feitos no afamado colégio de Caraça, no Estado de Minas Gerais. Teve entre colegas muitos que mais tarde tiveram grande projeção na política e na sociedade como Afonso Pena Júnior e Fernando Mello Vianna. Fez os cursos de Filosofia e Teologia no Seminário do Rio Comprido, no Rio de Janeiro, cujo Arcebispo Dom João Esberard lhe conferiu as ordens de Subdiácono e Diácono.

No dia 25 de março de 1889 recebeu o Presbiterato das mãos do então Arcebispo daquela Arquidiocese, Dom Joaquim Arcôverde Cavalcanti, de saudosa memória.

Depois de ordenado seguiu para sua terra natal, onde se conservou durante quatro anos, desempenhando aí com inexcedível zelo o "munus" paroquial, como Vigário da Freguesia de São José.



MONSENHOR MANFREDO LEITE
Protonotário Apostólico "ad instar participantium"
Diretor Espiritual da Ordem 3.^a do Carmo, de 25.VII.1920 a 18.III.1969

Foi deputado no Congresso Estadual de Santa Catarina, durante três anos. Foi amigo íntimo de Hercílio Luz, seu compadre duas vezes. Eleito deputado federal pelo mesmo Estado, e ocupando o segundo lugar na chapa, não foi reconhecido devido a militar nas fileiras do partido da oposição ao supremo chefe o senador Lauro Muller.

Vindo para São Paulo em 9 de novembro de 1903 com Dom José de Camargo Barros, que fora para aqui transferido da Diocese de Curitiba a que pertencia então Santa Catarina, o talentoso sacerdote distinguiu-se logo pela sua eloquência na tribuna sagrada e pelo acendrado zelo em seu ministério sacerdotal.

Foi professor de Lógica e Literatura no Ginásio Diocesano, Cura da Sé Catedral, Vigário em comissão da paróquia de Atibaia, administrador da Basílica de Aparecida quando se declarou a grande guerra de 1914, ocasião em que a autoridade Arquidiocesana julgou prudente substituir os religiosos alemães nos cargos que ocupavam nessa época.

Foi professor de Literatura da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, agregada à Universidade de Louvain da Belgica.

Foi nomeado em 28 de julho de 1907 Cônego Catedrático do Cabido Metropolitano, do qual já era 1º Apontador e já fora Secretário.

Em 1918 foi convidado e não aceitou o importante cargo de Visitador da Arquidiocese.

Fez parte da Comissão Tridentina, na administração temporal, lugar para o qual foi eleito pelo Cabido.

Entre os seus títulos destacaram-se o de Cônego Honorário da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, e o de Protonotário Apostólico "ad instar participantium".

Foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras em 28 de novembro de 1909, Membro Titular da Cadeira n. 23, onde se notabilizou pela sua atuação, deixando uma apreciável folha de serviços prestados. Foi redator Chefe da "Gazeta do Povo", redator do extinto diário católico "São Paulo", órgão oficioso da Arquidiocese.

Monsenhor Manfredo Leite deixou nos seus livros "Duas Almas", "Seara", "In memoriam", "Ontem e hoje", "A Catedral de São Paulo", "Maria Glorificada", "Saudades", "A Educação", em discursos, sermões e conferências, artigos de jornal e páginas esparsas, o testemunho de sua fé, de seus princípios morais, de sua

cultura humanística, de seu valor literário e de seu culto pelos ideais que significam a vida.

Entre as obras às quais ele se dedicou, no seu ministério de bem servir, é de mencionar com prioridade a Ordem Terceira do Carmo, para o qual foi nomeado Comissário por Dom Duarte Leopoldo e Silva em 25 de julho de 1920, cargo que ocupou até 18 de março de 1969, quando faleceu.

Quarenta e cinco anos de trabalho permanente e devotado, seja nos postos de direção, no Conselho ou como Assistente Eclesiástico, valeram a Monsenhor Manfredo Leite o título de Sócio Benemérito e sua inscrição no "Livro de Ouro" da Associação Santa Teresinha. No recolhimento de Carapicuíba todos ainda sentem falta do grande benfeitor.

A Associação das Mães Cristãs, fundada em São Paulo em 1899 por Monsenhor Camilo Passalacqua, secundado por um grupo de senhoras da melhor sociedade Paulistana, após a morte do seu fundador em 1920 encontrou em Monsenhor Manfredo Leite o diretor idôneo que iria conduzi-la pelo espaço de quase meio século, com a exação que lhe era peculiar, no desempenho de qualquer de suas tarefas. Ele foi o guia sábio e seguro que nunca faltou.

* * *

Monsenhor Manfredo Leite faleceu às 23 horas do dia 18 de março de 1969, na rua do Carmo, n. 44, onde residia. A notícia do seu falecimento causou a mais profunda consternação nos meios intelectuais brasileiros, sobremaneira na nossa Ordem.

No dia seguinte ao seu falecimento — dia de São José — seu corpo foi velado na capela-mor da Igreja da Ordem, onde foram celebradas duas Missas de corpo presente: às 8,30 horas pelo Revmo. Pe. Subdiretor Cônego José Pascoal Christofaro, e às 14,30 horas pelo Revmo. Pe. Waldemar Conceição. Às 15 horas, após a encomenda feita pelo Revmo, Bispo Auxiliar e Vigário Geral da Arquidiocese, Dom José Lafayete Ferreira Alves, o féretro saiu para o cemitério particular da Ordem Terceira. A Missa de 7º dia foi celebrada por sua Eminência Dom Jayme de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, que veio especialmente para prestar sua última homenagem ao seu grande amigo e conterrâneo.

Ao baixar à sepultura o nosso cc. Irmão Dr. Galileu Cintra, falando em nome dos Irmãos Terceiros do Carmo, proferiu a seguinte oração fúnebre:

"Incumbiram-me irmãos da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de vir trazer diante desta campa que se abre para recolher os despojos perecíveis do eminent prelado Monsenhor João Nepomuceno Manfredo Leite, que foi por largo tempo nosso querido Diretor Espiritual, os nossos sentidos adeuses na hora cruciante da despedida, para vir trazer os nossos corações contritos, pejados de infinita tristeza.

Pastor de almas como Cristo preconizava fossem os seus amados discípulos; guia espiritual inexcedível no cumprimento do dever, e nas prescrições morais do nosso sodalício, o seu trespasso inopinado envolveu-nos de tão dolorosa emoção, que a custo podemos sofrê-la, e dificilmente expungi-la, a fim de cumprir nossa delicada missão.

Desde tempos imemoriais do paganismo — pregava o Padre Bourdaloue, insigne orador do púlpito francês — “já se entendia que a grande mestra da vida para um aperfeiçoamento moral era a meditação sobre a morte”. E quando a ceifadora de vidas arrebata dentre os vivos, de nosso convívio amorável e religioso, um tão notável sacerdote — cheio de virtudes e inteligência — o mistério que circunda a morte mais se dilata, obrigando-nos a profunda meditação sobre a transitoriedade da vida terrestre e a perenidade da alma. Ela era como a pedra do poeta Rollinat de que nos conta Humberto de Campos: “a água, por mais escura que passasse pelos seus dedos, não lhe deixava, jamais, a menor partícula de limo nas mãos”. Ainda há pouco nos extasiava com suas homilias na hora do Evangelho, verdadeiras filigranas de lições morais e religiosas.

Era então de ver o seu pensamento cristão fluir docemente sobre a nossa vida em sociedade, recriminando, por vezes, esta, em seus excessos materialistas, em suas omissões de boa vontade; desblaterando os maus em suas ações transversoras; tudo com o fito de aprimoramento moral, entretecido de uma linguagem de encontro irresistível. E meditando agora sobre a sua morte, a nossa mente se povoa daqueles sábios conselhos, daqueles levantados ensinamentos, ditos de forma suavemente paternal, os quais, pela vida em fora, guardamos em nossos corações indelevelmente.

Conta-se que debaixo da sepultura de Santa Ermelinda, muitos anos depois de sua morte, as monjas abrindo-lhe o túmulo encontraram um jorro de água límpida, que purificava e curava. Não sei se acontecerá o milagre, mas estou certo de que a inscrição do seu nome no lápide do túmulo despertará ainda mais a nossa fé, incentivando a prática do bem, o que em vida ele tanto propugnou.

Empolgante tributo do púlpito sagrado, em dado momento polarizou coma fama da sua eloquência o mundo católico paulis-

tano, que acorria a ouvi-lo em seus sermões famosos: ninguém o excedia nos segredos da paranética.

Havia nele, em sua vida intelectual e religiosa, um substrato constante e inseparável, sempre atuante nas suas pregações, que o distingua e o destacava; o culto de humanismo cristão, à luz de Santo Agostinho ou de Korgread, ou segundo o conceito insinuante de um professor-filósofo: "a auto-consciência de um ser existentes, cruzamento de contrastes e paradoxos de inamovíveis perplexidades, a fraqueza e a glória de um ser limitado e aflito, no abismo da angústia reveladora do liame sobrenatural com o divino que o transcende".

Pela sua independência, pela sua exuberante personalidade, pela mistura na sua oratória de emoções patrióticas e religiosas; pelo tom alti-eloquente das suas orações, Monsenhor Manfredo Leite representava, entre nós, os últimos vestígios da eloquência clássica sagrada.

Beletrista acatado nos meios literários, em todas as manifestações intelectivas em que se empenhou, sempre afirmou a sua preexcelência.

Aqui só há lugar para falar do sacerdote, de sua vida exemplar de eclesiástico; do beletrista, do artista da palavra falada ou escrita, membro conspícuo da Academia Paulista de Letras, certamente outros se encarregará.

Cícero, numa das suas obras de pensamento profundo, deixou dito, e depois repetido por Plínio, o moço: "a felicidade na vida consiste em fazer coisas e atos que sejam dignos de ser escritos, ou compor escritos que mereçam ser lidos". Ora, todos os atos que ele praticou, ou brotaram de sua pena de escritor, ou assomaram aos seus lábios de orador, foram dignos de ser escritos, lidos e ouvidos. Qualquer que fosse o gênero de composição que versasse, já estava o sináculo da perfeição e da superioridade.

A nós, agora, cumpre cultuar a sua memória, empolgando as suas obras e exemplos, não os deixando perecer. O "non omnis moriar" do poeta latino à posteridade católica tem o dever de repetir-se, consagrando-o no seu julgamento.

Com o desaparecimento dentre os vivos de Monsenhor Manfredo Leite a Igreja paulista perde uma das suas figuras notáveis, de alto relevo, resplendor de nossa Igreja; a Igreja Universal, um baluarte inexpugnável de sua defesa; e a sociedade um varão de Plutarco dobrado de um coração de ouro.

A Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, diante da irreparável perda de Monsenhor Manfredo Leite, prosta-se genuflexa, com os olhos marejados de lágrimas".

Em seguida o Dr. Pedro Oliveira Ribeiro Neto, presidente da Academia Paulista de Letras, falando em nome desta, pronunciou o seguinte elogio fúnebre:

"Não chegou, o nosso querido Monsenhor Manfredo Leite, a receber da Academia Paulista de Letras a homenagem que se lhe resolveu prestar no dia do seu aniversário a 16 de maio deste ano, como único sobrevivente dos 40 fundadores da Academia, no seu 60.^º aniversário de vida literária.

Chamou-o Deus à Sua presença, com a Sua voz de doçura infinita, para celebrar a Seus pés divinos a Missa perene da adoração. E essa voz, inaudível aos ouvidos físicos do homem, como um sopro apagou a chama bruxuleante da sua alma, que o corpo carregava há quase um século como uma flor de luz.

Dela nos vieram, durante decenios que desejariamos multiplicados, os ensinamentos de Bondade, de Amor e de Paz que se continham nos famosos e formosos discursos e sermões de Monsenhor Manfredo, na direção dos homens. Poucas vozes ouviu São Paulo, em mais de quatrocentos anos, brotadas dum púlpito, na altura da eloquência, da profundidade e da beleza da palavra que ora se extinguiu.

Neste ano comemorativo da Academia Paulista, aí está a saudade, roxa e dolorida, que depomos no sólio do mais alto grêmio literário de São Paulo, a avisar aos caminhantes que curvem o joelho diante dessa cruz, que Monsenhor Manfredo Leite carregou como um símbolo da nossa crença, com as suas mãos consagradas e a sua alma luminosa.

Que neste instante a Virgem Nossa Senhora do Carmo acolha sob o seu escapulário o filho dileto da Igreja, que lhe deu tanto brilho e tanto amor.

De joelhos, a Academia Paulista de Letras ergue a Deus esta oração, que São José, Padroeiro da Boa Morte, no seu dia de glória há de endossar junto ao Senhor".

Monsenhor Manfredo Leite foi sepultado no jazigo dos Diretores da Ordem, no Cemitério do Carmo. De suas mãos recebemos pessoalmente suas disposições de última vontade:

"Minhas últimas vontades.

Por cima da roupa com que a morte me tenha colhido quero apenas uma batina preta. Nada de paramentos. Simples batina. Nos pés, meias, e nada mais.

Enterro de terceira classe, e se possível anunciar na imprensa a minha morte depois que eu estiver enterrado. Na minha sepultura não quero túmulo. Apenas uma laje com esta inscrição: "FIDEM SERVAVI".

Estas últimas disposições retratam perfeitamente a figura inconfundível de Monsenhor Manfredo Leite.

* * *

No dia 20 de maio de 1969 a Academia Paulista de Letras promoveu uma sessão em memória de Monsenhor Manfredo Leite, cabendo ao ilustre acadêmico Paulo Nogueira Filho, de saudosa memória, discorrer sobre os diversos aspectos da personalidade multiforme de Monsenhor Manfredo Leite, tais como o de orador sacro e profano; o de cidadão consciente de seus deveres cívicos; o de amigo querido de seus deveres cívicos; o de amigo querido de seus amigos; de afeiçoados aos animais; e, ainda, sobre fatos merecedores de registro de sua vida pública e particular, bem como sobre seus derradeiros dias, disposições de última vontade e morte.

O Diário de São Paulo do dia 25 do mesmo mês, na "coluna do Marcelino", publicou a seguinte notícia que ora destacamos:

"Foi solene e emocionante a sessão que a Academia Paulista de Letras promoveu, na última terça-feira, dia 20, em memória de um de seus membros, recentemente falecido, monsenhor Manfredo Leite. Uma dessas tardes paulistas de crepúsculo aberto e colorido. O salão da Academia estava repleto e houve gente que não conseguiu sentar-se e ficou o tempo todo de pé. A Venerável Ordem Terceira do Carmo estava representada com garbo, tendo à frente o Prior, Dr. Raul Leme Monteiro, o Diretor, Cônego José Pascoal Christofaro, Paulo Suplicy, Álvaro Pinto de Aguiar, Dr. Nelson Malheiro, Dr. Alcides Ribeiro, Dr. Nelson Carvalho, a Priora Clélia Palmério Roza e outros irmãos e irmãs das Mesas Administrativas da Ordem. O Ginásio do Carmo tinha, como seu delegado, o próprio reitor, e os alunos deram um colorido todo especial com sua reação às palavras dos dois oradores que discorreram sobre a vida e morte de monsenhor Manfredo Leite: Paulo Nogueira Filho e Cesar Salgado. Lá estavam também as Mães Cristãs, levadas por dona Wilma Ferreira de Araujo e as Irmãs do Asilo Santa Teresinha, representando dona Marina Mesquita. O prefeito enviou representante, o Sr. Guilherme Pedroso. Entre os acadêmicos — todos acompanhados de suas senhoras — contamos Guilherme de Almeida, Ernesto Leme, Leão Machado,

Vicente de Azevedo, Carlos Alberto Nunes, Mario Gracioli e a caçula dos imortais, Maria de Lourdes Teixeira, ainda não empossada em sua cadeira, o que se dará brevemente. Presidiu a sessão e com alta valia, Pedro de Oliveira Ribeiro Neto. Na platéia, dona Ana Rau, sra. Milton Marcondes, dona Burguetinha Pestana, que é a Mãe Cristã mais antiga e progenitora de Paulo Pestana; dona Lucia Revoredo, dona Maria Sá Moreira, Luiz Paranaguá, Paulo e Hermann Revoredo, Francisco de Paula Vicente de Azevedo, dona Elza Rezende, Alcyr Porchat, Alberto Prado Guimarães, Paulo Nogueira Neto e seus dois filhos, o pintor Paim e inúmeros representantes das classes literária e artística de São Paulo.

O retrato do homenageado estava colocado junto à mesa com um simples ramo de flores.

Como documentação viva, salientamos este trecho da oração do acadêmico Paulo Nogueira Filho, que vale ser revelada como documento humano:

"Nos primeiros dias de março, desapareceram as últimas esperanças de que Monsenhor pudesse sobreviver, dada a agravação irremediável de seus padecimentos. Na manhã de terça-feira, dia 18 de março de 1969, tivemos a notícia, dolorosamente esperada, de que estava "nas últimas". Sua empregada, Benedita, por volta das 7 horas [da tarde, por ordem dele, chama Ana Maria, minha mulher, uma de suas afilhadas diletas. Chegando à casa, ela o encontra ainda no escritório. Estava à sua espera. Iria para o quarto onde então conversariam. Na casa, permanecia apenas um grupo de fiéis amigos. Com dificuldade levaram-no até o leito no andar superior.

Depõe Ana Maria: Assim que entrei no quarto, com um olhar de tristeza que nele desconhecia, mas voz firme e com lucidez impressionante, começou a falar: "Minha filha, a morte já bateu à minha porta diversas vezes... mas hoje... é a definitiva; eu quero ir mesmo; ando muito cansado; tenho sofrido muito; não fique triste; fui um homem a quem Deus muito protegeu; realizei o que mais quis; minha vida de sacerdote foi coroada de êxito; amigos, tive uma legião deles que me acompanharam em todas as horas; Galeno, seu pai, foi dos maiores; o Raul Leme Monteiro foi para mim um filho e sua mulher Marilandis o meu anjo tutelar; a Benedita, uma dedicação de vinte anos; morro cercado de carinho e de conforto; você, minha afilhada, uma jóia eclesiástica — raio de sol em minha vida!" Nesse momento, é ainda Ana Maria quem fala: eu soluçava. Disse-me, sem alteração em sua voz: "Não faça isso — eu vou em paz; tenha coragem; nunca deixei de rezar pela [sua felicidade]. Nesse momento pediu-me que apagasse a luz, pois queria repousar

um pouco. Assim, de mãos dadas, despediu-se de mim. Esperei que adormecesse para deixar o quarto. Eram pouco mais de 8 horas da noite.

Completamente aturdida pela emoção, Ana Maria vem à casa, para re refazer. Não teve tempo de encontrá-lo ainda com vida. Às 11 da noite deixa a sua luz de cintilar no convívio dos homens; passa ao esplendor da paz de Deus. Seus funerais surpreenderam pela ausência de inúmeros amigos que não podiam faltar ali, naquela hora. O nobre Prior do Carmo, Dr. Raul Leme Monteiro, explica a uns e outros que o fato era devido a certa determinação expressa do Monsenhor; o anúncio do seu falecimento só devia ser feito depois de seu enterro! Na verdade, não fora só essa a recomendação do morto sobre seus funerais. O Prior, que recebera as disposições da última vontade das mãos do Monsenhor, a 14 de julho de 1966, na hora das aflições por que passou no transe da morte de seu estremecido amigo, recordou-se dessa determinação e a cumpriu deslumbrado. Outra das vontades contida no mesmo documento diz: "Por cima da roupa com que a morte me tenha colhido quero apenas uma batina preta. Nada de paramentos, simples batina. Nos pés, meias e nada mais. Enterro de terceira classe E se possível anunciar na imprensa a minha morte, depois que eu estiver enterrado. Na minha sepultura não quero túmulo. Apenas uma laje com esta inscrição: "Fidem Servavi". Peço encarecidamente sejam observadas estas minhas vontades".

Diante do esquife do Duque de Guise, Henrique III da França teria exclamado: "Morto parece ainda maior do que vivo". Contemplando o corpo inanimado do Monsenhor Manfredo Leite no velório da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, veio-me à mente esta frase atribuída por Troppel a Bousset: "O Universo não tem nada maior do que os grandes homens modestos". O nosso Monsenhor, morto, não parecia maior do que vivo. Grande homem modesto, com essa dimensão passa à eternidade!"

* * *

No notável discurso proferido na Academia Paulista de Letras, no dia 20 de maio de 1969, na sessão em memória de Monsenhor Manfredo Leite, o ilustrado acadêmico e escritor J. A. Cesar Salgado assim se expressou:

"Foi durante o retiro dos Irmãos da Ordem 3^a do Carmo, no dia 8 de março de 1969.

Após as orações, Monsenhor Manfredo Leite ergue-se na Capela-Mor, junto ao altar.

Como em todos os anos, desde velha data, ia ouvir-se a sua palavra, ansiosamente desejada.

No templo, até o silêncio parecia aguardar a voz do grande orador. Ele se mostra, de pé, imóvel, mudo, como presa de súbita inibição.

Por que tardava tanto em falar?

Em dado momento, os que lhe estavam mais próximos perceberam que ele se esforçava por dizer algo inaudível. Era um murmúrio de sons inarticulados. Nos olhos de Monsenhor Manfredo Leite reflete-se toda a angústia daquele transe inexorável.

Ele não conseguia falar! Faltava-lhe a palavra, o mais precioso de seus dons! A palavra que lhe servira de instrumento perfeito para comunicar suas idéias, suas emoções, sua sensibilidade de artista. A palavra que era a sua própria alma!

Naquele instante, Monsenhor Manfredo Leite sentiu que havia morrido para o mundo. E saiu, de improviso, como a fugir, sem um gesto de despedida, direto à sua casa, para esperar a morte.

E a morte veio, dez dias depois, selar para sempre os lábios daquele que havia sido uma das grandes vozes do púlpito brasileiro."

* * *

Monsenhor Manfredo Leite foi sepultado no jazigo dos Padrinhos Diretores da Ordem, do Cemitério do Carmo, onde permaneceu até o dia 12 de junho de 1976, quando os seus restos mortais foram transladados para a Cripta da Igreja do Carmo, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO XI

TRANSLADO DOS RESTOS MORTAIS DO MONSENHOR DR. CAMILO PASSALACQUA E DO MONSENHOR MANFREDO LEITE PARA A CRIPTA DA IGREJA DO CARMO NO DIA 12 DE JUNHO DE 1976

Desejando prestar uma significativa homenagem póstuma aos seus inesquecíveis e saudosos diretores espirituais Monsenhor DR. CAMILO PASSALACQUA (de 1872 a 1920) e Monsenhor MANFREDO LEITE (de 1920 a 1969), proeminentes vultos do clero brasileiro, resolveu a Mesa Administrativa, na reunião de 8 de novembro de 1975, transladar os seus restos mortais do Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, onde se encontravam, para a cripta da Igreja do Carmo, ficando aí para sempre expostos à veneração dos fiéis e de todos que os conheceram.

Concretizando esse desejo, a Mesa Administrativa procedeu à transladação no dia 12 de junho de 1975, data do 55º ano do falecimento do Monsenhor Passalacqua, com a seguinte programação:

Às 8,30 horas, o Cônego José Pascoal Christofaro, Diretor Espiritual da Ordem, fez a encomendação dos restos mortais na Capela do Cemitério, na presença do Professor Dr. Ernesto de Moraes Leme e do Dr. José Pedro Leite Cordeiro, ambos membros e representantes da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; achava-se também presente o Irmão Terceiro Álvaro Pinto de Aguiar, da Mesa Administrativa da Ordem.

Às 8,35 horas as duas urnas que continham os restos mortais, colocadas num rico andor dourado do século XVIII coberto de flores, foram transladadas num carro especial do Corpo de Bombeiros para a Igreja do Carmo, onde chegaram às 8,45 horas; aí, sa-

porta de entrada estavam aguardando todos os membros da Mesa Administrativa, Irmãos Terceiros, Membros da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, representantes da imprensa, parentes de Monsenhor Passalacqua e do Monsenhor Manfredo Leite, de São Paulo, do Rio, do Paraná e de Santa Catarina, Irmãos de São Vicente de Paulo, da Casa Pia de São Vicente de Paulo e do Instituto João e Raphaela Passalacqua.

Assim que o carro do Corpo de Bombeiros parou em frente à escadaria da igreja, os sinos repicaram festivamente para saudar a chegada dos antigos Diretores Espirituais que retornavam para sua própria casa, sua própria igreja, que continuará a ser deles, recebidos com o mesmo carinho que receberam em vida dos seus queridos filhos como eles os chamavam.

Ao entrar na igreja literalmente cheia, o andor, carregado por dois bombeiros e Irmãos Terceiros, foi levado até o altar-mor, e colocado em frente a ele, onde foi celebrada Missa "in memoriam" pelo Diretor Espiritual da Ordem, Cônego José Pascoal Christofaro. Os componentes do coro cantaram emocionados desde a entrada do andor até ser depositado ante o altar, chegando mesmo a verter lágrimas.

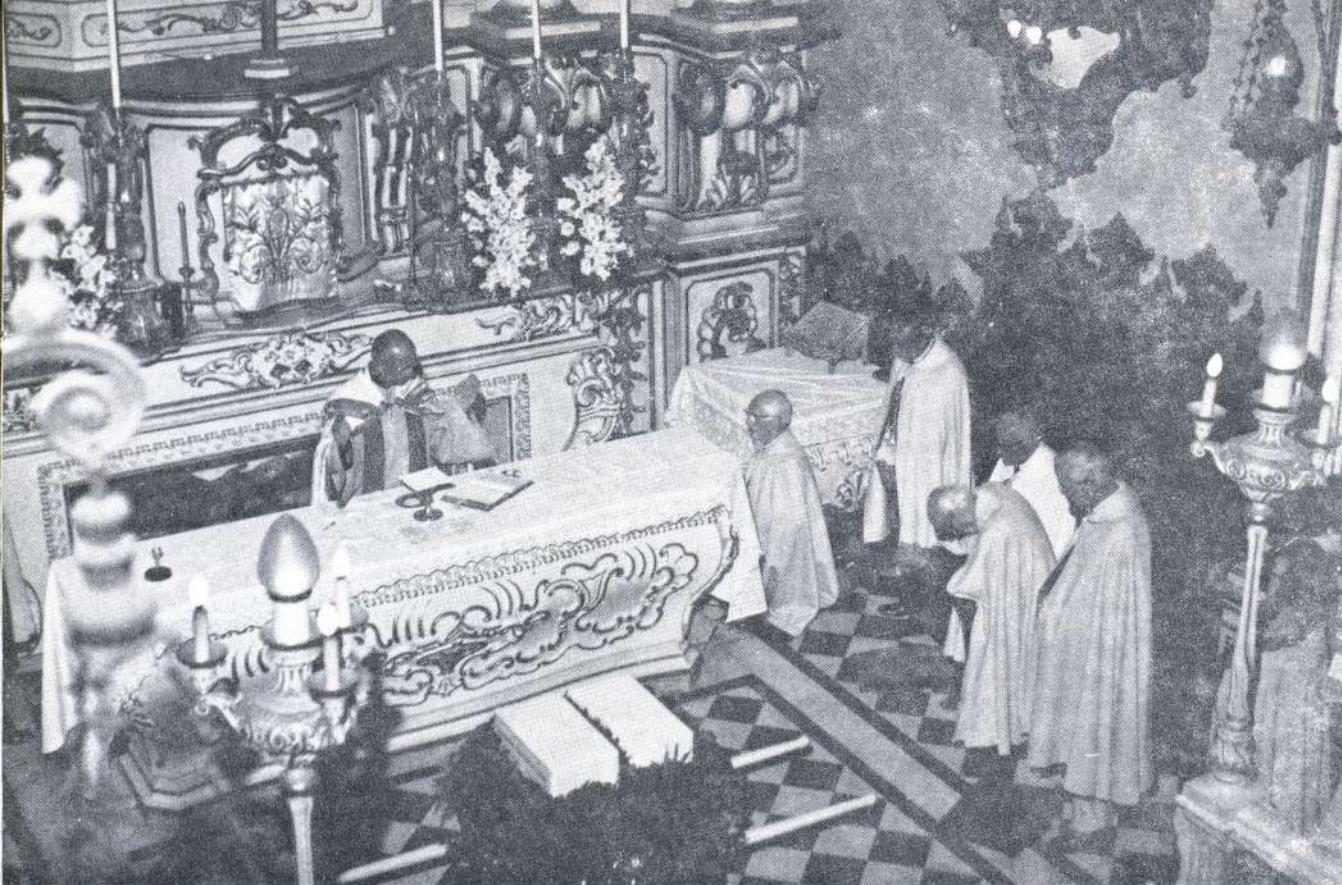
Após o evangelho, em breves palavras falamos sobre esses vultos que se agigantaram na passagem por este sodalício e que permanecerão na cripta da Igreja do Carmo até o fim dos tempos.

A seguir o Dr. Mario Savelli, representante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, proferiu a seguinte oração a Monsenhor Passalacqua, que transcrevemos integralmente:

"Estamos prestando exéquias a duas criaturas que se completaram nos serviços prestados a Deus e à Humanidade.

A obra de Monsenhor Manfredo Leite, em pontos vários, é o prosseguimento da de Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua, que Nossa Senhora do Carmo acolheu sob seu escapulário a 12 de junho de 1920, após 39 anos de exemplar sacerdócio.

O Instituto Histórico e Geográfico, que aqui represento, em sessão de 21 de junho de 1920, na palavra douta de Afonso de Freitas e de Lellis Vieira, rendeu homenagem sentida e devida ao titular ilustre que ainda pouco antes de falecer de sua tribuna pronunciara magistral palestra sobre um tema fascinante e historicamente polêmico: "Santo Thomé na América". Decorridos 56 anos,



As duas urnas com os restos mortais do Monsenhor Camilo Passalacqua e do Monsenhor Manfredo Leite, após a transladação do Cemitério do Carmo para a Igreja do Carmo, durante a Missa celebrada às 8,45 horas do dia 12 de junho de 1976, na Capela-mor, pelo Diretor Espiritual da Ordem, Cônego José Pascoal Christofaro.

minha voz é ainda eco daquele preito da douta casa que custodia nosso passado.

Camilo Passalacqua, senhor de acendrada vocação intelectual e de inexcedível religiosidade, não foi um contemplativo, mas, sim, homem de ação intensa, um infatigável e feliz realizador, do qual transparecia na imponência da figura física a dignidade da figura moral. Encarnou admiravelmente o pensamento de Lacordaire — “Viver é agir, agir é produzir e produzir é tirar de si alguma coisa igual a si”.

Nasceu em plena primavera da bela Itália, em maio de 1858, em Scalea na província de Cosenza, região amena da qual Varro mencionou as macieiras fruteantes duas vezes ao ano e Plínio gabou os generosos vinhos. Dali o menino Camilo, com os progenitores, muito cedo partiu, para, após curta estada na França, chegar à nossa, então tranquila, cidade. Em 1878, após com brilho superar os preparatórios, matriculou-se no Seminário Diocesano. Fez curso destacado e ordenou-se em 1881. Logo após, pelos reconhecidos méritos intelectuais e pela vocação pedagógica, integrava o corpo docente do Seminário. No púlpito, no confessionário e na cátedra destacou-se pela apostólica dedicação. Em 1888, o ano da Alforria, foi escolhido para Promotor de memorável Sínodo Diocesano, do qual participaram cerca de 200 sacerdotes. No mesmo ano, após brilhante concurso, foi nomeado professor de Pedagogia e Metodologia na Escola Normal.

No Episcopado de D. Joaquim Arcoverde — que se tornaria, em 1905, o primeiro Cardeal Latino-Americano — fundou, em 1886, a Associação das Damas de Caridade, destinada a socorrer material e espiritualmente, em seus domicílios, os enfermos desprovidos de recursos. Após curto interregno como pro-Pároco da paróquia da Conceição de Campinas, retorna a São Paulo onde, por Provisão de 29 de fevereiro de 1892, é nomeado Comissário da Venerável Ordem Terceira do Carmo, entidade que, desveladamente, serviu por mais de 28 anos. Para expandir o culto externo, complemento do que deve dominar o coração dos filhos do Carmelo, tornando-os portadores da mensagem de Cristo aos que ainda não são do seu grêmio, estabeleceu conferências trimensais e o retiro anual. A Ordem continua a exemplarmente cumprir a nobre missão estimulada nos primórdios pelos escritos

e pela vibrante expressão oral de Monsenhor Passalacqua.

Em 1895 assumiu a Reitoria do Seminário Episcopal, realizando notáveis reformas na estrutura e na disciplina do ensino ao clero e a jovens destinados a profissões leigas. Pelo seu labor, o Santo Papa Leão XIII agraciou-o com o título de Camareiro Secreto.

Afastando-se da Reitoria, passou a dedicar-se essencialmente à Venerável Ordem, e, para ampliar-lhe a ação benéfica, cogitou da fundação de um Externato anexo à Igreja. Assim, em 1899, surge — para a proficiente orientação dos Irmãos Maristas — o Ginásio Nossa Senhora do Carmo, do qual o imenso elenco de valores egressos do corpo discente evidencia, de forma meridiana, os méritos.

O zelo de Monsenhor Passalacqua não tinha, porém, limites, e funda a Casa Pia de São Vicente, abrigo de órfãos e meninos desvalidos de bens e, para emprego maior da caridade das virtuosas Irmãs Vicentinas, a Casa Pia "Patrocínio de São José". Cria, ainda a Associação das Mães Cristãs, sob patrocínio de Santa Mônica — paradigma de esposa, viúva e mãe cristã.

Em 1910, inovador na assistência social e comprendendo, vanguardero, a necessidade de ensino, adestrador para o trabalho remunerado, funda a Escola Profissional anexa à Casa Pia de São Vicente de Paulo. Em 1912, no Ginásio do Carmo, assistido sempre pela Ordem Terceira, estabelece aulas noturnas para operários, oferecendo-lhes ensino cristão. Nas lições de catecismo ministradas neste templo introduz o uso de projeções luminosas. Uma criatura permanentemente atualizada, diria um avançado e profícuo cultivador da vinha do Seminosa. Uma criatura permanentemente atualizada, diria um avançado e profícuo cultivador da vinha do Senhor.

Em seu último retiro espiritual, sempre voltado para o amanhã melhor — homem de realizações, mas também, de ciência e cultura literária —, propõe, com pronta e plena aceitação dos Irmãos Terceiros, a instalação de uma biblioteca. Não viveu para assistir à inauguração solene, mas, por certo, do Céu, abençoou mais essa sua obra de titã do labor espiritual e assistencial que teve a ventura de lavrar em seara fecunda: a Venerável Ordem Terceira do Monte Carmelo.

Seu funeral foi talvez o maior já realizado em São Paulo. A apoteose da afeição de toda uma cidade. Mas, a definitiva ausência física só fez avultar a veneração pela figura de permanente lidador das boas causas, e a mesma saudade, as mesmas preces e o mesmo respeito filial que, em preito de gratidão, lhe oferecíamos na sepultura do Campo Santo da Ordem Terceira vêm postar-se, para sempre, na cripta desta bela e antiga Casa de preces que — abençoando-o — viu São Paulo de Piratininga crescer até transmudar-se na maior Arquidiocese Católica do Orbe quando a ela retorna Monsenhor Camilo Passalacqua, que neste ambiente sagrado serviu em grau e sublimidade à nossa gente. Aqui as gerações surgentes evocarão a memória da criatura santa que da atividade sem hiatos em benefício da grei da qual era pastor bem amado legou-lhes, com uma obra de incommensuráveis dimensões, fruto do permanente otimismo construtivo, também, a excelsa lição contida nestas duas frases lapidares que respinguei num dos muitos magistrais discursos acadêmicos de Monsenhor Manfredo Leite, continuador de parte da abençoada e tão bem cumprida missão de Monsenhor Passalacqua: "Somente o bem é eterno! É preciso crer na vida e na primavera!"

Em seguida o preclaro acadêmico Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho proferiu a seguinte oração de exaltação de Monsenhor Manfredo Leite:

"Uma dinastia de priores do Carmo, da qual Raul Leme Monteiro é o quinto na mesma família, uma série de abnegados priores vem conservando para o enriquecimento do patrimônio religioso, cultural e artístico de São Paulo, esta antiga e tradicional Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Neste vetusto templo de mais de trezentos anos, ao redor destas mesmas maciças e pesadas paredes que resistiram aos séculos, à vista destes mesmos magníficos lampadários, ricas alfaias e ornamentais candelabros de prata, todos mais que centenários, neste local e nesta mesma posição em que ora me situo, pregava Monsenhor Manfredo Leite a fiéis que o ouviam enlevados. Esta era a sua casa e aqui ele exerceu, com dedicação e unção, o ofício de Ministro de Deus.

Disse o Apóstolo São Paulo: — "determinado é aos homens morrer uma vez. E monsenhor morreu. Transmudou-se em cinzas, em memória e em espírito.

Ali, à nossa frente, estão os restos, a poeira, as cinzas de João Nepomuceno Manfredo Leite, relíquias respeitáveis, venerandas cinzas daquele que foi, neste mundo, dignatário considerado da Igreja Católica, do homem de fértil cerebração e invejável aspecto físico, do consagrado orador, pregador, deputado, homem de letras, acadêmico. Trasladados do Cemitério do Carmo, os restos mortais de monsenhor agora recebem a nossa compungida homenagem, a nossa profunda reverência. Ele, que ali está, e mais monsenhor Camilo Passalacqua, outra eminente figura do clero paulista, em suas pequenas urnas, a seguir descerão rumo ao abafado silêncio da cripta da Igreja, onde se reunirão, lado a lado, às outras urnas que lá se encontram. Deus meu! O ambiente da cripta revela prenúncios da eternidade! Não é sepulcro! É cenário de algo sempiterno! Aqueles que lá se acham, ali permanecerão pelo decorrer dos séculos, até — e por que não? — até os apocalípticos dias do fim dos tempos.

Manfredo Leite morreu. Converteu-se em cinzas. Desfez-se no inanimado do pó. Mas deixou de si memória imortal. Pois a verdade é que ele revive na lembrança dos parentes e amigos que possuiu, dos admiradores que deixou, dos confrades que o admiravam, respeitavam e estimavam. Destarte, ele, que desapareceu pela morte, mereceu ter, aqui na terra, memória de sua existência, que ora estamos a recordar. Perdura o seu nome através dos ecos inextinguíveis de sua celebrada, notável oratória, refulge o seu talento nos escritos de sua lavra, e assinalado ele ficou na crônica, na história da cadeira que fundou e por sessenta anos ocupou na Academia Paulista de Letras. Em decorrência de preceito regimental, e nele se fundamenta a perenidade acadêmica, em cada renovação de titular da poltrona que foi de Manfredo Leite, ressurge ele nos méritos evocados e exaltados. Assim, a memória do preclaro sacerdote e distinto acadêmico aqui ficou e será cultuada e venerada enquanto existir a agremiação dos imortais de São Paulo. Bem-fadado ele, cuja lembrança vence a bruma opaca do esquecimento e sobrepaira na luminosidade da glória terrena.

Monsenhor morreu. E mudou-se em cinzas, em memória e em espírito. Morreu para o mundo e passou a

viver em Cristo. O seu espírito, bem o sabemos, todos aqueles que temos fé, alçou-se à região da verdadeira vida, e, segundo frei Heitor Pinto, a região "da vida sem morte, do contentamento sem arreio, do bem sem mal: da qual vida participam os santos". Monsenhor já se encontra, pelo que foi e pelo que praticou, na incógnita mansão do tempo ilimitado, da incessante serenidade, da durabilidade da beleza, do eterno deslumbramento perante a majestade de Deus.

José Maria Escrivá, em seu formoso e conhecido livro "Caminho", inseriu uma reflexão que vem a talho, que muito a propósito se aplica a Manfredo Leite: — "Realizará obra grande quem souber acomodar em si estas duas forças: o humano e o divino". Realmente, monsenhor, em elegante e bem composta existência terrena, conseguiu, com sabedoria e perícia, conciliar o humano com o divino. Amanhou ou dois campos aparentemente antagônicos. Neles semeou e frutificou. E na maturidade colheu e saboreou os valiosos frutos, os louros de uma vitoriosa trajetória nos setores profano e sacro. Assim, gozou de consideração e alcançou posição de relevo nos meios sociais e culturais do mais desenvolvido e importante Estado de seu País, ao mesmo tempo que, devotado ao serviço de Deus, mereceu categorizadas distinções honoríficas a ele outorgadas pela sua Igreja. Monsenhor soube, de fato, acomodar em si o humano e o divino. Fê-lo com prudência, com justeza, com propriedade, perfeição e retidão.

Para longe, para muito além do infinito, lá nas celestiais paragens, encontra-se a criatura de Deus que neste mundo se chamou João Nepomuceno Manfredo Leite. Bem-aventurada seja a sua alma".

Finalmente, no Salão Nobre, em frente aos quadros do Monsenhor Passalacqua e Monsenhor Manfredo Leite, na qualidade de representante dos parentes de Monsenhor Passalacqua, a Sra. Maria José Passalacqua Pereira pronunciou as seguintes expressivas palavras:

Sinto-me profundamente emocionada pela honrosa incumbência que me foi outorgada pelos meus familiares: a de agradecer às exmas. autoridades civis e religiosas, e a todos os bons amigos que aqui vieram prestar

uma homenagem póstuma ao Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua, nosso tio.

Sócrates disse 2.500 anos antes de Cristo: — tu serás eterno aqui na terra enquanto a humanidade de ti se lembrar!

Só os dotes do espírito e do coração em benefício de uma coletividade é que nunca feneçem, e aí está, para o todo e sempre, bem no âmago de São Paulo a rua Monsenhor Passalacqua.

Não viemos aqui para homenagear monopólios ou riquezas acumuladas, mas sim os efeitos de uma inteligência invulgar, do maior criador da sua época, do latinista erudito, do professor de português, literatura e pedagogia da única Escola Normal então existente, do escritor brilhante, do sacerdote e cidadão indômito.

E como um homem nunca fez nada sozinho, ele soube, como poucos, reunir ao seu redor uma plêiade de amigos de escol, entre os quais as figuras ímpares de D. Nêne e do Dr. Raul Ortiz Monteiro, que, tendo como alicerce o dinamismo do Monsenhor, fundaram as principais obras de benemerência da época, entre as quais, com especial carinho, queremos lembrar o Instituto João e Rafaela Passalacqua, nossos avós, que, como pioneiros de uma imigração que se iniciaria cinco anos depois, aqui aportaram em 1870.

Foram uns dos pioneiros que hoje são milhões!

As suas obras aí estão, tio padre, e muito melhor do que eu o poderia dizer, já foram citadas, e é pelos seus efeitos que esta Irmandade, mais de meio século após o seu falecimento, presta-lhe hoje a maior homenagem que um sacerdote pode esperar.

Por tudo o que sempre o senhor fez, nós, os descendentes de João e Rafaela Passalacqua, nos orgulhamos, e ao senhor e aos que aqui vieram enaltecer a sua obra imorredoura, o nosso mais profundo agradecimento, irmados todos na sua lembrança cuja existência foi um exemplo de que só o amor constrói, pois São Paulo já disse que Deus é o amor!

As urnas, sobre o andor, ficaram em exposição em frente ao altar de Nossa Senhora do Carmo até o próximo domingo, dia 20 de junho, quando, após a Missa, os Irmãos Terceiros transportaram-nas para a cripta da igreja, onde ficarão para sempre expostas

à veneração de quantos os conheceram como paradigmas de homens que passaram a vida fazendo o bem, servindo a Deus e glorificando a Santa Igreja Católica.

* * *

Dentre as ilustres pessoas presentes às homenagens do dia 12 de junho, conseguimos anotar: Dom Ernesto de Paula, representando S. Eminéncia o Cardeal Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns; Desembargador Dr. Adriano Marrey Júnior; Embaixador Professor Dr. Ernesto de Moraes Leme, Dr. José Pedro Leite Cordeiro, Dr. Mario Savelli, Pe. Helio Abrantes Viotti e Dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, todos membros da Academia Paulista de Letras; Monsenhor João Pavesio; escritores Alberto Prado Guimarães e Manoel Vitor; parentes do Monsenhor Passalacqua de São Paulo e do Rio de Janeiro; Julia Raphaela Passalacqua, Helena Passalacqua Ferreira, Elias Brizola Ferreira, Paulo Elias Ferreira, Antonieta Giacomo Passalacqua, Suzete aria Passalacqua, Maria José Passalacqua Pereira, Maria de Lourdes Passalacqua Frota, Maria Aparecida Passalacqua Godoy, Paulo Ruy Godoy Filho, aria Philomena Gopoy, Ana Lourdes Godoy, Olga Matera Passalacqua, Francisco de Paulo Passalacque Filho, F Matera Passalacqua, Francisco de Paulo Passalacqua Filho, Maria Alegretti Joli, Paudo, Marina Passalacqua; da Casa Pia de São Vicente de Paulo da Almeda Barros, compareceu D. Maria José Salgado acompanhada de vários alunos; do Instituto João e Raphaela Passalacqua compareceram Irmã Maria Lygia Vieira e alunos; das Irmãs de São Vicente de Paula compareceram Irmã Maria de Jesus, Irmã Maria da Glória, Irmã Luciana, Irmã Rita, Irmã Eucarestia e Irmã Luiza. Achavam-se presentes os seguintes sobrinhos do Monsenhor Manfredo Leite: vindos de Curitiba, Luis Reginato, sua esposa Marilia Reginato, e filha Isabel Reginato; vindos de Florianópolis, Lourival e esposa D. Maria do Carmo e filha Moema; Miriam e Marisa filhas de Milton Leite. Conseguimos anotar ainda os seguintes amigos e admiradores de Monsenhor Passalacqua e Monsenhor Manfredo Leite: Júlio Muller, Gilda Silveira, Odilia Sampaio Leal, Marcelo e Maria Giacomo de Oliveira, Fernão S. Reis Magalhães, Maria do Carmo Morato, Maria da Penha Bastos Diniz, Circe Marques Barros Martins, Dulce Ibiapina e Rosa Silveira.

CAPÍTULO XII

CEMITÉRIO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

Quando, nos primórdios da colonização da terra de Santa Cruz, se fundou a Ordem Terceira do Carmo, São Paulo de Piratininga era uma cidade provinciana, cujos usos e costumes patriarcais bem denotavam o nível cultural de sua gente.

A carência de cemitérios era sentida de modo premente e as Irmandades Religiosas procuravam sepultar os seus mortos de acordo com as suas possibilidades.

A Ordem fazia, então, os sepultamentos dos Irmãos Terceiros, no jazigo que estava situado na sala onde hoje se encontra a biblioteca Monsenhor Camilo Passalacqua, nas paredes da capela-mor, da igreja e dos corredores e também sob a nave, no chão, em toda a extensão da Igreja, tendo para isso, mandado construir o seu piso, de molde que permitisse tais sepultamentos. O soalho era constituído de grandes retângulos de madeira que podiam ser removidos, deixando a descoberto as cavidades onde eram colocados os corpos dos Irmãos falecidos (as paredes da Igreja e dos corredores medem de 1,35 a 1,65 ms. de largura).

Na Igreja do Carmo foram sepultados Irmãos Terceiros bandeirantes, fundadores, homens ilustres como Pedro Dias Paes Leme (em 1633), pai de Fernão Dias Paes Leme, Pedro Taques de Almeida (em 1724), Libero Badaró (em 1830), Brigadeiro Francisco de Paula Macedo (em 1849) que veio ao Brasil com o regente D. João VI, em 1808, e que foi Prior da Ordem, Pe. Diogo Feijo (em 1843) e tantos outros.

Até o ano de 1867 os Irmãos Terceiros falecidos eram sempre sepultados na Igreja, salvo se durante a vida manifestassem expressamente seu desejo de serem sepultados em outro local,

como se infere pelo testamento de Amador Bueno da Veiga, lavrado a 18 de junho de 1718 que assim determinou:

"Sem embargo de que sou Irmão profeço da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, quizera que meu corpo seja sepultado no Collegio desta cidade de São Paulo donde sou fundador o que se conseguira quando o nosso Padre Comissário que no tal termo assistir com a meza e mais Irmãos me permitirem, e será meu Corpo amortalhado com o hábito de Nossa Senhora do Carmo." (Este é um trecho do testamento que está arquivado sob o n. 14.962 no Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo)

Na sessão da Mesa Administrativa realizada em 13 de julho de 1856, foi lido um Ofício da Câmara Municipal, datado de 3 do mesmo mês e ano, em que eram pedidas as necessárias providências para a Ordem Terceira mudar o seu Jazigo para o Cemitério da Consolação, que estava sendo construído e prestes a ser inaugurado, como efetivamente o foi a 3 de julho de 1858. Ficou então resolvido que se representasse ao Governo da Província, solicitando autorização para a construção de um cemitério particular, de acordo com o desejo da Câmara.

Foi nomeada uma comissão composta dos Irmãos Revmo. Cônego Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, Major Hermenegildo José dos Santos, Lourenço Domingues Martins e José Gomes de Faria para, juntamente com a Ordem Terceira de São Francisco, promoverem a construção dos seus cemitérios.

A 26 de setembro de 1859, em reunião da Mesa Administrativa, foi lido o parecer da comissão encarregada da escolha do terreno para nele ser edificado o cemitério. Cogitava-se, então, de um terreno, pertencente a Felicio Fagundes, situado próximo à chamada Estrada do Carro, que ia a Santo Amaro.

Essa transação, porém, não foi efetuada e a Mesa Administrativa, em reunião de 16 de junho de 1866, resolveu solicitar da Câmara Municipal dois lotes de terreno para o cemitério, sendo o pedido enviado a 9 de novembro de 1867.

Por despacho de 21 do mesmo mês e ano a Câmara Municipal concedeu o terreno, medindo 203 palmos (44,66 ms) de frente para a rua (hoje Rua Sergipe), 386 palmos (84,92 ms) do lado do Cemitério dos Protestantes, 396 palmos (87,82 ms) ao lado da Estrada (hoje Cemitério da Consolação) e 193 1/2 palmos (42,57 ms) nos fundos, rente ao muro do Cemitério da Consolação, conforme consta do Título passado pela Câmara.



Cemitério do Carmo, na rua Sergipe, pertencente à Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo. Foi inaugurado a 12.XI.1868.

Em dezembro de 1867, foram iniciadas as obras do cemitério, graças a empréstimos e doações de Irmãos Terceiros.

No dia 12 de novembro de 1868 o Cemitério foi aberto na presença de grande número de Irmãos Terceiros revestidos de seus hábitos, os quais naquele dia, às 4 horas da tarde, saíram em procissão da Igreja do Carmo para o Cemitério; aí realizou-se a bênção do Cemitério pelo Prior do Convento do Carmo, Frei Manoel Ascenção Franco. No dia seguinte, dia 13, foi feita a primeira inumação com o corpo da Irmã Terceira Margarida Antonia da Silva.

Ficou então estipulada a quantia de 150\$000 (cento e cinquenta mil réis) anuais, correspondente aos vencimentos do Administrador do Cemitério, sendo o primeiro o Irmão Simão Luiz de Almeida. Seguiram-se outros Administradores que foram os Irmãos Joaquim José da Silva, João José Vieira Guimarães, Antonio Andrade de Souza e José Joaquim de Jesus França, sendo este o último administrador remunerado.

A 17 de setembro de 1871, a Câmara Municipal pediu fosse aberto um portão que ligasse os cemitérios, cabendo, a cada um, a metade das despesas. Este pedido foi rejeitado.

A 16 de maio de 1886, a Ordem Terceira do Carmo tratou da construção de uma Capela que foi orçada em 6:740\$000 (seis contos, setecentos e quarenta mil réis) pelo Engenheiro Dr. João Pinto Gonçalves, sendo nomeada uma comissão composta dos Irmãos Cônego Eugênio Dias Leite, Antonio Guimarães Barroso, Antonio Maria Chaves e João José Vieira Guamarães, para a fiscalização das obras.

Tendo falecido o Irmão Tenente General Jardim, legando à Ordem 8 apólices, resolveu a Mesa Administrativa, em reunião de 11 de julho de 1886, empregar esse legado na construção da Capela, sendo esta dedicada à memória do Irmão falecido e colocando-se-lhe uma placa comemorativa. Para esta Capela foi removido o altar pertencente à Capela do Consistório, e lá instalado. A seguir foi construída uma pequena sacristia e uma sala para a Administração do Cemitério, anexas à Capela.

Em diferentes épocas foram construídas 220 carneiras que circundam o cemitério, bem como realizadas diversas obras de embellimento da necrópole.

Em sessão da Mesa Administrativa, realizada em 14 de julho de 1901, foi lido um Ofício da Prefeitura Municipal, comunicando achar-se o Administrador do Cemitério da Consolação investido de poderes para fiscalizar o Cemitério da Ordem, de acordo com a Lei n. 116 de 11 de março do mesmo ano, lei essa que estabelecia a secularização dos cemitérios.

O Irmão Primeiro Procurador da Igreja, Luiz Maria Malheiro, de saudosa memória, em reunião de 28 de janeiro do ano de 1934, comunicou à Mesa, as dificuldades que se lhe antolhavam no sentido de autorizar sepultamentos em terrenos do cemitério, por falta de um Registro Geral dos Concessionários. O Irmão Vicente de Paulo Silvado Alvarenga ofereceu-se para esse serviço, sendo designado, então, para organizar o Cadastro de Concessões.

Foram afixados Editais no Cemitério e na Sacristia da Igreja da Ordem convocando os interessados para as necessárias declarações, o que surtiu ótimo efeito, permitindo àquele Irmão levar os trabalhos a bom termo.

Na mesma época, foi feita uma revisão completa dos títulos de concessão de terrenos, o que determinou a expedição de novos títulos, em substituição aos antigos. Estes títulos foram assinados pelo Procurador Geral, Irmão Eugenio Bittencourt.

Hoje, o cemitério conta com um cadastro completo, constituído de Livros de Registro de Terrenos, com todos os sepultamentos verificados, bem como Livres de Registro das Carneiras e do Ossário Perpétuo.

O cadastro, para maior facilidade, foi feito em duplicata e, assim, os Irmãos poderão recorrer a ele, não só na sala da Administração do Cemitério, como também na Secretaria da Ordem.

No Livro de Registro de Terrenos estão registradas 22 Quadradas com 366 jazigos; no Livro de Registro de Carneiras 354 carneiras das quais 44 são carneiras de anjos; no Livro do Ossário Perpétuo estão registradas 354 gavetas.

Em 25 de novembro de 1934, foi nomeada uma comissão para estudar a reforma do cemitério, comissão esta composta dos Irmãos: Vicente de Paulo Silvado Alvarenga, Dr. Arthur Saboya, Eugenio Bittencourt e Dr. Galeno de Revoredo Barros. A comissão assim constituída deveria traçar o plano para a remodelação, ficando ainda, o primeiro nomeado, incumbido de apresentar um memorial descriptivo das obras, acompanhado de orçamento.

Pela reforma do Compromisso, em 26 de agosto de 1937, sendo Comissário Monsenhor Manfredo Leite, e Prior, o Dr. Mario Egydio de Souza Aranha, ficou extinto o cargo remunerado de Administrador do Cemitério. Passou, então, esse cargo a ser considerado honorífico, tendo o seu titular, assento na Mesa Administrativa.

De acordo com os dispositivos compromissais, em reunião convocada para a habilitação dos Irmãos que deveriam preencher os diversos cargos eletivos durante o biênio 1937-1939, foram candidatos a Administrador do Cemitério os Irmãos Emilio Bittencourt

Rebello e Americo Consentino, tendo sido eleito aquele, o qual assim, pela primeira vez ocupou o referido cargo gratuitamente e na qualidade de membro da Mesa Administrativa; foi reeleito por duas vezes, terminando sua gestão em 1943.

Desde então a Administração do Cemitério vem obedecendo à seguinte disposição hierárquica: Irmão Administrador do Cemitério sem remuneração, e dois funcionários remunerados a saber: Auxiliar do Irmão Administrador e Zelador.

Ao lado da Capela, nos terrenos ns. 1 e 2 da Quadra n. 20, o Irmão Thomaz Luiz Álvares, concessionário desses terrenos, erigiu em 1875 uma capelinha e dentro dela o seu jazigo; a capelinha era usada pela Ordem, nessa época, para celebrar Missa e fazer as encomendas no dia de finados.

Falecendo em 2 de maio de 1883, o Irmão Thomaz Luiz Álvares, que no dia seguinte foi sepultado nesse jazigo, por disposição testamentária deixou 25 apólices da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, para os seus herdeiros usarem o rendimento na conservação da capelinha, mandando rezar, uma vez por ano, missa em sufrágio de sua alma. Entretanto, em face do completo abandono de fato em que esteve o jazigo por vários anos, após as exigências estatutárias e legais foi o jazigo julgado em abandono de direito no ano de 1920, passando aí a capelinha a ser mantida pela Ordem.

Por ocasião da reforma do Cemitério, em 24 de abril de 1938, a Ordem construiu nesse local o atual Ossário Perpétuo com 354 gavetas, conservando as gavetas onde jazem os corpos de Thomaz Luiz Álvares e membros de sua família, na parte baixa lateral à direita e à esquerda. A reforma foi feita pela firma Costa Lins & Cia. conforme auto de vistoria n. 2.290 de 19.9.1938 da Prefeitura Municipal; o custo da reforma foi de R\$ 91.800\$000.

Os sepultamentos no Cemitério da Ordem inicialmente eram permitidos única e exclusivamente aos Irmãos Terceiros; posteriormente a permissão foi estendida aos cônjuges; em 1958 também aos pais, filhos e netos do Irmão concessionário.

Em janeiro de 1970 a Mesa Administrativa resolveu, como medida de exceção, autorizar o sepultamento, não somente dos cônjuges, pais, filhos e netos, em terreno perpétuo de Irmão concessionário, bem como de todos os seus parentes: genros, noras, cunhados, tios e sobrinhos, desde que o Irmão concessionário de terreno perpétuo autorize expressamente.

Em 27 de julho de 1958 a Mesa Administrativa aprovou o Regulamento Interno do Cemitério elaborado pelo então Irmão Secretário, Dr. Raul Leme Monteiro. Esse Regulamento está em vigor

até hoje com as emendas aprovadas pela Mesa Administrativa na reunião de 24 de novembro de 1959.

Desde o seu início as construções de jazigos, mausoléus ou qualquer outra construção funerária, bem como os sepultamentos, exumações e todos os demais serviços do cemitério vêm obedecendo rigorosamente a todas as prescrições das leis municipais, notadamente as que dizem respeito à sua administração, fiscalização (Título VII do Decreto n. 3.052 de 29.12.1955 que aprova a Consolidação de posturas municipais).

CAPÍTULO XIII

JAZIGO — CRIPTA — Padre FEIJÓ

Omo vimos no capítulo anterior, até o ano de 1867 a Ordem inumava normalmente na Igreja os Irmãos Terceiros.

Após a inauguração, a 12 de novembro de 1868, do Cemitério do Carmo, na Rua Sergipe, obtido pela concessão da Câmara Municipal de 21 de novembro do ano anterior, as inumações passaram a ser feitas exclusivamente no cemitério.

Em 1924 a Ordem resolveu construir a sua cripta, para onde foram transladados os restos mortais dos antigos Irmãos que estavam sepultados na Igreja.

A cripta foi construída exatamente debaixo da sala onde se encontrava o jazigo que foi reformado e transformado na atual sala da biblioteca, que passou a ser a sala da "Biblioteca Monsenhor Camilo Passalacqua", em homenagem ao saudoso Comissário.

Foram convocados todos os descendentes dos Irmãos sepultados na igreja até o ano de 1867, para decidirem sobre o destino dos restos mortais de seus ascendentes; após a exumação a maioria dos restos mortais foram retirados pelos seus parentes, e apenas os de 51 Irmãos falecidos de 1835 a 1858 foram colocados em urnas na cripta, onde se encontram até hoje; os restos mortais dos Irmãos falecidos anteriormente a 1835, cujos descendentes não compareceram para reclamá-los, foram colocados no centro da cripta sob uma lápide de mármore onde se lê a seguinte inscrição: "Ossa et cineres Fratrum Carmelitarum".

Uma vez por ano, no dia 15 de novembro, dia dos finados da Ordem, realizam-se ali cerimônias consagradas aos mortos.

Fato digno de relevo é que, no Jazigo da Igreja do Carmo destinado unicamente ao sepultamento de Irmãos Terceiros, esteve enterrado durante nove anos o Padre Diogo Antônio Feijó.

Nascido em São Paulo a 17 de agosto de 1784, o Padre Feijó foi, como é sabido, um dos homens de maior projeção política na

fase da fundação e consolidação do Império Brasileiro. Deputado pela antiga Província de São Paulo às Cortes de Lisboa (1822), à Assembléia Legislativa (1826-1830), Ministro da Justiça na Regência Provisória (1831-1832), Senador (1833-1835 e 1839) e Regente do Império (1835-1837), residiu em São Paulo, numa antiga casa assobradada de janelas de rótula, situada na rua da Freira, hoje rua Senador Feijó, esquina da rua Cristóvão Colombo, onde faleceu às 11 horas da noite de 10 de novembro de 1843. Seu corpo foi embalsamado, revestido de todos os paramentos sacerdotais, colocado num caixão de chumbo hermeticamente fechado e sepultado no jazigo da Igreja do Carmo no dia 15 do mesmo mês. Por ocasião das exequias solenes feitas de corpo presente na igreja, o Padre Pedro Gomes de Camargo pronunciou oração fúnebre que ficou célebre nos anais da história de São Paulo.

Alguns anos depois entenderam seus parentes que lhe deviam dar um jazigo perpétuo na igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, da qual era comissário seu particular amigo Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, e para aí foi transladado a 25 de outubro de 1852, no mesmo caixão de chumbo no qual foi sepultado no jazigo do Carmo. (Livro de Atas da Mesa Administrativa — 1819-1853 pág. 55).

No dia 13 de dezembro de 1921 os restos mortais do Padre Feijó foram transladados para a cripta da Catedral de São Paulo, onde se encontram até hoje.

Em 1842 o Padre Feijó tomou parte ativa na Revolução Liberal capitaneada pelo Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar ... († 7.10.1857), chefe proeminente do antigo partido liberal, senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro († 19.9.1859) e Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos († 8.5.1858) sendo a revolução esmagada pelo Presidente da Província de São Paulo, Conselheiro Dr. José da Costa Carvalho, Barão e depois Marquês de Monte Alegre. Como já vimos anteriormente, o Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, juntamente com o Dr. Candidato José da Mota foram, em 1844, submetidos a julgamento pelo Júri que funcionava numa das dependências da Ordem 3^a do Carmo, sendo absolvidos por unanimidade.



Cripta da Ordem 3.^o do Carmo de São Paulo, no subsolo da Igreja do Carmo; nela repousam os restos mortais do Monsenhor Passalacqua (urna branca à esquerda), do Monsenhor Manfredo Leite (urna branca à direita), do nosso trisavô, Brigadeiro Francisco de Paula Macedo (1849), e de outros ilustres Terceiros Carmelitas.

CAPÍTULO XIV

COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO

No início da terceira década do século XIX os Irmãos Terceiros do Carmo já acalentavam um velho sonho: a construção de um hospital para tratar gratuitamente pessoas necessitadas, e de um prédio onde pudessem, a preços populares, receber a infância e a mocidade a fim de ministrar-lhes instrução religiosa e científica.

Concretizando esse desejo, a 27 de fevereiro de 1831, em reunião da Mesa Conjunta (assembléia geral) resolveu a Ordem, por proposta do Irmão Prior Cel. Anastacio Freitas Trancoso, construir inicialmente um prédio no seu terreno nos fundos da sacristia; com o auxílio de donativos de Irmãos Terceiros foi construído o prédio e nele instalado o Hospital do Carmo, que começou a funcionar em princípios de 1832.

Passados apenas dois anos, verificando a Mesa Administrativa que as instalações do hospital já não atendiam às necessidades, resolveu ampliá-las; assim foi que, a 21 de junho de 1834, autorizou a compra de uma "morada de casas" anexa ao hospital, que ia à praça, podendo o Irmão Procurador lançar até 240\$000 mais ou menos; atendendo à determinação da Mesa Administrativa, o Irmão Procurador José Antonio Gonçalves arrematou em praça, no dia 7 de julho desse ano, o prédio e terreno (1.220 m²) da rua do Carmo, n. 20, pertencente à herança jacente do Alferes Manoel Antonio de Barros, pela importância de 153\$000; este prédio foi reformado e ampliado, sendo ocupado pelo hospital. Entretanto, a 14 de setembro de 1840 a Mesa Administrativa resolveu alugar uma pequena parte para servir de Secretaria do Corpo Permanente; mais tarde parte do prédio serviu, gratuitamente, não só para sessões da Câmara Municipal, como também para as audiências da Polícia, do Tribunal do Júri, e demais Tri-

bunais Judiciários, a pedido do Governador da Província, quando estavam em reforma e ampliação os edifícios daquelas repartições. Foi na sala que também era ocupada pelo Júri que se realizou, em 1844, o célebre julgamento dos Drs. Gabriel José Rodrigues dos Santos e Candidato José da Motta, comprometidos na Revolução Liberal de 1842, sendo ambos absolvidos por unanimidade. Essa Revolução foi capitaneada pelo Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, pelo Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e pelo Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, nela tomando parte ativa o Pe. Feijó, Irmão Terceiro do Carmo.

Posteriormente, com a desocupação da parte do prédio utilizada pelas repartições públicas, foi esta arrendada à Escola Modelo, anexa à Escola Normal (fundada em 1846) por diversos anos, até a sua transferência para a Praça da República em 1894.

Vagando-se o prédio, com a transferência da Escola Normal, resolveu a Ordem estabelecer suas escolas, ressentindo-se, porém, da falta de espaço para recreios. Aproveitando a estada nesta Capital do Sr. Internúncio Apostólico Dom José, Arcebispo de Tessalônica, fez sentir a ele a necessidade que havia de alargar a sua propriedade, para pôr em prática a sua obra. Nesse sentido endereçou à Santa Sé um pedido de concessão de terreno, entre os edifícios das igrejas do Convento e da Ordem. O Revmo. Vigário Capitular, em ofício de 30 de junho de 1898, transmitiu cópia do ofício de 18 desse mês, do Internúncio Apostólico Dom José, comunicando que o Cardeal Secretário de Estado, em seu venerando despacho de 27 de maio, n. 44.226, havia atendido ao pedido da Ordem.

Assim, nas Notas do 5º Tabelião, no dia 3 de outubro de 1898, foi lavrada a escritura pública de doação da Santa Sé, por autorização do Revmo. Frei Antonio da Virgem Maria Diniz Barreto, Superior do Convento do Carmo, de um terreno entre os edifícios das Igrejas do Convento e da Ordem 3º do Carmo, com 15,40 ms. de largura por 34,75 ms. de comprimento, encerrando uma área de 535,15 m², contigua ao prédio da Ordem onde funcionava a Escola Modelo, ficando, porém, a Ordem obrigada a fazer às suas expensas o muro divisório inteiramente separado do Convento; o valor da doação foi estimado em 1:000\$000 (um conto de réis); a carta de confirmação e issinuação, passada a 6 de dezembro de 1898, foi assinada pelo Juiz de Direito Dr. João Thomaz de Mello Alves e escrivão Clímaco Cesar de Oliveira.

Antes mesmo de receber essa área de terreno, a Ordem já tinha dado início às obras de reforma e do prédio em que iria funcionar o novo Externato Nossa Senhora do Carmo; além dos seus recursos contou ainda com o auxílio de 5:000\$000 (cinco contos

de réis) do Conde de Prates, 6:000\$000 (seis contos de réis) do Major Benedito, 200\$000 (duzentos mil réis) do Sr. Cicero Bastos e 2:200\$000 (dois contos e duzentos mil réis) de diversos Irmãos.

Com os consertos e ampliação do prédio despendeu-se a quantia de 11:763\$000 (onze contos e setecentos e sessenta e três mil réis), com o fecho do muro 2:417\$000 (dois contos e quatrocentos e dezessete mil réis) e com as instalações, móveis e material escolar cerca de 1:500\$000 (um conto e quinhentos mil réis).

No dia 31 de dezembro de 1898 foi assinado o primeiro contrato com os Irmãos Maristas para dirigirem o Externato que ia ser fundado; apesar de não terem sido completadas as obras do prédio, já no mês de fevereiro de 1899 tiveram início os cursos primário e secundário com cerca de 60 alunos; a condição essencial da entrega da direção do ensino aos Irmãos Maristas foi a do ensino obrigatório de instrução religiosa. O contrato foi assinado pelo Irmão Prior Dr. Américo Ferreira de Abreu representando a Ordem e pelo Irmão Norberto representando os Irmãos Maristas; o Irmão Norberto viria a falecer logo depois, de volta à Europa em alto mar, no dia 17 de janeiro de 1899.

Terminadas completamente as obras de reforma e ampliação, a Mesa Administrativa marcou para o dia 8 de abril de 1899 a inauguração, e, efetivamente nesse dia realizou-se a festa solene da Bênção e Inauguração do Externato Nossa Senhora do Carmo com a presença de S. Excia. Revma. Dom Antônio Cândido de Alvarenga, Bispo de São Paulo, de saudosa e santa memória, do Comissário da Ordem, Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua, Prior Dr. Américo Ferreira de Abreu, Sub-Prior Dr. Manoel Joaquim de Albuquerque Lins, Priora D^a Maria Fausta de Macedo Leme, Sub-Priora D^a Maria Joana Ortiz Monteiro, Prior Jubilado Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, Tesoureiro Dr. Raul Ortiz Monteiro, Conselheiro Manoel Duarte de Azevedo, Irmãos da Mesa Administrativa, centenas de Irmãos Terceiros, autoridades e representantes da imprensa. Sobre a Bênção e Inauguração do Externato Nossa Senhora do Carmo vamos falar com o estilo e os sentimentos contemporâneos de um jornal da época, cujo artigo ora reproduzimos textualmente:

"No domingo passado, à uma hora da tarde, foi instalado solememente, com a assistência de muitas famílias da sociedade, o "Externato de Nossa Senhora do Carmo", sob a direção dos Irmãos Maristas.

O Exmo. Sr. Bispo Dom Antonio Cândido Alvarenga foi recebido na igreja da Ordem Terceira do Carmo pelo Revmo. Comissário Monsenhor Camilo Passa-

lacqua, Dr. Américo Ferreira de Abreu, Prior, e por numerosos Irmãos revestidos dos seus hábitos, meninos do Catecismo com seu belo estandarte cor de esperança, e muitos fiéis que aguardavam ali a S. Excia Revma.

No momento em que S. Excia, transpunha os umbrais do Templo foi entoado o solene cântico "Magnificat", findo o qual, dirigiram-se todos para o edifício da Escola modestamente ornado.

Apesar de comprido, o salão em que se ia dar a instalação do Externato, não era fácil o ingresso, devido à afluência de convidados.

Diante do crucifixo que se erguia sobre a mesa da presidência, S. Excia. Revma. procedeu à benção do edifício, aspergindo-o todo em seguida. Terminada a cerimônia da bênção, o Revmo. Comissário Monsenhor Passalacqua leu um extenso e substancial discurso em que estudou as questões modernas do ensino, mostrando a insuficiência de uns sistemas, o perigo de outros, e achando a solução desse grande problema da pedagogia moderna no ensino do catecismo, de que fez uma apologia profundamente científica. No final do seu discurso, depois de ter profundamente elucidado o ponto sobre que dissertara, Monsenhor Passalacqua dirigiu-se em uma eloquêntissima peroração aos corações dos Irmãos Maristas, moços que abandonaram a pátria, família, carinhos maternos para, em terra estranha, onde diversa é a língua, o clima, o céu, virem dedicar-se à educação dessas crianças, por quem Jesus Cristo mostrara a mais viva predileção.

Não pudemos seguir o orador em toda a sua peroração; porque, além da agitação que em nossa alma produziu a sua palavra eloquente, sentida, as lágrimas entrecortaram as palavras do Monsenhor.

Era justo que, aos ouvidos daqueles benfeiteiros das criancinhas, soassem as palavras do Comissário da Ordem Terceira, ungidas com a sinceridade daqueles sentimentos, que por intensos se dilatassem em lágrimas espontâneas!

Em seguida, o Prior Dr. Américo de Abreu, tendo dirigido a palavra aos circunstantes, leu um eloquente discurso que, apesar de conciso, impressionou muito pelo alcance dos conceitos, sublimidade dos pensamentos e pureza da linguagem. Falou por fim S. Excia. Revma.

Dom Antonio, tecendo elogios à fundação das escolas cristãs; congratulando-se com a Ordem Terceira do Carmo, com a família paulista pelos benefícios que podia receber, fazendo votos para que o Externato que acabava de ser instalado produzisse frutos salutares de Bênção; terminando deu uma bênção especialíssima aos Irmãos Maristas, aos Terceiros do Carmo e aos circunstantes, encerrando-se desta forma a sessão depois de assinada a ata por todas as pessoas presentes.

Assim foi instalado, com modéstia que nos comoveu, o Externato de Nossa Senhora do Carmo.

Já se acha funcionando a escola desde o dia 10; há sessenta e tantos alunos matriculados no curso primário e no secundário. É diretor da casa Ir. Andronico, assessorado por quatro Irmãosss Afonso Estêvão, João Alexandre, Esdras e Amâncio. O estabelecimento pode conter satisfatoriamente 300 alunos. A mensalidade é de 5\$000 para o curso primário de 10\$000 para o secundário.

Já não há motivo para que um pai católico e zeloso tenha apreensões sobre a educação cristã e religiosa de seus filhos.

Nossos parabéns à Ordem Terceira do Carmo e nossas saudações afetuosas aos beneméritos Irmãos Maristas.”

* * *

No mês de dezembro de 1906 o Externato N. S. do Carmo formava a sua primeira turma de bacharéis; eis como o Prior Conselheiro Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo se refere a fls. 15 no seu relatório sobre o ano compromissal 1906/1907:

“Neste anno completaram alguns alunos o curso gymnasial, e receberam sete estudantes o grão de bacharel em sciencias e letras. Serviu-lhes de paranympho o nosso distinto Comissario Monsenhor Dr. Passalacqua que no ato proferiu um discurso sobre as “vantagens e perigos das ciencias e letras” trabalho de alto valor, literario e científico; presidiu a solenidade, o eminente Vigário Geral, ora no governo da Diocese, Monsenhor Dr. Francisco de Paula Rodrigues, cuja pessoa enaltece qualquer reunião.

Os primeiros bachareis do Gymnasio iNossa Senhora do Carmo foram os Snrs. ALEXANDRE CORREIA, FLORINDO ORSINI, GILBERTO A. DE

ANDRADE, MARIO SUPILCY SCUTARI, RAUL CORREIA, GUILHERME DE ALMEIDA e VICENTE RÃO.

Foi o bacharel GUILHERME DE ALMEIDA quem obteve o premio medalha de ouro, que a Ordem Terceira do Carmo confere anualmente ao aluno do Gymnasio que mais se distingue em instrução religiosa.

O Gymnasio do Carmo onde se professam com extremo cuidado os dous cursos preliminar e secundário de instrução, tem já adquirido o credito publico, o que aliás sucede em todos os estabelecimentos de ensino dos Irmãos Maristas, professores de reconhecida competência.”

Como já relatamos no início, as instalações do Externato N. S. do Carmo foram feitas para atender normalmente 300 alunos; entretanto a procura foi aumentando até atingir, em 1906, a 395 o número de alunos matriculados.

Em 1910, no priorado do Irmão Comendador Dr. Raul Ortiz Monteiro, verificou-se que o prédio já não comportava o crescente número de alunos que procuravam o Ginásio do Carmo. Resolveu a Mesa Administrativa construir um prédio moderno à altura das necessidades da época. Foram, então, adquiridos mais três imóveis que, acrescidos aos já existentes, atingiram 3.253,00 m², área essa indispensável para o projeto que se pretendia realizar.

A construção do edifício foi confiada ao Engenheiro Dr. Maximiliano Hehl, Irmão Terceiro e Professor Catedrático da Politécnica.

No dia 27 de julho de 1911, no priorado do Dr. Adolpho Augusto Pinto, começaram a ser demolidos todos os prédios velhos e iniciadas as obras de construção do atual colégio do Carmo em fins de agosto, continuadas durante todo o Priorado do Dr. Raul Ortiz Monteiro, de 15 de outubro de 1911 a 14 de outubro de 1912, e ultimadas no início do Priorado do Dr. Raphael Arcanjo Gurgel, a 20 de novembro desse ano. O edifício com frente para a rua da Boa Morte (depois rua do Carmo, n. 37) tinha três pavimentos com 19 salas de aulas, vestíbulo, sala de espera, sala da Diretoria, sala da Secretaria, almoxarifado, celas para os professores, refeitório, copa, cozinha e demais dependências próprias para residência dos Irmãos Maristas, com a área de 2.060,22 m² e um galpão com 203,81 m², perfazendo um total de 2.264,03 m² de construção. O custo total do Colégio do Carmo foi precisamente de 224:665\$000 sendo 204:862\$000 com a construção e 19:803\$000 com a aquisição dos imóveis.

No dia 1º de dezembro de 1912 realizou-se a inauguração do majestoso edifício. A bênção do colégio foi lançada por S. Excia. Revma. Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo. Achavam-se presentes o Barão Raymundo Duprat, Irmão Terceiro e Prefeito de São Paulo, a Mesa Administrativa da Ordem, o Revmo. Irmão, Mario Cristóvão, Reitor do Ginásio, acompanhado do corpo docente dos Irmãos Maristas, Irmãos Terceiros, representantes da Imprensa e numerosa assistência.

O discurso inaugural foi proferido pelo Comissário Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua. Usaram também da palavra o Irmão Prior Dr. Raphael Arcanjo Gurgel, o ex-Prior Dr. Raul Ortiz Monteiro e o Dr. Carlos de Moraes Andrade, um dos primeiros alunos do Externato N. S. do Carmo, em nome do corpo docente e como paraninfo dos bacharelados de 1912.

Nessa ocasião o venerando Irmão Stratônico, Superior Geral da Congregação dos Irmãos Maristas, pelo seu representante Irmão Isidoro Dumont, deu a grata notícia de ter, Sua Santidade o Soberano Pontífice Pio X, em seu 9º ano de Pontificado, concedido uma bênção especial a favor do Monsenhor Camilo Passalacqua, e dos Drs. Adolpho Pinto, Raul Ortiz Monteiro e Maximiliano Emilio Hehl.

O colégio continuou entregue, sob contrato escrito, aos ilustres Irmãos Maristas, que prosseguiram na sua missão de notáveis educadores, ministrando sólida e esmerada educação e ensino religioso.

* * *

O Dr. Carlos Moraes de Andrade, um dos primeiros alunos matriculados no Externato Nossa Senhora do Carmo no ano de 1899, paraninfando a turma de bacharelados do Ginásio do Carmo, de 1912, pronunciou belíssima oração, no dia 1º de dezembro, ao inaugurar o Colégio do Carmo, referindo-se com carinho ao Externato; vamos reproduzir textualmente as suas palavras porque o seu testemunho é a melhor fotografia que podemos apresentar para reviver os primórdios da fundação do Externato Nossa Senhora do Carmo.

"Iniciando o último mês deste ano de 1912, o Ginásio de Nª Sª do Carmo solenemente encerra o seu ano letivo e apresenta a sua nova residência. É por isso que nós nos reunimos hoje neste belo e novo edifício, comemorando ao mesmo tempo uma era que se vai e outra que principia. Comemoramos os trabalhos, e os esforços que em 1912, mestres e alunos fizeram para chegarem ao alvo que tinham em vista: uns a difusão, outros a com-

preensão da ciência; e, comemoramos também as esperanças e energias que para cá convergirão no próximo e nos seguintes anos para igual fim.

Com o ano que se foi, porém, aparecem-nos nesta solenidade os que o precederam desde 1899, data da fundação deste colégio, e, com eles vêm toda a série de recordações de episódios e de pessoas que durante esses anos por aqui passaram; é, em uma palavra, o passado desta casa que revive para recordar entre estas paredes novas o que as velhas taipas já caídas presenciaram.

Com a inauguração deste novo prédio, aparecem-nos as esperanças do futuro, e, com a segurança da vida deste instituto, toda a enorme soma de bens que ele produzirá ainda, intelectual e moralmente instruindo a mocidade.

É assim que a festividade de hoje neste Ginásio tem o duplo encanto das saudades e das esperanças, tem o duplo perfume do passado e do futuro, é a festa dos novos e dos antigos, em que aqueles ouvem o que estes foram e estes adivinham o que aqueles serão.

Em princípios de 1899 inaugurou-se, na nossa Capital, um colégio para meninos, regido pelos Irmãos Maristas. Esse colégio se criava por iniciativa e sob a direção administrativa da V.O.T. de N^a S^a do Carmo, que tinha como Prior o Sr. Dr. Américo Ferreira de Abreu, de saudosa memória, e como Comissário o Exmo. Revmo. Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua. O corpo docente, da então Escola de N^a S^a do Carmo, pequeno em número como eram modestos os princípios da obra, compunha-se do Diretor, Irmão Andronico, e dos Irmãos Alexandre e Afonso. Entre eles foram divididos os alunos matriculados que foram classificados em 3 séries: um 3º ano primário, um 1º e um 2º anos secundários, pois todos já tinham algumas noções primárias, e alguns até secundárias.

O prédio, em que funcionava o colégio recém-fundado, era o mesmo que até há bem pouco tempo se sustentava no lugar deste novo, e erguia, até um andar além do rez do chão, suas paredes de taipa caiadas, rasgadas simetricamente de janelas e portas estreitas de feição austera e simples.

Construção dos tempos coloniais, espécie de convento apenso à Igreja do Carmo, a casa não tinha beleza mas era cômoda e se prestava para tal uso, tendo muitas salas

e todas bastante arejadas. Para o modesto colégio que começava com 3 classes, ela era um palácio que parecia nunca dever ser totalmente ocupado.

O pátio interno não era grande, mas nele os estudantes bem podiam correr e saltar durante as horas de recreio. Uma grande escada descia, para esse pátio, de uma varanda que corria por uma das paredes da casa à altura do 1º andar, dando comunicação às várias salas que aí havia.

O curso secundário foi instalado nesse 1º andar; era de ver a ambição dos pequenos do 3º ano primário por se verem também a subir a tal grande escada de madeira, como faziam os grandes do secundário.

Que deliciosos tempos foram esses do princípio deste colégio! Quantas recordações saudosas me ficaram dos gozos e dos sofrimentos de então! . . .

Matriculado logo, entre os primeiros, eu senti os mais desencontrados sentimentos ao aqui entrar. Tinha 9 anos e abandonara, por estes, os bancos da Escola Modelo. Educado muito ao pé da família eu me ressentia por isso de certa timidez. Assim, ao principiar das aulas do meu novo colégio eu me repartia entre a curiosidade, o receio e a satisfação pela novidade; e, com tudo de envolta, fui parar no 3º ano primário, sob a sábia direção do Irmão Afonso Estêvão.

De estatura regular, loiro, fisionomia inteligente e simpática, onde se notava logo grande bondade, era o Irmão Afonso ainda moço. Com dedicação e carinho transmitia aos seus alunos a ciência que adquirira, infundindo-lhes amor ao estudo, ensinando-lhes a estudar como homens raciocinando sobre as lições dos livros. De grande força de vontade própria, ele sabia incutir em seus alunos energia e amor de vencer dificuldades, e assim, ao mesmo tempo, instruía-lhes a inteligência, formava-lhes o caráter, educava-lhes o coração. Era querido por seus discípulos, respeitado por todos. Eu, que tive a dita de o acompanhar por muito tempo, tendo-o sempre como professor, guardo dele a melhor das recordações, e é sempre com saudades e veneração que me lembro do Irmão Afonso.

Os outros primeiros mestres desta escola também se avantajavam em méritos. O Irmão Andronico, o Diretor, era já meio idoso quando aqui chegou. Gordo,

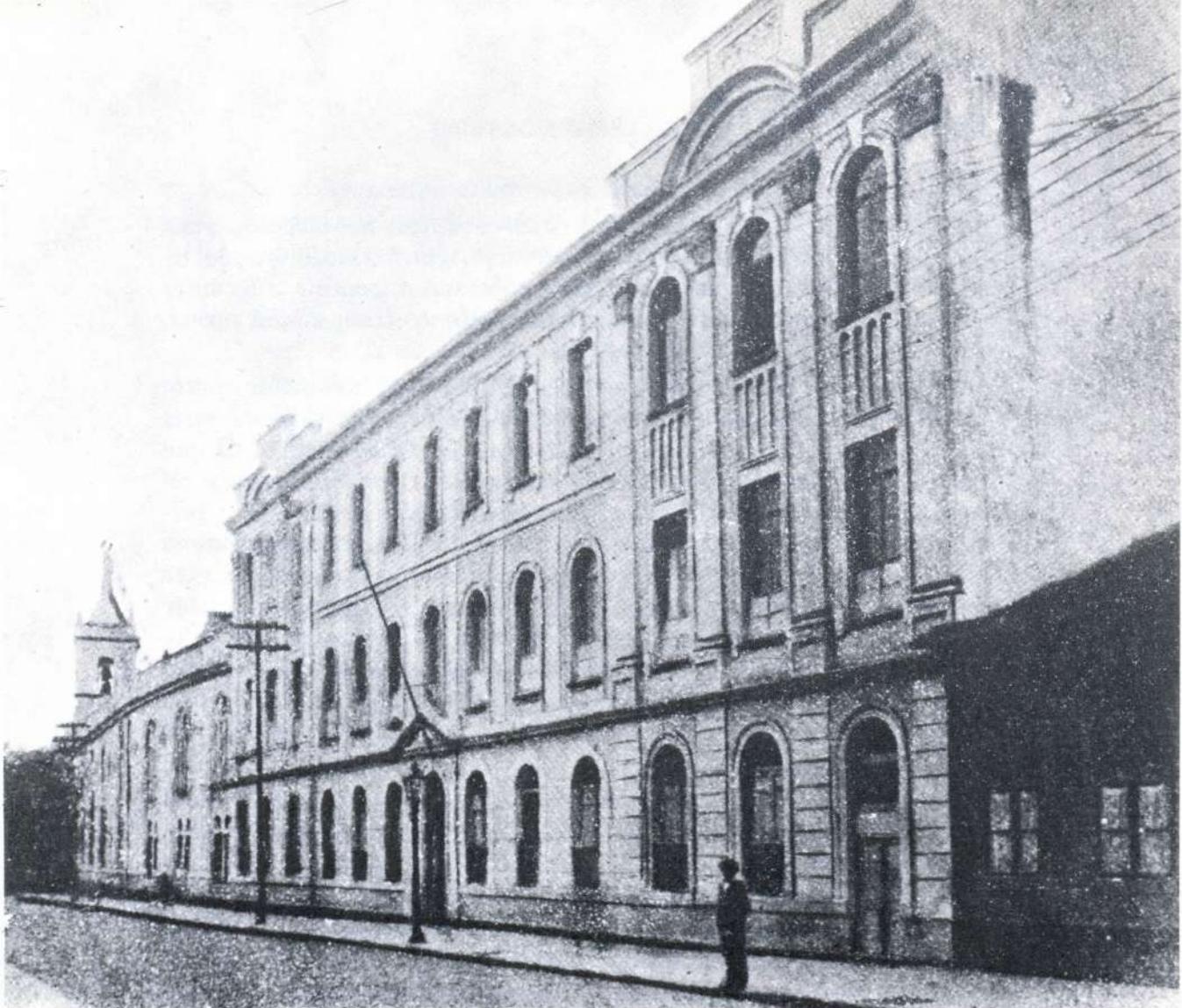
grisalho, feições meio rabujentas mas bondosas, formavam o seu físico a que correspondia um moral de bondade, energia; e muita ciência. O Irmão Alexandre, o outro professor, que ficou a dirigir o 1º ano secundário, era alto, magro, olhos claros, bom professor e dedicado.

Estava assim muito bem dotado o novo colégio com seu pequeno corpo docente tão homogêneo e tão distinto; e logo deu as melhores provas de si pelo aproveitamento dos alunos.

O método de ensino, o mesmo sempre empregado com proveito pela Congregação Marista, aproveitava todas as energias do educado, sem desperdício de tempo nem de forças. Por isso, os alunos que saíam de escolas em que outro método era empregado, ressentiam-se, a princípio, do aperto dos estudos. Nesses primeiros tempos a mudança subitânea aterrorizou, dando a impressão de que nunca os alunos dariam conta das incumbências recebidas. Eu fui um dos tocados por tal mudança. Saía da Escola Modelo, onde o ensino era por demais afrouxado, passando para o ensino rigoroso e apertado dos Irmãos Maristas. Vézes houve em que, em casa, tendo diante de mim os meus livros, com lições para estudar e escrever, os meus 9 tímidos anos não resistiram, e eu chorei pensando nunca poder levar a cabo "tanta cousa". Nessas ocasiões, sustentando, encorajado, ajudado por minha boa mãe, entregava-me animado ao trabalho, e afinal fazia tudo. Com o tempo desapareceu esse terror primitivo, e não mais desanimei com o tamanho das lições, acostumado como estava com o vencê-las.

Nesse primeiro ano de vida colegial lembro-me de que tivemos uma festa encantadora, pelo aniversário do Irmão Andronico, nosso Diretor. Por iniciativa do Irmão Alexandre foi feita uma subscrição entre os alunos, e oferecida ao aniversariante uma bela máquina fotográfica. Não tenho de memória, mas naturalmente houve discursos, agradecimentos e o mais de estilo, o que bem lembro é que ou nesse próprio dia, que foi feito feriado, ou no domingo seguinte, o Irmão Andronico nos fotografou a todos, professores e alunos, e que depois fizemos um belo passeio por um dos arrebaldes da cidade.

Infelizmente perdi o exemplar, que tinha desse primeiro retrato dos alunos, deste colégio, preciosa recordação desses tão saudosos primeiros tempos.



Igreja do Carmo e o último prédio do Colégio do Carmo, edificado em substituição ao antigo (de 1899) e inaugurado no dia 1.^º de dezembro de 1912. Foto tirada no dia da inauguração.

Assim se passou o primeiro ano.

Depois das férias apareceu-nos, no colégio, mais um professor, o Irmão Amâncio, gordo, moço, feição rissonha, e também um bom professor. Ficou ele a lecionar o primário, passando o Irmão Afonso, com minha turma, para o 1º ano secundário.

Poucas recordações me ficaram da maior parte desses meus companheiros, a não ser dos que até mais tarde acompanhei, ou encontrei em outros cursos. O que me ficou gravado fundo na memória foi a lembrança de um meu companheiro, mais velho que eu, que era o primeiro da aula, lugar que eu ardenteamente ambicionava e trabalhava por obter. Não me lembro do seu nome, mas tenho suas feições perfeitamente vivas na memória: quase moço já, moreno amarelado, magro, um pouco curvado, nariz levemente achatado, pouco cabelo e crespo, bom estudante, muito aplicado e trabalhador. Era ele o primeiro chamado na distribuição mensal de prêmios aos mais aplicados.

Eram esses prêmios estatuetas santas, terços, livrinhos piedosos ou de histórias, gravuras de santos, etc.. Assim o nosso bom professor animava, estimulava o nosso estudo.

Com os anos que passaram aumentou-se o colégio, vieram muitos mais professores e alunos, e o pequeno núcleo se transformou no grande estabelecimento de hoje.

Três ou quatro anos após a fundação, foram transferidos para o Rio de Janeiro os Irmãos Andronico e Alexandre, só ficando dos 3 primeiros professores o Irmão Afonso.

Pouco tempo depois morria no Rio o Irmão Andronico, como Diretor do Colégio de S. José, vítima de umas febres aí apanhadas. Caiu longe da Pátria que ele tanto amava, no seu posto de honra e de trabalhos, procurando difundir a instrução tanta que possuía, ao lado da grande fé que lhe iluminava a alma. Era um grande e nobre espírito combativo; honremos a sua memória, derramando uma lágrima de saudade pelo bom e pelo forte que ele foi.

Ao Irmão Andronico sucedeu com Diretor desta casa o Irmão Gondulfo, que pouco tempo aqui ficou, sendo substituído pelo Irmão Dumont. Este, dedicado, trabalhador e enérgico, muito fez pelo brilho deste colégio, que no tempo de sua direção foi equiparado ao Ginásio Nacional.

Transferido para o Ginásio Diocesano, foi o Irmão Dumont substituído pelo Irmão Exuperâncio, incansável trabalhador, sucedido pelo atual Reitor o Irmão Cristóvão, não menos digno e ilustre que seus antecessores.

Tem, assim, brilhado sempre esta escola, sabiamente dirigida por seus professores, distribuindo sólida instrução científica ao lado da fiel doutrina religiosa, unindo a ciência dos homens e a de Deus, explicando os fenômenos da vida material e os da moral, aparelhando, enfim, os seus filhos com o melhor dos meios para vencer na luta pela vida.

Sobre o sucesso e estima conquistados por este instituto em nossa sociedade não é preciso falar, porque onde os fatos são tão eloquentes não deve intervir a palavra. Melhor que esta, proclamam a excelência do Ginásio do Carmo: o número sempre crescente dos seus alunos, as provas que lá fora dão os que daqui saíram, a necessidade destes grande novo edifício em que ele vai funcionar.

Acorrem cada vez mais numerosos os pais que aqui desejam seus filhos.

Dia a dia aumentam os méritos, que para cá convergem, dos rapazes que daqui saíram para a vida prática ou para os cursos superiores. Médicos, engenheiros, advogados, magistrados, professores, comerciantes, industriais que têm sido, os ex-alunos deste colégio sempre comprovaram a solidez do seu ensino. E eu, que aqui aprendi, embora não o ajude a destacar-se dos outros, devo o que de melhor sei à bondade, à paciência dos beneméritos Irmãos Maristas.

A grandiosidade desta nova casa em que a Ordem Terceira instala o seu Ginásio, em vista da modéstia da primitiva instalação, há treze anos, é, enfim, uma das mais eloquentes provas do progresso, do avanço feito por ele.

É assim que os fatos falam, e bem alto.

Tal progresso, contudo, nada tem de misterioso, ele não é mais que a consequência natural dos dados aqui reunidos, e de sua ação conjunta. Com efeito, como não prosperar um colégio onde diretores e professores são homens preparados para o ensino, práticos, dedicados, afastados do barulho e das ambições mundanas, movidos pelo mais nobre e forte dos ideais, qual o amor de Deus

e a prática de sua Religião? Não fazê-lo seria como contrariar a lei da gravidade, como não se mover um organismo vivo.

Essa necessidade, quase fatalidade de progresso existe aqui, porque a alma, o móvel de toda a escola está no professor. É este que por sua bondade deve atrair os alunos às aulas, por sua energia deve ensinar-lhes a vencer as dificuldades do estudo, por sua prática deve desvendar-lhes os mistérios das lições, por sua ciência deve incutir-lhes amor ao estudo, por sua dedicação deve exemplificar-lhes o sacrifício pela ciência. E tudo têm os Irmãos Maristas, os professores desta casa.

Se acrescentarmos agora a estes dados o outro fortíssimo que é a Religião, também aqui ensinada, teremos completado a explicação desta evolução. Ao lado da ciência profana aqui se aprende a ciência divina. Um ensino sério e acurado da Religião Católica acompanha o das ciências nesta escola, e assim o aluno tem a instrução das coisas naturais e das sobrenaturais ao mesmo tempo, é instruído e educado, adornado na inteligência e no coração, formado de espírito e de caráter no domínio da verdade. Uma amparando a outra, a Ciência e a Religião aqui se congregam para fazer bons professores e bons alunos, e para impulsionar o instituto.

Eis todo o segredo desta obra que, na frase feliz de um dos ex-Priores da V.O.T. do Carmo, é a mais bela ação social desta. Com efeito, onde mais alcance que na escola, e na escola católica?!! Qual melhor ação que contribuir para a distribuição séria da verdadeira ciência ao lado da verdadeira religião?!! Como contribuir melhor para o progresso e bem-estar da sociedade de que por este meio?!

Honra pois à V.O.T. do Carmo que fundou e sustenta este Ginásio!

Honra ao espírito largo e adiantado de suas administrações que tanto carinho têm mostrado por esta escola! E em nome dos antigos e dos atuais alunos deste colégio, os mais profundos e sinceros agradecimentos, e a segurança mais cordial de gratidão à Ordem Terceira e aos nossos carinhosos venerandos mestres da Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria.”

Em 1932, no priorado do Dr. Galeno de Revoredo, verificando a Mesa Administrativa a necessidade não só de ampliar o número de salas devido ao sempre crescente aumento de alunos, bem como a de proporcionar melhores acomodações aos abnegados Irmãos Maristas, resolveu construir uma nova dependência, a fim de que pudessem dar cabal desempenho de sua missão num trabalho eficiente e produtivo; para tanto abriu concorrência pública para execução das obras de reforma e ampliação do edifício do ginásio do Carmo, e contraiu um empréstimo de 300:000\$000 (trezentos contos de réis). Foi então reformado o prédio existente e construído novo edifício com mais duas amplas salas de aulas e capacidade para 120 alunos, 1 sala para exame médico, 1 sala para professores, 22 quartos dormitórios, 1 refeitório, copa, cozinha, dispensa e, além disso, uma laje para recreio, formando coberta para outro recreio, tudo isso numa área de 1.205,59 m² de construção.

As novas instalações, sem luxo algum, mas cômodas, fartamente batidas pelo sol, aseguravam aos queridos Irmãos Maristas conforto e repouso, proporcionando-lhes além disso completa independência para a vida em comunidade. Foi para a Ordem Terceira do Carmo motivo de grande jubilo a inauguração dessa obra em 13 de outubro de 1933, no Priorado do Dr. Mario Egydio de Souza Aranha, obra essa de considerável importância e destinada a aumentar a eficiência e o prestígio da grande casa de instrução.

Até o ano de 1971 o Colégio do Carmo prosseguiu na sua missão sob a direção dos Irmãos Maristas, com contratos renovados, sendo o último de 20 de setembro de 1958, o qual, não obstante ter prazo estipulado em três anos, por força do artigo 10º ficou prorrogado por um ano, e depois de ano para ano até que uma das partes manifestasse desejo expresso de havê-lo por extinto ou de modificá-lo. As cláusulas do último contrato em vigor determinavam as mesmas condições dos anteriores, quais sejam em resumo: "ministrar o ensino do catecismo e religião em todos os cursos; manter em funcionamento de acordo com todos os programas oficiais os 4º e 5º anos primários, todns as séries do curso ginásial e do científico; matricular gratuitamente no mínimo 10% de alunos pobres, que deveriam ser escolhidos de preferência por indicação da Ordem; redução de 50% para os filhos de Irmãos Terceiros."

Fato digno de relevo é que a Ordem 3ª do Carmo conferia anualmente, como o melhor de seus prêmios, medalha de ouro ao aluno que mais se distinguisse em instrução religiosa. Oferecia também três medalhas e ultimamente três belíssimos troféus aos três melhores alunos do colégio durante o ano letivo. Por diversas

vezes alunos receberam o prêmio de honra de língua francesa oferecido gentilmente pelo Cônsul da França em São Paulo.

Aconteceu, entretanto, que, pela falta absoluta de professores para manter com nível de alto padrão o Colégio do Carmo e os demais que possuem, resolveram os Irmãos Maristas encerrar suas atividades no Colégio do Carmo, fato esse amplamente noticiado pela imprensa em meados de 1971, tornando-se assim do perfeito conhecimento público.

Cientes de que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo estava necessitando urgentemente de espaço para o seu desenvolvimento conforme fomos informados pessoalmente pelo Reitor Magnífico Dr. Oswaldo Aranha Bandeira de Mello e confirmado pelo ofício de 20 de julho e também por Sua Eminência Reverendíssima o Cardeal Arcebispo de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns pelo ofício de 27 do mesmo mês, que sabiam da nossa disposição em colaborar para a educação da juventude, resolveu a Mesa Administrativa, com os aplausos da Assembléia Geral dos Irmãos, dar-lhe em comodato o edifício da rua do Carmo, n. 37, onde funcionava o Colégio do Carmo, pelo prazo de 5 anos, de 1º de janeiro de 1972 a 31 de dezembro de 1976, conforme contrato que foi assinado no dia 11 de novembro de 1971 por ocasião do jantar que a Mesa Administrativa ofereceu a Sua Eminência o Cardeal Dom Paulo Evaristo e aos professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Salão Nobre da Ordem.

O contrato de comodato foi elaborado nos moldes e em idênticas condições em que vinham sendo celebrados os contratos anteriores com os Irmãos Maristas; a condição precípua foi a de ministrar cultura religiosa aos alunos dos cursos que funcionassem no prédio, obrigando-se ainda a inculcar o amor a Deus, à Pátria e à Família.

Logo após a assinatura do contrato, a P.U.C.S.P. procedeu aos reparos no imóvel para a instalação do Centro de Ciências Matemáticas, Físicas e Tecnológicas. Verificou, entretanto, que os 3.469,62 m² de construção eram ainda insuficientes para completar as suas instalações; a Ordem cedeu também em comodato o seu consistório, 2 salas e mais dependências, totalizando 320 m², que fazem parte do corpo da Igreja; no consistório foi instalada uma biblioteca, e nas salas a Secretaria e sala para o Diretor.

Queremos citar um fato digno de menção: a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo nasceu sob o manto protetor da nossa Ordem Carmelitana; nos primeiros anos de sua existência (27 de dezembro de 1951) ela recebeu em doação, das Irmãs Carmelitas, o prédio da Rua Monte Alegre, que vem usando até hoje;



Colégio do Carmo, da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, dado em comodato aos Irmãos Maristas, por 72 anos, até 1971; dado a seguir em comodato à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por cinco anos; valor do comodato à P.U.C.: 13 milhões de cruzeiros.

em 1971 foram os Irmãos Carmelitas da Ordem Terceira do Carmo que prestaram precioso auxílio, oferecendo-lhe por 5 anos, em comodato, o imóvel da rua do Carmo, n. 37 com 3.253,00 m² de terreno e 3.469,62 m² de construção avaliado na época em 13 milhões de cruzeiros.

A fim de que se possa ter uma idéia precisa da tramitação e entendimentos havidos para a entrega do Colégio do Carmo à P.U.C.S.P., transcrevemos a seguir "ipsis litteris" os ofícios recebidos e enviados.

"São Paulo, 20 de julho de 1971.

**À MESA ADMINISTRATIVA DA VENERÁVEL
ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO
CARMO.**

Tendo chegado ao meu conhecimento que os Irmãos Maristas devolverão a essa prestigiosa Ordem o prédio do Colégio do Carmo, que vem ocupando em comodato há 72 anos, venho solicitar a cessão daquele próprio à Pontifícia Universidade Católica, em idênticas condições.

A Pontifícia Universidade Católica, graças à fase de expansão que está passando, tornou-se a maior Universidade Brasileira em número de alunos e, em razão da reforma Universitária que está implantando, necessita de espaço físico para seu desenvolvimento.

Na qualidade de Reitor da Pontifícia Universidade Católica e Diretor Executivo da Fundação São Paulo, sua entidade mantenedora, é que subscrevo a presente solicitação, esperando contar com o empenho dessa Mesa Administrativa, pois as altas finalidades educacionais e filantrópicas desta instituição estão de acordo com os objetivos dessa venerando Ordem.

As.) Oswaldo Aranha Bandeira de Mello"
REITOR

"À
Mesa Administrativa
da Venerável Ordem Terceira do Carmo

São Paulo, 27 de julho de 1971

Prezados Senhores,

Paz e Bem! Tendo sido informado de que o tradicional Colégio do Carmo se vê forçado a cerrar suas portas no fim deste ano letivo, venho exprimir, em pri-



Edifício da rua Monte Alegre, n.º 934, nas Perdizes, doado à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, pelas Irmãs do Mosteiro de Santa Tereza da Ordem Carmelitana, O.C.D., conforme escritura lavrada a 27.XII.1951, a fls. 91 v. do livro n.º 314 do 13.º Tabelião de São Paulo, transcrita sob o n.º 39.633, no Registro de Imóveis da 2.ª Circunscrição. Está situado no quarteirão que compreende: rua Monte Alegre (150 m), rua João Ramalho (150 m), rua Ministro Godói (150 m) e rua Bartira (120 m) encerrando a área de 18.037,50 m². Na doação foi incluído também o Imóvel da rua Bartira, n.º 387, com 693,77 m².

O valor da doação do imóvel e prédios então existentes foi na época de dois milhões de cruzeiros; valor atual: cem milhões de cruzeiros. A P.U.C.S.P. vem ocupando esses imóveis desde 11 de setembro de 1950; nos fundos, com frente para a rua Ministro Godói, foi construído o atual prédio novo, com 43.732 m²; à esquerda, com frente para a rua Monte Alegre foi construído o TUCA com 3.768 m².

meiro lugar, a gratidão da Arquidiocese de São Paulo à nossa querida e Venerável Ordem Terceira do Carmo, por toda a colaboração que tem dado, ao longo dos anos, a tão benemérito instituto educacional. Toda a semente de bondade semeada nesta Terra, um dia frutificará, aqui mesmo e sobretudo na eternidade.

Sabendo, outrossim, da disposição da Irmandade, de colaborar para a educação de nossa Juventude, venho, por meio desta, reforçar o pedido do Magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no sentido de lhe serem cedidas as salas disponíveis do antigo Colégio. Isso, sem prejuízo dos Cursos de Teologia, que estão sendo ministrados e que hão de ser ampliados, sob o patrocínio do Seminário do Ipiranga e à sombra do Carmo.

Pedindo transmitem a todos os nossos Irmãos a amizade e a gratidão do Arcebispo, queiram aceitar os protestos da mais alta estima e consideração.

As.) + Paulo Evaristo Arns
Arcebispo Metropolitano" 1

"São Paulo, 10 de agosto de 1971.

Exmo. e Revmo. Sr.

Dom Paulo Evaristo Arns

DD. Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Capital

Temos a honra de nos dirigir a Vossa Excelência Reverendíssima para comunicar que a Mesa Administrativa desta Ordem Terceira do Carmo, atendendo o seu pedido constante na carta de 27 de julho passado, resolveu dar em comodato à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo o prédio da rua do Carmo, n. 37, onde atualmente funciona o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, que vinha sendo ocupado em comodato há 72 anos pelos Irmãos Maristas.

Esclarecemos que a cessão do prédio à Pontifícia Universidade Católica é feita sem nenhum prejuízo para os Cursos de Teologia que estão sendo ministrados sob o patrocínio do Seminário do Ipiranga em diversas salas que cedemos em comodato, cursos esses que poderão ser ampliados a qualquer momento.



Recolhimento das Irmãs de Santa Tereza, da Ordem Carmelitana, O.C.D., na rua do Carmo, hoje Roberto Simonsen, na 1.^a década do século atual. A sua fundação data de 1685.

Outrossim comunicamos que, a pedido da Ordem Equestre do Santo Sepulcro, cedemos também, em comodato, a essa Ordem, uma sala para a sua sede que doravante passará a funcionar em nossas dependências.

Valemo-nos deste ensejo para testemunhar a Vossa Excelência Reverendíssima a nossa satisfação em poder cooperar com a Arquidiocese para as suas elevadas finalidades, educacionais e filantrópicas, para as quais as nossas portas estiveram e continuarão a estar sempre abertas.

Reiteramos a Vossa Excelência Reverendíssima os nossos protestos da mais alta estima, respeito e amor filial.

*As.) Paulo Cochrane Suplicy
PRIOR"*

"São Paulo, 10 de agosto de 1971.

Exmo. Sr.

*Professor Doutor Oswaldo Aranha Bandeira de Mello
Reitor Magnífica da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

Temos a honra de nos dirigir a Vossa Magnificência para comunicar que a Mesa Administrativa desta Ordem Terceira do Carmo, atendendo o seu pedido constante na carta de 20 de julho passado, resolveu dar em comodato à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo prazo de cinco anos, o prédio da rua do Carmo n. 37 onde funciona atualmente o Colégio Nossa Senhora do Carmo.

O contrato será redigido pelo nosso Procurador Geral Dr. Raul Leme Monteiro que procurará pessoalmente Vossa Magnificência para ajustar os seus termos e cláusulas já acertadas verbalmente.

O contrato será assinado por ocasião do jantar que será oferecido por esta Ordem Terceira ao Grão Chanceler da Universidade, Dom Paulo Evaristo Arns, no Salão Nobre desta Ordem, em data que será designada brevemente.

Valemo-nos deste ensejo para testemunhar a Vossa Magnificência a nossa satisfação em poder cooperar com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para as suas altas finalidades educacionais e filantrópicas, para as

quais nossas portas estiveram e continuarão a estar sempre abertas.

Reiteramos a Vossa Magnificência os nossos protestos da mais alta estima e elevada consideração.

*As.) Paulo Cochrane Suplicy
PRIOR"*

"São Paulo, 10 de agosto de 1971

Exmo. Sr.

Irmão Claudio Girardi

DD. Provincial da

*UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO
da Província do Brasil Central*

Capital

Saudações.

Pelo presente vimos comunicar a Vossa Excelência que a Mesa Administrativa desta Ordem, na reunião de 8 do corrente, tomou, dentre outras, a seguinte deliberação:

Chegou ao nosso conhecimento a comunicação verbal, transmitida por Vossa Excelência ao nosso Procurador Geral Dr. Raul Leme Monteiro, de que os Irmãos Maristas, devido a uma série de fatores, não têm condições de prosseguir com os cursos existentes no Colégio Nossa Senhora do Carmo, que lhes foi entregue em comodato há 72 anos, vendo-se obrigados a encerrar suas atividades nesse Colégio, prosseguindo-as, entretanto, em outros colégios que lhes pertencem, com os seus atuais alunos que assim não terão solução de continuidade em seus estudos.

Nessa situação, de acordo com o contrato de comodato de 28/8/1958, registrado sob o n. 3.870 em.... 13/10/1958 no Cartório do 1º Registro de Títulos e Documentos, tendo os Irmãos Maristas manifestado o desejo de havê-lo por extinto, manifestamos também nossa concordância, dando por extinto o contrato existente (art. 10º).

Em conseqüência, de acordo com os artigos e 5º do contrato, solicitamos dos prezados Irmãos Maristas a entrega, em bom estado de conservação, até o dia 10 de de-

zembro próximo, não só dos prédios e terrenos da rua do Carmo, n. 37, onde funciona o Colégio do Carmo bem como da mobília escolar pertencente à Ordem Terceira do Carmo.

Pedimos, outrossim, a gentileza de nos entregar todos os quadros de homenageados e toda a documentação referente ao imóvel, recibos de imposto predial, taxas de água e esgotos, luz e gás, que pesam sobre o imóvel e já devidamente pagos.

Não podemos deixar de externar nossa satisfação por verificarmos que os Irmãos Maristas corresponderam à confiança que a Ordem neles depositou, dirigindo com probidade e eficiência o destino de milhares de jovens durante estes 72 anos de existência do nosso querido Colégio de Nossa Senhora do Carmo.

Valemo-nos desta oportunidade para reiterar a Vossa Excelência e a todos os Irmãos Maristas os nossos protestos da mais alta estima e elevada consideração.

*As.) Paulo Cochrane Suplicy
PRIOR"*

*"Aos
Senhores Pais dos alunos do
Colégio do Carmo*

*São Paulo, 12 de outubro de 1971.
Senhores pais*

A Associação Brasileira de Educação e Cultura (Província Marista de São Paulo) que vinha ministrando os cursos de Admissão, Ginásio e Científico mantidos no estabelecimento sob o nome de COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO, na rua do Carmo, 37, vem comunicar-lhes que tais cursos não mais funcionarão, a partir de 10 de dezembro de 1971.

Não mais usufruiremos, a partir de tal data, do comodato generoso de que vinhamos usufruindo desde 72 anos.

Os Irmãos Maristas avisam aos portadores do CONTRATO DE MÚTUO que terão garantidos seus direitos. Os mutuantes do Científico têm direito de completar o curso no Colégio Arquidiocesano e os do Ginásio, no Colégio Nossa Senhora da Glória. Toda e qualquer informação sobre este assunto será fornecida pelo

Irmão José Pereira Gaspar, encarregado deste setor. Poderão entrar em contato com ele pelo telefone 2785875, no horário comercial. Atende pessoalmente na rua Justo Azambuja, 267, antigo 121.

Os demais alunos podem matricular-se nos dois Colégios que mantemos nesta cidade ou em qualquer outro que melhor lhes convenha.

Aos que até hoje nos honraram com a preferência dada à nossa escola e que, por um motivo ou outro vão deixá-la, agradecemos a confiança em nós depositada e auguramos muitas vitórias nos novos estabelecimentos que vierem a freqüentar.

*As.) Irmão Claudio Girardi
PROVINCIAL"*

Como já vimos, o contrato de comodato com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo foi assinado no Salão Nobre da Ordem, no dia 11 de novembro de 1971, por ocasião do jantar que a Mesa Administrativa ofereceu a Sua Exceléncia D. Paulo Evaristo Arns, então Arcebispo Metropolitano e Grão Chanceler dessa Universidade, para o qual foram convidadas e nele tomaram parte as mais altas autoridades do clero paulista, professores, amigos e imprensa.

Tendo em vista a importância histórica desse contrato, que está registrado e microfilmado sob o n. 1.217.635 no Cartório do 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos de São Paulo, damo-lo, a seguir, "ipsis litteris":

CONTRATO DE COMODATO

"Aos onze dias do mês de novembro do ano de 1971, às 21,00 horas, no salão nobre da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, avenida Rangel Pestana, n. 230, nesta cidade de São Paulo, presentes Sua Exceléncia Reverendíssima Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo Metropolitano e Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Dom José Thuler e Dom Lucas Moreira Neves, Bispos Auxiliares de São Paulo, o Monsenhor Dr. Benedito de Ulhôa Vieira, Vigário Geral de S. Paulo, o Padre Hugo Monari, Chanceler da Curia Metropolitana, o Professor Doutor Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, Reitor

Magnífico da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o Dr. José Feliciano Ferreira da Rosa Aquino, Secretário Geral da Universidade, os membros da Mesa Administrativa da Venerável Ordem Terceira do Carmo: DIRETOR Cônego José Paschoal Cristofaro, PRIOR Paulo Cochrane Suplicy, 1º MESTRE DE NOVIÇOS Dr. Joaquim Paulino Barbosa Leite, 2º MESTRE DE NOVIÇOS Dante Vagnotti, TESOUREIRO Álvaro Pinto de Aguiar, PROCURADOR GERAL Dr. Raul Leme Monteiro, 1º SECRETÁRIO Dr. Nelson Mello Malheiro, 2º SECRETÁRIO Dr. Oswaldo Leite de Morais, CONSELHEIROS Dr. Nelson Carvalho, José Maria Andrade de Souza e Manoel Siqueira Figueiredo, presentes ainda Desembargadores do Tribunal de Justiça, Ministros do Tribunal de Alçada, Procuradores da Justiça, Juízes de Direito, Promotores de Justiça, Curadores, Diretores de "O Estado de São Paulo", Folhas de São Paulo, Diários Associados, A Gazeta e Diário Popular, foi assinado o seguinte contrato de comodato entre a Venerável Ordem Terceira de N. S. do Carmo e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a saber:

Pelo presente instrumento particular de Contrato de Comodato, de um lado a VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO, pessoa jurídica, com estatuto inscrito sob n. 1 (um) a fls. 1 do Livro n. 1 do Registro de Imóveis da 1ª Circunscrição da Capital — CGC.61.009.080/001 com sede nesta Capital na Av. Rangel Pestana, n. 230 (Igreja do Carmo), doravante aqui designada apenas COMODANTE, neste ato representada, na forma de seu estatuto, pelo seu PRIOR, PAULO COCHRANE SUPLICY, brasileiro, portador da Carteira de Identidade R. G. n. 111 629 e do C.I.C n. 045.589.878, e, de outro lado, a FUNDAÇÃO SÃO PAULO, mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pessoa jurídica em estatutos inscritos sob ns. 7.072 e 7.942 no 4º Cartório de Registros de Títulos e Documentos da Comarca da Capital, CGC n. ... 60.990.751/001, com sede nesta Capital, na rua Monte Alegre, n. 984, doravante denominada apenas "COMODATÁRIA", neste ato representada pelo seu Diretor Executivo Prof. Dr. Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, brasileiro, portador da Carteira de Identidade R. G. n. 142.069 e C.I.C. n. 050.058.508, Reitor da referida

Universidade, têm, entre si, por firme, justo e contratado o seguinte:

Cláusula 1^a — *A COMODANTE, na qualidade de proprietária do imóvel sito nesta Capital, na rua do Carmo n. 37, possuindo o terreno a área de 3.253,00 m², e o prédio 3.469,62 m² de área construída, entrega à COMODATÁRIA o referido imóvel pelo prazo de cinco (5) anos com inicio em 1º de janeiro de 1972 e término em 31 de dezembro de 1976.*

Cláusula 2^a — *Obriga-se a COMODATÁRIA a utilizar o imóvel referido na cláusula 1^a para fins de instrução universitária, a cargo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.*

Cláusula 3^a — *A COMODATÁRIA se obriga a manter o imóvel e a mobília escolar nele existente, — referida em relação anexa a este contrato que, subricada pelas partes, dela fica fazendo parte integrante — em boas condições de higiene e limpeza, conservando tudo em bom estado de funcionamento, para assim restituí-lo quando findo ou rescindido este contrato, sem direito a retenção ou indenização por quaisquer benfeitorias úteis, necessárias ou voluptuárias que eventualmente fizer no imóvel, as quais ficarão desde logo incorporadas a ele.*

Cláusula 4^a — *Todos os impostos e taxas que incidem ou vierem a incidir sobre o imóvel, bem como as contas de luz, gás e água, serão suportadas pela COMODATÁRIA; os comprovantes de pagamento deverão ser entregues à COMODANTE.*

Cláusula 5^a — *Obriga-se a COMODATÁRIA a fazer anualmente seguro contra fogo sobre o valor do imóvel, para esse efeito estimado atualmente em Cr\$... 1.500.000,00, seguro esse que deverá ser feito em nome da COMODANTE, em companhia de seguros que esta indicará anualmente.*

Cláusula 6^a — *A COMODATÁRIA se obriga a satisfazer a todas as exigências dos poderes públicos feitas em razão do presente contrato, bem como se obriga a não fazer modificações no prédio sem autorização, por escrito, da COMODANTE.*

Cláusula 7^a — *A COMODANTE poderá vistoriar o imóvel sempre que entender necessário.*

Cláusula 8º — A COMODATÁRIA se obriga a ministrar cultura religiosa aos alunos dos cursos que funcionarem no prédio.

Cláusula 9º — A COMODATÁRIA se obriga, ainda, a inculcar e desenvolver nos seus referidos alunos o amor a Deus, à Pátria, à Família, à Liberdade, o respeito às instituições e tudo quanto possa contribuir para a estabilidade e para o bem estar social.

Cláusula 10º — A COMODATÁRIA se obriga a conceder, mediante prévia solicitação, por escrito, da Mesa Administrativa da COMODANTE, o abatimento de 50% nas anuidades ou gratuidade total se a Mesa o solicitar, aos filhos de Irmãos Terceiros que venham a matricular-se em qualquer dos cursos em funcionamento no prédio objeto deste comodato.

Cláusula 11º — A garagem situada nos fundos do imóvel, que tem entrada pela rua Dª Ana Rosa, será reservada para uso da COMODANTE, aos sábados, domingos e dias santos das 7,30 às 10,30 horas,

Cláusula 12º — Fica estabelecida a multa de Cr\$ 5.000,00, que será paga pela parte que infringir qualquer das obrigações decorrentes deste contrato. A multa será paga por inteiro, qualquer que seja o tempo decorrido do contrato.

Cláusula 13º — Para dirimir quaisquer questões resultantes deste contrato, será competente o foro do imóvel.

E, por estarem, assim, justas e contratadas, assinam as partes o presente instrumento em duas vias para um só efeito, juntamente com as testemunhas maiores e cumplices.

São Paulo, 11 de novembro de 1971.

(as.) *PRIOR — Paulo Cochrane Suplicy*

(as.) *GRÃO CHANCELER — Dom Paulo Evaristo Arns*

(as.) *REITOR MAGNÍFICO — Oswaldo Aranha Bandeira de Mello*

TESTEMUNHAS

- (as.) frei Angelino Wissink — O. Carm. Provincial
- (as.) Antonio Penteado de Azevedo
- (as.) Álvaro Pinto de Aguiar
- (as.) Maria Zilda de Toledo Aguiar
- (as.) Raul Leme Monteiro
- (as.) Cônego José Pascoal Christofaro
- (as.) Luiza Marilandis Leme Monteiro

Após proceder à instalação da Faculdade de Ciências Físicas e Matemáticas no prédio do Colégio do Carmo, a Pontifícia Universidade Católica verificou ser ainda insuficiente a área do colégio, solicitando então da Ordem 3^a do Carmo mais salas para instalar a biblioteca, a sala do Diretor e da Secretaria dessa faculdade; foi também solicitamente atendida, sendo-lhe dados em comodato mais um salão e duas salas com a área de 200,00 m², que faziam parte do corpo da igreja, e que fizeram parte integrante do contrato de comodato.

A Pontifícia Universidade Católica usufruiu o imóvel do Colégio do Carmo somente durante quatro anos, pois a 16 de janeiro de 1976 a Ordem Terceira foi citada da inicial da ação de desapropriação (Processo n. 1/76 do 2º Ofício dos Feitos da Fazenda Municipal) ajuizada pelo Metrô; no dia 31 desse mês a P.U.C.S.P. entregou o imóvel inteiramente desocupado.

Assim, após cumprir durante 77 anos sua elevada missão educativa terminou o Colégio do Carmo, conhecido como a menina dos olhos da nossa Ordem, um dos seus legítimos títulos de glória, que ficarão indelevelmente gravados nos anais da sua história.

* * *

IRMÃOS MARISTAS QUE FORAM REITORES DO COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE 1899 a 1971

- | | |
|--------------|-----------------------|
| 1899 — 1901: | Irmão Julio Andronico |
| 1902 : | Irmão Gondulfo |
| 1903 — 1907: | Irmão Isidoro Dumont |
| 1908 — 1911: | Irmão Exuperancio |
| 1912 — 1916: | Irmão Mário Cristovão |
| 1917 — 1922: | Irmão Sapor |
| 1923 — 1928: | Irmão Mario Cristovão |
| 1929 — 1931: | Irmão Isidoro Dumont |

- 1932 — 1935: Irmão José Marcelo
 1936 — 1941: Irmão Miguel Eduardo
 1942 : Irmão Henrique Augusto
 1943 — 1948: Irmão Marcos
 1949 — 1954: Irmão Miguel Eduardo
 1955 — 1957: Irmão Bento Gabriel
 1958 — 1960: Irmão Felicio Teixeira
 1961 — 1963: Irmão Waldomiro Soares
 1964 — 1971: Irmão Ivo Bernardo

ANTIGOS ALUNOS ILUSTRES

Damos a seguir a relação de alguns conhecidos e ilustres alunos que estudaram no Colégio do Carmo: Carlos Morais de Andrade, Mario de Andrade, Vicente Ráo, Alexandre Correia, Guilherme de Almeida, José Marques Campão, Maestro João de Souza Lima, José Guilherme Whitaker, Paulo Ferreira de Abreu Leomil, José Luiz Leme Maciel, Decio Ferraz Alvim, Jayme Ferraz Alvim, Rodrigo Ferraz Alvim, Claro Neves de Figueiredo, Reynaldo Neves de Figueiredo, Álvaro Pinto de Aguiar, Emanoel Whitaker, Joaquim Canuto Mendes de Almeida, José Hildebrando da Silva Leme, José Sizenando de Macedo Leme, João Chrisostomo Bastos Passalacqua, Mario de Abreu Pereira, Marcos de Abreu Pereira, Dario de Abreu Pereira, Nilo Bresser da Silveira, José Bresser da Silveira, Mario Otobrini Costa, Moacir Cunha, Oscar Pedroso Horta, Silvio Bueno Vidigal, Luiz Eulalio Bueno Vidigal, Manoel Victor, Paulo Reis Magalhães, Decio Toledo Leite, Paulo P. Bonilha, Nelson de Mello Malheiro, José Luiz de Mello Malheiro, Otavio Cintra Leite, José Luiz de Azevedo Froncischini, Paulo Aché, Dom Vicente Zioni, Monsenhor Antonio Ráo, Monsenhor João Pheeney de Camargo e Silva, Padre Luiz de Faria Cardoso, Aldo de Assis Dias, Mario Toledo de Moraes, Alcebiades Cintra Bueno, Aristides Cintra Bueno, Ivo Fracalanza, Nelson Macchia-verni, Orlando Bragaglia, José de Queiroz Matoso, Rui Barbosa de Campos, Renato Taglianetti, Paulo Carneiro Maia, Raphael Carneiro Maia, João Roberto de Aguiar Vallim, Jorge Flaquer, Firmino Whitaker, Washington de Barros Monteiro, Olavo Egydio Setubal, Marcos Muller Guerra, Rubens Muller Guerra, Cid Flaquer Scartezzini, Jorge Flaquer Scartezzini, Marco Aurélio Greco, Benedito Mario Vitirito, Newton R. Campos.

CAPÍTULO XV

ESTATUTO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

No arquivo da Ordem Terceira do Carmo, encontra-se um Regulamento que contém o seguinte capítulo:
“Reforma da REGRA desta VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO pela qual se rege até hoje:

No dia 1º de abril de 1697 por petição dos Irmãos Terceiros desta VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA, foi sua regra reformada pelo Revmo. Frei Manoel Ferreira da Natividade, Vigário Provincial, e Visitador dos Frades do Estado do Brasil, que formalizou a regra que até hoje existe, com algumas modificações dando-lhe o nome de ACTAS ou ESTATUTOS, confirmadas pelo Revmo. Provincial Frei Francisco das Chagas em 18 de janeiro de 1743”.

E, efetivamente, esses Estatutos manuscritos, que datam de 1º de abril de 1607, estão encadernados no Livro n. 53, e guardados como preciosa relíquia em nosso arquivo; contêm 53 capítulos de fls. 1 a 80; a sua aprovação de fls. 81 a 84; e de fls. 92 a 106 o respectivo “índex” que publicamos em cópia xerográfica.

Se em 1697 a Ordem Terceira do Carmo reformou a Regra ou Estatuto é evidente que ele já devia existir anteriormente em data que se perde na obscuridade da história, mas que provavelmente deverá ser a da fundação da Ordem em 1594, pois é razoável concluir que, ao ser constituída sob a égide dos Padres Carmelitas, tenha sido elaborado o seu primeiro Estatuto.

A 19 de fevereiro de 1854 o Estatuto foi novamente reformado e aprovado pela Assembléia Geral dos Irmãos, em Mesa Conjunta, e registrado na Secretaria do Palácio do Governo da Pro-

víncia de São Paulo em 4 de abril de 1854, a fls. 22 do livro competente. Em nosso arquivo guardamos esse Estatuto manuscrito, que publicamos em copia xerográfica.

A 14 de outubro de 1893 o Estatuto foi inscrito sob o n. 1, na página 1 do Primeiro Livro de Inscrição de Sociedades Civis do Registro de Imóveis da 1^a Circunscrição. De acordo com o Decreto Legislativo n. 173 de 10.9.1893, o Estatuto foi apresentado pelo então Irmão Prior Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme ao Oficial do Registro Geral e de Hipotecas da Comarca do Estado de São Paulo, Dr. Eulálio da Costa Carvalho, e publicado no n. 692 do Diário Oficial do Estado de São Paulo de 4.10.1893; o registro do Estatuto foi publicado no n. 721 do Diário Oficial do Estado de São Paulo de 9.11.1893. Foi assim a Ordem Terceira a primeira em São Paulo, e provavelmente no Brasil, a ser inscrita como pessoa jurídica, no cartório do Registro de Imóveis, de acordo com a lei.

Com o advento do Decreto Federal n. 4.857 de 9.11.1939, conhecido como lei dos Registros Públicos, que atribuiu aos Cartórios dos Registros de Títulos e Documentos a competência para a inscrição de estatutos, a Ordem Terceira do Carmo levou o seu estatuto ao Cartório do 1º Registro de Títulos e Documentos de São Paulo, que foi inscrito sob n. 2.051 em 4.12.1941 no Livro "A" n. 4 de Registro de Pessoas Jurídicas, nos termos dos artigos 128 e 129 do citado Decreto Federal. Posteriormente, à margem da transcrição n. 2.051 foram averbadas alterações de alguns artigos conforme aprovação da Assembléia Geral, e que se encontram arquivadas.

O Estatuto atualmente em vigor pouco difere do já reformado de 1697; e sua estrutura básica é a mesma, tendo sofrido apenas pequenas alterações na nomenclatura e na forma de funcionamento, exigidas pelas condições atuais.

A nossa Ordem se rege na parte civil pelas normas contidas em nosso Estatuto elaborado pelos Irmãos Terceiros e na parte religiosa pela Regra Carmelitana ditada pelos nossos superiores da Ordem Carmelitana.

As finalidades da Ordem Terceira do Carmo resumem-se no seguinte quadrinômio: SERVIR A DEUS, O CULTO A NOSSA SENHORA DO CARMO, SERVIR E GLORIFICAR A IGREJA, SERVIR A COLETIVIDADE.

A sua estrutura, em resumo, é a seguinte: é dirigida por uma Mesa Administrativa composta de cinco Irmãos a saber: PRIOR, PROCURADOR GERAL, TESOUREIRO, SECRETÁRIO E CONSELHEIRO, que se reúnem sob a assistência espiritual do

Padre Diretor; o Padre Diretor, que até 1957 era chamado Comissário ou Diretor Espiritual, é escolhido pela Mesa Administrativa dentre Sacerdotes que também sejam Irmãos Professos; seu nome é indicado ao Padre Provincial Carmelitano que o nomeia, devendo essa nomeação ser aprovada pela Autoridade Diocesana. Tema também parte na Mesa Administrativa o Mestre de Noviços, que é nomeado pelo Padre Diretor. O Irmão Prior e a Irmã Priora são eleitos pela Assembléia Geral, sendo os demais cargos de livre nomeação do Padre Diretor.

Em suas relações civis a Ordem é representada ativa, passiva, judicial e extrajudicialmente pelo Irmão Prior, e, nas religiosas, pelo Padre Diretor.

Ao assumir o seu cargo o Prior jura, diante de Deus e de Nossa Mãe Santíssima do Carmo, observar e fazer observar tudo quanto dispõem a Santa Regra Carmelitana e o Estatuto. Todos os cargos da Mesa Administrativa são inteiramente gratuitos, vedada qualquer remuneração sob qualquer forma.

Fato digno de destaque é que antigamente os membros da Mesa Administrativa não só exerciam seus cargos gratuitamente, como também deviam pagar uma jóia antes de ser empossados, e, durante o mandato, deviam ainda arcar com uma série de contribuições obrigatórias. Os nossos arquivos relatam que era comum Irmãos fazerem donativos de 200\$000 (duzentos mil réis), 500\$000, 1:000\$000 e até 5:000\$000 (cinco contos de réis) com a condição de desobrigá-los de qualquer cargo da Mesa Administrativa em qualquer tempo que fossem eleitos. Em 1893 o Irmão Prior pagava 100\$00 (cem mil réis) de jóia e os demais membros da Mesa no mínimo 50\$000 (cinquenta mil réis) fora as contribuições de costume.

A preocupação constante dos que são eleitos ou nomeados para servir esta Ordem legada por nossos antepassados é trabalhar para as finalidades prescritas no Estatuto e na Regra Carmelitana, e, note-se bem, sem esperar a menor recompensa, um título, qualquer honraria, um voto de louvor, ou de agradecimento de quem quer que seja; ao findar o seu mandato o Irmão Tesoureiro apresenta um balanço geral e uma demonstração da receita e despesa que são submetidas à apreciação da Mesa Administrativa; o Irmão Prior apresenta à Mesa Administrativa e aos Irmãos um relatório pormenorizado de todas as atividades e realizações da Ordem, relatório esse independente de aprovação até mesmo da Assembléia Geral; ele é impresso e distribuído aos Irmãos apenas para que tomem conhecimento do que fez a Mesa Administrativa que terminou o mandato.

16

Index de que se encontra nos
Estatutos, ou Letas desta Venerável
Ordem Terceira do Carmo d' S. P.

Capº. 1º

51. Número de Irmãos de que se deve compor a Iheraz. f. 3.
52. A Heraz representa toda a corporação. ibi

Capº. 2º

53. Prior. Qualidades que deve ter. 34.
54. seu Lugar na Iheraz. ibi
55. Tem toda a Jurisdicão sobre o Provincial. ibi
56. Desempenha os votos, nos rigorosos tempos. ibi
57. Deve mandar pravar as contas da Heraz q. acaba. ibi
58. Deve m. a cabar as obras comissadas, e satisfazer a júris. ibi
59. Deve informar-se do q. q. Heraz, he estillo observando. ibi
60. Deve solicitar, entre as outras, donde dev. ser. os negócios, e como
que ha de tratar. ibi
61. Ha obrig. a não faltar em nenh. ato público da Ordem. ibi
62. Ha obrig. a procurar apaz, e concordia entre companheiros. ibi

Capº. 3º

63. Comissários, auxiliadores q. deve ter. 51.
64. Como se deve Eleger. ibi
65. Qual a dia cada dia em qual q. acto se fizerem. ibi
66. Tem toda a Jurisdicão sobre o Provincial. ibi
67. Tem o poder de encampar q. Provincial p. o Prior fadung. ibi
68. Materias Spirituais. ibi
69. Informações q. deve possuir: i) Nós q. votos q. q. Irmãos. ibi
70. ou Irmãos q. querer trazer de Portugal. ibi
71. Aplicação

Cap. 3º sobre o Consistorio.

6. Aplicarão doer à Regra, se q' defacem os frades. 6
7. Tomar conhecimento sobre a Legado, e suffragios de frades. 16
8. Executar aos Fr. p' q' não faltas a qualq' das Regras, e Regras de breves e culto Divino. 68
9. Se a illa comissão Elegor as Brancas f'goz, P' de Ordem (C. 2151). 16
10. Tom rito contado as oferas, jainda sobre o Temporal. 16
11. P' o Ponto impecável, p' de C. Prior de Lamego. Comissão, p' outros Religiosos que lhe fagam de Ordem fazerás suas missas, etc. compêndio. 7
12. Que obriga a todos com atenções, cond' informes atodisígnos, a vivos e mortos do Fr. Defunto; e outras iugos, etc. q' de segundas com outros Religiosos: bem como a deputar Coatos Religiosos p' a Iudar as contrárias do Fr. morto q' de Jubilo. 16
13. Se illa deve dar a Comunhão nos dias de Encouraçado, Dom. 78
14. Tom obrigações de P' os Ofícios de Encouraçado fazer, penitências, contra os erros penitenciais. 16
15. Tom o longoua de 168. E. q' a Ordem lhe deu dar. 16
16. Que lhe depuitado p' todo o mundo. 8

Cap. 4º

1. Subprior. " Que te mas. qualidades de Prior (Cap. 2. §§. 1, 2) 9
2. Sua Lugar na ordem. 16
3. Tom sua am. Iuris dicação de Prior, na falta delle. 16
4. Desgaltas de Prior faz as proporcões, 16, negativa p' ordem.
5. Tom chegarão a Comunhão, pelas q' duas, de biscondoir. 16
6. Aplicar p' q' dos Fr. do Clero, deles q' decretar o concilio Fr. p' q' decretar. Declarar de Pele, e dicas nas Crónicas, q' q' decretar de Pele sempre p' q' lhe q' decretar. 16

Cap. 5º

1. Seculariz. Encarregar q' diretor. 16
2. Sua Lugar na ordem. 16
3. Sua obrigação q' q' decretar. 16
4. q' q' decretar. 16

Cap. 5. John, 6th Gen. 5.

5. Comer sedes habet semper pacis, et ceteras cunctas ad se pertinet. ibi.

5. O. B. R. C. bonis fidei et pietatis podia facit intradas, et Confessio. Imitatio. vita. presentatio. ibi.

6. Tenui tota acarca de Div. regibus, et derelicta de deinceps. 12

7. Grandis istitia impedit. Non clamato os. In ultimo, non impedit. Quod oportet. ibi.

Sorte de Mera nominari sum. In his otueris, Informatio. q. dicto. Sicut
minto p. e dividit sycreti. ibi.

8. Dico napisim. Mera q. tomor pone. Ser. obstatibus. Et cada sum ad Cargos. ibi.

9. Non potest pascere Nicolo, a quatuor iuris litionibus. q. actura. in i. Procuratore. 124.

10. Si illi duc. pizzar, et assignar. et certidose, illandias, q. Engracho de Mera. ibi.

11. Non potest cobras dico aliquid. domesticas. q. Thier, ou dico. Et illi. ibi.

Cap. 6°

- | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|------|
| 5. 2. <i>Definidores</i> | " Juros nominados com distinção, 1º, 2º, 8ºº | 13 |
| 3. " " | <i>Liquidadores</i> q. devem ser | ib |
| 4. " " | <i>Sua obrigação</i> | 135. |
| 5. " <i>Vasalta do Prior, e subprior, 2º Definidores com nomes de hora/ hora dita</i>
Notarles/ porém faret Mera | ib | |
| 6. " <i>Vos ditz vasaltas que o prioris auas e Definidores q. estiverem no Lugar</i> | ib | |

Cap. 7.

- S. I. Thesour. do Dinhelyro. Qualidades q. deve ter. 11
2. " " " " " Tua a certo naidhera 80. ib.
3. " " " " " Considerar Guardar o Livro. ib.
4. Não pode despedir d'or. qm o Juiz. qd. larmos & competi. declar-
ar qd. dogue qd. for mortilado despedir. ib.
5. Juiz qd. se si só receber causa alguma. qm a alystoria cluir. ib.

Cap. 8.

1. Procurador: Qualidades q. tiene
- su lugar de oficio
una obsequio q. no importa q. sea orden

A única satisfação que os Irmãos da Mesa Administrativa têm ao terminar os seus mandatos é a consciência do dever cumprido e a de terem feito algo pela coletividade no cargo que lhes foi confiado, que fizeram o maior bem que puderam, da maneira mais oculta possível.

Jamais se fez qualquer publicidade das realizações desta Ordem; jamais esses relatórios foram enviados à imprensa que, se os recebesse, muito diria das nossas realizações.

Para que se possa ter um melhor conhecimento do nosso Estatuto transcrevemos a seguir alguns de seus artigos:

CAPÍTULO I

Da natureza, sede e fins do Sodalício

Art. 1º — A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO, também conhecida como ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO DE SÃO PAULO, VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DE SÃO PAULO, ou simplesmente ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, é uma sociedade civil filantrópica, de fins não econômicos, de duração ilimitada, fundada no ano de 1594, pessoa jurídica de direito privado, de Educação e de Assistência Social, formada por católicos de ambos os sexos que, sob a orientação da Ordem Carmelitana, e segundo a Regra para eles aprovada pela Santa Sé Apostólica, se dedicam à prática da caridade e se esforçam por alcançar a perfeição cristã.

Art. 2º — O Sodalício tem sua sede e foro na Avenida Rangel Pestana n. 230 (Igreja do Carmo) na cidade de São Paulo, Capital do Estado de São Paulo, República Federativa do Brasil. Reger-se-á por este Estatuto, pelo Regimento Interno e pelas leis que lhe forem aplicáveis.

Art. 3º — Seus principais fins são:

- a) — Realizar o espírito da Regra Carmelitana dos Terceiros, aprovada pela Santa Sé Apostólica, a qual lhe serve de lei fundamental.

o Bacharel Joaquim José do Carmo Silveira,
Presidente da Província de São Paulo.

Vou saber das que esta carta virem que, sendo eu
presente o Compromisso da venerável Ordem Terceira de
Nossa Senhora do Monte do Carmo, e bem assim o approuva-
do dada pelo Ordinário na parte Espiritual, e verificado pelo
exame, fui fixo dos diferentes Artigos do dito Compromisso, que
necessitava de suas disposições se aguentassem Lei com vigor, nem
offereia algum outro inconveniente, resolvii, usando da atribuição
que me confere a Lei Provincial, Número cincos, de vinte e seis de
Outubro de mil oito centos e quarenta, conferir, como de facto por
esta confirmo o dito Compromisso, que n'esta vai anexo, rubrica-
do, e assinado pelo Secretário do Governo da Província.

Muito portanto que o mesmo Compromisso seja observado
pelos Clericos, e mais Irmãos da Santa Ordem, e que os Mi-
nistros, Justicás, e mais pessoas a quem pertencer o fisco cumu-
prir, como n'ella se contém. Fizeste visto mil oito centos
e seis, a saber dez milhas de Novo Díritos Fiscais, e Chamal-
aria, e dez mil, e oitocentos reis de Velhos, e Novos Díritos Pro-
vinciais. Dada no Palácio do Governo de São Paulo
os quatro dias de Fevereiro de mil oito centos e cinquenta e quatro.

Joaquim do Carmo Silveira

Carta, pela qual Vossa Exceléncia há por bem
confirmando o Compromisso da venerável Ordem Terceira de Nossa
Senhora do Monte do Carmo desta Cidade, como a cima se
declara.

Para Vossa Exceléncia

No Piquache do dia vencimento de quinto de Abril,
de mil oito centos e cinquenta e quatro.
América José de Lima

Requisição á 22 de S.º competente. Secretaria
do Gov.º de S.º Paulo, 11 de Abril de 1851.
Fran.º da Costa Santa Barbara

N.º 32 1000

S.º das associações. S.º 2 de
abril de 1851
José da C.º Beltrami

Província de São Paulo Santa Barbara, afixo.

N.º 33

S.º das associações. S.º 2 de Abril de 1851
José da C.º Beltrami

N.º 34

S.º das associações. S.º 2 de Abril de 1851
José da C.º Beltrami

100 paginas

Conselho de Comunidade de São Paulo e Veneza antigo, e
até os dias de sua quinzena mil e setenta por anno
numeradas e subbreadas, testemunha do governo de São
Paulo 4 de setembro de 1854.
Manuscrito da Silva

Ostatutos

da
Veneravel Ordem Terceira
de
Nossa Senhora do Monte
do
Carmo
das
Imperial Cidade de São Paulo

Título I.

Das Ordens, e sua Administração

Capitulo I.

Das Mesa

Art. 1º A Ordem é representada pelas
Mesa, a qual compõe a disposição geral e ge-
neral dessa, e por isso a elle devem todos os cri-
mios profissões religiosa e obediencia e submissão.

Vistos e bem considerados por Nós os presentes Estatutos, e não achando nelles nada que comprometta a Religião, munidos do poder que a Nós lhes concedido, e de que Usamos, os Approvamos e Confirmamos. Portanto mandamos e Recommandamos, debendo da maior restrição, a sua observância, e que de nenhuma sorte os contradigam os nossos Irmãos Terceiros, na certeza de que, não aceitando estes Estatutos, ficam sujeitos à pena de Perdebolis, e das mais a Nossa arbitrio. Convento do Carmo do Rio de Janeiro aos 6 de Março de 1854.

Fr. José da Conceição Almeida
Pm.

Fr. João de Nossa Senhora do Carmo,
Socis e Secretario da Província.

Este compromisso da Irmã Terceira da Sagrada Família do Carmo é da data de 6 de Março, que contiene resolução e vários artigos escritos em grande, mas feitos de papel, existência esta que sou por mim assinada e rubricada. Secretaria do governo de São Paulo 5 de Abril de 1854.

Secretaria do governo

Francisco José de Lima

Visto; empenado. 1.
Paulo 6 de Abril 1854.



- b) — Promover, na forma da mencionada Regra e deste Estatuto, a devoção e o maior esplendor da excelsa Padroeira da Ordem Nossa Senhora do Carmo.
- c) — Empenhar-se vivamente na perfeição e santificação de seus membros, fazendo observar as leis da Igreja, as disposições da Regra e o presente Estatuto.
- d) — Promover a educação da juventude, dando-lhe formação integral de acordo com a doutrina católica, a fim de prepará-la ao perfeito cumprimento de seus deveres para com Deus, para com a Igreja, para com a Pátria e para com a Humanidade.
- e) — Auxiliar instituições de caridade, proteger a infância pobre, a velhice desamparada, dar socorro à invalidez e instituir assistência hospitalar, quando julgar conveniente e sua situação financeira o permitir.
- f) — Socorrer espiritual e materialmente, tanto quanto possível, os Irmãos Terceiros.
- g) — Proporcionar aos Irmãos falecidos a respectiva sepultura e todos os sufrágios espirituais estabelecidos neste Estatuto.

Parágrafo Único —

A totalidade da renda auferida pelo Sodalício será aplicada em obras de caridade e assistência social, já enumeradas neste artigo, e na conservação e ampliação do seu patrimônio.

Art. 4º — A ORDEM TERCEIRA DO CARMO será representada pelo Irmão PRIOR ativa, passiva, judicial e extrajudicialmente.

CAPÍTULO II

Da administração do Sodalício

Art. 5º — A ORDEM DO CARMO será administrada pela Mesa Administrativa da seção masculina, com mandato por dois anos, constituída de cinco membros a saber:

- PRIOR
- Procurador Geral
- Tesoureiro
- Secretário
- Conselheiro

Parágrafo Único —

Além dos cargos constantes neste artigo, haverá o de Mestre de Noviços e ainda quaisquer outros que venham a ser estabelecidos pela Regra Carmelitana, todos com assento na Mesa Administrativa e direito a voto; as nomeações para esses cargos serão de atribuição exclusiva do Pe. Diretor, podendo mesmo recair sobre os próprios membros da Mesa Administrativa.

Art. 6º — Além dos cargos dos membros da Mesa Administrativa, haverá ainda os cargos de Procurador da Igreja, Administrador do Cemitério e Vigários do Culto, que serão sempre nomeados pelo Pe. Diretor, depois de ouvida a Mesa Administrativa. Estes membros não tomarão parte em reuniões da Mesa Administrativa.

Art. 7º — Todos os cargos da Mesa Administrativa serão inteiramente gratuitos, vedada toda remuneração sob qualquer forma ou denominação.

.....

Art. 9º — A Mesa Administrativa reunir-se-á mensalmente, ou quando necessário, mediante convocação prévia do Pe. Diretor ou do Prior, não podendo funcionar sem a presença de, pelo menos, 4 de seus membros; as reuniões serão abertas e encerradas com as orações do costume. Suas decisões serão tomadas pela maioria de votos dos mesários presentes, na ordem hierárquica estabelecida no artigo 5º; em caso de empate o PRIOR terá voto de qualidade, e os Irmãos Piores e Membros Jubilados terão direito ao voto previsto no Art. 73º, além do seu voto como membro da Mesa Administrativa.

.....

CAPÍTULO XIV*Da Eleição da Mesa Administrativa e da Nomeação para os demais cargos*

Art. 40º — De 2 em 2 anos, em dezembro, todos os Irmãos e Irmãs do Sodalício, avisados previamente pelo Pe. Diretor e por Edital afixado na Sacristia, após assistirem à Santa Missa, reunir-se-ão, na hora marcada,

em Assembléia Geral, a fim de realizar as eleições para os cargos de Prior e Priora, em conformidade com as disposições deste Estatuto, do Direito Canônico e da Regra Carmelitana.

Art. 41º — A Assembléia Geral elegerá em primeiro lugar o Prior; em seguida, em outro escrutínio, elegerá a Priora (art. 31º "a" e art. 42º); as eleições poderão ser por aclamação, se a Assembléia assim resolver por 2/3 de Irmãos presentes.

§ 1º — Os demais membros serão nomeados pelo Pe. Diretor, depois de ouvida a Mesa Administrativa em exercício.

§ 2º — Somente poderão ser eleitos ou nomeados para a Mesa Administrativa Irmãos com mais de três anos de profissão.

.....

Art. 46º — Se o Prior estiver presente à eleição, tomará posse, desde logo, do seu cargo, prestando o seguinte juramento: "Eu, o Irmão..., juro diante de Deus e de Nossa Mãe Santíssima do Carmo observar e fazer observar, quanto em mim couber, tudo quanto dispõe a Nossa Santa Regra Carmelitana e o nosso Estatuto, que regem este Sodalício da Venerável Ordem Terceira, assim como promover a prosperidade espiritual e temporal do Sodalício, do qual acabo de ser eleito Prior."

.....

CAPÍTULO XV

Admissão dos Irmãos

Art. 50º — São necessários e indispensáveis os seguintes requisitos para pertencer a este Sodalício da Venerável Ordem Terceira do Carmo:

- a) — Crer e professar a doutrina Católica, Apostólica e Romana.
- b) — Não pertencer a outra Ordem Terceira ou a qualquer liga, irmandade ou associação religiosa.
- c) — Não haver sido expulso de outro Sodalício religioso.

- d) — Não fazer parte de qualquer sociedade reprovada pela Igreja.
- e) — Ser pessoa piedosa e de bons costumes.
- f) — Ter 16 anos no mínimo e 50 no máximo. A Mesa Administrativa, em casos especiais, a seu exclusivo critério, poderá permitir pessoas com mais de 50 anos.
- g) — Prometer cumprir fielmente as determinações da Regra Carmelitana e do presente Estatuto.
- h) — Apresentar o consentimento do marido, se for senhora casada.
- i) — Ser apresentado por dois Irmãos ou Irmãs Professos, com 3 anos de profissão, no mínimo, que atestem a idoneidade do aspirante ao Noviciado.
- j) — Possuir instrução média e conhecimento da Regra Carmelitana e do Estatuto que deverá preliminarmente adquirir.
- k) — Ter ciência de que ingressará na Ordem para realizar o espírito da Regra Carmelitana dos Terceiros e para trabalharativamente, cooperando para a realização de todos os seus objetivos.

* * *

CAPÍTULO XVI

ASSISTÊNCIA SOCIAL NA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

A preocupação constante dos que são eleitos ou nomeados para servir a nossa Ordem Terceira do Carmo tem sido, desde os primórdios da sua fundação, trabalhar para as finalidades previstas no seu Estatuto, que determina expressamente no parágrafo único do artigo 3º:

“A TOTALIDADE DA RENDA AUFERIDA PELO
SODALÍCIO SERÁ APLICADA EM OBRAS DE
CARIDADE E ASSISTÊNCIA SOCIAL, E NA
CONSERVAÇÃO A AMPLIACÃO DO SEU PA-
TRIMÔNIO.”

Não era nossa intenção escrever sobre o que a Ordem Terceira do Carmo tem feito no campo da assistência social visto que o ponto alto de todas as administrações que por ela passaram foi sempre: FAZER O MAIOR BEM, MAS DA MANEIRA MAIS OCULTA POSSÍVEL. Jamais se fez qualquer publicidade das grandes e notáveis realizações deste sodalício.

Já tínhamos dado por encerrada esta nossa obra quando, amigos nossos, não Terceiros Carmelitas, fizeram-nos ver que seria incompleta a história da nossa Ordem se não dedicassemos ao menos um capítulo sobre as suas obras de benemerência que dela fazem parte integrante. Assim, em atenção a essas sugestões, contrariando frontalmente a nossa linha do mais completo silêncio, mantida há já quase quatro séculos, vimos, pela primeira vez, trazer ao conhecimento público nossas realizações que resumidamente passamos a expor: — Em 1889 demos em comodato aos Irmãos Maristas o prédio do Colégio Nossa Senhora do Carmo, que eles usufruíram até 1971, como já vimos no capítulo XIV. Após a entrega do prédio à Ordem, foi dado em comodato, pelo prazo de

5 anos, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, conforme contrato assinado no dia 11 de novembro de 1971, correspondendo a um benefício de Cr\$ 15.000.000,00. — Mantemos, numa das dependências da Igreja do Carmo, o AMBULATÓRIO NOSSA SENHORA DO CARMO, com atendimentos inteiramente gratuitos não somente aos Terceiros Carmelitas como a todas as pessoas necessitadas, às quais fornecemos também remédios. Dr. Jacob Casseb é o médico responsável pelo atendimento em clínica geral e pediatria, e a Dra. Alina de Almeida Souza pelo atendimento em ginecologia; os serviços de enfermagem estão a cargo da enfermeira Yolanda Lucato.

Esse ambulatório foi fundado no dia 23 de junho de 1968, instalado inicialmente no prédio da rua do Carmo n. 38, com as seguintes especialidades: Clínica Geral e Pediatria, Clínica Ginecológica, Clínica Oftalmológica, Clínica Dentária e serviços de enfermagem totalmente gratuitos. Nesse ambulatório já mantivemos doentes com assistência total sempre gratuita.

- Damos sempre total assistência médica e hospitalar a todos os nossos funcionários e Terceiros Carmelitas.
- Mantemos dezenas de pensionistas que recebem auxílio mensal para o seu sustento.
- Mantemos o Cemitério do Carmo, na rua Sergipe, com dois funcionários trabalhando em tempo integral para o devido atendimento, onde temos sepultado gratuitamente Sacerdotes e Terceiros Carmelitas sem recursos.
- Demos em comodato dependências e apartamentos para residência de sacerdotes.
- Demos diversas dependências, também em comodato, à Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção, para o funcionamento dos seus cursos; essas dependências continuarão a ser usadas sempre em comodato, pela primeira Faculdade de Teologia destinada especialmente aos leigos, e que estará funcionando a partir de 20 de fevereiro de 1978. A Faculdade, iniciativa do Cardeal-Arcebispo de São Paulo, deverá preparar os quadros de leigos que já representam hoje a maioria da mão-de-obra com que conta a Igreja para o desempenho de suas missões. O curso que está sendo criado faz parte da Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção, terá a duração de cinco anos e será dividido em duas partes: "Preparação ao Estudo Teológico" e "Curso de Graduação", é reconhecido oficialmente pelo Ministério de Educação. Será dirigido pelo ilustrado e conhecido Cônego Geraldo Majella Agnello e ministrado por uma equipe de professores com

mestrado de Roma ou Louvaine, na Bélgica; daremos o maior apoio para o sucesso desse curso de grande interesse geral. — Contribuímos anualmente para diversas obras de assistência social, dentre as quais citamos:

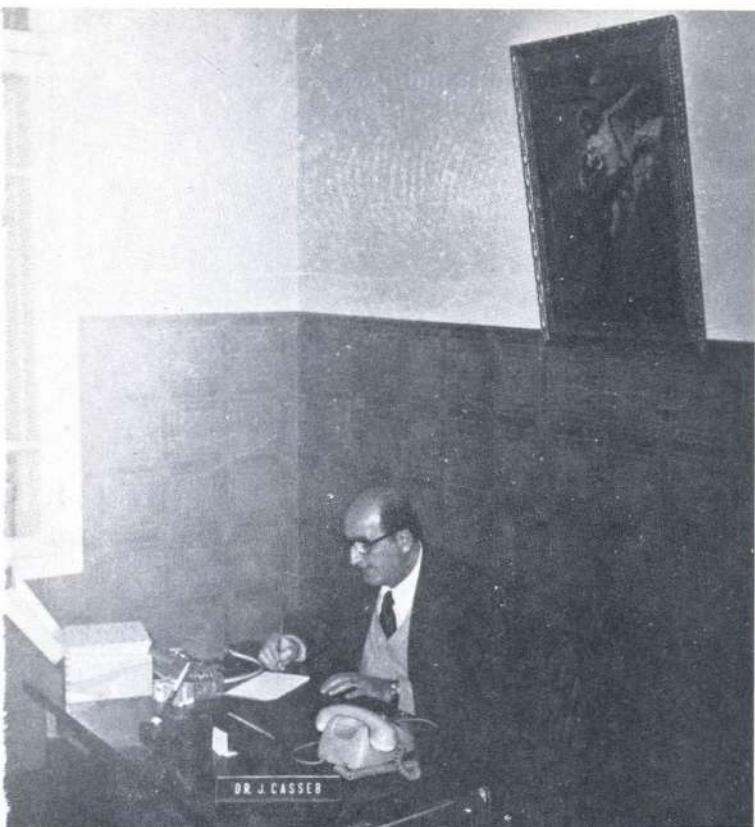
- Instituto de Cegos Padre Chico
- Fundação para o Livro do Cego no Brasil
- Reino da Garotada de Poá
- Fundação Casa do Pequeno Trabalhador
- Obras Sociais, Universitárias e Culturais — OSUC
- Irmãs Oblatas do SS. Redentor
- Irmãzinhas da Assunção
- Associação Paulista de Combate ao Cancêr
- Centro Comunitário Jardim Japão
- Conferência Vicentina de Santo Thomás de Aquino
- Associação Santa Gema de Amparo e Família
- Associação Feminina de Estudos Sociais e Universitários
 - AFESU
- Associação Coração de Maria
- Mutirão do Pobre
- Paróquia de N. S. do Carmo (Aclimação)
- Lar Escola Bela Vista
- Associação e Oficina de Caridade Sta. Rita de Cassia.
- A importância despendida pela Ordem Terceira do Carmo com assistência social foi, neste ano de 1977, de Cr\$ 690.000,00; verifica-se, pois, que ela vem cumprindo a sua missão prescrita no seu Estatuto.



Prédio da Ordem 3.^a do Carmo na rua do Carmo, n.^o 38, onde funcionou o Ambulatório N. S. do Carmo, de junho de 1968 até fevereiro de 1976, quando foi desapropriado pelo Metrô. Hoje funciona na avenida Rangel Pestana n.^o 230, sede da Ordem 3.^a do Carmo.



Entrada e sala de espera do Ambulatório N. S. do Carmo, na rua do Carmo, n.^o 38.



Dr. Jacob Casseb — Mé-
dico do Ambulatório N. S. do
Carmo, Clínica Geral e Pe-
diatria.



Dra. Alina Almeida Souza
— Médica do Ambulatório N. S.
do Carmo, Clínica Ginecológica.



Dr. Tito Mascelani — atendendo cliente no Ambulatório N. S. do Carmo.



A enfermeira do Ambulatório N. S. do Carmo, D. Yolanda Lucato, atendendo um paciente.

CAPÍTULO XVII

EFEMÉRIDES CARMELITANAS E PAULISTANAS

Afinalidade deste capítulo é mostrar que a Ordem Carmelitana e a ORDEM TERCEIRA DO CARMO tiveram a sua vida historicamente ligada à formação da cidade de São Paulo, figurando sempre com o maior realce em todos seus grandes acontecimentos, fazendo portanto, parte integrante da sua história. Assim apresentamos os principais e mais importantes fatos históricos de São Paulo, da nossa ORDEM TERCEIRA DO CARMO e da Ordem Carmelitana no Brasil, pois a história nos conta que em todos os grandes acontecimentos os Carmelitas tomaram parte destacadamente.

1554 — FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO, no dia 25 de janeiro, dia da conversão de São Paulo. O Padre Manoel de Paiva celebra a primeira Missa na palhoça que os Jesuítas construíram em Piratininga, e a que desde logo chamaram casa de São Paulo; em torno dessa casa formou-se, com os índios dos arredores, a povoação de São Paulo de Piratininga.

— Os primeiros Jesuítas vieram ao Brasil na armada de Tomé de Souza, Governador Geral, que partiu de Lisboa em 1º de fevereiro de 1549 e chegou à Bahia de Todos os Santos no dia 29 de março. Eram apenas seis: Padre Manoel da Nóbrega, Padre Leonardo Nunes, Padre Antonio Pires, Padre José de Azpicuelta Navarro, Irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacome, que depois se ordenaram.

No ano seguinte chegaram mais quatro Jesuítas com sete meninos órfãos para auxiliares de catequese; Padre Manoel da Nóbrega juntou a estas crianças outros órfãos

da terra e fundou para eles na Bahia o colégio do Menino Jesus.

Em 1553 chegava o terceiro grupo de missionários jesuítas, do qual faziam parte o Padre Luiz Grã e o Irmão José de Anchieta. Nóbrega resolveu então fundar nos campos de Piratininga um seminário ou colégio para índios, no intuito de preparar nos próprios locais os futuros apóstolos da catequese e civilização brasileiras; ao redor deste colégio constituiu-se a aldeia precursora da cidade de São Paulo.

1556 — São concluídas as construções da casa e da Igreja dos Jesuítas, edificadas sob a direção do Padre Afonso Brás. A Igreja do Colégio foi o marco inicial da fundação de São Paulo.

1560 — São Paulo passa à categoria de vila.

1577 — "São construídos, em Olinda, pela irmã terceira franciscana D. Maria da Rosa, o convento e a igreja Nossa Senhora das Neves, no intuito de oferecê-los aos frades menores franciscanos logo que chegassem a Pernambuco; efetivamente, após a chegada dos franciscanos em 1585, a matrona olindense faria a doação ao primeiro custódio Frei Melchior de Santa Catarina, no dia 27 de setembro desse ano, e que seria o primeiro convento franciscano a ser estabelecido no Brasil", conforme informa Frei Venâncio Wileke, OFM, no seu excelente livro FRANCISCANOS NA HISTÓRIA DO BRASIL, págs. 5, 9 e 41 (Editora Vozes, 1977). Humberto de Campos Filho, no seu livro CONVENTO DE SÃO FRANCISCO (impressão Boanova, 1975) diz que antes da fundação de qualquer convento no Brasil, a crônica da Ordem Franciscana registra a presença de seus frades na região de São Paulo, em três épocas diferentes. Em 1523, dois deles se instalaram na Capitania de São Vicente, com seu fundador Martim Afonso de Souza. Um desses missionários querendo doutrinar uma tribo sedeadna no outro lado de um rio, ao tentar atravessá-lo foi morto a flechadas e comido pelos indígenas; esse curso d'água até hoje se chama "Rio do Frade". A segunda presença é assinalada por volta do ano de 1549; eram cinco frades espanhóis que se dirigiam às colônias do Rio da Prata quando um temporal obrigou a nau em que viajavam a arribar em

São Vicente; a estes se juntaram, poucos anos depois, mais três frades, também de origem espanhola que haviam naufragado no litoral santista; desse grupo faziam parte os evangelizadores que seguiram, uns para o Espírito Santo e Bahia, e outros para Santa Catarina. Em 1583, quando a Armada do Almirante Diogo Flores Valdez aportou em São Vicente, quatro religiosos abandonaram os navios para se dedicar à conversão dos gentios; ao contrário dos seus antecessores que sempre preferiram o litoral para suas peregrinações, estes subiram a serra e vieram para a Vila de São Paulo, estabelecendo-se perto da ermida Nossa Senhora da Luz, não muito distante da povoação. Nesse tempo São Paulo tinha uma população de 120 habitantes brancos; suas casas eram todas rústicas.

- 1579 — É edificada por Domingos Luiz, o Carvoeiro, e sua mulher Ana Camacho, a pequena capela de Nossa Senhora da Luz no bairro chamado Piranga, arrabalde da então vila de São Paulo, hoje Ipiranga e primitivamente Ireripiranga. Em 1603, Domingos Luiz e sua mulher, mudando-se para o bairro do Guarepe, hoje bairro da Luz, edificaram aí outra capela com o mesmo nome. Em 1774, o atual Convento e Igreja de Nossa Senhora da Luz foram fundados na Avenida Tiradentes, onde se encontram.
- 1580 — *No mês de abril, chegam a Santos os primeiros Carmelitas, trazidos pela nau de Frutuoso Viana, que tinha partido no dia 31 de janeiro de Lisboa. Eram quatro religiosos: frei Domingos Freire, frei Alberto de Santa Maria, frei Bernardo Pimentel e frei Antonio de São Paulo; foram recebidos por Braz Cubas e instalaram-se na Capela de Nossa Senhora das Graças.*
- 1581 — Chegam os primeiros Beneditinos ao Brasil.
- 1583 — A vila de São Paulo não passava de um aglomerado de casas rústicas; a população era de 120 moradores brancos.
- 1584 — É fundada, pelos Carmelitas, a Igreja do Carmo de Olinda, em Pernambuco. Foi o ponto de partida para as missões do norte do Brasil.

- 1585 — "Até 1584, grupos de franciscanos haviam aportado ao Brasil, sem conseguirem estabelecer a sua Ordem definitivamente". (Frei Venâncio Wileke, OFM)
- "No dia 12 de abril, desembarcaram, os missionários franciscanos, em Olinda, onde a terciária franciscana regular D. Maria da Rosa já construiria um convento e uma igreja, na esperança de obter futuramente uma fundação dos frades menores; como, porém, todas as suas diligências neste sentido ficassem frustradas, ocupara o prédio junto com uma comunidade de recolhidas e algumas órfãs. Ciente da chegada dos franciscanos D. Maria da Rosa ofereceu, ao primeiro custódio Frei Melchior de Santa Catarina, a sua fundação; este aceitou a generosa doação contanto que as recolhidas e órfãs conseguissem antes um prédio adequado, ao que a doadora concordou. Na festa de São Francisco, a 4 de outubro de 1585, ocuparam os franciscanos o seu definitivo convento, sob a denominação de Nossa Senhora das Neves, casa-mãe de todos os frades menores do Brasil. O documento da escritura oficial, datado de 27 de setembro de 1585, esclarecia a Frei Melchior que D. Maria da Rosa já fizera oferta de seu recolhimento a vários provinciais franciscanos, sem que nenhum deles tivesse aceito, enquanto outras Ordens religiosas em vão haviam solicitado tão vantajosa doação". (Frei Venâncio Wileke, OFM, em FRANCISCANOS NA HISTÓRIA DO BRASIL, Editora Vozes, 1977, págs. 40 e 41).
- 1586 — *São fundados, pelos Carmelitas, a Igreja e o Convento do Carmo de Salvador, na Bahia.*
- 1589 — *Os Carmelitas fundam a Igreja e o Convento do Carmo de Santos, até hoje existentes na atual Praça do Rio Branco.*
- 1590 — *Chegam a São Paulo os Carmelitas, instalando-se na baixada do Tamanduateí.*
- 1592 — *Frei Antonio de São Paulo obtém, da Câmara de São Paulo, no dia 20 de junho, autorização para "sitiar uma casa", iniciando imediatamente a construção da Igreja do Carmo que serviria de núcleo para o futuro convento, localizada no outeiro que se chamaria Esplanada do*

Carmo, depois Largo do Carmo e hoje Avenida Rangel Pestana.

- 1594 — Terminada a construção do prédio, Frei Antonio de São Paulo inaugura o Convento do Carmo, o primeiro dos Carmelitas em São Paulo, anexo à Igreja do Carmo. Nesse mesmo ano é fundada a VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO de São Paulo, sob a égide dos Padres da Ordem Carmelitana, numa das dependências do Convento do Carmo. A VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO é hoje conhecida por ORDEM TERCEIRA DO CARMO
- 1598 — Edifica-se a primeira Igreja de São Bento (ermida de Nossa Senhora do Monte-serrate) anexa ao primeiro mosteiro dos Beneditinos, que ficou concluída em 1600; foi mais tarde demolida e reedificada.
- 1610 — É edificada a Igreja de Nossa Senhora do Ó, por Manoel Preto, português, e sua mulher, D. Águeda Rodrigues, que em 1615 obtiveram provisão de ereção para construir a capela que foi reedificada em 1794; em 1896 um violento incêndio destruiu a igreja, restando apenas a sacristia onde se celebrava o sacrifício da Missa. Em 1897, por iniciativa de João da Silva e José Romão Martins, foi convocada uma reunião dos mais ilustres habitantes da Ó, que deliberaram construir em outro local a nova igreja. A 9 de janeiro de 1898 realizou-se festivamente o lançamento da primeira pedra da atual Igreja de Nossa Senhora do Ó, procedendo à benção do novo templo o Monsenhor Arcipreste Ezequias Galvão da Fontoura, então vigário capitular do Bispado, acolitado pelo Cônego Antonio Augusto Vieira de Araujo e pelo Padre João de Freitas Monteiro de Vasconcelos, ex-vigário da paróquia.
- 1611 — No dia 2 de agosto chegam os primeiros Capuchinhos ao Brasil.
- 1612 — Conclui-se a construção da igreja matriz de São Paulo.
- 1619 — Os Carmelitas iniciam a construção do Convento do Carmo do Rio de Janeiro. A pedra necessária às obras

foi retirada da ilha que mais tarde passou a chamar-se das Enxadas, por concessão de Ruy Vaz Pinto, governador da cidade do Rio de Janeiro (de 1617 a 1620). Os primeiros Carmelitas chegaram ao Rio de Janeiro, sob a chefia de Frei Pedro Viana em 1590, passando a residir na Ermida de Nossa Senhora do Ó, junto à praia, de onde se haviam retirado os Beneditinos, residência que lhes foi concedida pelo governador Salvador Correia de Sá. Antes de sua chegada, como escreve Vivaldo Coaracy em seu livro "Rio de Janeiro no século XVII", um devoto da Ordem conseguira uma cessão de terras, para que eles edificassem o convento, no morro que passou a chamar-se do Carmo e hoje é o de Santo Antônio. Tal localização não agradou aos frades, que desistiram dessas terras, doadas aos frades de São Francisco.

Ao contrário das demais ordens monásticas, que optaram pelos morros que circundavam a cidade, os Carmelitas preferiram permanecer junto à praia, onde desde o princípio foram instalados. A Ermida de Nossa Senhora do Ó, que ficava no local onde se ergue a Catedral, serviu-lhes de Capela. Em 1611 obtiveram umas terras junto a esta Ermida para construir o Convento, sendo a construção iniciada em 1619; este mosteiro, onde ficaram até 1808, chegou ao período atual apenas com pequenas modificações na fachada e na divisão interna; situa-se na rua Sete de Setembro, em frente à Praça Quinze de Novembro. Uma parte foi demolida em 1583, a fim de permitir o prolongamento da rua do Carmo, hoje Sete de Setembro; a praça que lhe ficava fronteira, originariamente chamada Terreiro da Polé, passou a chamar-se Terreiro ou Largo do Paço, Praça Pedro II e finalmente praça Quinze de Novembro; a rua dos fundos do convento, chamada a princípio de rua Detrás do Carmo, até hoje conserva o nome de rua do Carmo. Em 22 de setembro de 1658, um breve papal instituiu o Convento do Carmo do Rio de Janeiro em vigararia distinta, independente dos conventos da mesma Ordem da Bahia e Pernambuco aos quais estivera sujeito até esse ano (1858); tal decisão decorreu da dificuldade de visitações regulares devido à distância que os separava; pouco tempo antes, em viagem de visitação, haviam perecido em naufrágio o provincial da Ordem e 12 padres que formavam sua comitiva, vindos da Bahia. Os frades Carmelitas haviam obtido da Comarca, em 1642, mediante o foro anual de

500 réis por braça, a concessão do terreno fronteiro ao Convento; em 1667, alegando a pobreza da Ordem e o fato de ser de uso público, pediram e obtiveram da Câmara a remissão do foro, sendo-lhes o terreno concedido “gratis pro Deo”. Em diversas ocasiões, os oficiais da Câmara, por certo arrependidos da concessão feita, tentaram reapossar-se do terreno; à tenacidade dos frades na defesa de seus direitos, finalmente confirmados por uma carta régia no século XVIII, deve a cidade a posse do logradouro hoje chamado Praça Quinze de Novembro.

- 1622 — A 18 de julho é iniciada a construção da Igreja de São Miguel pelo bandeirante Francisco Munhoz e pelo Padre João Alvarez.
- 1632 — É iniciada pela ORDEM TERCEIRA DO CARMO, na esplanada do Carmo, a construção da Igreja do Carmo, vizinha à igreja do mesmo nome, pertencente à Ordem Carmelitana.
- 1633 — É sepultado, no altar-mor da igreja do Carmo da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, o bandeirante Pedro Dias Paes Leme, pai de Fernão Dias Paes, o descobridor das esmeraldas.
- 1636 — A 19 de outubro é fundado o Sodalício da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Salvador, na Bahia, e construída a Igreja do Carmo, ao lado do Convento do Carmo, que foi mais tarde destruída por incêndio, e reconstruída no mesmo local a 20 de março de 1788.
- 1640 — Começa a ser feita a edificação do primeiro Convento de São Francisco.
- 1642 — Inicia-se a construção da Igreja anexa ao Convento de São Francisco; foram inaugurados a 17 de setembro de 1647 com a festa das Chagas de São Francisco. Foi mais tarde demolida e reedificada em 1783.
- 1648 — No dia 19 de julho é fundada a Venerável e Arquiepiscopal Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo do Rio de Janeiro; conforme nos conta Vivaldo Coaracy no seu livro “Rio de Janeiro no Século XVII”,

teve como instituidores o Ouvidor Baltasar Castilho de Andrade e outros irmãos que haviam professado em Portugal. As primeiras mesas administrativas, masculina e feminina, foram eleitas em 18 de outubro de 1649; esta Ordem Terceira recebeu do Prior do Convento "limitados apontamentos" que lhe serviram de Estatuto nos primeiros anos, bem como a Regra de Preceito e Obediência. Mediante acordo com os frades carmelitas, a nova Ordem Terceira celebrava os atos religiosos na Igreja do Convento do Carmo; em 30 de novembro de 1661, passou a celebrá-los na Capela, nos fundos e dentro do convento, que só ficou concluída oito anos mais tarde, em 1669. Esta situação perdurou mais de um século, pois o templo atual da rua 1º de Março só foi inaugurado a 14 de outubro de 1854, junto à Catedral. Seus alicerces foram iniciados em 1755. O primeiro Estatuto foi aprovado pela Mesa Administrativa a 13 de junho de 1697; suscitou muita discussão, sendo aceito, com correções, em Lisboa, no ano de 1705 e novamente em 1778, e, finalmente aprovado pela Mesa Administrativa, no Rio de Janeiro, em 25 de abril de 1816, e confirmado pelo Papa Pio VII em 23 de maio de 1817. Reimpresso no priorado do Irmão José Duarte Lopes Correa, em 1935, com as resoluções das Mesas Administrativas e Conjuntas (assembléias gerais) até aquele ano. É o que ainda hoje se encontra em vigor.

- 1672 — A 21 de julho a bandeira de Fernão Dias Paes Leme e seu filho Garcia Rodrigues Paes parte da Vila de São Paulo em busca de ouro, esmeraldas e outras pedras preciosas.
- 1679 — O Comissário Frei Agostinho das Chagas pede aos Irmãos Terceiros donativos para a feitura de um nicho e diadema para Santa Teresa.
- 1680 — Faz-se a primeira procissão de Nossa Senhora do Carmo do Bentinho, dando-se assim início às memoráveis procissões da ORDEM TERCEIRA DO CARMO.
- 1681 — A 22 de março a vila de São Paulo é elevada a capital da Capitania de São Vicente.
 - Na 2ª feira da Quaresma a ORDEM TERCEIRA DO CARMO realiza a primeira procissão de Nossa Senhor dos Passos, que depois seria realizada anualmente até a segunda década do século XX.

- 1684 — *O Irmão Terceiro Pedro Taques de Almeida, Capitão-mor e Governador da Capitania de São Paulo, manda construir, à sua custa, na Igreja do Carmo, da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, o altar de Jesus no calvário, e um jazigo para si e para sua família.*
- 1685 — *Nesse ano é inaugurado com toda a solenidade o Recolhimento de Santa Tereza. Para a construção do convento o Capitão-mor Pedro Taques de Almeida, Irmão Terceiro do Carmo, concorreu com o dinheiro necessário para começar a obra, havendo Lourenço Castanho Taques concorrido com as madeiras e ferragens. Manoel Vieira de Barros fez doação de duas "moradas de casas" para se fundar o recolhimento que ficou concluído com os dormitórios, cerca, igreja, coro e demais dependências, sob a direção e risco do Bispo Dom José de Alarcão, a quem se deu a glória de fundador e protetor, no ano de 1685.*
- 1695 — *A 27 de setembro, reunidos alguns devotos no Convento do Carmo do Recife, foi, pelo Revmo. Padre Geral D. João Feijó de Villas Boas, instaurada a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Em 1696 foi iniciada a construção da Igreja da Ordem, Igreja de Santa Thereza, que foi sagrada a 15 de outubro de 1837.*
- 1697 — *No dia 1º de abril, a requerimento dos Irmãos Terceiros a Regra da ORDEM TERCEIRA DO CARMO de São Paulo é reformada pelo Frei Manoel Ferreira Natividade recebendo o nome de "ACTAS" ou "ESTATUTOS". A ORDEM guarda no seu arquivo, como preciosa relíquia, esses "ESTATUTOS", que contêm 35 capítulos, encadernados sob o n. 53.*
- 1709 — *No dia 5 de agosto o Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724) se eleva nos ares pelo maquinismo por ele inventado, realizando a experiência na Casa da India, na presença do rei Dom João V, da família real e de toda a corte.*
- 1716 — *O Irmão Terceiro Capitão-mor Pedro Taques de Almeida recebe da Ordem 200 oitavas de ouro para enviar a Lisboa, e comprar ornamentos para a Igreja do Carmo da ORDEM TERCEIRA DO CARMO.*

- 1718 — *A Mesa Administrativa da ORDEM TERCEIRA DO CARMO aceita o donativo de 50\$00 da Irmã Maria de Araujo com a condição de desobrigá-la do cargo de Priora ou Subpriora, em qualquer tempo que ela fosse eleita; esse dinheiro, transformado em oitavas de ouro, foi entregue ao Irmão Terceiro Capitão-mor Pedro Taques de Almeida, que mandou vir da Lisboa um crucifixo de madeira que até hoje se encontra no altar da Capela-mor.*
- 1735 — *No mês de abril chega de Lisboa a imagem do Senhor da Agonia, com todo o seu esplendor, encomendada pela ORDEM; essa belíssima imagem está até hoje colocada no nicho do altar da Capela-mor da Igreja do Carmo.*
- 1740 — É edificada a Igreja de São Pedro dos Clérigos da Irmandade de São Pedro dos Clérigos, no largo da Matriz. Esse templo que foi demolido em 1911, se situava exatamente onde hoje se localiza o prédio Rolim, pego à Caixa Econômica Federal, na Praça da Sé.
- 1742 — *É expedida Carta de Sentença de Dom João V, Rei de Portugal, datada de 27 de fevereiro, dando à ORDEM TERCEIRA DO CARMO posse imemorial de parte do terreno da Igreja, que fora objeto de demanda judicial com vizinho; a sentença datava de 16 de abril de 1738.*
— É fundada a Ordem Terceira do Carmo de Santos.
- 1743 — *No dia 18 de janeiro o Revmo. Provincial Carmelitano Frei Francisco das Chagas confirma a reforma dos Estatutos da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, aprovada a 1º de abril de 1697.*
- 1745 — Cria-se o Bispado de São Paulo a 6 de dezembro, pela Bula "Candor Lucis Aeternae" de Bento XIV, ficando assim elevada a Diocese, e compreendendo os territórios de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Colônia do Sacramento; até essa data São Paulo pertencia eclesiástica e canonicamente ao Bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- 1746 — É nomeado a 6.12.1745, o 1º Bispo de São Paulo D. BERNARDO RODRIGUES NOGUEIRA; tomou posse em 8.12.1746; faleceu a 7.11.1748.
— No local da matriz primitiva inicia-se a construção da Igreja da Sé cujas obras seriam concluídas em 1764.

- 1757 — Inicia-se a construção da Igreja de São Gonçalo.
- 1760 — Os jesuitas são expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal.
- 1760 — É pintado o forro da capela-mor da Igreja do Carmo da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, pelo genial artista Pedro Alexandrino (1730-1810) simbolizando a coroação de Santa Tereza, com um colar de rosas pela Virgem Maria e seu Divino Filho.
- 1765 — O Convento do Pátio do Colégio passa a servir de Palácio do Governo.
- 1766 — São Paulo: 3.828 habitantes.
- 1771 — Edifica-se a Igreja de Santo Antônio no local da ermida primitiva.
- 1774 — Frei Galvão funda a Igreja e Convento de Nossa Senhora da Luz, no local onde hoje se encontra: Avenida Tiradentes.
- 1777 — São Paulo: 4.409 habitantes.
- 1787 — Abre-se paralelamente à rua de São Bento a rua Nova de São José (hoje Libero Badaró).
- 1788 — Completa-se a construção do Convento de Nossa Senhora da Luz. Fazem-se melhoramentos no Caminho do Mar, ligação de São Paulo com o litoral.
- 1794 — São Paulo: 9.359 habitantes.
- 1795 — Conclui-se a primeira igreja de Santa Ifigênia.
- 1796 — Desmembram-se da Sé as paróquias de Nossa Senhora do Ó e Nossa Senhora da Penha de França.
- 1798 — É pintado o forro da nave da Igreja do Carmo da ORDEM TERCEIRA DO CARMO pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo, representando os Doutores da Igreja, os 4 Evangelistas e os Santos da Ordem.
- 1799 — É pintado o forro da Sacristia da Igreja do Carmo da ORDEM TERCEIRA DO CARMO por José Patrício

da Silva Manso, representando o recolhimento de Santa Thereza; nesse mesmo ano é pintado o forro do jazigo (hoje biblioteca Monsenhor Passalacqua) pelo Padre Jesuíno do Monte Carmelo, representando a ressurreição de Lázaro.

- 1802 — A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte dirige um requerimento a D. Matheus de Abreu Pereira Bispo de São Paulo, pedindo licença para a construção de uma igreja no Largo de São Gonçalo (hoje Praça João Mendes) o que foi deferido. Adquire, entretanto, a 24 de julho, de Joaquim Ferreira de Souza, por 112\$000 (hoje Cr\$ 0,112) um terreno na rua do Carmo, no qual construiu a Igreja da Boa Morte, onde hoje se encontra, que foi inaugurada a 14 de agosto de 1810 com solene Missa, cantada celebrada pelo Bispo de São Paulo. A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte foi erecta por provisão eclesiástica de 16 de janeiro de 1728, "constando ter sido fundada na Igreja do Convento do Carmo", onde funcionou até 1734. O Compromisso da Irmandade foi aprovado em 30.4.1806.
- 1808 — *No dia 3 de março, chega ao Brasil o Príncipe Regente D. João VI, acompanhado da família imperial, trazendo na sua comitiva o Brigadeiro Francisco de Paula Macedo que, 20 anos depois, seria Prior da ORDEM TERCEIRA DO CARMO (os restos mortais do Brigadeiro repousam até hoje na cripta da Igreja do Carmo).*
- *Nesse mesmo ano, D. João VI expede alvará criando o Banco do Brasil, no dia 12 de outubro.*
- 1816 — São Paulo: 15.382 habitantes.
- 1822 — Dom Pedro I (IV de Portugal) proclama, no dia 7 de setembro, a INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.
- 1823 — É concedido a São Paulo, pelo Imperador do Brasil, o título de Imperial Cidade.
- 1825 — *No dia 13 de janeiro é fuzilado, no Recife, o Carmelita Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, conhecido simplesmente por Frei Caneca, grande orador sacro, poeta, escritor e jornalista, autor da História do Ceará e de numerosos sermões e artigos. Implicado no movimento re-*

olucionário de 1817 e na Revolução Pernambucana de 1824, que proclamou a Confederação do Equador, foi preso e condenado à morte por uma Comissão Militar organizada para julgar os comprometidos na Confederação do Equador, que foi instalada no dia 18 de dezembro de 1824, na cidade do Recife. No dia 20, durante sua primeira sessão, foi interrogado Frei Caneca; a segunda sessão foi no dia 22 de dezembro e dedicada ao depoimento de diversas testemunhas. Consoante conta Teixeira de Mello, o depoimento de todas as testemunhas foram vagos, sem força jurídica alguma e alguns até favoráveis aos réus. Entretanto a iníqua Comissão Militar, melhor se diria comissão de assassinos, condenou à morte o ilustre patriota Frei Caneca, o valente capitão do batalhão Henriques e o preto Agostinho Bezerra Cavalcanti, e, para maior escárnio, mandou escrever no começo da ata da sessão o seguinte: "e querendo a comissão obter uma melhor base deste conhecimento criminal, para com mais segurança pronunciar sobre elle o seu juizo final deliberou que se inquirisse um sumário de testemunhas idoneas e coevas do tempo dos factos arguidos". A certidão da sua execução é a seguinte: "Certifico que o réu Frei Joaquim do Amor Divino Caneca foi conduzido ao local da forca de Cinco Pontas, e ahi pelas 9 horas da manhã padeceu morte natural em cumprimento da sentença da comissão militar que o julgou, depois de ser desautorizado das ordens na Igreja do Terço, na forma dos sagrados Canones; sendo atado a uma das hastes da forca, foi fuzilado de ordem do excellentíssimo general e mais membros da dita comissão, visto não poder ser enforcado pela desobediência dos carrascos, do que tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do Senado desta cidade o Dr. Antonio Alves Ferreira, arvorado em Juiz de Fora. Recife de Pernambuco, 13 de janeiro de 1825. — O escrivão do crime da Relação, Miguel Archanjo Postumo do Nascimento". Frei Caneca morreu aos 46 anos; foi considerado mártir da Revolução Pernambucana.

- 1826 — Joseph Nicéphore Nièpce consegue fixar sobre uma chapa sensível a imagem que se formava na camara negra, inventando assim a fotografia. Daguerre que logo depois trabalhou com Nièpce aperfeiçou a foto por este inventada, e conseguiu, em 1831, fotos em negativos de vidro

e cópias em papel. Entretanto, sem nenhum conhecimento das pesquisas de Niepce e Daguerre, o brasileiro Hercules Florence inventa também a fotografia.

- 1827 — No dia 11 de agosto a Assembléia Geral do Império do Brasil decreta, e, D Pedro I, Imperador Constitucional, sanciona a lei, referendada pelo então Ministro José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, que mandou instalar um curso jurídico em São Paulo e outro em Olinda. Em São Paulo a instalação solene foi realizada no dia 1º de março de 1828 numa sala que então servia de sacristia da Igreja de S. Francisco; nessa data começou a funcionar o Curso Jurídico; a biblioteca dos frades, calculada em 5.000 volumes, foi cedida à Faculdade de Direito, mediante a indenização de 1 conto de réis.
- No dia 27 de outubro o Imperador D. Pedro II assina a lei que mandava criar, em todas as cidades e vilas mais importantes, escolas de primeiras letras para ensino gratuito, conforme Constituição de 1824.
- 1830 — Vítima de uma emboscada na noite de 20 de setembro, morre assassinado o Irmão Terceiro, médico, professor e jornalista Giovanni Battista Libero Badaró, conhecido por suas idéias liberais; foi sepultado na Igreja do Carmo da ORDEM TERCEIRA DO CARMO; a 24.XI.1889 seus despojos foram transladados para o Cemitério da Consolação. Antes de expirar exclamou: *morre um homem livre mas fica a liberdade*".
- 1834 — No dia 1º de julho a ORDEM TERCEIRA DO CARMO arremata em praça pública, da herança jacente do Alferes José Manoel Antônio de Barros, pela importância de 153\$000 (hoje Cr\$ 0,153), uma "morada de casas" com frente para a rua do Carmo, numa área de 1.220 m² (fez parte do Colégio do Carmo desapropriado pelo Metrô em janeiro de 1976).
- 1835 — O Padre Diogo Antonio Feijó é eleito Bispo de Mariana. Renunciou voluntariamente em 1838; em declaração datada de 10 de julho desse ano afirmou nunca ter aceitado a nomeação nem a carta de apresentação.
- 1838 — No dia 27 de outubro a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire uma casa na rua da Freira, n. 34, atual rua Senador Feijó, por 410\$000 (hoje Cr\$ 0,41).

- 1839 — *No dia 3 de junho a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire uma casa na rua do Carmo, n. 44, por 450\$000 (hoje Cr\$ 0,45); essa casa serve hoje de residência para o Diretor Espiritual da Ordem.*
- 1840 — *No dia 4 de julho a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire uma casa na rua do Carmo, n. 38, por 200\$000(hoje Cr\$ 0,20),onde funcionou o Ambulatório Nossa Senhora do Carmo até ser desapropriada em janeiro de 1976 pelo Metrô.*
- 1841 — O Caminho do Mar, projetado em 1836 pelo Marechal do Corpo de engenheiros Daniel Pedro Muller, já apresentava condições de tráfego, e foi nessa época que recebeu o nome de Estrada da Maioridade, obra de vital interesse para a província, que fazia parte da implantação do projeto turístico na Calçada do Lorena.
- 1842 — Inicia-se o serviço de iluminação pública por meio de lampões alimentados com azeite; desde 1829 havia combustores na frente de algumas casas particulares.
 — *Não tendo o governo da província de São Paulo acomodações para os presos políticos implicados na revolução liberal desse ano, solicita à ORDEM TERCEIRA DO CARMO o empréstimo de parte do edifício destinado ao Hospital para abrigá-los; o hospital funcionava no local onde em 1899 seria fundado o Colégio do Carmo, na rua do Carmo, n. 37.*
- 1843 — *No dia 10 de novembro, às 11 horas da noite, falece em São Paulo o Padre Diogo Antonio Feijó, um dos homens de maior projeção do Império Brasileiro; o seu corpo foi sepultado no jazigo da Igreja do Carmo no dia 15 do mesmo mês.*
 — No dia 1º de agosto é lançado o selo "olho de boi" o primeiro selo postal do Brasil que, depois da Inglaterra (1840) e Suíça, foi o terceiro país do mundo a emitir selo postal. Inicialmente o selo era pago por quem recebia a carta; o Brasil foi o segundo país do mundo a adotar que o selo fosse pago pelo remetente; o primeiro foi a Inglaterra por determinação de Rolland Hill, Diretor dos Correios.
- 1844 — *Numa das salas do Hospital do Carmo, da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, realiza-se o julgamento dos*

Drs. José Gabriel dos Santos e Candidato José da Motta, comprometidos na revolução liberal de 1842, sendo unanimemente absolvidos.

- 1845 — No dia 19 de fevereiro a Mesa Conjunta (hoje Assembléia Geral) da ORDEM TERCEIRA DO CARMO aprova a reforma dos Estatutos de 1697, sendo ai registrados na Secretaria do Palácio do Governo da Província de São Paulo, a fls. 22 do livro competente, em 4 de abril desse ano, pelo que foi paga a importância de ... 20\$800.

O registro dos Estatutos foi certificado pelo próprio Presidente da Província de São Paulo, Josino do Nascimento Silva, que expediu a Carta de Confirmação, sendo também no final confirmado por Frei José da Conceição Meirelles, Provincial Carmelitano, a 6.3.1854.

- 1846 — No dia 26 de fevereiro chegam a São Paulo SS. MM. Imperiais D. Pedro II e D. Thereza Christina, para uma visita oficial que durou até o dia 12 de abril.
- No dia 5 de março o Imperador do Brasil D. Pedro II e a Imperatriz D. Thereza Christina acompanham a pé a procissão da imagem do Senhor dos Passos, da Igreja do Carmo para a Igreja do Colégio.
 - No dia 12 de abril o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz D. Thereza Christina são recebidos com pomposas festas na ORDEM TERCEIRA DO CARMO, sendo a Igreja luxuosamente decorada. Após as festas deram o beija-mão de despedida e partiram de sege, às 4 horas da tarde seguindo pela Estrada da Maioridade (Caminho do Mar) para pousar no Pouso Alto (alto da serra) e daí seguir no dia seguinte para Santos e retornar ao Rio de Janeiro.
 - É instalada em São Paulo a sua primeira Escola Normal criada pela Lei Provincial n. 34 de 16.03.1846, sendo nomeado por ato de 24 de outubro desse ano, professor e encarregado de seus negócios, o Dr. Machado José Chaves.
 - No dia 26 de outubro a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire a casa da rua Direita n. 162, por ... 2:300\$000 (hoje Cr\$ 2,30); a casa foi demolida e construído o atual prédio.
 - No mesmo dia 26 de outubro a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire "uma morada de casas" na rua

das Flores ns. 62 e 62A, por 1:000\$000 (hoje Cr\$ 1.00), as casas foram demolidas e construído um prédio que é o atual: rua Silveira Martins, ns. 96 e 104.

- 1851 — No dia 9 de janeiro parte de Southampton o paquete inglês Taviot, inaugurando a navegação regular a vapor entre o Brasil e a Europa.
- 1852 — *No dia 25 de novembro os restos mortais do Padre Diogo Antônio Feijó são transladados do jazigo da Venerável Ordem Terceira do Carmo para o da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitêscia, sendo mais tarde transportados para a Cripta da Catedral de São Paulo onde ainda se encontram.*
 - *No dia 3 de agosto nasce em Bragança o Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, que seria Prior do Carmo e autor da Genealogia Paulistana.*
- 1854 — No dia 26 de junho começa a circular o jornal Correio Paulistano, fundado pelo Ten. Cel. Joaquim de Azevedo Marques; seu primeiro redator foi o Dr. Pedro Taques de Almeida Alvim.
- 1856 — *No dia 11 de agosto é nomeado Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO o Padre Antonio de Araujo Moniz que exerceu suas funções de diretor espiritual até 1871.*
 - O serviço de iluminação pública começa a ser feito por José Dulton e Francisco Taques Alvim, a gás hidrogênio carbonado.
 - É solenemente inaugurado o Seminário Episcopal, no bairro da Luz; seu fundador foi o Bispo D. Antonio Joaquim de Mello.
- 1858 — *No dia 7 de maio, nasce em Scaléa, velha cidade da Província de Nápoles, na Itália, Camilo Passalacqua, que seria, em 29 de fevereiro de 1892, Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO.*
 - No dia 3 de julho começa a funcionar o Cemitério da Consolação, por ocasião da epidemia da varíola.
- 1859 — *É fundada a SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA. No dia 2 de outubro, por iniciativa do cidadão português Miguel Gonçalves dos Reis, reuniram-se, na rua Direita, n. 45, residência do Irmão Ter-*

ceiro do Carmo Aires Coelho da Silva Gameiro, depois barão da Silva Gameiro, diversos membros da importante e operosa colônia portuguesa, fundando essa benemérita sociedade. A primeira diretoria foi assim constituída:

Presidente: Aires Coelho da Silva Gameiro, Irmão Terceiro do Carmo

Secretário: José Antonio Tomás Romeiro

Tesoureiro: Thomaz Luiz Alvares — Irmão Terceiro que foi Prior em 1874-1879

Procurador Geral: Manoel Joaquim da Costa e Silva

Beneficente: Manoel Baptista de Carvalho e Sousa

Dos 144 sócios fundadores muitos eram Irmãos Terceiros do Carmo. No decorrer do ano de 1863, foi por proposta de grande número de sócios aventada a idéia da fundação de um hospital onde pudesse ser tratados os sócios enfermos; em 1870 a Sociedade adquiriu pela quantia de 3:421\$800 (hoje Cr\$ 3,42) um terreno na rua Alegre, hoje Brigadeiro Tobias, onde edificaram o hospital que foi inaugurado a 2 de agosto de 1876. No início deste século a Sociedade mereceu do soberano de Portugal, el-rei D. Carlos I, a honrosa concessão de usar o título de Real e Benemérita.

1863 — A iluminação de São Paulo é feita a querosene por José José Dulton e Francisco Taques Alvim, que duraria até 31 de março de 1872.

1865 — No dia 1º de agosto funda-se o Diário de São Paulo seus primeiros redatores foram os Drs. Pedro Taques de Almeida Alvim e Antonio Pinheiro Cintra.

— Começam a circular em São Paulo as primeiras carruagens de aluguel.

1867 — A São Paulo Railway inaugura a ligação da estrada de ferro São Paulo a Santos (iniciada em 1860), a primeira que serve a cidade.

1868 — A São Paulo Railway inaugura a linha de São Paulo a Jundiaí.

1868 — *A 12 de novembro a ORDEM TERCEIRA DO CARMO inaugura o seu cemitério particular, na rua Sergipe, criado pela Concessão Municipal de 21.XI.1867.*

- 1870 — Organiza-se a Cia Itauana que inaugura 3 anos após o tráfego dos primeiros 70 quilometros de Jundiaí a Itu; pouco depois atingiria Piracicaba e São Pedro.
- É criada a Escola Americana precursora do Mackenzie College.
- 1871 — Começam a estabelecer-se na cidade os templos de algumas seitas protestantes.
- *No dia 10 de dezembro é nomeado Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO Frei Manoel da Ascenção Franco.*
- 1872 — No dia 31 de março passa a ser feita a gás a iluminação pública, que duraria, em parte da cidade, até a 3^a década deste século.
- Inicia-se em São Paulo o serviço de bondes puxados por burros que circulariam até o ano de 1906.
- 1873 — *No dia 18 de novembro é nomeado Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO o Cônego Jerônimo Pedroso de Barros, cargo em que permaneceu até 23 de julho de 1875.*
- Funda-se a Associação Propagadora da Instrução Popular, origem do Liceu de Artes e Ofícios.
- 1874 — É inaugurado no dia 22 de junho o telégrafo submarino entre Brasil e Portugal. D. Pedro II saúda pelo "cabo" todos os chefes de Estado europeus.
- 1875 — Circula, no dia 4 de janeiro, 2^a feira, o primeiro número do jornal A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, que logo após o advento da República trocou o título por "O ESTADO DE S. PAULO", em consequência da mudança radical havida no governo da nação. Seus primeiros redatores foram Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos (também fundadores). Seu primeiro Administrador foi José Maria Lisboa. Sua primeira sede foi na rua do Palácio, n. 14, depois rua das Casinhas, hoje rua do Tesouro, esquina da rua do Comércio, atualmente rua Álvares Penteado. Era propriedade de uma associação comanditária. Sua direção era formada por um grupo de republicanos que não admitiam o trabalho escravo. Foi o primeiro jornal que, a 23 de janeiro de 1876, iniciou a venda avulsa nas ruas da capital. A assinatura anual

custava inicialmente 14\$000 (hoje Cr\$ 0,014). Foram seus diretores: Américo de Campos (1875-1884), Francisco Rangel Pestana (1875-1890) JULIO MESQUITA (1891-1927), Nestor Rangel Pestana (1927-1933), Plínio Barreto (1927-1958), Julio de Mesquita Filho (1927-1969), Francisco Mesquita (1927-1969); seu diretor atual é Julio de Mesquita Neto. "O ESTADO DE S. PAULO" ou o "ESTADÃO", como muitos o chamam, já nasceu crítico e combativo. É um conceituado jornal que faz parte da própria história de São Paulo.

- 1875 — São Paulo: 31.000 habitantes e mais de 4.000 casas.
- *No dia 25 de janeiro é inaugurado um chafariz no Largo do Carmo, ao qual a municipalidade deu o título de "25 de janeiro".*
- *Em 24 de julho é concedida a patente de Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO ao Padre Antonio Joaquim de Santana que exerceu o cargo até 1881.*
- No dia 20 de maio, início oficial da imigração italiana; os primeiros italianos localizam-se no Rio Grande do Sul; em 1877, em São Paulo.

- 1876 — Nasce em Florianópolis, no dia 16 de maio, João Nepomuceno Manfredo Leite, que seria, em 1920, o Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, Monseñhor Manfredo Leite.
- Funda-se o Jockey Club e passam a ser realizadas corridas regulares no hipódromo da Mooca.

- 1877 — "Às 15,15 horas do dia 8 de julho, dois trens compactos de 15 vagões, ocupados por cerca de 500 convidados, entram triunfalmente na estação de São Paulo, saudados por girandolas de foguetes, pelos hinos que rompiam de três bandas de música, e pelas aclamações frenéticas da multidão formada em alas. Das duas vistosas arquibancadas as senhoras acenavam com seus lenços. No tender do comboio que vinha à frente estavam o Conde d'Eu, o Conselheiro Homem de Mello e o Dr. Falcão". Esse foi o começo da grande festa de inauguração amplamente noticiada por "A Província de São Paulo". A viagem do comboio puxado pela "maria-fumaça" que partiu do Rio de Janeiro às 6,15 horas, foi extraordinária: 9 horas do município da Corte à Capital da Província de São Paulo.

A ligação ferroviária Rio-São Paulo foi construída por duas empresas: a Estrada de Ferro D. Pedro II, construída em 9 de maio de 1855 com recursos do Tesouro Imperial, e a Estrada de Ferro do Norte, fundada por capitalistas e fazendeiros paulistas em 1869. Com a queda do Império em 1889, a Estrada de Ferro D. Pedro II passou a ser chamada Central do Brasil que no ano seguinte incorporou a empresa privada Estrada de Ferro do Norte.

- 1881 — No dia 8 de maio é nomeado Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO o Cônego Antonio Guimaraes Pedroso, cargo que exerceu até 1890.
- No dia 1º de janeiro circula o primeiro número da GAZETA DE SÃO PAULO. No artigo de apresentação enumera seus objetivos: “Não se ligar a partido algum e sim procurar em todos os homens de boa vontade e cívismo os auxiliares de seu empreendimento de elevar o cidadão pelos seus próprios esforços, pelo interesse de seus direitos, pelo sacrifício por seus deveres e pelo esclarecimento de sua inteligência. Repartir justiça e verdade a todos, amigos ou não, sem paixões e sem ódio, para poderem exigir a retribuição dos mesmos princípios. Respeitar o lar doméstico como um Tribunal, onde os únicos julgadores são a consciência e o dever. Lutar com verdadeira abnegação pelos interesses municipais e provinciais. Velar pela distribuição máxima e conscientiosa da instrução pública. Auxiliar o comércio em todas as suas pretenções justas, legais e progressivas”.
- 1883 — No dia 14 de julho chegam os primeiros Salesianos ao Brasil (Niterói); a Ordem Salesiana tinha sido fundada por Dom Bosco, em 8 de dezembro de 1841.
- 1884 — No dia 8 de novembro é fundado o DIÁRIO POPULAR. Foram seus fundadores Américo de Campos e José Maria Lisboa e também os primeiros redatores juntamente com Rangel Pestana, Aristides Lobo e Hilário Magro Júnior.
- Instalam-se na cidade os primeiros aparelhos telefônicos. A Bragantina inaugura o tráfego de sua linha de Campo Limpo a Bragança, passando por Atibaia.
- Thomaz Edison inventa a lâmpada elétrica de filamento de carvão.

- 1886 — São Paulo: 47.697 habitantes.
- 1887 — São Paulo tinha 4 fotógrafos: 3 alemães e 1 francês.
- 1888 — Constrói-se o primeiro Viaduto do Chá, que seria concluído em 1892.
— No dia 5 de dezembro a Companhia Paulista de Eletricidade inaugura a iluminação elétrica da cidade de São Paulo, nas ruas São Bento, Imperatriz (hoje 15 de novembro) e Boa Vista, iniciando então a substituição da iluminação a gás. As lâmpadas usadas eram de Edison.
— No dia 13 de maio a Regente Imperial Princesa Isabel sanciona a Lei n. 3353, que declarava extinta a escravidão no Brasil
- 1889 — *No dia 26 de outubro a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire por 29.060\$000 (hoje Cr\$ 29.06) uma casa na Praça da Sé, que foi demolida em 1942 e construído o atual prédio Nazareth sob ns. 43, 47 e 51.*
— No dia 15 de novembro é proclamada a República.
— As 11 horas da manhã do dia 19 de novembro, um grupo de patriotas dirigi-se à Câmara Municipal e apresenta uma indicação formulada nos seguintes termos: “Os abaixo assinados comissionados por uma grande parte da população desta cidade, vêm perante vós pedir que sejam mudados os nomes das seguintes ruas: do Imperador para Marechal Deodoro, da Imperatriz para 15 de novembro, da Princesa para Benjamim Constant, de Conde d’Eu para Glicério, de Príncipe para Quintino Bocaiuva, de São José para Libero Badaró, de Comércio da Luz para avenida Tiradentes, de Largo 7 de abril para Praça da República.”
- 1890 — São Paulo: 64.934 habitantes.
— Assume o cargo de Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO o Cônego Vicente de Mello Cesar.
- 1890 — É lançada a pedra fundamental do novo edifício da Escola Normal na Praça da República, que ficaria concluído em 1894.
— É criada a Junta Comercial do Estado de São Paulo, abrangendo Paraná e Goiás.
- 1891 — Inaugura-se a Avenida Paulista.
— É promulgada a Constituição do Estado de São Paulo.

- Promulgação da lei que organizou o Poder Judiciário do Estado de São Paulo.
- 1892 — *No dia 29 de fevereiro de 1892 Dom Lino, Bispo de São Paulo, nomeia Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO o então Padre Doutor Camilo Passalacqua, cargo que exerceu até o seu falecimento ocorrido no dia 12 de junho de 1920*
- *No dia 8 de dezembro o Padre Camilo Passalacqua lança a 1^a edição do DECOR CARMELI, que é o livro que serve de guia às tradições da ORDEM e dos exercícios de piedade; nele se consubstancia o espírito que deve reinar na ORDEM.*
- 1893 — *No dia 14 de outubro, o Estatuto da VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DO CARMO é inscrito sob o n. 1, na página 1 do 1^º Livro de Inscrição de Sociedades Civis do Registro de Imóveis da 1^a Circunscrição de São Paulo, de acordo com as exigências do Decreto Legislativo n. 173 de 10 de outubro.*
- Em 24 de agosto é aprovado o regulamento da Faculdade Politécnica, criada pela lei de 11 de maio de 1892; em 15 de fevereiro de 1894 se verificou a sua inauguração.
- 1894 — Instala-se no Palácio do Ipiranga o Museu Paulista; funda-se a Escola Politécnica; fundam-se a Associação Comercial de São Paulo e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
- *No dia 16 de julho o Comissário da ORDEM, Padre Camilo Passalacqua, lança a 1^a edição do PEQUENO VADE MECUM dos noviços da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, a fim de que eles pudessem bem compreender as finalidades da ORDEM na qual queriam ingressar, de acordo com as dissertações nele contidas.*
 - É inaugurado o novo edifício da Escola Caetano de Campos, na praça da República, local onde hoje se encontra.
- 1896 — *No dia 30 de junho, o então Padre Camilo Passalacqua, Comissário da Ordem, lança a 2^a edição do DECOR CARMELI.*
- No dia 7 de agosto realiza-se a primeira sessão de cinema em São Paulo com a presença de Campos Salles.
 - É demolida a Igreja do Colégio dos Jesuítas, o maior monumento histórico da fundação de São Paulo. Os motivos

da demolição foram os seguintes: em 1759, sendo seu 1º Ministro o Marquês de Pombal, D. José I expulsou os Jesuítas do reino de Portugal e confiscou-lhes os bens em favor da coroa. Os Jesuítas foram então obrigados a abandonar os seus domínios. Restabelecido em 1765 o governo da Capitania de São Paulo, no ano seguinte chegava o novo governador, o capitão-general D. Luiz de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheus, que fez do Convento o Palácio do Governo. A Igreja continuou a servir para a celebração do culto católico; por ordem do governo português foi intitulada "capela presidencial"; comunicava-se com o Palácio por janelas e tribunas, de onde o Presidente e a família assistiam à Missa. A parte central do Palácio, durante o Império, além de destinada para residência do Presidente da Província, foi ocupada pela Assembléia Provincial e respectivas secretarias; em 1881 essa ala foi arrasada por ordem do Presidente da Província, Senador Florencio de Abreu, e o espaço por ela ocupado foi anexado ao jardim do Palácio. Jamais se procurou saber quais os direitos líquidos de propriedade do Estado sobre os bens confiscados aos Jesuítas. Todos os governos de São Paulo, desde a Independência, acreditavam que os direitos de propriedade absoluta se estendiam às igrejas edificadas pela Companhia de Jesus. A Igreja Católica, todavia, não se acomodava com essa pretensão e avocava o uso imemorial dos seus templos.

Assim, quando o presidente Jorge Tibiriçá ordenou a demolição da Igreja do Colégio, a fim de aproveitar o local para serviços públicos, D. Lino Deodato de Carvalho, Bispo de São Paulo, acompanhado do Cabido, do clero e de alguns homens ilustres do povo, foi ao Palácio pedir a conservação da vetusta Igreja. Não sendo atendido, requereu em fevereiro de 1891 manutenção de posse, que lhe foi concedida pelo Juiz Federal Dr. Santos Werneck. Permaneceu, então, a Igreja fechada durante cinco anos, tempo em que durou o litígio entre o Bispo e o Estado para determinação de sua propriedade.

No princípio da ação, já a Igreja necessitava de sérios e urgentes reparos. Estragara-se de tal forma, a ação das goteiras no telhado foi tal, que, antes de terminar a demanda, desabou o teto central arrastando a parede interna, e vários altares e um canto da torre; foi isso na noite de 13 para 14 de março de 1896; tão abalada

ficou, tão arruinada, que por todos foi julgada necessária a sua imediata demolição.

Feito um acordo entre o presidente do Estado Bernardino de Campos, sucessor do Dr. Jorge Tibiriçá, e o Bispo D. Joaquim Arcoverde (D. Lino havia falecido), nomeou-se uma comissão constituída dos cônegos Ezequias Galvão da Fontoura e José Valois de Castro, engenheiros Luiz Gonzaga da Silva Leme (o genealogista Prior da Ordem Terceira do Carmo), Theodoro Sampaio e Antônio de Toledo Piza, incumbida de remover os objetos sagrados, recolher as relíquias encontradas, e de demolir o resto do edifício, salvando das ruínas tudo quanto tivesse valor artístico; foi ainda essa comissão incumbida de levantar a planta do edifício e fotografar a sua parte externa.

Afinal, foi melancolicamente destruído pelas picaretas o que restava do maior monumento histórico da fundação de São Paulo.

- 1898 — No dia 6 de dezembro a *ORDEM TERCEIRA DO CARMO* adquire por 1:000\$000 (hoje Cr\$ 1,00) uma área de terreno de 536,05 m² entre a Igreja e o prédio da sua Escola a fim de atender às exigências para o bom funcionamento do Colégio do Carmo, que ia ser fundado.
- 1898 — No dia 16 de julho o Monsenhor Passalacqua lança a 2^a edição do *VADE MECUM* dos noviços da *ORDEM*.
- 1899. — No dia 9 de abril realiza-se a festa solene da benção e inauguração do Colégio do Carmo que já tinha sido entregue em comodato aos Irmãos Maristas conforme contrato celebrado em 1.12.1898. Era Prior da *ORDEM*, o Dr. Américo Ferreira de Abreu.
- 1900 — São Paulo: 130.000 habitantes.
- Começa a funcionar a primeira usina hidroelétrica da zona de São Paulo (Parnaíba); circulam os primeiros bondes elétricos inaugurados no dia 7 de maio pela The São Paulo Tranway & Company Limited. A primeira linha de bondes elétricos, a de n. 13, surgiu ligando a Praça da Sé à Barra Funda, num percurso de 6,7 quilômetros, pela rua Boa Vista, largo São Bento, rua Líbero Badaró, avenida São João, alameda Barão de Limeira, rua das Palmeiras, largo do Arouche, Praça da República,

rua 7 de abril, viaduto do Chá e Praça Antonio Prado; sobreviveu com diversas alterações, até 1961.

- 1905 — São Paulo: 300.000 habitantes.
- *No dia 1º de junho é lançada pelo Monsenhor Passalacqua a 3ª edição do DECOR CARMELI.*
- 1906 — Pio X promove a Arquidiocese (arcebispado) a Diocese (bispo) de São Paulo no dia 7 de junho pela Bula "Diocesum amplitudinem", tornando-se assim sede metropolitana.
- 1906 — No dia 4 de agosto, falece o Bispo de São Paulo Dom José de Camargo Barros, no naufrágio do vapor Sirio.
- São retirados da circulação os bondes puxados por burros.
- *No dia 16 de junho a ORDEM TERCEIRA DO CARMO celebra o Jubileu de Prata de Ordenação Sacerdotal de Monsenhor Passalacqua.*
- 1908 — *No dia 8 de dezembro é publicado o 1º número da revista VOZES DO CARMELO, editada pela ORDEM TERCEIRA DO CARMO; da qual foi redator o seu Comissário, Monsenhor Dr. Camilo Passalacqua, com a colaboração dos Irmãos Terceiros; a revista teve grande acolhimento por parte dos Irmãos Terceiros e de pessoas estranhas à ORDEM; foram publicados 39 números; com o falecimento do seu redator chefe, findou a revista; apenas mais um número, o 39º e o último, de 180 páginas, foi publicado a 25 de julho de 1920 e dedicado em grande parte ao seu saudoso redator chefe.*
- 1908 — No dia 18 de julho chega a Santos o navio japonês Kasato Maru trazendo 780 japoneses, marcando assim o início da imigração japonesa. Instalaram-se inicialmente na linha Mogiana, dedicando-se à lavoura. Estabeleceram-se todos em São Paulo.
- 1909 — Funda-se a Academia Paulista de Letras, no dia 28 de novembro; Monsenhor Manfredo Leite foi um dos fundadores, Membro Titular da Cadeira n. 23, que seria em 1920 Comissário da ORDEM.
- 1910 — São Paulo: 350.000 habitantes.

- 1911 — É demolida a Igreja de São Pedro da Pedra erguida em 1740. Esse templo se situava onde hoje se localiza o prédio Rollim, pegado à Caixa Econômica Federal, na Praça da Sé. Era mantido pela Irmandade de São Pedro dos Clérigos.
- As ruas Capitão Salomão e Marechal Deodoro desaparecem com o alargamento da Praça da Sé.
 - Chegam ao Brasil os padres da Ordem dos Carmelitas Descalços.
- 1911 — No mês de dezembro é iniciada a demolição da histórica Igreja da Sé que estava localizada no local onde se encontra hoje a estátua de Manoel da Nobrega na Praça da Sé. Os restos mortais dos Bispos de São Paulo que lá estavam foram transferidos para o Recolhimento de Santa Thereza. A 8 de dezembro, a Catedral de São Paulo passou a funcionar provisoriamente na Igreja do Convento do Carmo e o Curato da Freguesia da Sé na da Boa Morte, a 10 de dezembro.
- Inaugura-se o Teatro Municipal.
 - *Tendo em vista o aumento crescente dos alunos do Colégio do Carmo, a ORDEM TERCEIRA DO CARMO resolve construir um prédio novo, a fim de atender a demanda cada dia maior de interessados, e, para tanto, adquire no dia 28 de abril por 10:000\$000 (hoje 10,00) um imóvel com 288,40 m², outro no dia 11 de julho por 8:450\$000 (hoje Cr\$ 8,45) com 1.196,00 m² e outro no dia 16 de janeiro de 1910 por 100\$0000 (hoje 0,10) com 12,50 m² todos contíguos à Igreja do Carmo e ao novo Colégio em construção.*
- No mês de julho foram iniciadas as obras do novo Colégio do Carmo, no final do priorado do Dr. Adolpho Pinto, continuadas durante todo o priorado do Dr. Raul Ortiz Monteiro (15 de outubro de 1911 a 14 de outubro de 1912) e terminadas no dia 20 de novembro de 1912 no priorado do Dr. Raphael Arcanjo Gurgel.*
- 1912 — *No dia 1º de dezembro é inaugurado solenemente pela ORDEM TERCEIRA DO CARMO o novo Colégio do Carmo, na rua do Carmo n. 37, num prédio com . . . 3.469,62 m² de construção e terreno com área de 3.253,00 m². O Colégio foi entregue em comodato aos Irmãos Maristas que o usaram até 1971.*

- O aviador Edu Chaves, nascido a 18.7.1887 em São Paulo, faz a primeira ligação aérea São Paulo-Santos, no dia 12 de janeiro, num Bleriot de 50 H.P..
- 1913 — Amplia-se notavelmente o Largo da Sé, demolindo-se vários quarteirões de casas; começa a ser edificada a CATEDRAL DE SÃO PAULO.
- 1913 — A 19 de dezembro de 1912 a FACULDADE DE MEDICINA E CIRURGIA de São Paulo era estabelecida pela lei n. 1357, assinada pelo presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves, tendo como Secretário do Interior o Dr. Altino Arantes. Entretanto somente foi baixado o seu regulamento com o Decreto n. 2.344 de 31 de janeiro de 1913, iniciando nessa data o funcionamento da grande renomeada Faculdade. Seu primeiro diretor foi Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920).
- Inicia-se a restauração do Caminho do Mar.
- 1914 — No dia 5 de julho o aviador paulista Edu Chaves faz a primeira ligação aérea em vôo direto de São Paulo ao Rio de Janeiro, num Bleriot de 80 H.P., aterrando no Campo dos Afonsos.
- 1915 — São Paulo: 470.00 habitantes.
- No dia 24 de novembro Monsenhor Camilo Passalacqua lança a 3^a edição do VADE MECUM dos Noviços da ORDEM TERCEIRA DO CARMO.
- 1916 — No dia 2 de fevereiro é lançada a 4^a edição do DECOR CARMELI pelo Comissário Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua.
- 1917 — Cria-se o brasão do município de São Paulo com a divisa "non ducor duco".
- A 26 de novembro de 1917 a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire quatro casas na av. Celso Garcia ns. 2.052, 2.056, 2.058 e 2062. A casa n. 2.052 foi demolido e construídos 5 sobrados.
- 1918 — Morre, a 13 de janeiro, em sua residência, o genealogista Luiz Gonzaga da Silva Leme, Prior Jubilado da ORDEM TERCEIRA DO CARMO.
- 1920. — Morre, na cidade de Santos, no dia 12 de junho, o Monsenhor Doutor Camilo Passalacqua, Comissário da OR-

*DEM TERCEIRA DO CARMO durante 28 anos
(desde 29.2.1892).*

- No dia 25 de julho, assume o cargo de Comissário da ORDEM TERCEIRA DO CARMO, de acordo com a indicação da Mesa Administrativa e nomeação de Dom Duarte Leopoldo e Silva, o então Cônego Manfredo Leite, cargo que ocupou até o seu falecimento ocorrido a 18 de março de 1969.
- No dia 25 de dezembro, Edu Chaves inicia a ligação aérea Rio de Janeiro—Buenos Aires. Parte de São Paulo para o Rio num avião Oriole Curtiss de 150 H.P. pertencente à Aviação da Força Pública. Na manhã seguinte deixa o Campo dos Afonsos em direção a Buenos Aires, fazendo escalas em São Paulo, Guaratuba (Paraná), Porto Alegre e Montevidéu.

No dia 29, à tarde, chega ao campo de El Palomar em Buenos Aires, num percurso de 3.200 quilometros.

- 1920 — São Paulo: 570.000 habitantes.
- 1921 — Inaugura-se a rodovia São Paulo-Campinas, passando por Pirituba, Caieiras, Jundiaí, Louveira, Rocinha e Valinhos.
— No dia 19 de fevereiro Olivio Olavo de Olival Costa funda a Folha da Noite, hoje Folha de S. Paulo e Folha da Tarde.
- 1922 — É inaugurada a rodovia São Paulo-Itu passando por Osasco, Barueri, Parnaíba, Pirapora e Cabreúva.
— Conclui-se o Palácio das Indústrias.
— No dia 7 de setembro inaugura-se o Monumento do Ipiranga, nas festas comemorativas do 1º Centenário da Independência do Brasil.
- 1923 — Os padres da Ordem Carmelitana Descalça no Brasil, chegam a São Paulo, estabelecendo-se na rua Maranhão, n. 617, onde se encontram até hoje.
- 1924 — Começam a circular os primeiros ônibus.
— São Paulo: 600.000 habitantes.
- 1925 — Funda-se a Biblioteca Municipal.
— Inaugura-se a Rádio Educadora Paulista, pioneira da radiodifusão.

- 1927 — É lançada a 5^a edição do DECOR CARMELI pelo Comissário da ORDÉM, Cônego Manfredo Leite.
- A Light and Power apresenta plano para integração do METRÔ em São Paulo, tendo como rede básica as linhas Central, Leste, Sul e Norte, integrada aos bondes.
- No dia 1º de agosto desce na represa de Santo Amaro o hidro-avião "JAHU", pilotado por João Ribeiro de Barros, após a travessia do Atlântico, iniciando a ligação aérea Itália-Brasil, de Gênova a São Paulo.
A tripulação era: comandante, João Ribeiro de Barros; piloto, João Negrão; observador, Newton Braga; mecânico, Vasco Cinquini.
- 1928 — A Igreja e o Convento do Carmo da Ordem Carmelitana são desapropriados pelo Governo do Estado por 4.500.000\$000 (hoje Cr\$ 4.500,00) para aí ser construído o atual prédio da Secretaria da Fazenda.
- No dia 15 de abril, o então Prior do Convento do Carmo, Frei Canisio Muldermann, celebra a última Missa na Igreja do Carmo; à tarde desse dia os Irmãos Terceiros transportam processional e triunfalmente a imagem de Nossa Senhora do Carmo para uma capela provisória que havia sido construída no terreno do templo que ia ser erguido na rua Martiniano de Carvalho, onde se encontra até hoje.
- 1929 — Iniciam-se as obras do viaduto Boa Vista, franqueado ao público em 1932.
- 1932 — 9 de JULHO — REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA — São Paulo lutou três meses sozinho, para restabelecer no país o regime constitucional, o respeito às leis, à liberdade que havia deixado de existir (com a ditadura getulista), demonstrando assim seu espírito de brasiliidade. O sangue paulista foi derramado em holocausto à nobre causa. Na "História do Exército Brasileiro", edição 1972, volume 3, página 959, encontra-se o seguinte: "Revolução de 1932, o nosso maior movimento armado. O valor e a capacidade do homem, do brasileiro em face da adversidade, não só no campo material, das improvisações e imaginação, mas, também, no campo da elevação moral e espiritual, diante da causa e motivação para defesa de suas convicções. Vencedor único: BRASIL."

O General Euclides de Figueiredo deixou-nos um julgamento peremptório sobre a Revolução de 32: "Ela foi o mais brilhante movimento cívico da história do Brasil Republicano".

Centenas de Irmãos Terceiros acorreram em defesa da nobre causa, atendendo ao chamado cívico, e se alistaram nos diversos batalhões formados; muitos voltaram feridos; dois deles morreram em combate: ANTONIO RIBEIRO e OTAVIO SEPPI; os corpos desses heróis repousam no Mausoléu do Soldado Constitucionalista, no Ibirapuera.

- No dia 10 de julho, Pedro de Toledo é aclamado Governador de São Paulo.
- O Decreto n. 55.656 de 19 de agosto adota o Brasão de Armas de São Paulo com a divisa "Pro Brasilia fiant eximia", o que quer dizer "pelo Brasil façam-se grandes coisas"; essa divisa afirma o profundo sentimento de brasiliade do povo paulista, lembra o esforço de que sempre se mostraram capazes os filhos deste Estado, quando a Nação exigiu deles o máximo de sacrifício, como até hoje está acontecendo.
- Finda a Guerra Cívica de São Paulo, prepostos da ditadura batizam, no mês de novembro, o Pátio do Colégio com o nome de "Largo João Pessoa". O ilustre acadêmico e escritor Cesar Salgado no seu excelente livro "O Pátio do Colégio", esclareceu à página 134: "Não sei quem teria sido o responsável pela atribuição do nome de João Pessoa ao antigo Largo do Palácio, hoje Pátio do Colégio. Fossem quais fossem as intenções dessa infeliz resolução, o fato é que ela resultou de imposição "manu militari", sem o menor apreço ao sentido histórico e moral daquele sítio, venerado pelos paulistas como um chão sagrado, pois ali nasceu São Paulo. Não vem ao caso discutir a figura de João Pessoa, vítima em sua terra de paixões exacerbadas por motivos políticos ou mesmo pessoais. Nem se pretende negar-lhe os méritos que seus admiradores lhe reconhecem. O que atingiu os paulistas como uma afronta foi o ato de batizar com o nome de João Pessoa o local da Fundação de São Paulo. Seria concebível que alguém se lembrasse de substituir a designação do Terreiro de Jesus, na Bahia, ou Parque Farroupilha, em Porto Alegre, pelo nome de qualquer brasileiro, ainda que ilustre? Todos os povos são ciosos de suas tradições.

E os que não sabem defendê-las dão triste testemunho da decadência de suas virtudes."

- 1933 — No dia 4 de novembro é fundada a Viação São Paulo — VASP por um grupo de paulistas, com um capital de 400 contos de réis; sua atividade operacional só começou em janeiro de 1934, ligando São Paulo a Ribeirão Preto com escala em São Carlos, e São Paulo a Uberaba com escala em Rio Preto, três vezes por semana. Os primeiros aviões colocados em vôo foram Monospar.
- 1934 — No dia 2 de janeiro é fundado o CLUB PAULISTA DE PLANADORES, por um grupo de idealistas e entusiastas que desde janeiro de 1932 praticavam o vôo a vela.
- É demolido o antigo edifício do convento franciscano, onde funcionava a Faculdade de Direito desde 1º de março de 1828.
 - Funda-se a Universidade de São Paulo.
 - No dia 10 de abril, conta o escritor Cesar Salgado, "realizou-se, no Cassino Antártica, um banquete com cerca de seiscentos convivas em homenagem ao grande Ibrahim Nobre, no qual falaram entre outros oradores os Drs. Pedro de Toledo, Cesar Salgado e Alfredo Ellis. Cogitava-se, naquela época, de erguer uma estátua a José de Anchieta em São Paulo. Os que participaram dessa homenagem devem recordar-se das ruidosas manifestações da assistência, sempre que os oradores aludiam a figuras e fatos de maior realce da Revolução de 32. Quem logo depois passasse pelo local hoje denominado Pátio do Colégio, teria sua atenção voltada para uma cena algo estranha; veria que três moços, armados de uma alavanca de uso dos motorneiros de bonde, esforçavam-se por arrancar uma placa que se ostentava naquele logradouro, com os dizeres: Largo João Pessoa; e, se continuasse observando, verificaría que os três jovens, concluída a tarefa, saíram apressadamente, carregando o troféu; e já era tempo, porque na porta do prédio da Polícia Central, situado nos fundos do largo, começaram a surgir militares e funcionários que, por certo, não demorariam para verificar o que estava acontecendo. Afinal, quais foram os heróis da inusitada façanha? Foram três jovens paulistas, participantes do Movimento Constitucionalista, e, presentes, também, na festa do Cassino Antártica. Citemos-

-lhes os nomes para que a história lhes registre os efeitos; ei-los: Lauro de Barros Siciliano, Guilherme da Silveira Filho e João Alberto Salles Moreira." E conclui Cesar Salgado: "Relatei esse episódio, porque ele nos fala da sensibilidade da alma paulista naqueles dias crepusculares." São Paulo foi um dos redutos dos que não transigiram com a ditadura despótica de Vargas.

- 1935 — São Paulo: 1.060.000 habitantes.
- 1938 — Inaugura-se o novo viaduto do Chá.
- 1939 — Não podendo prosseguir com as atividades velovelistas em Cumbica, os fundadores do Club Paulista de Plandores fundam a ESCOLA DE AERONÁUTICA SÃO PAULO como sucessora, dando por encerradas as suas atividades velovelistas, dedicando-se somente ao preparo de pilotos de avião. Essa escola funciona até hoje, formando pilotos para a aviação civil e comercial. Até hoje a Escola brevetou 1.033 pilotos.
- 1940 — O arquivado projeto do METRÔ pela Light and Power volta a ser lembrado quando foi criada a Comissão Municipal de Transportes Coletivos. O Engenheiro Prestes Maia apresenta estudos sobre esse plano.
— São Paulo: 1.330.000 habitantes.
- 1942 — A 5 de outubro é promulgado o Decreto-Lei n. 4.791, instituindo "cruzeiro" como unidade monetária brasileira em substituição ao padrão monetário de "mil réis".
- 1944 — Inauguram-se os edifícios do Hospital das Clínicas.
- 1945 — A 17 de maio, dia de luto nacional, morre Armando de Salles Oliveira, o homem que melhor se preparou para governar o Brasil, um grande e notável estadista que o Brasil produziu e não conheceu.
— São Paulo: 1.690.000 habitantes.
- 1947 — Abre-se o tráfego da Via Anchieta, auto-estrada de ligação de São Paulo a Santos.
- 1950 — São Paulo: 2.278.000 habitantes.
— Inauguração, a 18 de setembro, a TV Tupi de São Paulo, então canal 3, pioneiro na América Latina; o Brasil era o

5º país do mundo a ter televisão depois dos E.U.A., Inglaterra, Holanda e França.

- 1952 — O Engenheiro Prestes Maia, com projetos bem trabalhados volta a propor a construção do METRÔ.
- O Instituto Genealógico Brasileiro realiza uma sessão solene na sua sede, no dia 3 de agosto, para comemorar o centenário do nascimento do grande genealogista Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, autor da célebre Genealogia Paulistana (9 volumes), e cunha uma medalha comemorativa.
- É criada a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB- com sede no Rio de Janeiro).
- 1954 — 25 de janeiro: 4º Centenário da Fundação de São Paulo, que é comemorado com grandes festejos.
- 1957 — É inaugurada no dia 11 de agosto, em Bragança, a herma do Dr. Luiz Gonzaga da Silva, oferecida pelo Instituto Genealógico Brasileiro, à cidade de Bragança.
- 1960 — São Paulo: 3.700.000 habitantes.
- 1964 — No dia 19 de março realiza-se a MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE; o povo revoltado com a atuação anarquista do governo de João Goulart, tendo à frente a Irmã Ana de Lourdes, realiza a célebre marcha da Praça da República até a Catedral, na qual tomaram parte mais de 500 mil pessoas de todas as classes sociais, exigindo o respeito às liberdades históricas; no trajeto rezavam o rosário e cantavam hinos patrióticos; essa marcha ficará registrada nos anais da história de São Paulo como um dos seus grandes feitos patrióticos.
- Correspondendo aos anseios do povo brasileiro já amplamente manifestado em todo o país, as Forças Armadas, no dia 31 de março, levantam-se e destituem o Presidente João Goulart, restaurando a ordem no país; até hoje o Brasil vive um clima de segurança e progresso graças à patriótica atuação desenvolvida pelos seus governos nestes 13 anos, após a Revolução de 31 de março de 64. Na Coleção "Verdade Histórica" do Exército Brasileiro, encontra-se o seguinte: Duas revoluções constitucionais: 9 de julho de 1932 — o chão paulista fecundado

pelo sangue dos seus filhos heróis; 31 de março de 1964 — do chão paulista ainda vibrante pela marcha da Família, com Deus pela Liberdade, germinando vitoriosa a semente de 32.

- 1968 — A 24 de abril é fundada a Companhia do Metropolitano com capital de 10 milhões de cruzeiros.
- No dia 23 de junho é inaugurado o Ambulatório Nossa Senhora do Carmo instalado na Rua do Carmo n. 38, em prédio pertencente à ORDEM TERCEIRA DO CARMO, para atender gratuitamente todas as pessoas necessitadas em geral; inicialmente funcionou com Clínica Geral, Pediatria, e serviços de Enfermagem; logo a seguir com Clínica Ginecológica, Oftalmológica e Odontológica.
- 1968 — No dia 14 de dezembro começam as movimentações de tratores e demais máquinas pesadas; o prefeito Faria Lima dava assim, simbolicamente início às obras do METRÔ.
- 1969 — Morre às 23,00 horas do dia 18 de março em sua residência, na rua do Carmo, n. 44, Monsenhor Manfredo Leite, Diretor Espiritual da ORDEM TERCEIRA DO CARMO.
- No dia seguinte assume interinamente, o cargo de Padre Diretor, o então Padre Subdiretor, Cônego José Pascoal Christofaro; so dia 23 do mesmo mês, a Mesa Administrativa por unanimidade, fez a indicação do seu nome ao Revmo. Provincial Carmelitano Frei Angelino Wissink, que, por decreto de 26 de março, o nomeia Padre Diretor da Ordem Terceira do Carmo, sendo a nomeação confirmada de acordo com o artigo 11 do Estatuto, no dia 29 do mesmo mês, por Sua Eminência Dom Agnelo Rossi, Cardeal Arcebispo Metropolitano de São Paulo.
- 1970 — São Paulo: 6.000.000 habitantes.
- 1971 — Após usarem em comodato o Colégio do Carmo durante 72 anos, os Irmãos Maristas, impossibilitados de continuar na direção por falta de Irmãos, entregam a prédio à ORDEM TERCEIRA DO CARMO.
- No dia 11 de novembro a ORDEM TERCEIRA DO CARMO dá, em comodato, à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo prazo de cinco anos, o Colégio do Carmo, na rua do Carmo, n. 37, (3.469 m² de

construção e 3.253 m² de terreno) avaliado na época em 13 milhões de cruzeiros.

- 1971 — São Paulo: 6.300.000 habitantes.
- 1973 — *No dia 13 de abril de 1973 a ORDEM TERCEIRA DO CARMO adquire os apartamentos ns. 51 e 52 da rua da Mooca n. 2 837, por Cr\$ 420.000,00.*
- *No mês de maio os jornais de São Paulo começam a noticiar que o Colégio do Carmo deverá ser desapropriado pela Cia. do Metropolitano de São Paulo.*
- 1973 — A 7 de julho é realizada a primeira viagem do trem-protótipo do Metro, de Jabaquara à estação da Liberdade; a velocidade média desenvolvida foi de 22 kms. mas em alguns trechos alcançou 80 kms. horários.
- 1975 — São Paulo: 8.062.000 habitantes.
- *No dia 24 de março, a convite da Diretoria da Cia. do Metropolitano de São Paulo, o Prior da ORDEM TERCEIRA DO CARMO comparece na sede dessa companhia onde é recebido pelo Vice-Presidente, Dr. Dario de Abreu Pereira, e pelo Chefe do Patrimônio Imobiliário, Engenheiro Helio de Caires; ai o Prior é notificado pessoalmente da desapropriação, pelo Metrô, do Colégio do Carmo e do prédio da rua do Carmo, pelos quais seria pago amigavelmente o justo preço, devendo os imóveis ser entregues até o dia 10. de dezembro.*
- O dia 11 de fevereiro foi data histórica para o Metrô; pela primeira vez uma composição fez o percurso completo de Jabaquara a Santana; no dia 26 de setembro, 6^a feira, foi o inicio da operação remunerada em toda a linha de 17 kms. de Jabaquara a Santana.
- São Paulo comemora festivamente o 1º centenário da imigração italiana no Brasil, que tanto contribuiu para a grande prosperidade do nosso País. A imprensa italiana escreveu: "Gli Italiani, esse non portarano soltanto la volontà di lavorare, portarano una civiltà."
- 1976 — *No dia 2 de janeiro, a Cia. do Metropolitano de São Paulo ajuíza ação de desapropriação do Colégio do Carmo e do prédio da rua do Carmo, n. 38, onde funcionava o Ambulatório Nossa Senhora do Carmo, deles tomando posse no dia 2 de fevereiro.*

A ORDEM contrata os serviços profissionais do ilustre advogado Dr. Lauro Malheiros Filho, para a defesa de seus interesses. A ação foi distribuída para a 2ª Vara dos Feitos da Fazenda Municipal e Cartório do 2º Ofício onde tomou o n. 1/76.

- *No dia 12 de junho os restos mortais do Monsenhor Paschalacqua e do Monsenhor Manfredo Leite são transladados do Cemitério da Consolação para a Cripta da Igreja do Carmo.*

- 1977 — No dia 17 de outubro é celebrado o Jubileu de Prata da criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB.
- No dia 15 de novembro, a sede da CNBB é transferida do Rio de Janeiro para Brasília.

- 1977 — No dia 8 de dezembro a *ORDEM TERCEIRA DO CARMO* comemora festivamente o Jubileu de Prata de Ordenação Sacerdotal do seu Diretor Espiritual Cônego José Pascoal Christofaro. Às 8,30 horas S. Excelênci celebrou a Santa Missa com a presença dos Terceiros Carmelitas, após a qual se iniciaram as primeiras homenagens. Às 20,00 horas S. Excelênci celebrou a Santa Missa que foi concelebrada pelos seguintes Sacerdotes: Monsenhor Sylvio de Moraes Mattos, Cura da Sé, Cônego Pascoal Amato, Cônego Antônio Trivino, Padre Balint, Padre Avelino, Padre Anibal, Padre José Araujo Vieira e Padre Luiz Viana Cardoso. A Igreja estava engalanada e florida. Altar-mor, nave, tribunas ocupadas por ilustres Terceiros Carmelitas e seleta assistência. A Missa foi cantada pelo "Coral Eucarístico — Comunicação de São Paulo" composto de 40 cantores, sob a regência do Maestro Pe. Antônio Fuzari. No final da Missa o Cônego Christofaro foi saudado pelo Prior do Carmo Raul Leme Monteiro, que falou em nome de todos os Irmãos Terceiros do Carmo.

- No dia 10 de dezembro é encerrada a elaboração desta obra cujo original é entregue a S. Excia D. Ernesto de Paula para fazer a apresentação.
- No dia 30 de dezembro D. Ernesto de Paula entrega a apresentação que é a abertura deste livro; nesse mesmo dia é levado à Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., para a impressão.

CAPÍTULO XVIII

CATEDRAL — BISPOS E ARCEBISPOS

Até o ano de 1745 São Paulo pertencia eclesiasticamente ao Bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro. D. João V, rei de Portugal, querendo dividir o bispado do Rio de Janeiro para ficar em três, criou, por carta régia de 22 de abril de 1745, o de São Paulo, impetrando do Papa Bento XIV o “motu proprio” da divisão. Atendendo o pedido de D. João V, Bento XIV elevou São Paulo a Diocese, a 6 de dezembro do mesmo ano, pela Bula “Candor Lucis Aeternae”.

Assim, ficou ereta a Catedral de São Paulo com quatro dignidades, dez cônegos, doze capelães, quatro moços do couro e com os demais oficiais necessários para o serviço da Catedral, tendo sido o primeiro Bispo D. Bernardo Rodrigues Nogueira, que foi nomeado no mesmo dia da confirmação do Bispado — 6 de dezembro de 1745 — e fez a sua entrada solene a 8 de dezembro de 1746; tendo falecido a 7 de novembro de 1748, foi sepultado na capela-mor da Igreja do Colégio, sendo seus restos mortais transportados em fins do século passado para a cripta da Sé Catedral.

O primeiro Bispo, D. Bernardo Rodrigues Nogueira, em virtude do alvará régio de 6 de maio de 1746, ficou com a faculdade de poder nomear as primeiras dignidades e cônegos da Sé de São Paulo, sendo por ele nomeados para esses lugares os seguintes sacerdotes: Arcediago, o padre Mateus Lourenço de Carvalho, Vigário colado da igreja matriz antes de passar a ser Catedral; Arceipreste, o padre Dr. Geraldo José d'Abranches; Chantre, o padre Manoel de Jesus Pereira; Tesoureiro-mor, o padre Dr. Tobias Ribeiro de Andrade; Cônegos, os padres Lourenço Leite Penteado, Luis Teixeira Leitão, Manoel Vilela Bueno, Antonio Nunes de Siqueira, Gregório de Souza Oliveira, Tomé Guedes, Jacinto de Albuquerque Saraiva, Salvador Pinto Santiago, Antonio Muniz Mariano e João Gonçalves da Costa.

A 7 de junho de 1906 São Pio X promovia São Paulo a Arquidiocese, pela Bula "Diocesum nimiam amplitudinem" tornando-se, assim, sede metropolitana. Seu primeiro arcebispo foi D. Duarte Leopoldo e Silva; D. Carlos Carmelo Motta seu primeiro pastor eleito Cardeal da Igreja.

Damos a seguir a relação de todos os bispos e arcebispos de São Paulo.

BISPOS

1º — D. Bernardo Rodrigues Nogueira	1746/1748
2º — D. Frei Antonio da Madre de Deus Galvão	1750/1764
3º — D. Frei Manoel da Ressurreição	1771/1789
4º — D. Mateus de Abreu Pereira	1796/1824
5º — D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade	1827/1847
6º — D. Antonio Joaquim de Mello	1852/1861
7º — D. Sebastião Pinto do Rego	1862/1868
8º — D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho	1873/1894
9º — D. Joaquim Arcos de Albuquerque Cavalcanti	1894/1897
10º — D. Antonio Cândido Alvarenga	1899/1903
11º — D. José de Camargo Barros	1903/1906

ARCEBISPOS METROPOLITANOS

1º — D. Duarte Leopoldo e Silva	1907/1938
2º — D. José Gaspar Afonseca e Silva	1939/1943
3º — Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta	1944/1964
4º — Cardeal D. Agnelo Rossi	1964/1970
5º — Cardeal D. Paulo Evaristo Arns	1970

OS BISPOS DE SÃO PAULO

BREVES BIOGRAFIAS DOS BISPOS DE
SÃO PAULO BASEADAS EM ELEMENTOS
COLIGIDOS PELO CULTO E SAUDOSO
MONSENHOR PAULO FLORENCIO DE
CAMARGO, RENOMEADO HISTORIADOR
ECLESIASTICO.

1º — DOM BERNARDO RODRIGUES NOGUEIRA —
1746/1748

É incerta a data do nascimento de Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, primeiro Bispo de São Paulo, português de nascimento,

bacharel por Coimbra. Foi eleito Bispo de São Paulo quando exercia o cargo de Vigário Geral em Braga. Foi confirmado pelo Papa a 15 de dezembro de 1745, tomando posse por procuração a 7 de agosto de 1746. Sua entrada solene na cidade deu-se no dia 8 de dezembro de 1746. Organizou o Cabido Metropolitano, impulsionou as obras da Sé, enviou missionários com a finalidade de preparar suas visitas pastorais. Faleceu a 7 de novembro de 1748, quando iria iniciar essas visitas. Impressionou pela santidade de sua vida.

2º — DOM FREI ANTONIO DA MADRE DE DEUS GALVÃO — 1750/1764

Franciscano, lisboeta, foi nomeado 2º Bispo de São Paulo em 24 de novembro de 1749. O Papa Bento XIV confirmou sua indicação pelo monarca português, em 17 de março de 1750. Tomou posse, também, por procuração, em 18 de outubro de 1750, tendo sua solene entrada na Sé, no dia 28 de junho de 1750. Deu prosseguimento às obras da Catedral, iniciou a construção do Palácio Diocesano, falecendo em 19 de março de 1764.

3º — DOM FREI MANOEL DA RESSURREIÇÃO — 1771/1789

O terceiro Bispo de São Paulo, também foi escolhido na Ordem de São Francisco: DOM FREI MANOEL DA RESSURREIÇÃO, nascido em Lisboa, como seu antecessor. Eleito aos 54 anos de idade pelo Papa Clemente XIV, foi sagrado em 29 de outubro de 1771, tomando posse pelo procurador Côn. Antonio de Toledo Lara, em 17 de julho de 1772. Deu maior impulso às obras da Sé, formou o Seminário Episcopal e publicou importante relatório da Diocese no ano de 1777. Faleceu no dia 21 de outubro de 1789, depois de 17 anos de fecundo pastoreio.

4º — DOM FREI MIGUEL DA MADRE DE DEUS — 1790

Nomeado 4º Bispo de São Paulo, nem chegou a tomar posse. Renunciou ao Bispado, sendo posteriormente promovido a Arcebispo de Braga.

5º — DOM MATEUS DE ABREU PEREIRA — 1796/1824

Dom Mateus, nascido em 8 de agosto de 1742, na ilha de Funchal, foi nomeado 5º Bispo de São Paulo. Nomeado Regente em nome da Rainha Dona Maria I, no dia 2 de agosto de 1794, foi confirmado pelo Papa Pio VI em 16 de julho de 1794. O Arcipreste

Paulo de Souza Rocha foi credenciado seu procurador para a posse, em março de 1796. Em 31 de maio Dom Mateus de Abreu Pereira entrava efetivamente em sua sede episcopal. Atuou não apenas na vida religiosa de São Paulo mas, também, na política nacional, inclusive nos pródromos da independência. Faleceu no dia 5 de maio de 1824.

6º — DOM MANOEL JOAQUIM GONÇALVES DE ANDRADE — 1827/1847

O 6º Bispo diocesano de São Paulo foi DOM MANOEL JOAQUIM GONÇALVES DE ANDRADE, da ilha da Madeira. Formado em cânones pela Universidade de Coimbra, foi eleito Bispo de São Paulo no dia 13 de outubro de 1826, confirmado por Leão XII em 30 de maio de 1827. Foi, pela primeira vez no caso de um Bispo de São Paulo, sagrado no Brasil, no Rio de Janeiro. Mesmo assim tomou posse por procuração. Em 23 de dezembro de 1827 já se encontrava em sua sede, tendo tomado parte na administração pública, em diversas legislaturas. Veio a morrer no dia 26 de maio de 1847, depois de 20 anos de pastoreio.

7º — DOM ANTONIO JOAQUIM DE MELLO — 1852/1861

Nascido em 29 de setembro de 1791, na cidade de Itu, Estado de São Paulo, Dom Antonio Joaquim de Mello foi o primeiro Bispo de São Paulo, brasileiro e paulista. Indicado por Dom Pedro II, foi confirmado por Pio IX em 14 de março de 1852, sendo sagrado na cidade do Rio de Janeiro em junho do mesmo ano. No dia 3 de agosto já tomava posse da diocese, transformando-se num dos maiores Bispos de São Paulo e do Brasil. Visitou quase toda a diocese, então compreendendo quatro Estados, incluindo lugares que não viam seu Bispo há 56 anos. Fundou o Seminário da Luz, para a formação do clero, e dois importantes Colégios para moças e rapazes. Faleceu em sua cidade natal, no dia 16 de fevereiro de 1861.

8º — DOM SEBASTIÃO PINTO DO REGO — 1862/1868

DOM SEBASTIÃO PINTO DO REGO foi o 8º Bispo de São Paulo. Nascido em Angra dos Reis, foi nomeado pelo Papa Pio IX em 4 de outubro de 1861, também depois de sua indicação pelo Imperador. Sagrou-o o Internúncio Dom Mariano F. Antonacci, na cidade de Petrópolis. Tomou posse por seu procurador Côn. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, em 10 de junho de 1862. Morreu em 30 de abril de 1868.

9º — DOM LINO DEODATO RODRIGUES DE CARVALHO — 1873/1894

DOM LINO DEODATO RODRIGUES DE CARVALHO, 9º na série dos Pastores de São Paulo, era cearense de São Bernardo das Russas. Pio IX confirmava sua indicação em 28 de julho de 1872. O Côn. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade foi seu procurador na posse, em 6 de janeiro de 1873. Sua entrada solene deu-se em 29 de junho de 1873. Coube-lhe o privilégio de abençoar o novo Santuário de Aparecida. Promoveu o Sínodo Diocesano em janeiro de 1888. Veio a falecer já no Brasil República, em 19 de agosto de 1894.

10º — DOM JOAQUIM ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI — 1894/1897

10º na série dos Bispos paulistanos, DOM JOAQUIM ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI nasceu na Fazenda do Fundo, Pernambuco, município de Cimbres, em 17 de janeiro de 1850. Antes foi nomeado Bispo de Goiás, sagrado no ano de 1890 em Roma, pelo Cardeal Rampola. Renunciando aquela diocese, foi nomeado Coadjutor de São Paulo, com direito à sucessão, passando a governá-la com o afastamento de Dom Lino, por motivo de doença. Sua posse deu-se em 30 de setembro de 1894. Em 1897 foi transferido para o Rio de Janeiro, sendo eleito *primeiro Cardeal brasileiro e da América do Sul no ano de 1905*. Faleceu em 18 de abril de 1930. Exerceu o pastoreio em São Paulo durante 5 anos.

11º — DOM ANTONIO CANDIDO DE ALVARENGA — 1899/1903

DOM ANTONIO CANDIDO DE ALVARENGA, nascido em 22 de abril de 1836, na cidade de São Paulo. Ordenado por Dom Antonio Joaquim de Mello, em Itú, foi eleito Bispo do Maranhão, no ano de 1876, e daí transferido para São Paulo, onde tomou posse solene em 25 de março de 1899. Governou o bispado até 1º de abril de 1903.

12º — DOM JOSÉ DE CAMARGO BARROS — 1903/1906

DOM JOSÉ DE CAMARGO BARROS, natural de Indaiatuba, Estado de São Paulo, nascido em 6 de setembro de 1859, foi ordenado presbítero por Dom Lino Deodato, tendo sido Vigário de Santa Ifigênia. Em 16 de janeiro de 1894, o Papa Leão XIII o nomeava Bispo de Curitiba, donde foi transferido para São Paulo

em 9 de novembro de 1903. Faleceu no naufrágio do vapor Sírio, absolvendo seus colegas de infortúnio, em 4 de agosto de 1906. Foi o último da série dos Bispos de São Paulo, já que seu sucessor seria seu primeiro Arcebispo.

* * *

OS ARCEBISPOS DE SÃO PAULO

1º — DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA — 1907/1938

No início deste século São Paulo já era uma cidade em franco progresso, com seus 200 mil habitantes. Eram evidentes os sinais que prenunciavam seu extraordinário desenvolvimento. Para sua sede episcopal, já uma das mais importantes do país, foi eleito DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA, nascido em Taubaté, no dia 4 de abril de 1867, filho de Bernardo Leopoldo e Silva e Ana Rosa Marcondes Leopoldo e Silva. Ordenado presbítero em 30 de outubro de 1892, era eleito Bispo de Curitiba em 9 de novembro de 1903, depois de fecundo paroquiato em Santa Cecília. Sua transferência para São Paulo deu-se no ano de 1907. *Tornou-se seu primeiro Arcebispo* em 7 de junho de 1908, quando a diocese, que coincidia com o Estado de São Paulo, foi desmembrada em 5 dioceses e sua sede elevada à categoria de Arquidiocese. Iniciou a construção da Catedral gótica atual, notabilizou-se por seus dotes estilísticos e oratórios, por seu zelo pastoral e pela fundação da Liga das Senhoras Católicas. Faleceu em 13 de novembro de 1938.

2º — DOM JOSÉ GASPAR DE AFFONSECA E SILVA — 1939/1943

DOM JOSÉ GASPAR DE AFFONSECA E SILVA, 2º Arcebispo de São Paulo, era natural de Araxá, Minas Gerais. Recebeu a sagrada ordem do presbiterato em 12 de agosto de 1923. Em 23 de fevereiro de 1935 era eleito Bispo Auxiliar de Dom Duarte, sagrado por ele em 28 de abril de 1935, na Igreja de Santa Cecilia. Nomeado seu sucessor em 29 de julho de 1939, teve sua posse solene em 17 de setembro de 1939. Notabilizou-se com a realização do IV Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo, no ano de 1942. As esperanças que nele repousavam, de um longo e fecundo episcopado, foram tolhidas em decorrência de fatal acidente aviatório, no dia 27 de agosto de 1943. Toda São Paulo chorou sua irreparável perda.

3º — CARDEAL DOM CARLOS CARMELO DE VASCONCELOS MOTTA — 1944/1964

Na pessoa de DOM CARLOS CARMELO DE VASCONCELOS MOTTA, São Paulo teria seu 3º Arcebispo Metropolitano e seu *primeiro Cardeal*. Nasceu em Mariana, Minas Gerais, em 16 de julho de 1890. Recebeu o sacerdócio em 29 de junho de 1918. Em 1932 foi eleito Bispo Auxiliar de Diamantina e em 1935, Arcebispo de São Luis do aranhão. O Papa Pio XII o transferiu para a sede arquiepiscopal de São Paulo em 13 de agosto de 1944. Sua posse foi feita por procuração concedida a Mons. José Maria D. Monteiro. Sua entrada solene deu-se em 18 de novembro de 1944. Sua eleição para o Sacro Colégio Cardinalício deu-se em fevereiro do ano de 1946. Durante seus 20 anos de pastoreio terminou a construção da nova Sé Metropolitana, fundou a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, organizou os quadros da Ação Católica, multiplicou as paróquias da Arquidiocese, iniciou a construção da nova Basílica Nacional de Aparecida. A pedido, o Papa Paulo VI transferiu S. Emcia. para a sede arquidiocesana de Aparecida, onde preside ao desenvolvimento espiritual da Cidade-Santuário.

4º — CARDEAL DOM AGNELLO ROSSI — 1964/1970

Ao Eminente Cardeal Motta sucedeu, a 1º de novembro do ano de 1964, o então Arcebispo de Ribeirão Preto, DOM AGNELLO ROSSI. Nascido em 4 de maio de 1913, em Joaquim Egídio, município de Campinas, o 4º Arcebispo Metropolitano de São Paulo foi ordenado presbítero no ano de 1937, e sagrado Bispo da Barra do Piraí no ano de 1956. Transferido para Ribeirão Preto no ano de 1962, Dom Agnello Rossi foi eleito Arcebispo de São Paulo pelo Papa Paulo VI, em 1º de novembro de 1964. No ano de 1965 foi elevado ao cardinalato. Em 20 de outubro de 1970 o Santo Padre o nomeou Prefeito da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, no Vaticano, cargo de alto nível que, pela primeira vez, vem sendo ocupado por um prelado brasileiro e latino-americano.

Na Arquidiocese de São Paulo Dom Agnelo Rossi promoveu a integração dos vários grupos nacionais estrangeiros radicados na Metrópole, fundou o Instituto Paulo VI, dividiu a Arquidiocese em 6 Regiões Episcopais, recebeu 5 Bispos Auxiliares, multiplicou o número de Paróquias, organizou o Instituto "Mater Ecclesia", a Cáritas Arquidiocesana, criou o centro de Informações Ecclésia,

traçou rumos planejados para a Pastoral Arquidiocesana, incentivando um sem número de obras de religião, educação e caridade.

5º — CARDEAL DOM EVARISTO ARNS — 1970

DOM PAULO EVARISTO ARNS, franciscano, é o 5º e atual Arcebispo de São Paulo. Nascido em Forquilhinha, município de Criciúma, Estado de Santa Catarina, em 14 de setembro de 1921, S. Eminência foi ordenado presbítero no dia 30 de novembro de 1945 e eleito Bispo Auxiliar de São Paulo em 2 de maio de 1966. Atuou intensamente como Vigário Episcopal da Região Norte de São Paulo, sendo designado sucessor de Dom Agnelo Rossi em 20 de outubro de 1970. Sua posse solene como Arcebispo deu-se em 1º de novembro de 1970. No ano de 1973 o Santo Padre Paulo VI o elevou à dignidade cardinalícia. Diplomado em Letras pela Sorbone de Paris, S. Emcia. exerceu o magistério superior em Bauru e Petrópolis, cidades em que provou, também, seu zelo no ministério sacerdotal, especialmente junto às populações mais humildes. É autor de 22 livros, além de tradutor (5 já traduzidos) e comentarista de outros.

À frente da Arquidiocese de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns reorganizou o Governo Arquidiocesano, criou várias paróquias territoriais, ambientais e pessoais, dinamizou todos os setores da Pastoral Arquidiocesana, transferiu para a nova e mais funcional sede a Cúria Metropolitana, consolidou o Instituto Paulo VI, desenvolveu a Pastoral dos Meios de Comunicação Social, criando, inclusive, uma Vigararia para os MCS, instituiu a visita semanal às várias Paróquias Congregações Religiosas e Instituições das Regiões Episcopais, iniciou a colaboração da Arquidiocese no plano de entreajuda entre "Igrejas-Irmãs", com a prelazia amazônica de Itacoatiara, planejou e vem realizando a "Operação Periferia". Com o incentivo de S. Emcia. a Arquidiocese vem sendo encaminhada em rumos de desmembramento em várias Dioceses interdependentes.

O Sr. Cardeal é Membro do Secretariado do Vaticano para os Não-Crentes, e da Sagrada Congregação dos Sacramentos e Culto Divino.

Em São Paulo, é Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica e Presidente da Comissão Representativa dos Bispos do Estado.

Em 22 de maio de 1977, recebeu o Título de Doutor "Honoris Causa" em Lei na Universidade de Notre Dame, South Bend, Indiana, Estados Unidos.

Sua atuação pastoral atualmente vem sendo dirigida para os quatro campos que se tornaram prioritários na Arquidiocese:

- Comunidade Eclesiais de Base
- Mundo do Trabalho
- Periferia
- Direitos Humanos e Marginalizados

A administração de D. Paulo Evaristo Arns à frente da Arquidiocese tem sido marcada por grandes realizações no campo da promoção humana e em todos os setores da Igreja.

CAPÍTULO XIX

NOMES ANTIGOS E ATUAIS DE RUAS CITADAS NESTA OBRA

ANTIGOS

- Rua da Imperatriz (antes Rua do Rosário)
- Rua do Imperador (antes Rua São Gonçalo)
- Rua Capitão Salomão (antes Rua da Esperança)
- Travessa da Sé
- Rua da Princeza (antes Rua Jogo da Bola)
- Rua do Príncipe (antes Rua Cruz Preta)
- Rua da Fundição
- Rua Conde D'Eu
- Campo da Força
- Pateo do Collegio (depois Largo do Palácio)
- Largo do Pelourinho
- Travessa do Padre Capão (antes Rua do Mexia)
- Pateo da Cadeia (antes Largo Municipal)
- Rua da Polvora
- Campo da Polvora
- Rua do Cemitério
- Rua da Santa Casa
- Rua da Freira
- Largo do Capim

ATUAIS

- Rua 15 de Novembro
- Rua Marechal Deodoro (hoje Praça da Sé, lado direito)
- Praça da Sé (lado esquerdo)
- Rua Wenceslau Braz
- Rua Benjamim Constant
- Rua Quintino Bocaiúva
- Rua Floriano Peixoto
- Rua General Glicério
- Largo da Liberdade
- Pátio do Colégio (de 1932 a 1934 foi Praça João Pessoa)
- Largo 7 de Setembro
- Rua Barão de Paranapiacaba
- Praça João Mendes
- Rua da Liberdade
- Largo da Pólvora
- Rua da Glória
- Rua Riachuelo
- Rua Senador Feijó
- Largo do Ouvidor

ANTIGOS

- Rua do Ouvidor
- Rua das Casinhas (antes R. do Palácio)
- Trav. do Palácio (antes travessa do Colégio)
- Rua do Comércio
- Beco do Inferno
- Beco da Cachaça
- Rua do Cotovelo
- Travessa do Grande Hotel (antes Beco da Lapa)
- Rua São José
- Beco das Barbas
- Rua da Boa Morte
- Rua do Carmo (parte da rua)
- Rua das Flores
- Travessa das Flores
- Travessa das Carmelitas
- Travessa do Hospício
- Rua do Hospício
- Ladeira do Carmo e Largo do Carmo (antes Esplanada do Carmo)
- Rua do Trem
- Rua do Quartel
- Ladeira do Piques
- Ladeira Santo Antonio
- Largo 7 de abril (antes Campo dos Curros)
- Rua da Palha
- Rua do Curvo
- Rua Alegre (depois do Seminário)
- Campo Redondo
- Largo do Rosário
- Ladeira do Acu

ATUAIS

- Rua José Bonifácio
- Rua do Tesouro
- Rua Anchieta
- Rua Álvares Penteado
- Travessa do Comércio
- Rua da Quitanda (parte da rua)
- Rua da Quitanda (parte da rua)
- Rua Miguel Couto
- Rua Libero Badaró
- Ladeira Porto Geral
- Rua do Carmo
- Rua Roberto Simonsen
- Rua Silveira Martins
- Rua das Flores
- Rua Agassiz
- Rua Nioac
- Rua Frederico Alvarenga
- Avenida Rangel Pestana (início da avenida)
- Rua Anita Garibaldi
- Rua Irmã Simpliciana e Rua 11 de Agosto
- Rua Quirino de Andrade
- Ladeira Dr. Falcão Filho
- Praça da República
- Rua 7 de Abril
- Rua do Seminário
- Rua Brigadeiro Tobias
- Largo dos Guianases
- Praça Antônio Prado
- Trecho da Praça Antonio Prado até a Rua Libero Badaró (hoje início da Avenida São João)

A N T I G O S

— Rua do Curral
— Rua do Piques
— Rua do Paredão
-- Rua São João Baptista
— Rua do Hospital
— Rua da Constituição (antes Rua
da Figueira)
— Rua do Tanque
— Rua da Estação
— Campo da Luz (antes Comercio
da Luz)

A T U A I S

— Rua de Santo Amaro
— Rua da Consolação
— Rua Xavier de Toledo
— Avenida São João
— Praça do Correio
— Rua Florêncio de Abreu
— Rua Visconde do Rio Branco
— Rua Mauá
— Avenida Tiradentes

CAPÍTULO XX

PAULO COCHRANE SUPLICY

Feriu-nos intensamente a triste notícia do falecimento do nosso querido amigo, Prior Jubilado desta Ordem Terceira, o Irmão Paulo Cochrane Suplicy, ocorrido no dia 27 de janeiro de 1977.

Pertencente a uma das mais conceituadas famílias de São Paulo, casado com a nossa dileta Irmã Filomena Matarazzo Suplicy, pai e esposo exemplar, irmão de pessoas de destaque da sociedade paulista, Paulo Suplicy era largamente estimado por suas qualidades de espírito público, de inteligência e coração. A sua morte deixou uma grande saudade entre seus amigos e admiradores.

A fim de prestar-lhe merecida homenagem póstuma, a Mesa Administrativa reuniu-se em sessão extraordinária no dia 30 de janeiro, cuja ata transcrevemos "ipsis litteris":

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA MESA ADMINISTRATIVA DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO EM HOMENAGEM PÓSTUMA AO PRIOR JUBILADO COMENDADOR PAULO COCHRANE SUPLICY

Aos trinta dias do mês de janeiro do ano mil novecentos e setenta e sete, realizou-se na Sala Monsenhor Manfredo Leite a sessão extraordinária da Mesa Administrativa da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, sob a presidência do Irmão Prior Dr. Raul Leme Monteiro, com a presença dos CC Irmãos Mesários: Procurador Geral, Dr. Nelson Carvalho; Tesoureiro, Sr. Alvaro Pinto de Aguiar; Secretário, Dr. Nelson de Mello Malheiro; Mestre de Noviços, Dr. Alcides

Ribeiro de Abreu e com a assistência do Revmo. Padre Diretor Cônego José Pascoal Christofaro. Havendo número legal, a sessão foi aberta às 10,00 horas com as orações habituais.

O Irmão Prior Dr. Raul Leme Monteiro comunicou aos Irmãos mesários presentes que convocou esta reunião extraordinária para o fim especial de prestar uma derradeira homenagem ao querido e saudoso Prior Jubilado Comendador Paulo Cochrane Suplicy falecido no dia 27 último em sua residência, rodeado pela sua esposa, nossa Irmã Filomena Matarazzo Suplicy, filhos e netos, e confortado pelos Santos Sacramentos ministrados pelo nosso Diretor Espiritual Cônego José Pascoal Christofaro. A seguir o Irmão Prior pronunciou algumas palavras que, em resumo, foram as seguintes:

"Paulo Suplicy passou a vida fazendo o bem; foi sempre benquisto e admirado por todos que o conheceram; o seu nome foi sempre evocado para exemplificar um coração de ouro, um espírito superior; por suas qualidades e virtudes Paulo granjeou uma legião interminável de diletos amigos e admiradores; Paulo Suplicy tinha uma fisionomia que exprimia bondade; ter a Ordem Paulo Suplicy como integrante da Mesa Administrativa e nós tê-lo como seus companheiros e grandes amigos foi um privilégio, uma honra.

Durante 34 anos Paulo Suplicy serviu na Mesa Administrativa com dedicação e carinho, sendo de 1970 a 1974, no cargo de Prior, o que lhe valeu o título de Prior Jubilado e Benfeitor desta Ordem.

O "curriculum vitae" de Paulo Suplicy nesta Ordem é o seguinte:

- a 16 de julho de 1939 ingressou no Noviciado
- a 16 de julho de 1940 foi recebido à Profissão

Foi eleito e exerceu os seguintes cargos:

- DEFINIDOR — 1943/1945 reeleito 1945/1947
- 2º MESTRE DE NOVIÇOS — 1947/1949 — 1949/1951 — 1951/1953
- DEFINIDOR — 1953/1955 — 1955/1957
- 2º MESTRE DE NOVIÇOS — 1957/1960 — 1960/1962
- 1º MESTRE DE NOVIÇOS — 1963/1966 — 1967/1969
- PRIOR — 1970/1972 — 1973/1974 — PRIOR JUBILADO
- CONSELHEIRO — 1975/1976
- CONSELHEIRO Reeleito — 1977/1978 — (até 27.01.1977).

Este foi o currículo, a brilhante trajetória de Paulo Suplicy nesta Ordem.

Passam os anos, passa o tempo, tudo passa, mas não passa da nossa memória o ente querido que foi Paulo Suplicy".

Após pronunciar estas palavras o Dr. Raul propôs e a Mesa Administrativa resolveu que fosse celebrada uma Missa no próximo sábado, dia 5, às 9,30 horas, em nossa Igreja, oficiando-se à sua dileta esposa nossa Irmã Filomena Matarazzo Suplicy, manifestando-lhe nossos profundos sentimentos; foi designado o CC. Irmão Álvaro Pinto de Aguiar para, durante a Missa, proferir o panegírico sobre Paulo Suplicy.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão com as orações habituais; e para constar, eu, Nelson de Mello Malheiro, Secretário, mandei lavrar esta ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por todos os Irmãos e por mim Secretário. São Paulo, 30 de janeiro de 1977.

- as.) Cônego José Pascoal Christofaro
- as.) Dr. Raul Leme Monteiro
- as.) Dr. Nelson Carvalho
- as.) Dr. Alcides Ribeiro de Abreu
- as.) Sr. Álvaro Pinto de Aguiar
- as.) Dr. Nelson de Mello Malheiro

No dia 5 de fevereiro, sábado, o Cônego José Pascoal Christofaro celebrou a Missa de 7º dia no altar-mor, ocasião em que pronunciamos algumas palavras sobre Paulo Suplicy, e lemos a ata que acabamos de transcrever. Em seguida o nosso CC. Irmão Álvaro Pinto de Aguiar, designado pela Mesa Administrativa, proferiu a seguinte oração a Paulo Suplicy:

"Caríssimos Irmãos

Paulo Suplicy já não existe!

Como proferir estas palavras, atentar-lhe no significado, sem sentir o coração cheio de amargura? Conquanto a nossa fé cristã nos dê a certeza de que ele revive na paz divina, descansa sob o olhar de Deus e da Virgem Senhora do Carmo, não podemos deixar de sentir a amplitude, a profundezas do vazio que ele deitou. Todos nós, seus amigos, fazemos o silêncio do recolhimento, no qual viverá sua memória, será lembrado seu nome e evocada a sua vida, em meio a uma imensa saudade.

Nasceu Paulo Suplicy em Santos, a 18 de agosto de 1896, no seio de uma família eminentemente católica. Ainda menino, o pai mandou-o a estudar na Inglaterra. Voltou de lá com 17 anos, em virtude de agravamento do estado de saúde de sua mãe, D. Besita, a quem ele adorava. Começou logo a trabalhar na firma que o pai fundara em Santos em 1870 — o Escritório Suplicy — onde veio depois a ocupar o cargo de diretor responsável. Mais tarde fundou o Escritório Suplicy de São Paulo, cerca de dois anos antes de seu casamento com D. Filomena. Paulo jamais deixou de bendizer o destino que lhe encaminhou os passos de enamorado em tão feliz direção. Esposa e mãe amantíssima, com sua bondade e seu encanto, D. Filomena fez da vida de Paulo um contínuo enlevo. Os influxos cristãos habitaram seu lar, estreitando esses dois corações nos mais puros sentimentos de uma fidelidade jamais abalada pela mais leve sombra de desarmonia.

Paulo Suplicy entrou para a Mesa Administrativa desta Ordem Terceira em 1943, tendo sido eleito Prior para o período de 1971/72 e reeleito para o de 1973/74. Prior jubilado, continuou ainda a prestar serviços como membro da Mesa Administrativa, desdobrando-se em esforços profícuos e iniciativas úteis e proveitosas. Compreendia que a vida para ser realmente grande e verdadeira não pode renunciar à claridade e ao calor que dimana na fé, a força das forças, o ideal dos ideais. Ao ser eleito Prior, disse-nos ter sido aquele o dia mais feliz de sua vida, pois sempre desejara exercer esse cargo, em memória de sua mãe, que havia sido Priora da Ordem Terceira do Carmo de Santos. Era membro também da Ordem Equestre do Santo Sepulcro, no grau de Comendador. Inúmeras foram as entidades de benemerânciam a que pertenceu e a que se dedicou com frande devotamento.

Todavia, a menina dos seus olhos, a obra a que se consagrava com verdadeiro orgulho era a Fundação Casa do Pequeno Trabalhador, cuja Presidência exerceu até o fim de seus dias. Recebeu-a de sua saudosa fundadora Sylverinha Adrien, cuja memória jamais deixou de cultuar.

A luta heróica de Paulo Suplicy, com sacrifício de seu conforto, dos interesses particulares, da própria saúde, em prol desta Fundação não pode ser contida em breves palavras. Sua abnegação e entusiasmo eram contagiantes;

a fisionomia se lhe transformava ao falar do problema do menor carente de recursos e a voz adquiria o vigor e a veemência da do jovem sincero e bom que nunca deixou de ser. Esse problema empolgava-o, apaixonava-o. Obstáculos nada podiam contra a rocha da eterna mocidade de seu espírito. Como todos os homens puros, os santos e os heróis, tinha a alma transbordante de alegria. Muitas vezes o vimos sério, nunca triste.

Seu fim foi como o havia desejado. Nos últimos instantes, o mármore de sua palidez tornara-se marfim. Mas não ansiava, não ofegava. Olhou para a sua querida Mena, como carinhosamente a chamava, e num murmúrio pediu-lhe um beijo. O último. Depois, com voz cada vez mais fraca, pediu também aos filhos que o beijassem. Todos estavam presentes. O rosto iluminou-se-lhe depois num sorriso; quis falar, não pôde. Pediu, por gestos, papel e lápis e, com grande dificuldade, auxiliado pelos filhos, rabiscou algo numa letra miúda que, na ocasião, ninguém conseguiu ler. Toda a família ali reunida pôs-se a rezar. Paulo sorriu ainda uma vez e fechou os olhos. Deixou esta vida como vivera, sem um ai, sem uma queixa.

Alguém da família procurou, então, com o auxílio de uma lente, decifrar o que ele havia rabiscado no papel. E conseguiu, finalmente, ler estas palavras, que bem lhe demonstram a fé no poder da oração: "Vamos rezar".

É fácil imaginar a satisfação, a alegria que aquela alma sentiu ao receber do Supremo Criador a recompensa pelo bem que espalhou durante a vida, ao contemplar, antes de cerrar os olhos, no último lampejo, a árvore frondosa de sua família toda ali reunida em seu redor.

Neste instante, vem-nos à lembrança um trecho de "Surrexit", do grande Rui Barbosa:

"Ressurgir! Digam aqueles que têm amado, e sentiram a sombra da agonia projetar-se no semblante de um ente estremecido, qual a impressão que transpassava o seio nesses momentos de infinita amargura. Digam os que fecharam os olhos a seus pais, a seus filhos, a seus esposos. Digam os que já viram apagar numa cabeça inclinada para a terra a beleza, o gênio, o heroísmo, ou o amor. Digam os que assistiram, regalados, ao assentar da última pedra sobre o ataúde de um coração, pelo qual dariam o seu. Digam que outra cousa é, nesses transes,

a vibração do peito despedaçado, senão esta: o sentimento da perda irreparável. Quem, senão Deus mesmo, nesse soçobro final de todas as esperanças, poderia evocar ao abismo taciturno, onde só se ouve o cair da terra sobre os mortos, esta alegria, este alvorço, este azul, esta irradiação resplandecente, este dia infinito, a ressurreição? Ressurgir! Deus nosso, tú só poderias ser o poeta desse cântico, mais maravilhoso que a criação inteira: só tú poderias extrair, da angústia de Getsêmani e das torturas do Golgota a placidez, a transparência, a segurança deste consolo, dos teus espinhos esta suavidade, dos teus cravos esta carícia, da mirra amarga este favo, do teu abandono este amparo supremo, do teu sangue vertido a reconciliação com o sofrimento, a intuição das virtudes benfazejas da dor, o prazer inefável da clemência, divino sabor da caridade, a prelibação da tua presença nesta alvorada, o paraíso da ressurreição.

E por sobre o futuro, que há de ser a tua glorificação, na voz das criaturas e dos céus se ouvirão para sempre os hosanas do teu triunfo: Ressurgiu!"

Caríssimos Irmãos:

Toda a serenidade, todo o vigor da fé inquebrantável de Paulo Suplicy devem tê-lo feito vislumbrar, no último instante, o horizonte da ressurreição, recompensa suprema para quem sempre teve no coração de eleito a bondade, o amor, a unção de um verdadeiro santo!"

CAPÍTULO XXI

DR. JOSÉ MARIA WHITAKER

Scom sincero jubilo e muita satisfação que dedicamos um capítulo especial a esse ilustre brasileiro e Irmão da nossa Ordem Terceira do Carmo, que no dia 20 de maio do próximo ano de 1978 completaria o centenário de seu nascimento.

O Dr. José Maria Whitaker foi um homem dotado de um notável espírito público, que passou a vida servindo a Deus, à Igreja, a São Paulo e ao Brasil, com a sua conhecida humildade, pelo que recebeu inúmeros títulos de benemerência. Um grande, livro seria pequeno para elaborar com fidelidade e precisão uma biografia à altura de seus méritos. Vamos contudo, citar resumidamente alguns dados biográficos e mencionar fatos marcantes da vida desse Terceiro Carmelita que foi tido como o maior economista de seu tempo.

O Dr. José Maria Whitaker nasceu em São Paulo, no dia 20 de maio de 1878, filho de Firmino Antonio da Silva Whitaker (falecido a 29.3.1903) e de D. Guilhermina Flora dos Anjos (falecida a 2.2.1886). Estudou no Externato Araujo e Externato Santo Antonio. Com apenas 18 anos bacharelava-se, em 1896, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, do Largo de São Francisco. Nesse mesmo ano, em Campinas, por ocasião do sepultamento do compositor e maestro Carlos Gomes, foi orador oficial dos estudantes de direito.

Casou-se em São Paulo (Liberdade) no dia 4 de dezembro de 1897, com D. Amelia Peres, filha de Lino Gonçalves Peres, diretor do Tesouro Paulista, e de D. Antonia Amelia de Araujo Peres. O casal foi abençoado; como ornamento do lar privilegiado mor Deus, teve catorze filhos que, somados a netos e bisnetos, perfazem hoje mais de trezentas pessoas; talvez a maior clã do Brasil. Seus ilustres filhos, Dr. José Guilherme Whitaker, Dr. Emanuel Whitaker e Dr. Firmino Whitaker, estudaram e se formaram no

Colégio do Carmo da nossa Ordem Terceira. Foi pai e marido exemplar. "Devo aos meus filhos tudo o que sou," dizia sempre o Dr. Whitaker; "eles ampliaram em mim o sentimento de responsabilidade". Referindo-se à sua modelar esposa, Gondin da Fonseca escreveu: "D. Amelia soube conservar-se encantadora até a morte, e soube mais ainda encher de ternura, de conforto espiritual, de luz de beleza, o lar populoso dos Whitaker".

Era Irmão do Desembargador Arthur Cesar Whitaker e do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Firmino Antonio Whitaker, que foi Prior da nossa Ordem Terceira do Carmo nas gestões de 1913/1914, 1915/1916 e 1919/1920; nesta última foi que o Dr. Firmino deu posse, no dia 25 de julho de 1920, ao novo Comissário da Ordem, o então Cônego Manfredo Leite, em substituição ao Monsenhor Camilo Passalacqua que havia falecido no dia 12 do mês anterior.

Logo depois de formado, o Dr. José Maria Whitaker iniciou sua carreira profissional abrindo escritório de advocacia na comarca de Espírito Santo do Pinhal, onde ganhou dinheiro suficiente para, poucos anos depois, estabelecer-se em Santos, com casa comissária de café, em sociedade com dois amigos: Dr. Francisco de Azevedo Bonfim e Constantino Panayoti; em 1907 a sociedade foi modificada, saindo esses dois sócios, e ingressando o Dr. Frederico de Barros Brotero e seu irmão João, passando o nome para Whitaker, Brotero e Cia., que durou até 1931, quando foi dissolvida. Foi Presidente da Associação Comercial de Santos.

No dia 20 de maio de 1905 ingressou na Ordem Terceira do Carmo, professou no dia 16 de julho de 1906, e no dia 15 de outubro de 1906 era eleito Definidor da Mesa Administrativa, cargo que ocupou até 14 de outubro de 1909.

Em 1912 fundou o Banco Comercial do Estado de São Paulo com o Dr. Erasmo Assumpção e o Coronel José Paulino Nogueira.

Empossado na Presidência da República, Epitacio Pessoa nomeou o Dr. José Maria Whitaker, no dia 15 de dezembro de 1920, para o cargo de Presidente do Banco do Brasil, em substituição ao Dr. Cardoso de Almeida, onde exerceu a mais profícua administração, o que lhe valeu, na época, ser reconhecido como um homem de alta visão de banqueiro e financista que só aparece cada cem anos. Foram as pedras angulares de seus magníficos alicerces: a Carteira de Emissão e Redesccontos, a Reforma dos Estatutos, a Elevação do Capital do Banco, a Câmara de Compensação de Cheques e a Carteira de Crédito Agrícola. As ações do Banco dobraram de valor em menos de dois anos.

Gondin da Fonseca, no seu esplêndido livro "JOSÉ MARIA WHITAKER, O Patriarca dos Bancos Nacionais", 3^a edição de



Dr. JOSÉ MARÍA WHITAKER

1969, a fls. 17, escreveu: "Dizia Lauro Müller que Deus era brasileiro. Não sei se ainda o é. Mas foi-o em 1920 quando o Presidente da República Epitácio Pessoa pôs José Maria Whitaker no comando da galera meio adernada que se chamava Banco do Brasil."

Na revista "O Cruzeiro", de 10 de fevereiro de 1968, o Dr. Whitaker prestava o seguinte esclarecimento, a respeito de sua atuação no Banco do Brasil:

"Nos últimos dias de dezembro de 1920, na cauda do orçamento da Marinha, último, então, a ser aprovado, instituiu-se no Banco do Brasil a Carteira de Redescontos. Posta imediatamente em funcionamento, foi o eixo da transformação do Banco do Brasil, de banco de segunda ordem, em principal banco do país, e a causa, também, do fortalecimento dos bancos nacionais, até então preteridos pelos estrangeiros, por faltar-lhes, na eventualidade de uma crise, socorro pronto como teriam esses (os bancos estrangeiros) em suas matrizes".

Referindo-se a esse esclarecimento do Dr. Whitaker, Gondin da Fonseca, a fls. 24 do seu citado livro acrescentou:

"Explico ao leitor menos versado em minudências bancárias: antes de Whitaker, estabelecimento algum nacional de crédito podia crescer, por carência absoluta de recursos prontos. Descontava uma letra a noventa dias — digamos — e tinha que ficar esperando esses noventa dias para receber o que emprestara, não raro em prestações de vinte por cento. Os bancos ingleses, não! Esses descontariam os títulos que quisessem porque, filiados aos "Big Five" de Londres (os cinco maiores bancos do mundo, na época), disporiam de auxílio imediato em qualquer circunstância. Fundada a Carteira de Redescontos, ela substituía, para os estabelecimentos de crédito indígenas, a caixa inesgotável dos "Big Five". Só depois de Whitaker é que houve bancos nacionais fortes e que os Taylor, os Pryor, os Robertson baixaram a crista. Lembrem-se disto os bancos de Minas, os de São Paulo, os do Rio Grande do Sul, os de todo o Brasil. Foi Whitaker, esse jovem de 90 anos (cumpridos a 20 de maio de 1968), o instigador da formação de um capitalismo nacional e o divulgador, pelo exemplo, da teoria certa de que, sem boa rede bancária, país algum pode prosperar. A função social dos bancos, ele a compreen-

deu e a pregou quando ninguém nela acreditava entre nós. Viu que, sem um Banco do Brasil forte, nenhum outro seria forte.

Daí a campanha impiedosa desencadeada na imprensa contra Epitácio. Enquanto o seu nacionalismo irritava os portugueses por ninharias (como o caso da nacionalização da pesca), ninguém chiou na imprensa, afora João do Rio. Mas quando os magnatas dos bancos forâneos se viram acuados por Whitaker, obrigados a correr honestamente, em igualdade de circunstâncias, com os bancos brasileiros, aí foi o pandemônio."

José Maria Whitaker fundou com outros amigos a "SÃO PAULO" Cia. Nacional de Seguros e a Cia. Americana de Seguros. Foi Tesoureiro das obras da Catedral de São Paulo; sócio e mesário da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo; sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Jurisconsulto, comercialista emérito, publicou "Letras de Cambio", que atingiu oito edições, e que, além de ser citado em arestos preferidos pelos mais altos tribunais do país, mereceu do eminent Dr. Carvalho de Mendonça, o maior comercialista brasileiro, as seguintes palavras que constituem o prólogo de seu livro:

"Resumo meu juizo, aliás desautorizado, nestas brevíssimas palavras: Doutrina pura, exposição metódica, brilhante e atraente. Obra de lei. Trabalho de Mestre, douto na teoria e proiecto no manejo cambial."

Deixou-nos ainda: "Seis meses, de novo, no Ministério da Fazenda" (1956), "Administração Financeira do Governo Provisório" (1933), "Retrospecto da Administração do Banco do Brasil", "O milagre da minha vida" e "Ensaios Espirituais", além de inúmeros e conhecidos artigos publicados em jornais do país.

Vitoriosa a Revolução de 1930, foi nomeado Chefe do Secretariado Paulista, cargo equivalente ao de chefe de Estado; pouco tempo durou sua permanência na chefia do Governo Paulista. Seus conhecimentos foram necessários em esferas mais altas e de maior prestígio; foi nomeado Ministro da Fazenda do Governo Provisório, onde se conservou até novembro de 1931; a sua trajetória nesse Ministério é descrita no seu livro "Da Administração Financeira do Governo Provisório", livro mais tarde adotado pelo governo como relatório oficial de sua política financeira.

Na Revolução Constitucionalista de 1932, recebeu dos paulistas um posto de relevo e confiança: Presidente da "Comissão

Diretora da Campanha do Ouro para a Vitória", e a 25 de agosto proferiu palavras no microfone do "Radio Jornal", que foram mandadas publicar pela Associação Comercial de São Paulo em folhetos e, conforme a opinião do povo paulista constituiram a mais brilhante síntese que até hoje se escreveu sobre a revolução verdadeiramente popular deflagrada no Brasil em 1932.

Embora banqueiro, foi para se dedicar à defesa do cafeicultor e proceder à reforma cambial — para tornar, assim, extinto o confisco cambial sobre as exportações do café — que aceitou a indicação do seu nome para Ministro da Fazenda, durante o governo Café Filho, em 6 de abril de 1955. Seu objetivo não foi atingido. Café Filho preferiu submeter sua reforma cambial ao Congresso, o que levou a se demitir do cargo em 11 de outubro de 1955, no que foi seguido por Alcides Vidigal, na época presidente do Banco do Brasil, e por Prudente de Moraes Neto, então responsável pela Superintendência da Moeda e do Crédito.

Voltando a São Paulo, retornou às suas empresas, à sua família, aos seus amigos; aí começou a colher os frutos de uma vida extremamente produtiva; continuou na Presidência do Banco Commercial do Estado de São Paulo e da "SÃO PAULO" Cia. Nacional de Seguros, até 19 de novembro de 1970, quando faleceu.

Amigos, Dr. Whitaker os teve inúmeros e leais. E a eles retribuía com a afeição. Católico fervoroso, a festa de suas bodas de diamante, em 4 de dezembro de 1957, foi uma cerimônia religiosa maravilhosa e emocionante, na qual vários netos fizeram a primeira comunhão e muitos se casaram.

Em reconhecimento pelos inúmeros serviços prestados, o Dr. José Maria Whitaker recebeu homenagens e condecorações. Em 20 de maio de 1968, houve a comemoração de seus 90 anos. Nesse mesmo ano, recebeu a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco e a condecoração da Ordem Nacional do Mérito, comendas que vieram somar-se a outras que possuía.

O Dr. José Maria Whitaker foi um homem profundamente católico, vivo e operante, sem exibição; cria em Deus e na Igreja Católica, e por isso tratava bem e compreendia os que não o eram. Seguia os ensinamentos legados por Cristo à humanidade; entretanto não era intransigente, pois toda a crença que tivesse por lema a caridade merecia o seu respeito. Possuía um coração afetuoso, bom e generoso; os necessitados encontravam sempre em suas mãos um óbolo que lhes minorasse os sofrimentos. Era dotado de um caráter concreto, de uma limpidez de raciocínio incapaz de desviá-lo da realidade; sobriedade e humildade foram traços característicos de sua pessoa.

Deixou um testamento espiritual: "Ensaios Espirituais", livro publicado agora pelos seus filhos, no qual ele revela a sua profunda convicção religiosa, sua crença em Deus e seu amor ao próximo com humildade. O livro está dividido em nove capítulos, com reflexões sobre Deus, fé, religião, humildade, oração e finalmente encerrando com chave de ouro a "Oração Dominical" que é a nosso ver, o que de mais lindo até hoje se escreveu sobre o Padre Nossa, hoje Pai nosso, do qual damos a seguir um pequeno e comovente trecho:

"Dois períodos, apenas, contém a oração perfeita que nos ensinou Jesus: num, afirmamos nossa crença; noutro, manifestamos nossas necessidades. Um é ato de fé; outro, de petição: ambos se entrelaçam na caridade, na associação reiterada a nossos semelhantes, tanto nas súplicas, como na adoração.

Humildemente, mas com filial segurança recorremos a Deus, não somente como Onipotente, mas, principalmente, como, Criador. Adoramo-lo na sua potestade, porém, à sua Ternura, obrigando-nos desde logo num vocativo submisso, que é, simultaneamente, afirmação de fé, promessa de obediência, certeza de atendimento."

Lendo este belíssimo testamento espiritual do Dr. José Maria Whitaker, todos, por certo, estarão plenamente de acordo com o artigo escrito por Assis Chateaubriand, no "O Jornal" do Rio, a 14.7.1962, intitulado: "Um banqueiro que é um santo".

Eis, em poucas linhas, um resumo da vida desse ilustre Irmão da nossa Ordem Terceira do Carmo, consagrado pela História do Brasil como um dos seus mais proeminentes filhos.

CAPÍTULO XXII

PAPAS QUE REINARAM GLORIOSAMENTE DESDE A FUNDAÇÃO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

	DATA DA ELEIÇÃO OU COROAÇÃO	DATA DO FALECIMENTO
Clemente VIII	30.1.1592 *	5.3.1605
Leão XI	1.4.1605 *	27.4.1605
Paulo V	16.5.1605 *	28.1.1621
Gregório XV	9.2.1621	8.7.1623
Urbano VIII	6.8.1623 *	29.7.1644
Inocêncio X	15.9.1644	7.1.1655
Alexandre VII	7.4.1655	22.5.1667
Clemente IX	20.6.1667	9.12.1669
Clemente X	29.4.1670	22.7.1676
Inocêncio XI	21.9.1676	12.7.1689
Alexandre VIII	6.10.1689	1.2.1691
Inocêncio XII	12.7.1691	27.9.1700
Clemente XI	23.11.1700 *	19.3.1721
Inocêncio XIII	8.5.1721	7.3.1724
Benedito XIII	29.5.1724	21.2.1730
Clemente XII	12.7.1730	6.2.1740
Benedito XIV	17.8.1740	3.5.1758
Clemente XIII	6.7.1758	2.2.1769
Clemente XIV	19.5.1769	22.9.1774
Pio VI	15.2.1775	29.8.1779
Pio VII	14.3.1800	20.8.1823
Leão XII	28.9.1823	10.2.1829
Pio VIII	31.3.1829	30.11.1830

(* data da eleição)

	DATA DA ELEIÇÃO OU CORAÇÃO	DATA DO FALECIMENTO
Gregório XVI	2.2.1831	1.6.1846
Pio IX	16.6.1846 *	7.2.1878
Leão XIII	20.2.1878 *	20.7.1903
Pio X	4.8.1903 *	20.8.1914
Benedito XV	3.9.1914 *	22.1.1922
Pio XI	6.2.1922 *	10.2.1939
Pio XII	2.3.1939 *	9.10.1958
João XXIII	28.10.1958	3.6.1963
Paulo VI	30.6.1963	

(* data da eleição)

REIS, IMPERADORES E PRESIDENTES QUE PRESIDIRAM OS DESTINOS DO BRASIL DESDE A FUNDAÇÃO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

- 1580/1598 — D. Felipe I (II da Espanha) — Dinastia Filipina
- 1598/1621 — D. Felipe II (III da Espanha)
- 1621/1640 — D. Felipe III (IV da Espanha)
- 1640/1656 — D. João IV, o Restaurador — Dinastia de Bragança
- 1656/1683 — D. Afonso VI, o Vitorioso
- 1683/1706 — D. Pedro II — Regente desde 1667
- 1706/1750 — D. João V, o Magnanimo
- 1750/1777 — D. José, o Reformador (em 1750 nomeou Ministro o Marquês de Pombal)
- 1777/1816 — Maria I, casou-se com D. Pedro III (demitiu o Marquês de Pombal em 1777)
- 1816/1821 — D. João VI — Regente desde 1792; chegou ao Brasil em 1808; coroado Rei em 1816; regressou a Portugal em 1821, deixando seu filho D. Pedro como Regente do Brasil.
- 1821/1831 — D. Pedro I, o Libertador (IV de Portugal). Proclamou a Independência do Brasil a 7.9.1822; coroado Imperador a 1.12.1822; abdicou em 1831.
- 1831/1889 — D. Pedro II (Coroado Imperador em 1840 na maioridade)
- 1889 — Proclamada a REPÚBLICA a 15.11.1889
- 1889/1891 — Marechal Deodoro da Fonseca (15.11.1889)

- 1891/1894 — Marechal Floriano Peixoto
1894/1898 — Prudente de Morais
1898/1902 — Campos Salles
1902/1906 — Conselheiro Rodrigues Alves
1906/1909 — Afonso Pena
1909/1910 — Nilo Peçanha
1910/1914 — Marechal Hermes da Fonseca
1914/1918 — Wenceslau Braz
1918 — Delfim Moreira
1918/1922 — Epitacio Pessoa
1922/1926 — Arthur Bernardes
1926/1930 — Washington Luiz Pereira de Souza
1930/1945 — Getulio Vargas
1945 — José Linhares
1946/1951 — General Eurico Gaspar Dutra
1951/1954 — Getulio Vargas († 24.8.1954)
1954 — Café Filho — Carlos Luz
1955 — Nereu Ramos
1956/1961 — Juscelino Kubitschek
1961 — Jânio Quadros (7 meses)
1961/1964 — João Goulart (7.9.1961)
1964/1967 — Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (15.4.1964)
1967/1969 — Marechal Arthur da Costa e Silva (15.3.1967)
1969/1974 — General Emilio Garrastazu Medici (30.10.1969)
1974 — General Ernesto Geisel (30.3.1974)

CAPÍTULO XXIII

PRIORES, PRIORAS, SUBPRIORES e SUBPRIORAS DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO A PARTIR DO ANO DE 1850

Damos a seguir os nomes somente a partir de 1850, visto que os anteriores são totalmente desconhecidos dentre os presentes.

1850/1851:	<i>Prior:</i>	Brigadeiro Antonio Simplicio da Silva
	<i>Subprior:</i>	Cônego Dr. Ildefonso Xavier Ferreira
	<i>Priora:</i>	D. ^a Ignácia Manoela de Toledo
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Cleta do Prado Serpa
1851/1852:	<i>Prior:</i>	Brigadeiro Antonio Simplicio da Silva
	<i>Subprior:</i>	Cônego Manoel Emigdio Bernardes
	<i>Priora:</i>	D. ^a Francisca das Chagas e Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Escolástica Jacinta da Ribeira Freitas
1852/1853:	<i>Prior:</i>	Brigadeiro Antonio Simplicio da Silva
	<i>Subprior:</i>	Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel
	<i>Priora:</i>	D. ^a Antonieta Benedicta de Ulhoa Cintra
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas
1853/1854:	<i>Prior:</i>	Brigadeiro Antonio Simplicio da Silva
	<i>Subprior:</i>	Cônego Dr. Joaquim Manoel de Andrade
	<i>Priora:</i>	D. ^a Escolástica Jacinta da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Joaquina Leocadia da Ribeira Freitas
1854/1855:	<i>Prior:</i>	Conselheiro Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel
	<i>Subprior:</i>	Major Hermenegildo José dos Santos
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Innocência de Souza Queiroz

<i>1855/1856:</i>	<i>Prior:</i>	Vigário Callado Joaquim Jozé Rodrigues
	<i>Subprior:</i>	Cônego Higino Francisco Teixeira
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joaquina Leocadia da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Anna Felicia de Castro Oliva
<i>1856/1857:</i>	<i>Prior:</i>	Cônego Dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade
	<i>Subprior:</i>	Manoel Joaquim de Ornellas
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joaquina Leocadia da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Anna Alvares do Amaral
<i>1857/1858:</i>	<i>Prior:</i>	Cônego Dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade
	<i>Subprior:</i>	Coronel Caetano Pinto Homem
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joaquina Leocadia da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Manoela Francisca de Jesus Feijó
<i>1858/1859:</i>	<i>Prior:</i>	Cônego Dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade
	<i>Subprior:</i>	Capitão Joaquim Lopes Guimarães
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joaquina Leocadia da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Anna Policenna de Vasconcellos Gavião
<i>1859/1860:</i>	<i>Prior:</i>	Major Hermenigildo José dos Santos
	<i>Subprior:</i>	Major Francisco Antonio de Borba
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Ana Margarida de Toledo Arouche
<i>1860/1861:</i>	<i>Prior:</i>	Major Hermenigildo José dos Santos
	<i>Subprior:</i>	Francisco José de Castro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Brites Maria Pinto Gavião

<i>1861/1862:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i>	Francisco José de Castro Arcipreste Joaquim Anselmo de Oliveira
	<i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas D. ^a Escolástica Francisca Cesar
<i>1862/1863:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Francisco José de Castro Manoel Francisco de Vasconcellos D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas D. ^a Luiza Eufrosina Quartim Gameiro (Baronesa Gameiro)
<i>1863/1864:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Francisco José de Castro Pedro C. dos Santos D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas D. ^a Anna Francisca de Sousa
<i>1864/1865:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Francisco Antonio de Bastos João Baptista de Oliveira D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas D. ^a Maria Josepha de Barros
<i>1865/1866:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Major Francisco Antonio de Bastos Capitão Firmino José Barbosa D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas D. ^a Lucia Barbosa de Saldanha
<i>1866/1867:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Major Firmino José Barbosa Cônego José Joaquim da Silva D. ^a Maria Angelica da Ribeira Freitas D. ^a Maria Custódia de Jesus
<i>1867/1868:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subprior:</i>	Major Firmino José Barbosa Cônego José Joaquim da Silva D. ^a Luiza Eufrosina Quartim Gameiro (Baronesa Gameiro) D. ^a Joanna Emilia de Oliveira Netto
<i>1868/1869:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Cônego José Joaquim da Silva Coronel João Ribeiro dos Santos Camargo D. ^a Joanna Emilia de Oliveira Netto D. ^a Francisca Victória Mendes da Silva

<i>1869/1870:</i>	<i>Prior:</i>	Major Francisco de Borba
	<i>Subprior:</i>	Dr. Antonio Pinto do Régo Freitas
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joanna Emilia de Oliveira Netto
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Joaquina de Siqueira
<i>1870/1871:</i>	<i>Prior:</i>	Barão de Itapetininga
	<i>Subprior:</i>	Conselheiro Joaquim Ignácio Ramalho
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joanna Emilia de Oliveira Netto
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Joanna da Luz
<i>1871/1872:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Joaquim Ignácio Ramalho
	<i>Subprior:</i>	Thomas Luiz Alvares
	<i>Priora:</i>	D. ^a Anna da Silva Prates
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Miquelina Lobo Ribeiro
<i>1872/1873:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Joaquim Ignácio Ramalho
	<i>Subprior:</i>	Dr. Paulo Antonio do Valle
	<i>Priora:</i>	D. ^a Anna da Silva Prates
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Jesuina de Oliveira
<i>1873/1874:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Joaquim Ignácio Ramalho
	<i>Subprior:</i>	Comendador Fidélis Nepomuceno Prates
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Miquelina Lobo Ribeiro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Francisca da Cruz Guerra
<i>1874/1875:</i>	<i>Prior:</i>	Thomas Luiz Alvares
	<i>Subprior:</i>	Dr. Francisco Leandro de Toledo
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Miquelina Lobo Ribeiro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Rita Maria Ribeiro Vianna
<i>1875/1876:</i>	<i>Prior:</i>	Thomas Luiz Alvares
	<i>Subprior:</i>	Antonio Januario Pinto Ferraz
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Miquelina Lobo Ribeiro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Claudina Maria d'Annunciação e Sá
<i>1876/1877:</i>	<i>Prior:</i>	Comendador Fidélis Nepomuceno Prates
	<i>Subprior:</i>	Barão de Três Rios
	<i>Priora:</i>	D. ^a Luiza Eufrosina Quartim de Paiva (Baronesa Gameiro)
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Lourença J. d'Almeida Franco

1877/1878:	<i>Prior:</i>	Thomas Luiz Alvares
	<i>Subprior:</i>	Comendador Francisco Martins d'Almeida
	<i>Priora:</i>	D. ^a Luiza Eufrosina Quartim de Paiva (Baronesa Gameiro)
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Anna Rita de Souza Pinto
1878/1879:	<i>Prior:</i>	Thomas Luiz Alvares
	<i>Subprior:</i>	Comendador Francisco Martins d'Almeida
	<i>Priora:</i>	D. ^a Rita Maria Ribeiro Vianna
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Rita P. R. Silva
1879/1880:	<i>Prior:</i>	Comendador Francisco Martins d'Almeida
	<i>Subprior:</i>	Comendador José Maria Gavião Peixoto
	<i>Priora:</i>	D. ^a Rita Maria Ribeiro Vianna
	<i>Subpriora:</i>	Baronesa de São Joaquim
1880/1881:	<i>Prior:</i>	Conde de Três Rios
	<i>Subprior:</i>	Capitão Francisco de Paula Santa Barbara
	<i>Priora:</i>	Baronesa de São Joaquim
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Anna Felicia Monteiro de Barros Santa Barbara
1881/1882:	<i>Prior:</i>	Dr. Antonio Pinto do Rêgo Freitas
	<i>Subprior:</i>	Cônego Dr. João Jacinto G. de Andrade
	<i>Priora:</i>	Viscondessa de São Joaquim
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Thereza Ruiz de Freitas
1882/1883:	<i>Prior:</i>	Dr. Antonio Pinto do Rêgo Freitas
	<i>Subprior:</i>	Cônego Dr. João Jacinto G. de Andrade
	<i>Priora:</i>	Viscondessa de São Joaquim
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Thereza Roiz de Freitas
1883/1884:	<i>Prior:</i>	Dr. Antonio Pinto do Rêgo Freitas
	<i>Subprior:</i>	Capitão Francisco de Paula Santa Barbara
	<i>Priora:</i>	D. ^a Anna Rita de Souza Pinto
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Anna Felicia Monteiro de Barros Santa Barbara

1884/1885:	<i>Prior:</i>	Cônego Dr. João Jacinto G. de Andrade
	<i>Subprior:</i>	Capitão Francisco de Paula Santa Barbara
	<i>Priora:</i>	D. ^a Anna Rita de Souza Pinto
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Luiza Augusta Gonçalves de Andrade
1885/1886:	<i>Prior:</i>	Arcipreste Dr. João Jacinto Gonçalves de Andrade
	<i>Subprior:</i>	Capitão Francisco de Paula Santa Barbara
	<i>Priora:</i>	D. ^a Anna Rita de Souza Pinto
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Luiza Augusta Gonçalves de Andrade
1886/1887:	<i>Prior:</i>	Arcipreste Dr. João Jacinto Gonçalves de Andrade
	<i>Subprior:</i>	Capitão Francisco de Paula Santa Barbara
	<i>Priora:</i>	D. ^a Luiza Augusta Gonçalves de Andrade
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Guilhermina Marcolina de Vasconcellos
1887/1888:	<i>Prior:</i>	Capitão Francisco de Paula Santa Barbara
	<i>Subprior:</i>	Capitão João de Souza Amaral Gurgel
	<i>Priora:</i>	D. ^a Luiza Augusta Gonçalves de Andrade
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Cândida de Cerqueira Cesar
1888/1889:	<i>Prior:</i>	Capitão João de Souza Amaral Gurgel
	<i>Subprior:</i>	Capitão Carlos Augusto de Borba
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Cândida de Cerqueira Cesar
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Veridiana da Silva Prado
1889/1890:	<i>Prior:</i>	Capitão João de Souza Amaral Gurgel
	<i>Subprior:</i>	Capitão Carlos Augusto de Borba
	<i>Priora:</i>	D. ^a Veridiana da Silva Prado
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Catharina Amelia Prado e Alvim

<i>1890/1891:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Capitão João de Souza Amaral Gurgel Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme D. ^a Catharina Amelia Prado e Alvim D. ^a Claudina Maria d'Annunciação e Sá
<i>1891/1892:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme Cônego Ezechias Galvão da Fontoura D. ^a Catharina Amelia Prado e Alvim D. ^a Rita Maria da Conceição R. Borroul
<i>1892/1893:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme João Baptista das Chagas Júnior D. ^a Catharina Amelia Prado e Alvim D. ^a Maria do Carmo Gonçalves
<i>1893/1894:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme Dr. Brazílio Augusto Machado de Oliveira D. ^a Catharina Amelia Prado e Alvim D. ^a Maria da Pureza Chagas
<i>1894/1895:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme Conselheiro José Ignácio Gomes Guimarães D. ^a Catharina Amelia Prado e Alvim D. ^a Maria Leopoldina de Souza Ma- chado de Oliveira
<i>1895/1896:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme Dr. Américo Ferreira de Abreu D. ^a Antonia M. Ribeiro Gavião Peixoto D. ^a Maria Fausta de Macedo Leme
<i>1896/1897:</i>	<i>Prior:</i> <i>Subprior:</i> <i>Priora:</i> <i>Subpriora:</i>	Dr. Américo Ferreira de Abreu Lino Gonçalves Peres D. ^a Claudina Maria d'Annunciação e Sá D. ^a Maria das Dores Barbosa de Moraes

<i>1897/1898:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Américo Ferreira de Abreu
	<i>Subprior:</i>	Alferes João Carlos da Silva Rangel
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Fausta de Macedo Leme
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Joanna Ortiz Monteiro
<i>1898/1899:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Américo Ferreira de Abreu
	<i>Subprior:</i>	Alferes João Carlos da Silva Rangel
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Fausta de Macedo Leme
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Joanna Ortiz Monteiro
<i>1899/1900:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Américo Ferreira de Abreu
	<i>Subprior:</i>	Dr. Manoel Joaquim de Albuquerque Lins
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Fausta de Macedo Leme
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a María Joanna Ortiz Monteiro
<i>1900/1901:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Américo Ferreira de Abreu
	<i>Subprior:</i>	Dr. Manoel Joaquim de Albuquerque Lins
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Joanna Ortiz Monteiro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Antonia Barbosa de Souza
<i>1901/1902:</i>	<i>Prior:</i>	João José Vieira Guimarães Júnior
	<i>Subprior:</i>	Henrique Benevenuto de Azevedo Fagundes
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Joanna Ortiz Monteiro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Antonia Barbosa de Souza
<i>1902/1903:</i>	<i>Prior:</i>	Henrique Benevenuto de Azevedo Fagundes
	<i>Subprior:</i>	Henrique Bastos
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Joanna Ortiz Monteiro
	<i>Subpriora:</i>	Baronesa de Jaguara
<i>1903/1904:</i>	<i>Prior:</i>	Henrique Benevenuto de Azevedo Fagundes
	<i>Subprior:</i>	Sebastião Felix de Abreu e Castro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Joanna Ortiz Monteiro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Lucia Maria de Andrade

<i>1904/1905:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Joanna Ortiz Monteiro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Marcolina Monteiro da Silva
<i>1905/1906:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Albertina Pinto da Silva Prado
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Brasilia Illicero da Silva
<i>1906/1907:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Fausta de Macedo Leme
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Georgina Carolina da Silva
<i>1907/1908:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Fausta de Macedo Leme
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Georgina Carolina da Silva
<i>1908/1909:</i>	<i>Prior:</i>	Conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Albertina Pinto da Silva Prado
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Adelaide Leme Monteiro
<i>1909/1910:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raphael Archanjo Gurgel
	<i>Priora:</i>	D. ^a Albertina Pinto da Silva Prado
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Paula Ramalho de Brito
<i>1910/1911:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Adolpho Augusto Pinto
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Francisca de Toledo Lara
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Joaquina Ramalho Pinto de Castro
<i>1911/1912:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raphael Archanjo Gurgel
	<i>Priora:</i>	D. ^a Albertina Pinto da Silva Prado
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Joaquina Ramalho Pinto de Castro

<i>1912/1913:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raphael Archanjo Gurgel
	<i>Subprior:</i>	Dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joaquina Ramalho Pinto de Castro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Benedicta Adelaide Mattoso Ferraz
<i>1913/1914:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Firmino Antonio da Silva Whittaker
	<i>Subprior:</i>	Dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joaquina Ramalho Pinto de Castro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Adelaide Leme Monteiro
<i>1914/1915:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette
	<i>Subprior:</i>	Dr. João Quartim Barbosa
	<i>Priora:</i>	Condessa de Lara
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Esther Leme Maciel
<i>1915/1916:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Firmino Antonio da Silva Whittaker
	<i>Subprior:</i>	Conde de Lara
	<i>Priora:</i>	Condessa de Lara
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Francisca de Araujo Carvalho Castro
<i>1916/1917:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette
	<i>Subprior:</i>	Dr. João Baptista Pereira de Almeida
	<i>Priora:</i>	Condessa de Lara
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Francisca de Araújo Carvalho Castro
<i>1917/1918:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette
	<i>Subprior:</i>	Dr. Estevam Emmerich de Rezende
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Fausta de Macedo Leme
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Francisca de Araújo Carvalho Castro

<i>1918/1919:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette
	<i>Subprior:</i>	Major Virgilio Antonio de Brito
	<i>Priora:</i>	Condessa de Lara
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Irene Platt Moretzsohn de Castro
<i>1919/1920:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Firmino Antonio da Silva Whitaker
	<i>Subprior:</i>	Dr. Estevam Emmerich de Rezende
	<i>Priora:</i>	D. ^a Joaquina Ramalho Pinto de Castro
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Presciliiana Barbara da Silva Silvado
<i>1920/1921:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Estevam Emmerich de Rezende
	<i>Subprior:</i>	Dr. José Balbino de Siqueira
	<i>Priora:</i>	D. ^a Anna da Luz Whitaker
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Victória Pinto de Almeida Lima
<i>1921/1922:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Estevam Emmerich de Rezende
	<i>Subprior:</i>	Dr. José Balbino de Siqueira
	<i>Priora:</i>	D. ^a Anna da Luz Whitaker
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Victória Pinto de Almeida Lima
<i>1922/1923:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Estevam Emmerich de Rezende
	<i>Subprior:</i>	Dr. José Balbino de Siqueira
	<i>Priora:</i>	D. ^a Brigida de Serpa Sampaio
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Julieta Rodovalho Lebre Pinto
<i>1923/1924:</i>	<i>Prior:</i>	Prof. Dr. Manoel Pacheco Prates
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Brigida de Serpa Sampaio
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Paula Ramalho de Brito
<i>1924/1925:</i>	<i>Prior:</i>	Prof. Dr. Manoel Pacheco Prates
	<i>Subprior:</i>	Dr. Raul Ortiz Monteiro
	<i>Priora:</i>	D. ^a Brigida de Serpa Sampaio
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Paula Ramalho de Brito
<i>1925/1926:</i>	<i>Prior:</i>	Prof. Dr. Manoel Pacheco Prates
	<i>Subprior:</i>	Dr. Olegario Pereira de Almeida
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Augusta de Assumpção
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Augusta Soares de Caramargo

1926/1927:	<i>Prior:</i>	Prof. Dr. Manoel Pacheco Prates
	<i>Subprior:</i>	Dr. Olegario Pereira de Almeida
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Augusta de Assumpção
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Augusta Soares de Camargo
1927/1928:	<i>Prior:</i>	Dr. Olegario Pereira de Almeida
	<i>Subprior:</i>	Dr. Galeno de Revoredo Barros
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Augusta de Assumpção
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Augusta Soares de Camargo
1928/1929:	<i>Prior:</i>	Dr. Galeno de Revoredo Barros
	<i>Subprior:</i>	Dr. Francisco de Paulo Vicente de Azevedo
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Augusta de Assumpção
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Augusta Soares de Camargo
1929/1930:	<i>Prior:</i>	Dr. Galeno de Revoredo Barros
	<i>Subprior:</i>	Dr. Francisco de Paulo Vicente de Azevedo
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Augusta de Assumpção
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Augusta Soares de Camargo
1930/1931:	<i>Prior:</i>	Dr. Galeno de Revoredo Barros
	<i>Subprior:</i>	Dr. Mario Egydio de Souza Aranha
	<i>Priora:</i>	D. ^a Noemia Sampaio Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Evangelina Prates Javert Madureira
1931/1932:	<i>Prior:</i>	Dr. Galeno de Revoredo Barros
	<i>Subprior:</i>	Dr. Mário Egydio de Souza Aranha
	<i>Priora:</i>	D. ^a Noemia Sampaio Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Evangelina Prates Javert Madureira
1932/1933:	<i>Prior:</i>	Dr. Mário Egydio de Souza Aranha
	<i>Subprior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Priora:</i>	D. ^a Noemia Sampaio Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Evangelina Prates Javert Madureira

<i>1933/1934:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Mário Egydio de Souza Aranha
	<i>Subprior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Priora:</i>	D. ^a Noemí Sampaio Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Evangelina Prates Javert Madureira
<i>1934/1935:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Mario Egydio de Souza Aranha
	<i>Subprior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Priora:</i>	D. ^a Noemí Sampaio Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Evangelina Prates Javert Madureira
<i>1935/1936:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Mario Egydio de Souza Aranha
	<i>Subprior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Esther Leme Maciel
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Penteado de Camargo
<i>1936/1937:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Mario Egydio de Souza Aranha
	<i>Subprior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Esther Leme Maciel
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Penteado de Camargo
<i>1937/1938:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Subprior:</i>	Braulio Silva
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Esther Leme Maciel (D. ^a Felicíssima A. de Lara Campos)
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Penteado de Camargo
<i>1938/1939:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Subprior:</i>	Braulio Silva
	<i>Priora:</i>	D. ^a Felicíssima Assumpção Lara Campos
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Penteado de Camargo
<i>1939/1940:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Subprior:</i>	Braulio Silva
	<i>Priora:</i>	D. ^a Felicíssima Assumpção Lara Campos
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Amélia Souza Dias da Silva
<i>1940/1941:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Subprior:</i>	Braulio Silva
	<i>Priora:</i>	D. ^a Felicíssima Assumpção Lara Campos
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Amélia Souza Dias da Silva

<i>1941/1942:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Subprior:</i>	Braulio Silva
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Amelia Souza Dias da Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria do Carmo Novaes Fortes
<i>1942/1943:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Subprior:</i>	Braulio Silva
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Amelia Souza Dias da Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria do Carmo Novaes Fortes
<i>1943/1944:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Domingos Alves Matheus
	<i>Subprior:</i>	Braulio Silva
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Amelia Souza Dias da Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria do Carmo Novaes Fortes
<i>1944/1945:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Jayme Rosemburg
	<i>Subprior:</i>	Comendador Norberto João Antunes Jorge
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Amelia Souza Dias da Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria do Carmo Novaes Fortes
<i>1945/1946:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Jayme Rosemburg
	<i>Subprior:</i>	Comendador Norberto João Antunes Jorge
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Amelia Souza Dias da Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria do Carmo Novaes Fortes
<i>1946/1947:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Jayme Rosemburg
	<i>Subprior:</i>	Comendador Norberto João Antunes Jorge
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria Amelia Souza Dias da Silva
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria do Carmo Novaes Fortes
<i>1947/1948:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Jayme Rosemburg
	<i>Subprior:</i>	Comendador Norberto João Antunes Jorge
	<i>Priora:</i>	D. ^a Lucilla Dente Camargo
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Guiomar Corrêa Dias da Silva

<i>1948/1949:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Jayme Rosemburg
	<i>Subprior:</i>	Comendador Norberto João Antunes
		Jorge
	<i>Priora:</i>	D. ^a Lucilla Dente Camargo
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Guiomar Corrêa Dias da Silva
<i>1949/1950:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Jayme Rosemburg
	<i>Subprior:</i>	Comendador Norberto João Antunes
		Jorge
	<i>Priora:</i>	D. ^a Lucilla Dente Camargo
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
<i>1950/1951:</i>	<i>Prior:</i>	Braulio Silva
	<i>Subprior:</i>	Prof. Plinio Paulo Braga
	<i>Priora:</i>	D. ^a Lucilla Dente Camargo
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
<i>1951/1952:</i>	<i>Prior:</i>	Braulio Silva
	<i>Subprior:</i>	Prof. Plínio Paulo Braga
	<i>Priora:</i>	D. ^a Lucilla Dente Camargo
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
<i>1952/1953:</i>	<i>Prior:</i>	Braulio Silva
	<i>Subprior:</i>	José Querido
	<i>Priora:</i>	D. ^a Lucilla Dente Camargo
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
<i>1953/1954:</i>	<i>Prior:</i>	Braulio Silva
	<i>Subprior:</i>	José Querido
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Aracy Bastos de Almeida e Silva
<i>1954/1955:</i>	<i>Prior:</i>	Braulio Silva
	<i>Subprior:</i>	José Querido
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Aracy Bastos de Almeida e Silva
<i>1955/1956:</i>	<i>Prior:</i>	Braulio Silva
	<i>Subprior:</i>	José Querido
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Aracy Bastos de Almeida e Silva

<i>1957/1960:</i>	<i>Prior:</i>	Raphael Antunes Borba
	<i>Mestre de Noviços:</i>	José Querido
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
	<i>Mestre de Noviças:</i>	D. ^a Clelia Palmério Roza.
<i>1960/1963:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raul Leme Monteiro
	<i>Mestre de Noviços:</i>	José Querido († 5-6-62) Paulo Cochrane Suplicy
	<i>Priora:</i>	D. ^a Maria de Sá Moreira
	<i>Mestre de Noviças:</i>	D. ^a Clelia Palmério Roza
<i>1963/1966:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raul Leme Monteiro
	<i>Mestre de Noviços:</i>	Paulo Cochrane Suplicy
	<i>Priora:</i>	D. ^a Clelia Palmério Roza
	<i>Mestre de Noviças:</i>	D. ^a Isabel Augusto Siqueira
<i>1967/1969:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raul Leme Monteiro
	<i>Mestre de Noviços:</i>	Paulo Cochrane Suplicy
	<i>Priora:</i>	D. ^a Clelia Palmério Roza
	<i>Mestre de Noviças:</i>	D. ^a Isabel Augusto Siqueira
<i>1970/1972:</i>	<i>Prior:</i>	Paulo Cochrane Suplicy
	<i>Mestre de Noviços:</i>	Dr. Joaquim Paulino Barbosa Leite
	<i>Priora:</i>	D. ^a Clelia Palmério Roza
	<i>Mestre de Noviças:</i>	D. ^a Isabel Augusto Siqueira
<i>1973/1974:</i>	<i>Prior:</i>	Paulo Cochrane Suplicy
	<i>Procurador Geral:</i>	Dr. Raul Leme Monteiro (Prior Jubilado)
	<i>Priora:</i>	D. ^a Clelia Palmério Roza
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Zilda de Toledo Aguiar
<i>1975/1976:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raul Leme Monteiro (Prior Jubilado)
	<i>Procurador Geral:</i>	D. Nelson Carvalho
	<i>Priora:</i>	D. ^a Isabel Augusto Siqueira
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Zilda de Toledo Aguiar
<i>1977/1978:</i>	<i>Prior:</i>	Dr. Raul Leme Monteiro (Prior Jubilado)
	<i>Procurador Geral:</i>	Dr. Nelson Carvalho
	<i>Priora:</i>	D. ^a Isabel Augusto Siqueira
	<i>Subpriora:</i>	D. ^a Maria Zilda de Toledo Aguiar

CAPÍTULO XXIV
MESAS ADMINISTRATIVAS
DE 1957 a 1978

MESA ADMINISTRATIVA

Triênio 1957/1960

15.10.1957 a 14.10.1960

Padre DIRETOR	Monsenhor Manfredo Leite
Padre SUBDIRETOR	Pe. Aurelio Fraissat († 27.12.57)
	Pe. Waldemar Marques Conceição (23.2.58)
PRIOR	Raphael Antunes Borba
1.º MESTRE DE NOVIÇOS	José Querido
2.º MESTRE DE NOVIÇOS	Paulo Cochrane Suplicy
1.º SECRETÁRIO	Dr. Raul Leme Monteiro
2.º SECRETARIO	Dr. Oswaldo Leite de Moraes
TESOUREIRO	José Ribeiro
PROCURADOR GERAL	Dante Vagnotti
CONSELHEIROS	Dr. Amador Cintra do Prado
	Prof. Plínio Paulo Braga († 1.1.58)
	Braulio Silva
	Dr. Felipe Nery de Siqueira e Silva
PROCURADORES DA IGREJA ..	Eduardo Conceição
	Heitor Alvares de Lima
ADMINISTRADOR DO CEMITÉ-	
RIO	Pedro Bueno de Aguiar
VIGÁRIOS DO CULTO	Carlos Alberto de Souza Lima
	Antonio Reimão Hellmeister
	Com. José Augusto de Siqueira
	Dr. Nelson Carvalho
	Jacques Funck Júnior

SECÇÃO FEMININA

PRIORA	Maria de Sá Moreira
1. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Clélia Palmério Roza
2. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Teresina Comenale
1. ^a SECRETÁRIA	Isabel Augusto Siqueira
2. ^a SECRETÁRIA	Maria Eulalia Rocha
TESOUREIRA	Alcide Pôrto
CONSELHEIRAS	Lucila Dente Camargo Isaura Pierotti Alvares de Lima Alice Silveira Teixeira

* * *

MESA ADMINISTRATIVA

Triênio 1960/1963

15.10.1960 à 14.10.1963

Padre DIRETOR	Monsenhor Manfredo Leite
Padre SUBDIRETOR	Pe. Waldemar Marques Conceição Cônego José Pascoal Christofaro (10.3.61)
PRIOR	Dr. Raul Leme Monteiro
1. ^º MESTRE DE NOVIÇOS	José Querido † (Paulo Cochrane Suplicy)
2. ^º MESTRE DE NOVIÇOS	Paulo Cochrane Suplicy (Eduardo Conceição)
1. ^º SECRETARIO	Dr. Oswaldo Leite de Moraes
2. ^º SECRETÁRIO	Prof. Alfredo de Barros Santos
TESOUREIRO	Alvaro Pinto de Aguiar
PROCURADOR GERAL	Dante Vagnotti
CONSELHEIROS	Braulio Silva Dr. Felipe Nery de Siqueira e Silva Dr. Nelson Carvalho

PROCURADORES DA IGREJA ..	Eduardo Conceição Heitor Alvares de Lima (Pedro Bueno de Aguiar)
ADMINISTRADOR DO CEMITÉ- RIO	Pedro Bueno de Aguiar (João Paulo Alfonso Casanova)
VIGÁRIOS DO CULTO	Com. José Augusto de Siqueira Jacques Funck Júnior Otelo Pace José Caetano Ferrara Durvalino Emilio de Moraes Francisco Xavier Atienza Junior

SEÇÃO FEMININA

PRIORA	Maria de Sá Moreira
1. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Clélia Palmérigo Roza
2. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Nivea Paula Carvalho
1. ^a SECRETARIA	Isabel Augusto Siqueira
2. ^a SECRETARIA	Alice Moura Castro
TESOUREIRA	Alcide Pôrto
CONSELHEIRAS	Lucila Dente Camargo Isaura Alves de Lima Alice Silveira Teixeira

★ ★ ★

MESA ADMINISTRATIVA

Triênio 1963/1966

15.10.1963 a 31.12.1966

Padre DIRETOR Monsenhor Manfredo Leite
Padre SUBDIRETOR Pe. Waldemar Marques Conceição
Cônego José Pascoal Christofaro
(7.3.65)

PRIOR	Dr. Raul Leme Monteiro (reeleito)
1.º MESTRE DE NOVIÇOS	Paulo Cochrane Suplicy
2.º MESTRE DE NOVIÇOS	Eduardo Conceição
1.º SECRETÁRIO	Dr. Oswaldo Leite de Moraes
2.º SECRETÁRIO	Prof. Alfredo de Barros Santos
TESOUREIRO	Alvaro Pinto de Aguiar
PROCURADOR GERAL	Dante Vagnotti
CONSELHEIROS	Dr. Nelson Carvalho José Maria Andrade de Souza Dr. João Baptista de Alencar
PROCURADORES DA IGREJA ..	Pedro Bueno de Aguiar José Caetano Ferrara
ADMINISTRADOR DO CEMITÉ-	Vicente Barrella
RIO	Com. José Augusto de Siqueira
VIGARIOS DO CULTO	Durvalino Emilio de Moraes Otelo Pace Francisco Xavier Atienza Júnior Fernando Atienza Humberto Vecchio

SECÇÃO FEMININA

PRIORA	Clélia Palmério Roza
1.ª MESTRA DE NOVIÇAS	Isabel Augusto Siqueira
2.ª MESTRA DE NOVIÇAS	Maria Zilda de Toledo Aguiar
1.ª SECRETARIA	Alice Moura Castro
2.ª SECRETÁRIA	Alcide Pôrto
TESOUREIRA	Heloisa Grassi Fagundes
CONSELHEIRAS	Marieta Comenale Sylvia Borba de Moraes Augusta Pinto Vaz
VISITADORAS	Odila Duarte Cruz Nivea Paula Carvalho
	Adelaide Ribeiro Figueiredo
ZELADORAS	Maria Pedrina de Noronha Maria Odete Cantinho Assumpção
BIBLIOTECÁRIAS	Felicia Gavaldad Zuleika Gonçalves Dente Rosina Deleo Martins

MESA ADMINISTRATIVA

Triênio 1967/1969
1.1.1967 a 31.12.1969

Padre DIRETOR	Monsenhor Manfredo Leite († 18.3.69)
Padre SUBDIRETOR	Cônego José Pascoal Christofaro (Padre Diretor em 30.3.69)
PRIOR	Dr. Raul Leme Monteiro (reeleito- -Jubilado)
1.º MESTRE DE NOVIÇOS	Paulo Cochrane Suplicy
2.º MESTRE DE NOVIÇOS	Dr. Oswaldo Leite de Moraes
1.º SECRETÁRIO	Eduardo Conceição
2.º SECRETARIO	Prof. Alfredo de Barros Santos
TESOUREIRO	Alvaro Pinto de Aguiar
PROCURADOR GERAL	Dante Vagnotti
CONSELHEIROS	Dr. Nelson Carvalho
	José Maria Andrade de Souza
	Dr. João Baptista de Alencar
1.º PROCURADOR DA IGREJA .	Pedro Bueno de Aguiar
2.º PROCURADOR DA IGREJA .	José Caetano Ferrara
ADMINISTRADOR DO CEMITÉ-	
RIO	Vicente Barrela
VIGARIOS DO CULTO	Com. José Augusto de Siqueira
	Durvalino Emilio de Moraes
	Otelo Pace
	Francisco Xavier Atienza Júnior
	Carlos Alberto de Souza Lima
	Manoel Tomé Jorge

SECÇÃO FEMININA

PRIORA	Clélia Palmério Roza (reeleita)
1.ª MESTRA DE NOVIÇAS	Isabel Augusto Siqueira
2.ª MESTRA DE NOVIÇAS	Maria Zilda de Toledo Aguiar
1.ª SECRETÁRIA	Alice Moura Castro
2.ª SECRETÁRIA	Marieta Comenale
TESOUREIRA	Alcide Pôrto
CONSELHEIRAS	Heloisa Grassi Fagundes
	Sylvia Borba de Moraes
	Augusta Pinto Vaz

VISITADORAS	Odila Duarte Cruz Nivea Paula Carvalho Adelaide Ribeiro Figueiredo Maria Pedrina de Noronha
ZELADORAS	Maria Odete Cantinho Assumpção Felicia Gavaldad
BIBLIOTECÁRIAS	Zuleika Gonçalves Dente Rosina Deleo Martins

* * *

MESA ADMINISTRATIVA**Triênio 1970/1972**

1.1.1970 a 31.12.1972

Padre DIRETOR	Cônego José Pascoal Christofaro
PRIOR	Paulo Cochrane Suplicy
1.º MESTRE DE NOVIÇOS	Dr. Joaquim Paulino Barbosa Leite
2.º MESTRE DE NOVIÇOS	Dante Vagnotti
TESOUREIRO	Alvaro Pinto de Aguiar
PROCURADOR GERAL	Dr. Raul Leme Monteiro (Prior Jubilado)
1.º SECRETÁRIO	Dr. Nelson de Mello Malheiro
2.º SECRETÁRIO	Dr. Oswaldo Leite de Moraes
CONSELHEIROS	Dr. Nelson Carvalho José Maria Andrade de Souza Manoel Siqueira Figueiredo
1.º PROCURADOR DA IGREJA	Pedro Bueno de Aguiar
2.º PROCURADOR DA IGREJA	José Caetano Ferrara
ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO	Dr. Raul Leme Monteiro

VIGÁRIOS DO CULTO	Durvalino Emilio de Moraes Manoel Tomé Jorge Francisco Xavier Atienza Júnior Angelo Carlos Francisco Rotela Julio Mont'Albo Vicente Barrela
-------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

SECÇÃO FEMININA

PRIORA	Clélia Palmério Roza (reeleita-Jubilada)
1. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Isabel Augusto Siqueira
2. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Maria Zilda de Toledo Aguiar
1. ^a SECRETÁRIA	Alice Moura Castro
2. ^a SECRETÁRIA	Maria da Gloria Cintra Bueno
TESOUREIRA	Maria do Carmo Marques
CONSELHEIRAS	Teresina Comenale Odila Duarte Cruz Maria da Penha Araújo
ZELADORAS	Maria Odete Cantinho Assumpção
VISITADORAS	Felicia Gavaldad Nivea Paulo Carvalho Alzira Moura Conceição Marcelina Bastos Macedo
BIBLIOTECÁRIAS	Zuleika Gonçalves Dente Rosina Deleo Martins

* * *

MESA ADMINISTRATIVA

Biênio 1973/1974

1.1.1973 a 31.12.1974

Padre DIRETOR	Cônego José Pascoal Christofaro
PRIOR	Paulo Cochrane Suplicy (reeleito)
PROCURADOR GERAL	Dr. Raul Leme Monteiro (Prior Jubilado)

TESOUREIRO	Alvaro Pinto de Aguiar (Membro Jubilado)
SECRETÁRIO	Dr. Nelson de Mello Malheiro
CONSELHEIRO	Dr. Alcides Ribeiro de Abreu
MESTRE DE NOVIÇOS	Dr. Nelson Carvalho (Membro Jubilado)
PROCURADORES DA IGREJA ..	José Caetano Ferrara Otelo Pace
ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO	Dr. Raul Leme Monteiro
ADMINISTRADOR DO AMBULATÓRIO	Dr. Raul Leme Monteiro
VIGÁRIOS DO CULTO	Manoel Tomé Jorge Pedro Bueno de Aguiar Durvalino Emilio de Moraes Francisco Xavier Atienza Júnior Angelo Carlos Francisco Rotela Vicente Barrela

SECÇÃO FEMININA

PRIORA	Clélia Palmério Roza (reeleita-Jubilada)
SUBPRIORA	Maria Zilda de Toledo Aguiar (Membro-Jubilado)
MESTRA DE NOVIÇAS	Isabel Augusto Siqueira (Membro-Jubilado)
2. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Odila Duarte Cruz
SECRETARIA	Rosina Deleo Martins
CONSELHEIRA	Marcelina Bastos Macedo
ZELADORAS	Alzira Maria Gracia Rosa de Souza Lima
VISITADORAS	Maria do Carmo Plastino Aracy Bastos de Almeida e Silva Nívea Paula Carvalho
BIBLIOTECARIA	Zuleika Gonçalves Dente

* * *

MESA ADMINISTRATIVA

Biênio 1975/1976

1.1.1975 a 31.12.1976

Padre DIRETOR	Cônego José Pascoal Christofaro
PRIOR	Dr. Raul Leme Monteiro (Prior Jubilado)
PROCURADOR GERAL	Dr. Nelson Carvalho (Membro Jubilado)
TESOUREIRO	Alvaro Pinto de Aguiar (Membro Jubilado)
SECRETÁRIO	Dr. Nelson de Mello Malheiro
CONSELHEIRO	Paulo Cochrane Suplicy (Prior Jubilado)
MESTRE DE NOVIÇOS	Dr. Alcides Ribeiro de Abreu
PROCURADORES DA IGREJA ..	Otelo Pace († 9.5.75) José Cae-tano Ferrara Pedro Bueno de Aguiar
ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO	Dr. Raul Leme Monteiro
ADMINISTRADOR DO AMBULATÓRIO	Dr. Raul Leme Monteiro
VIGÁRIOS DO CULTO	Manoel Tomé Jorge Pedro Bueno de Aguiar Durvalino Emilio de Moraes Francisco Xavier Atienza Júnior Angelo Carlos Francisco Rotela Vicente Barrela

SECÇÃO FEMININA

PRIORA	Isabel Augusto Siqueira (Membro Jubilado)
SUBPRIORA	Maria Zilda de Toledo Aguiar (Membro Jubilado)
MESTRA DE NOVIÇAS	Odila Duarte Cruz
2.ª MESTRA DE NOVIÇAS	Nívea Paula Carvalho (Membro Jubilado)
SECRETÁRIA	Maria do Carmo Basile
CONSELHEIRA	Isabel de Paula e Silva

PRIORAS JUBILADAS	Maria de Sá Moreira Clélia Palmério Roza
ZELADORAS	Alzira Maria Gracia Rosa de Souza Lima
VISITADORAS	Dulce Augusto Siqueira Odete Andrade Lemos Marina de Freitas Arruda
BIBLIOTECÁRIA	Rosina Deleo Martins

* * *

MESA ADMINISTRATIVA

Biênio 1977/1978

1.1.1977 a 31.12.1978

Padre DIRETOR	Cônego José Pascoal Christofaro
PRIOR	Dr. Raul Leme Monteiro (Prior Jubilado)
PROCURADOR GERAL	Dr. Nelson Carvalho (Membro Jubilado)
TESOUREIRO	Alvaro Pinto de Aguiar (Membro Jubilado)
SECRETÁRIO	Dr. Nelson de Mello Malheiro † 13.4.77
CONSELHEIRO	Paulo Cochrane Suplicy (Prior Jubilado) † 27.1.77
MESTRE DE NOVIÇOS	Dr. Alcides Ribeiro de Abreu (Secretário 8.5.77)
MESTRE DE NOVIÇOS E CONSELHEIRO	Benevides Beraldo (1.1.1978)
PROCURADORES DA IGREJA ..	José Caetano Ferrara Pedro Bueno de Aguiar
ADMINISTRADOR DO CEMITÉRIO	Dr. Raul Leme Monteiro
ADMINISTRADOR DO AMBULATÓRIO	Dr. Raul Leme Monteiro

VIGÁRIOS DO CULTO	Manoel Tomé Jorge Francisco Xavier Atienza Júnior Angelo Carlos Francisco Rotela Vicente Barrela
-------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------

SECÇÃO FEMININA

PRIORA	Isabel Augusto Siqueira (Membro Jubilado)
SUBPRIORA	Maria Zilda de Toledo Aguiar (Membro Jubilado)
1. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Odila Duarte Cruz (Membro Jubilado)
2. ^a MESTRA DE NOVIÇAS	Isabel de Paula e Silva
CONSELHEIRA	Eulalia da Silva Borges
SECRETÁRIA	Audinea Albuquerque Griese
PRIORAS JUBILADAS	Maria de Sá Moreira Clélia Palmério Roza
ZELADORAS	Dulce Augusto Siqueira Alzira Maria Gracia Rosa de Souza Lima
VISITADORAS	Odete Andrade Lemos Maria Nardi de Almeida Volpato
BIBLIOTECÁRIA	Rosina Deleo Martins



Mesa Administrativa da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, em reunião no Salão Nobre, no dia 2 de janeiro de 1977. Da esquerda para a direita: Dr. Alcides Ribeiro de Abreu, mestre de noviços; Dr. Nelson de Mello Malheiro, secretário; Paulo Cochrane Suplicy, conselheiro; Cônego José Pascoal Christofaro, diretor espiritual; Álvaro Pinto de Aguiar, tesoureiro; Dr. Raul Leme Monteiro, prior; e Dr. Nelson Carvalho, procurador geral.



Mesa Administrativa da secção feminina da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, em reunião no Salão Nobre, no dia 2 de janeiro de 1977. Da esquerda para a direita: Isabel Augusto Siqueira, priora; Clelia Palmerio Roza, priora jubilada; Cônego José Pascoal Christofaro, diretor espiritual. Maria Zilda de Toledo Aguiar, subpriora; Odila Duarte Cruz, mestra de noviças; e Rosina Deleo Martins, bibliotecária.



Irmãos e Irmãs da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo, no Salão Nobre; da esquerda para a direita: Isabel Augusto Siqueira, Aracy Bastos de Almeida e Silva, Rosina Deleo Martins, Odila Duarte Cruz, Maria Zilda Toledo de Aguiar, Clélia Palmerio Roza, Cônego José Pascoal Christofaro, Dr. Raul Leme Monteiro, Paulo Cochrane Suplicy, Alvaro Pinto de Aguiar, Dr. Nelson de Mello Malheiro, Dr. Alcides Ribeiro de Abreu, Otelo Pace, Dr. Nelson Carvalho.

CAPÍTULO XXV

O ARQUIVO DA ORDEM

Onso arquivô é um verdadeiro manancial de dados históricos; tendo em vista o seu inestimável valor, está ciumentamente guardado na Secretaria da Ordem Terceira do Carmo, em um cofre de aço especialmente fabricado, à prova de fogo e com segurança contra roubo, medindo 1,60 m de largura por 2,00 m de altura.

Contém 114 volumes encadernados e numerados. O 1º volume, que é o mais antigo documento, traz a data de 1674; é um livro de Atas das Reuniões da Mesa Administrativa, pelo qual se verifica claramente a existência de um livro anterior, que não encontramos; por esse livro sabe-se que a Ordem já possuía administração própria, idêntica na nomenclatura e atribuições dos diversos cargos da Mesa Administrativa.

A partir de 1674 estão arquivados todos os livros de atas das reuniões das Mesas Administrativas e das Mesas Conjuntas (Assembléias Gerais de todos os Irmãos), Livros de Termos, de correspondência expedida e recebida até a data de hoje.

Estão também arquivados os relatórios anuais dos Piores e Comissários, estatutos a partir do reformado em 1697, edições do Decor Carmeli e do Vade Mecum, Jubileu de Prata do Monsenhor Camilo Passalacqua, coleção de obras do Monsenhor Camilo Passalacqua e do Monsenhor Manfredo Leite, Vida dos Santos da Ordem Carmelitana, e as coleções das revistas Vozes do Carmelo e Mensageiro do Carmelo.

Com exceção dos capítulos I, IV, XVIII, XIX, XXI e XXII deste livro, os demais escrevemos com dados extraídos exclusivamente do nosso arquivo.



Arquivo da Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo. É um manancial de dados históricos, guardados em um cofre de aço a prova de fogo e com segurança contra roubo. Contém 114 volumes encadernados, sendo o primeiro datado de 1674.

CONCLUSÃO

Eis-nos ao fim da nossa missão determinada pela Mesa Administrativa em janeiro de 1974. Fizemos o quanto possível para que este despretensioso trabalho possilitasse ao público o conhecimento da vida e da obra benemérita da Ordem Carmelitana e da Ordem Terceira do Carmo; foi o fruto de quatro anos de exaustivo trabalho executado nos dias de férias e de lazer. Considerar-nos-emos bem recompensados se os Carmelitas e os leitores reconhecerem nosso esforço e boa vontade.

Pela leitura deste livro os leitores verificaram o quanto fizeram a Ordem Carmelitana e a Ordem Terceira do Carmo para o resplendor do culto, para glorificar a Igreja Católica, para o revigorar e o perpetuar da fé entre os fiéis, motivo pelo qual têm seus nomes indelevelmente gravados nas páginas imemoráveis da Igreja Católica e da história de São Paulo.

Os leitores poderão, possivelmente, encontrar falhas nesta obra; os nossos grandes e ilustrados escritores saberão, por certo, apontá-las e corrigi-las, o que muito agradeceremos.

"FECI QUOD POTUI, FACIANT MELIORA POTENTES"

São Paulo, 10 de dezembro de 1977.

Raul Leme Monteiro

BIBLIOGRAFIA

- A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO — Jornais n. 1, de 4.1.1875 e 9.7.1877.
- AGUIAR, Alvaro Pinto de — Oração proferida a 30.1.1977.
- ANDRADE, Carlos Moraes de — Cinquentenário do Colégio Nossa Senhora do Carmo, pág. 29.
- ANDRADE, Mario de — Padre Jesuíno do Monte Carmelo, pág. 143.
- ARAÚJO, Acácio de — Vida dos Santos da Ordem Carmelitana
- ARROYO, Leonardo — Igrejas de São Paulo, Ed. 1954, págs. 23, 24, 82, 83, 84, 92 e 166.
- ATAS DA CÂMARA DE SÃO PAULO — Publicação do Arquivo Histórico do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, vol. I, pág. 444.
- AZEVEDO, Aroldo de — A cidade de São Paulo, vol. I, pág. 17.
- BECHERINI, Aurelio — O Estado de São Paulo, Suplemento do Centenário de 30.8.1975, pág. 5.
- CALCIURI, Nicola, O. Carm. — Vita Fratrum de Sancto Monte Carmelo, ed. Graziano di Santa Teresa, O.C.D. Roma, Collegio Internazionale Descalço, 1955, pág. 241.
- CAMARGO, Monsenhor Paulo Florencio de — A Igreja na História de São Paulo, vol. I, pág. 114.
- CAMPOS FILHO, Humberto de — Convento de São Francisco, 1975, pág. 5.
- CARMO, Estanislau do — Folha da Tarde de 12.7.1976.
- CELSO, Conde Afonso — Vida dos Santos da Ordem Carmelitana
- CESAR SALGADO, José Augusto — Oração na Academia Paulista de Letras em 25.5.1969. O Pátio do Colégio, 1975, págs. 133, 134 e 135.
- COARACY, Vivaldo — O Rio de Janeiro no Século XVII, pág. 62.
- COSTA, F. A. Pereira da — A Ordem Carmelitana em Pernambuco, pág. 33.
- DAMANTE, Hélio — Artigos de "O Estado de São Paulo" de 16.7.1976 e 15.10.1977.

- PASSALACQUA PEREIRA, Maria José — Oração proferida em 12.6.1976.
- PRATT, Frei André, O. Carm. — Missões Carmelitas nos Séculos XVII e XVIII, Ed. 1941, pág. 82.
- R. HENDRIKS, O. Carm. — *Elie le Prophète*, Paris, 1956, pág. 34.
- RIBEIRO, José Jacintho — *Chronologia Paulista*, 1899, pág. 105.
- SANT'ANNA, Nuto — *São Paulo Histórico*, 1937.
- SANTOS FILHO, Lycurgo Castro — Oração proferida em 12.6.1976.
- SANVIC, Guilhaume de — *Les plus vieux textes du Carmel*, pág. 181.
- SAVELLI, Mário — Oração proferida em 12.6.1976.
- SILVA BRUNO, Ernani — *História e tradições da cidade de São Paulo*, vol. III, pág. 1435.
- SILVA LEME, Luiz Gonzaga da — *Genealogia Paulistana*, vol. III, págs. 90 e 91.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle — *São Paulo no Século XVI*, pág. 70; *História da cidade de São Paulo sob o império*, 1977, págs. 188 e 201.
- V. ROEFS, O. Carm. — *The earliest concerning the Carmelite Order*, 1956, pág. 224.
- VENETO, João de, O. Carm. — *Cronicon em Analecta Ordinis Carmelitum*, pág. 169.
- WEYER, Frei Elyseu Van de, O. Carm. — *Vida dos Santos da Ordem Carmelitana*
- WILLEKE, Frei Venancio, O.F.M. — *Franciscanos na História do Brasil*, pág. 5.

OUTRAS FONTES DE CONSULTA

- ARQUIVO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO, contendo:
 - Livros de Atas das Assembléias Gerais, das Mesas Administrativas, de Termos, desde 1674 até hoje.
 - Estatutos a partir do reformado em 1697.
 - Correspondência expedida e recebida.
 - Relatórios anuais dos Piores da Ordem.
 - Relatórios anuais dos Comissários da Ordem.
 - Cinquentenário do Ginásio de Nossa Senhora do Carmo — Revista dos Irmãos Maristas, 1949.
 - Vozes do Carmelo — Revista da Ordem Terceira do Carmo de 1908 a 1920.
 - Mensageiro do Carmelo — Revista da Ordem Carmelitana.
 - Vida dos Santos da Ordem Carmelitana.
 - "Vade Mecum" e "Decor Carmeli" de Mons. Passalacqua
- Arquivo do Estado de São Paulo
- Arquivo de "O Estado de S. Paulo"
- Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Em 23/8/1956 foi nomeado, pela Diretoria de Aeronáutica Civil do Ministério da Aeronáutica, Membro Credenciado da Comissão Examinadora Regional de São Paulo, de pilotos civis.

Raul Leme Monteiro possui dentre outros, os seguintes títulos e condecorações: Medalha PRÊMIO MILITAR DE ELITE; Comenda AO MÉRITO da Confederação Brasileira de Esgrima; Medalha MÉRITO SANTOS DUMONT de prata, conferida pelo Exmo. Sr. Presidente da República; Medalha PIONEIROS DA AERONÁUTICA; Medalha M.M.D.C. veteranos de 1932; MEDALHA DA CONSTITUIÇÃO, conferida pela Assembléia Legislativa do Estado de S. Paulo; MEDALHA AO MÉRITO da Federação Paulista de Esgrima; Medalha ATLETA PIONEIRO do C. A. Paulistano; MEDALHA SILVA LEME; CRUZ JOÃO RAMALHO; COMODORO DO AERO CLUBE DE SÃO PAULO; BENEMÉRITO da Fundação para o Livro do Cego no Brasil; inscrito no LIVRO DO MÉRITO em 29/5/1951 pelo Ato n. 1 do Governador do Estado; COMENDADOR da Soberana Ordem dos Cavaleiros de São Paulo Apóstolo; PRESIDENTE HONORARIO PERPÉTUO da Federação Paulista de Esgrima; MEMBRO HONORÁRIO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ESGRIMA; SÓCIO GRANDE BENEMÉRITO, BENFEITOR e CAMPEÃO do Clube de Regatas Tietê; SÓCIO BENEMÉRITO e CONSELHEIRO DE HONRA DA ESCOLA DE AERONÁUTICA SÃO PAULO; SÓCIO TITULAR da Sociedade de Criminologia e Medicina Legal. Atualmente está no exercício do cargo de PRIOR da Venerável Ordem 3.^a do Carmo de São Paulo.

Raul Leme Monteiro é paulista de quatrocentos anos; pelo lado paterno descende de Amador Bueno da Veiga, pelo materno de Fernão Dias Paes Leme; tem seu nome gravado em páginas memoráveis da história da aviação brasileira e da Ordem Carmelitana.